

PENA SUSPENSA

Jean-Paul Sartre

PENA SUSPENSA

OS CAMINHOS DA LIBERDADE

VOLUME II

Tradução de Amélia Petinga

Título original: Les Chemins de la Liberté — Le Sursis

SEXTA-FEIRA 23 DE SETEMBRO

Dezasseis horas e trinta em Berlim, quinze e trinta em Londres.

O hotel entediava-se na colina, deserto e solene, com um velho no seu interior. Em Angoulême, Marselha, Gand, Douvres, pensavam: «Que estará ele a fazer? São mais de três horas, porque não desce?» Ele estava sentado no salão com as persianas semicerradas, os olhos parados sob as espessas sobranceiras, a boca ligeiramente aberta, como se lhe viesse à memória uma lembrança muito antiga. Já não lia, a sua mão velha e malhada, que ainda segurava os papéis, pendia ao longo dos joelhos. Voltou-se para Horace Wilson e perguntou: «Que horas são?», e Horace Wilson respondeu: «Quatro e meia, mais ou menos.» O velho ergueu os seus grandes olhos, esboçou um sorriso amável e disse: «Está calor.» Um calor encarniçado, crepitante, faiscante, tinha caído sobre a Europa; as pessoas tinham calor nas mãos, nos olhos, nos brônquios; esperavam enjoadas de calor, de poeira e de angústia. No átrio do hotel, os jornalistas esperavam. No pátio três motoristas esperavam imóveis ao volante dos seus carros; do outro lado do Reno, imóveis no átrio do Hotel Dreesen, prussianos altos e vestidos de negro esperavam. Milan Hlinka não esperava mais. Desde a antevéspera que deixara de esperar. Houvera aquele dia pesado e sombrio, cortado por uma certeza fulgurante: «Eles abandonaram-nos!» Depois recomeçara a marcha do tempo, livremente; os dias já não se viviam por si mesmos, já não eram senão dias seguintes e doravante só haveria dias seguintes.

Às quinze horas e trinta Mathieu ainda esperava, à beira de um futuro horrível; no mesmo instante, às dezasseis e trinta, Milan já não tinha futuro. O velho levantou-se, atravessou o salão, de joelhos firmes, num passo nobre e saltitante. Diz: «Senhores!» e sorri amavelmente; pousou o documento sobre a mesa e alisou as folhas com o punho cerrado; Milan colocara-se diante da mesa; o jornal aberto cobria toda a largura do oleado. Milan leu pela sétima vez:

«O presidente da República, e com ele o Governo, não puderam deixar de aceitar as propostas das duas grandes potências a respeito das bases para uma futura atitude. Nada mais nos restava fazer, uma vez que ficámos sós.» Neville Henderson e Horace Wilson aproximaram-se da mesa, o velho voltou-se para eles, com um ar inofensivo e vazio, e disse: «Meus senhores, eis o que nos resta fazer.» Milan pensava: «Nada mais podia ser feito.» Um rumor confuso entrava pela janela e Milan pensava: «Ficámos sós.»

Uma vozinha fina ouviu-se da rua: «Viva Hitler!»

Milan correu à janela:

— Espera um pouco — gritou. — Espera que eu desça!

Ouviu-se uma fuga desastrada, o bater de galochas; ao fundo da rua o garoto voltou-se, remexeu o bolso da blusa e pôs-se a fazer movimentos com o braço. Duas pancadas secas contra a parede.

— É o pequeno Liebknecht — disse Milan —, está a dar o seu passeio.

Debruçou-se: a rua estava deserta como aos domingos. Os Schoenhof tinham pendurado na varanda bandeiras vermelhas e brancas com cruces gamadas. Todos os postigos da casa verde estavam fechados. Milan pensa: «Nós não temos postigos.»

— É preciso abrir todas as janelas — disse ele.

— Porquê? — perguntou Anna.

— Quando as janelas estão fechadas, eles visam as vidraças.

Anna encolheu os ombros:

— De toda a maneira... — retorquiu ela. Os cantos e gritos chegavam em grandes rajadas indefinidas.

— Continuam na praça — tornou Milan.

Pousara as mãos no peitoril e pensava: «Está tudo acabado.» Um homem corpulento surgiu ao fundo da rua. Trazia uma mochila às costas e apoiava-se a um bastão. Parecia cansado, seguiam-no duas mulheres, curvadas sob o peso de enormes fardos.

— Os Jägerschmitt estão de volta — diz Milan sem se voltar.

Tinham fugido na segunda-feira à tarde e deviam ter atravessado a fronteira na noite de terça para quarta-feira.

Voltavam agora de cabeça erguida. Jägerschmitt aproximou-se da casa verde e subiu os degraus da entrada. Um estranho sorriso desenhava-se no seu rosto empoeirado. Pôs-se a procurar nos bolsos do paletó e tirou uma chave. As mulheres haviam largado os fardos no chão e olhavam para ele.

— Voltas quando já não há perigo! — gritou-lhe Milan.

Anna diz com vivacidade:

— Milan!

Jägerschmitt erguera a cabeça. Viu Milan e os seus olhos claros brilharam.

— Voltas quando já não há perigo.

— Sim, volto — gritou Jägerschmitt. — E tu, tu vais-te embora!

Deu uma volta à chave na fechadura e empurrou a porta; as duas mulheres entraram atrás dele. Milan voltou-se:

— Covardes imundos! — gritou.

— Tu provoca-los — disse Anna.

— São uns covardes — insistiu Milan — da raça suja dos Alemães. Lambiam-nos as botas há dois anos.

— Não importa. Não debes provocá-los.

O velho parou de falar; a sua boca permanecia entreaberta como se, em silêncio, continuasse a emitir opiniões sobre a situação. Os seus grandes olhos redondos encheram-se de lágrimas, tinha arqueado as sobrancelhas, e olhava para Horace e Neville com um ar de interrogação. Eles calaram-se, Horace fez um movimento brusco e desviou o olhar; Neville dirigiu-se para a mesa, pegou no documento, considerou-o por um instante e afastou-o com descontentamento. O velho ficou perplexo; abriu os braços em sinal de impotência e confiança. Disse então pela quinta vez: «Encontro-me em face de uma situação inteiramente imprevista; pensava que discutiríamos tranqüilamente as propostas de que eu era portador...» Horace pensa: «Velha raposa! Onde vai ele buscar esta voz de avozinho?» Diz: «Bem Excelência, dentro de dez minutos estaremos no Hotel Dreesen.»

— Larchen chegou — disse Anna. — O marido está em Praga; ela está inquieta.

— Ela que venha para a nossa casa.

— Se tu pensas que estará mais tranqüila — retorquiu Anna a sorrir. — Com um louco como tu, que se põe à janela para insultar as pessoas na rua...

Ele olhou para o seu rosto fino e calmo, com traços vincados, para os ombros estreitos, o ventre enorme.

— Senta-te — disse ele. — Não gosto de te ver de pé.

Ela sentou-se, cruzou as mãos sobre o ventre; o ardina apregoava jornais, gritando: «Paris-Soir, última edição, restam-me dois, comprem-mos.» Ele tinha gritado tanto que ficara rouco. Maurice comprou o jornal. Leu: «O primeiro-ministro Chamberlain enviou ao chanceler Hitler uma carta à qual, como se acredita nos meios britânicos, este deverá responder. A entrevista que deveria realizar-se esta manhã com o senhor Hitler foi, conseqüentemente, adiada para mais tarde.»

Zézette olhava para o jornal por cima do ombro de Maurice.

Perguntou:

— Há novidades?

— Não. Sempre a mesma coisa.

Virou a página e viram uma fotografia escura que representava uma espécie de castelo, uma habilidade medieval, no cimo de uma colina, com torres, sinos e centenas de janelas.

— É Godesberg — disse Maurice.

— É aí que está Chamberlain? — perguntou Zézette.

— Parece que enviaram reforços da polícia.

— Sim — disse Milan. — Dois polícias. São seis ao todo. Entrincheiraram-se no posto.

Uma enorme gritaria invadiu o quarto. Anna tremeu mas o seu rosto permaneceu calmo.

— Se telefonássemos!? — lembrou ela.

— Telefonar?

— Sim, para Prisecnice.

Milan mostrou-lhe o jornal sem responder: «Segundo um telegrama da D.N.B. datado de quinta-feira, as populações alemãs das regiões dos Sudetas teriam assumido o controlo de manutenção da ordem até à fronteira lingüística.»

— Isso talvez não seja verdade — contrariou Anna. — Disseram-me que isso só aconteceu em Eger. Milan deu um soco na mesa:

— Meu Deus! Pedir socorro, mais uma vez.

Estendeu as mãos; eram enormes e nodosas, com manchas escuras e cicatrizes: tinha sido lenhador antes do acidente. Olhava para elas, abrindo os dedos. Disse:

— Que venham. Dois, três. Vamos divertir-nos um pouco, juro-te.

— Virão seiscentos — diz Anna. Milan baixou a cabeça; sentia-se só.

— Ouve! — exclamou Anna.

Ele pôs-se à escuta: ouviram-nos mais distintamente; deviam ter-se posto a caminho. O ódio fê-lo tremer; já não via muito bem e doía-lhe o crânio. Aproximou-se da cómoda, resfolgando.

— Que vais fazer? — perguntou Anna.

Ele tinha-se inclinado sobre a gaveta da cómoda e resfolgava.

Curvou-se um pouco mais e grunhiu sem responder.

— Não deves fazer isso — disse ela.

— O quê?

— Não deves. Dá-me isso.

Ele voltou-se: Anna tinha-se levantado e estava encostada à cadeira, com um ar grave. Ele pensou no seu ventre; entregou-lhe o revólver.

— Bem — disse Milan. — Vou telefonar para Prisecnice.

Desceu ao rés-do-chão, foi até à sala de aula, abriu as janelas e pegou no auscultador.

— Ligue-me para o posto da polícia de Prisecnice.

O ouvido direito percebia um crepitar seco, em ziguezague. O

ouvido esquerdo ouvia-os. Odette deu uma risada confusa:

— Nunca soube muito bem onde é a Checoslováquia — disse, enterrando os dedos na areia. Ao fim de um instante houve um ruído da ligação.

— Pronto.

Milan pensou: «Estou a pedir socorro.» Apertou o auscultador com toda a força.

— Aqui Pravnitz — disse ele —, sou o mestre-escola. Somos vinte checos, há três democratas alemães escondidos numa adega, o resto está em Henlein; estão cercados por cinquenta tipos da milícia que atravessaram a fronteira ontem à noite e que os reuniram na praça. O presidente da Câmara está com eles.

Houve um silêncio, depois a voz atalhou, insolente:

— Bitte! Deutsch sprechen.

— Schweinkopf! — gritou Milan. Desligou e subiu a mancar.

Doía-lhe a perna. Entrou no quarto e sentou-se.

— Estão lá — disse ele.

Anna foi para junto dele, pousou as mãos nos seus ombros:

— Meu querido amor.

— Safados! — gritou Milan. Compreendiam tudo e riam-se.

Puxou-a para os seus joelhos. O ventre enorme tocava o seu:

— Agora estamos sós — disse ele.

— Não posso acreditar.

Levantou a cabeça lentamente e olhou-a de alto a baixo; ela era séria e decidida no trabalho, mas tinha aquela característica das mulheres: necessidade, sempre, de confiar em alguém.

— Ei-los! — disse Anna.

As vozes pareciam mais próximas: deviam estar a desfilarem na rua principal. Ao longe, os gritos de alegria da multidão assemelhavam-se a gritos de horror.

— A porta está trancada?

— Está — respondeu Milan. — Mas eles podem entrar pelas janelas ou dar a volta pelo jardim.

— Se subirem... — disse Anna.

— Não tenhas medo. Podem partir tudo, que eu não moverei um dedo.

Sentiu de repente no rosto os lábios quentes de Anna:

— Meu querido amor. Sei que é por mim que farás isso.

— Não é por ti. Tu és eu. E pela criança. Sobressaltaram-se: tinham tocado.

— Não vás à janela — gritou Arma.

Ele levantou-se e foi à janela. Os Jägerschmitt haviam aberto todos os postigos; a bandeira hitleriana estava pendurada por cima da porta. Debruçando-se, viu uma sombra minúscula.

— Desço já — gritou ele. Atravessou o quarto:

— E Marikka.

Desceu a escada e foi abrir. Rojões, gritos, música por todos os lados: era um dia de festa. Olhou para a rua vazia e o coração apertou-se-lhe.

— Que vens tu aqui fazer? — perguntou. — Não há aula.

— Foi a mamã que me mandou — disse Marikka. Trazia um cestinho com maçãs e torradas com margarina.

— A tua mãe é louca; vais voltar para casa.

— Ela disse-me que o senhor não me mandaria embora.

Estendeu-lhe um papel dobrado em quatro. Ele desdobrou e leu: «o pai e Georg perderam a cabeça. Peço por favor que fique com Marikka até à noite.»

— Onde está o teu pai? — perguntou Milan.

— Pôs-se atrás da porta com Georg. Têm machados e espingardas.

— Acrescentou com certa importância: — A mamã fez-me sair pelo pátio, ela disse que eu estaria melhor aqui porque o senhor é mais sensato.

— Bem — disse Milan. — Bem, sou sensato. Vá, sobe.

Dezassete horas e trinta em Berlim, dezasseis e trinta em Paris. Ligeira depressão ao norte da Escócia. O senhor Von Dörnberg apareceu na escadaria do Grande Hotel, os jornalistas cercaram-no e Pierryl perguntou: «Ele vai descer?» O senhor Von Dörnberg segurava um papel na mão direita, levantou a esquerda e disse: «Não foi ainda decidido se o senhor Chamberlain verá o Führer esta noite.»

— É aqui — disse Zézette. — Vendia aqui flores, num carrinho verde.

— Estavas bem colocada — disse Maurice.

Ele olhava docilmente para a calçada, pois era isso que eles tinham querido ver, tanto ela falara naquilo. Mas não o impressionava. Zézette largara-lhe o braço, ria sozinha sem ruído, vendo os carros passar. Maurice perguntou:

— Trazias uma cadeira?

— Imagina! Um banquinho — disse Zézette.

— Não devia ser muito divertido.

— Na Primavera era bom.

Ela falava-lhe em surdina sem se virar para ele, como num quarto de doente; pusera-se a fazer movimentos com as costas e os ombros, a sua atitude não era natural. Maurice estava a aborrecer-se; havia pelo menos vinte pessoas diante de uma montra, ele aproximou-se e pôs-se a olhar por cima das cabeças. Zézette continuava extasiada à beira do passeio; pouco depois alcançou-o e agarrou-lhe de novo o braço. Sobre uma placa de vidro lapidado viam-se dois pedaços de couro vermelho com uma penugem, também vermelha, em toda a volta, como um pompom de pó-de-arroz. Maurice riu.

— São sapatos — disse ele numa risada. Duas ou três cabeças moveram-se. Zézette fez «psiu» e afastou-o.

— Que foi? — perguntou Maurice. — Não estamos na missa.

Mas mesmo assim baixara a voz: as pessoas avançaram a passos leves umas atrás das outras, pareciam conhecer-se todas mas ninguém falava.

— Há bem uns cinco anos que não venho aqui — sussurrou Maurice.

Zézette mostrou-lhe o Maxim's com orgulho.

— E o Maxim's — disse-lhe ela ao ouvido.

Maurice olhou e virou a cabeça: tinham-lhe falado daquilo, uma bela porcaria onde os burgueses bebiam champanhe em 1914, enquanto os operários enfrentavam a polícia. Disse entre dentes:

— Podridão!

Mas sentia-se pouco à vontade, sem saber porquê. Andava a passo miúdo, saltitando; as pessoas pareciam-lhe frágeis e ele tinha medo de as magoar.

— Talvez — disse Zézette. — Mas é uma bela rua, mesmo assim, não achas?

— Nada de extraordinário. Falta-lhe ar.

Zézette encolheu os ombros e Maurice pôs-se a pensar na Avenida de Saint-Ouen: quando saía do hotel pela manhã, indivíduos passavam por ele assobiando, de maleta às costas, curvados sobre o guiador das suas bicicletas. Ele sentia-se feliz: uns paravam em Saint-Denis e outros continuavam o seu caminho, toda a gente ia na mesma direcção, a classe operária em marcha. Disse a Zézette:

— Aqui está-se com os burgueses. Deram alguns passos no meio de um odor a papel aromático e de repente Maurice parou e pediu perdão.

— Que dizes? — perguntou Zézette.

— Nada — respondeu Maurice envergonhado. — Não digo nada.

Tinha, mais uma vez, esbarrado com alguém; os outros, ainda que andassem de olhos no chão, davam sempre um jeito para se desviarem no último instante; devia ser uma questão de hábito.

— Vens?

Mas ele já não tinha vontade de andar, tinha medo de partir alguma coisa, e aquela rua não ia dar a lado nenhum, não tinha direcção, havia os que subiam para as avenidas, outros que desciam para os lados do Sena, e os que ficavam a esfregar o nariz nas vitrinas, o que provocava redemoinhos locais, mas não movimentos de conjunto, sentia-se só. Estendeu a mão e pousou-a no ombro de Zézette; apertava fortemente a carne através do tecido. Zézette sorriu-lhe, ela divertia-se, olhava tudo com avidez, sem perder o seu ar sabido, remexia com graça as nádegas pequenas. Ele fez-lhe cócegas no pescoço e ela sorriu.

— Maurice — disse ela —, pára com isso.

Ele gostava muito das cores fortes com que ela se pintava, o branco que parecia açúcar e o belo vermelho das maçãs. De perto, ela cheirava a panqueca de mel. Ele perguntou-lhe em voz baixa:

— Estás a divertir-te?

— Conheço tudo — disse Zézette com os olhos brilhantes.

Ele largou-lhe o ombro e começaram a andar em silêncio: ela conhecera burgueses que vinham comprar-lhe flores, para quem ela sorria, e alguns tentavam mesmo namoriscá-la. Olhava para a nuca branca de Zézette e sentia-se estranho, tinha vontade de rir e de zangar-se.

— Paris-Soir — gritou uma voz.

— Compramos? — perguntou Zézette.

— É o mesmo de há pouco.

A multidão cercava o vendedor arrancando-me os jornais sem dizer palavra. Uma mulher saiu do grupo, usava sapatos de saltos altos e um ridículo chapéu na cabeça. Desdobrou o jornal e pôs-se a ler enquanto andava. As suas feições tomaram um ar deprimido e soltou um grande suspiro.

— Olha para aquela senhora — disse Maurice. Zézette olhou:

— O homem dela está talvez prestes a partir.

Maurice encolheu os ombros: parecia tão engraçado ser-se infeliz com aquele chapéu e aqueles sapatos de mulherzinha.

— E então? — disse ele. — O homem dela é um oficial.

— Mesmo que seja — disse Zézette — pode deixar por lá a pele como os companheiros. Maurice olhou-a de soslaio:

— Dás-me vontade de rir com esses oficiais. Vai ver se em 14 eles perderam a pele.

— Justamente — disse Zézette. — Sempre pensei que muitos

tivessem morrido.

— Os soldados das trincheiras é que morreram, e nós. Zézette abraçou-o com força:

— Oh! Maurice, acreditas realmente que vai haver guerra?

— Que sei eu disso?

De manhã ainda estava convencido que sim e os amigos também.

Chegavam à margem do Sena e olhavam para a fila de guindastes e para a draga, havia camaradas em mangas de camisa, os duros de Gennevilliers que cavavam uma valeta para um cabo eléctrico, e era evidente que a guerra estouraria. Afinal de contas, as coisas não mudariam muito para aqueles camaradas: iriam para algum lugar no Norte, cavar trincheiras debaixo do sol quente, ameaçados pelas balas, pelos obuses e pelas granadas, tal qual como agora pelas barreiras, pelas quedas, pelos acidentes de trabalho; aguardariam o fim da guerra como aguardavam o fim da miséria.

Sandre dissera: «Nós faremos essa guerra, minha gente. Mas quando voltarmos conservaremos as espingardas.»

Agora já não tinha a certeza de nada: em Saint-Ouen era a guerra em permanência, aqui não. Aqui era a paz: havia montras, objectos de luxo, tecidos coloridos, espelhos, todo o conforto. As pessoas pareciam tristes, mas era de nascença.

Porque lutariam? Não precisavam de nada, tinham tudo. Devia ser sinistro nada esperar senão que a vida continuasse indefinidamente como começara!

— A burguesia não quer a guerra — explicou Maurice subitamente. — Tem medo da vitória, porque será a vitória do proletariado.

O velho levantou-se, conduziu Neville Henderson e Horace Wilson até à porta. Olhou-os com um ar comovido; assemelhava-se a todos os velhos de feições puídas que cercavam o ardina na Rua Royale, as bancas de jornais de Pall Mall Street, e que não desejavam mais nada a não ser que a vida terminasse como começara. Ele pensava nesses velhos e nos filhos desses velhos e disse:

— Perguntai, além disso, ao senhor Von Ribbentrop se o chanceler Hitler julga útil que tenhamos uma última entrevista antes da minha partida, lembrando-lhe que uma aceitação de princípio acarretaria para ele a necessidade de nos comunicar novas propostas. Insisti no facto de que estou resolvido a fazer o que for humanamente possível para resolver o litígio através de negociações, pois parece-me incrível que os povos da Europa, que não querem a guerra, sejam lançados para um conflito sangrento por uma questão que está, em grande parte, resolvida. Boa sorte.

Horace e Neville inclinaram-se, desceram a escadaria, a voz cerimoniosa, tímida, quebrada, civilizada, ressoava ainda nos seus ouvidos e Maurice olhava para as carnes suaves, gastas, civilizadas, dos velhos e das mulheres e pensava com nojo que seria necessário sangrá-los.

Seria necessário sangrá-los, o que seria ainda mais nojento do que esmagar lesmas, mas inevitável. As metralhadoras varreriam a Rua Royale, que ficaria deserta durante alguns dias, com vidraças partidas, montras furadas em forma de estrela, mesas viradas nas calçadas dos cafês no meio de estilhaços de vidro; aviões girariam no céu por cima dos cadáveres. Depois recolher-se-iam os mortos, erguer-se-iam as mesas, substituir-se-iam as vidraças e a vida recomeçaria, homens atarracados, de nucas possantes e vermelhas, blusas de couro e bonés, repovoariam a rua. Assim foi na Rússia, Maurice vira fotografias da Avenida Newsky; os proletários tinham tomado posse da avenida luxuosa, passeavam nela, os palácios e as pontes de pedra já não os espantavam.

— Desculpe! — disse Maurice, confuso.

Tinha dado uma bela cotovelada nas costas de uma velha, que lhe deitou um olhar indignado. Sentiu-se cansado e desanimado: sob os grandes painéis publicitários, as letras de ouro sujo penduradas no balcão, entre as confeitarias e sapatarias, diante das colunas da Madeleine, não se podia imaginar uma multidão diferente dessa, com muitas velhinhas saltitantes e crianças vestidas de marinheiro. A luz triste e dourada, o cheiro a incenso, os prédios esmagadores, as vozes doces, os rostos angustiados e adormecidos, o raspar sem esperança das solas no asfalto, tudo se combinava, tudo era real. A revolução é que não passava de um sonho. «Não devia ter vindo», pensou Maurice, olhando para Zézette, com rancor. «O lugar de um proletário não é aqui.» Uma mão tocou-lhe no ombro; ele corou de alegria ao reconhecer Brunet.

— Bom dia, meu velho — disse Brunet, sorridente.

— Olá, camarada — disse Maurice.

A mão de Brunet era dura e calosa como a sua e apertava com força. Maurice olhou para Brunet e pôs-se a rir com prazer.

Despertava: sentia os camaradas a seu lado, em Saint-Ouen, Ivry, Montreuil, mesmo em Paris, em Belleville, Montrouge, La Villette, ombro a ombro, preparando-se para a refrega.

— Que fazes aqui? — perguntou Brunet. — Estás desempregado?

— Estou de férias — explicou Maurice um tanto desajeitado. — Zézette quis vir porque trabalhou aqui antigamente.

— E aqui está Zézette — disse Brunet. — Olá, camarada Zézette.

— É Brunet — disse Maurice. — Leste o artigo dele hoje no H uma.

Zézette olhou para Brunet sem timidez e estendeu-lhe a mão.

Ela não tinha medo dos homens, mesmo que fossem burgueses ou os membros mais importantes do Partido.

— Quando o conheci era deste tamanho — disse Brunet, designando Maurice. — Estava nos Falcões Vermelhos, no coro; nunca vi ninguém mais desafinado. Por fim, combinámos que ele só fingiria cantar nos desfiles.

Riram-se.

— E então? — disse Zézette. — Será que vai haver guerra? Deve saber, está bem colocado para isso.

Era uma pergunta idiota, uma pergunta de mulher, mas Maurice ficou-lhe grato por ela a ter feito. Brunet tinha-se tornado sério.

— Não sei se haverá guerra — disse ele. — O principal, porém, é não ter medo: a classe operária deve saber que não é fazendo concessões que a evitará.

Falava bem. Zézette lançara-lhe um olhar cheio de confiança e sorria docemente enquanto o ouvia. Maurice irritou-se: Brunet falava como o jornal e não dizia nada a mais.

— Acha que Hitler se amedrontaria se arreganhássemos os dentes? — perguntou Zézette.

Brunet assumira um ar oficial, não parecia compreender que lhe pediam a sua opinião pessoal.

— É muito possível — disse ele. — E depois, aconteça o que acontecer, a URSS está connosco.

«Evidentemente», pensou Maurice, «os membros importantes do Partido não se vão pôr, assim a pedido, a dar a sua opinião pessoal a um pobre mecânico de Saint-Ouen». Mas não deixava de sentir uma certa decepção. Olhou para Brunet e a sua alegria esvaiu-se por completo: Brunet tinha mãos grossas de camponês, o queixo forte, olhos que sabiam o que queriam; mas usava colarinho e gravata, um fato completo de flanela, e parecia sentir-se à vontade no meio dos burgueses.

As suas imagens reflectiam-se numa montra: Maurice viu uma mulher desgrenhada e um latagão de boné sobre a nuca e blusão de couro a conversarem com um senhor. Contudo, ele continuava ali, de mãos nos bolsos, e não se decidia a despedir-se de Brunet.

— Continuas em Saint-Mandé? — perguntou Brunet.

— Não — disse Maurice —, em Saint-Ouen. Trabalho no Flaive.

— Ah! Pensei que estivesses em Saint-Mandé! Ajustador?

— Mecânico.

— Bem — disse Brunet. — Bem, bem, bem. Pois então, até à vista, camarada.

— Adeus, camarada. — Sentia-se perturbado e vagamente desiludido.

— Adeus, camarada — disse Zézette, com um sorriso aberto.

Brunet acompanhou-os com o olhar até eles se afastarem. A

multidão envolvera-os novamente, mas os ombros enormes de Maurice emergiam por cima dos chapéus. Devia segurar Zézette pela cintura: o seu boné roçava no cabelo dela e, de cabeças coladas uma à outra, pareciam valsar entre os transeuntes. «E um bom tipo», pensou Brunet, «mas não gosto da sua maneira de rir». Continuou a andar, com um ar sério, e um vago remorso à flor da pele. «Que poderia eu responder-lhe?», pensou ele. Em Saint-Denis, em Saint-Ouen, em Sochaux, em Creusot, centenas de milhares esperavam com o mesmo olhar ansioso e confiante.

Centenas de milhares de cabeças como aquela, boas cabeças redondas e duras, grosseiramente talhadas, autênticas cabeças de homens que se voltavam para Leste, para Godesberg, Praga, Moscovo. E que responder-lhes? Defendê-los; por enquanto era tudo o que se poderia fazer. Defender o seu pensamento lento e tenaz contra todos os que tentavam descarrilá-lo. Hoje a velha Boningue, amanhã Dottin, o secretário do Sindicato dos Professores, depois de amanhã os pivertistas: era a sua tarefa; iria vê-los todos, tentaria fazê-los calar. A velha Boningue olhá-lo-ia docemente, falar-lhe-ia do «horror de derramar sangue» agitando as suas mãos idealistas. Era uma mulheraça, cinqüentona, de tez vermelha, coberta por uma penugem clara, cabelos curtos, e um olhar macio de padre por detrás dos óculos; usava um casaco de homem e, na lapela, a fita da Legião de Honra. «Eu dir-lhe-ei: as mulheres não devem começar a fazer idiotices; em 14, empurravam os seus homens para os vagões quando então seria preciso deitarem-se nos trilhos para impedir o comboio de partir, e hoje, que a luta pode ter um sentido, vão criar ligas em prol da paz e sabotar o moral dos homens.» O rosto de Maurice reapareceu e Brunet encolheu os ombros, enfurecido: «Uma palavra, uma só palavra, basta às vezes para esclarecê-los, e eu não soube encontrá-la.» Pensou com rancor: «E por culpa dela, elas são especialistas em fazer perguntas idiotas.» As faces empoadas de Zézette, os seus olhinhos obscenos, o seu perfume ignóbil; essas mulheres iriam angariar assinaturas sem fim, insistentes e gentis, as gordas todas radicais, as judias trotskistas, as oposicionistas S.F.I.O., entrariam em todo o lado, com o seu sagrado atrevimento, cairiam em cima da velha camponesa preparando-se para a ordenha, enfiar-lhe-iam uma caneta nos dedos molhados: «Assine aqui, se é contra a guerra.» A guerra nunca. Negociações sempre. Paz antes de tudo. E que faria Zézette se lhe dessem uma caneta,

assim de repente? Terá ela conservado reflexos de classe, suficientemente são para zombar dessas gordas senhoras benevolentes? Ela arrastou-o para os bairros chiques. Olhava para as lojas de modas com satisfação, e uma camada de maquilhagem no rosto... Pobre rapaz, não seria nada agradável se ela se lhe pendurasse ao pescoço para o impedir de partir: eles não precisavam disso... Intelectual. Burguês. «Não posso suportá-la porque se pinta e tem as mãos mal tratadas.»

Contudo, nem todos os camaradas podem ser celibatários. Sentia-se cansado e lento; subitamente pensou: «Condeno a sua maquilhagem porque não gosto de cosméticos baratos.»

Intelectual. Burguês. Amá-los. Amá-los a todos e a todas, cada um e cada uma, sem distinção. Pensou: «Não deveria sequer querer amá-los, isso deveria acontecer naturalmente, assim como se respira, por necessidade.» Intelectual. Burguês.

Separado para sempre. «Não adianta, nunca teremos as mesmas lembranças.» Joseph Mercier, 33 anos, heredo-sifilítico, professor de História Natural no Liceu Buffon e no Colégio Sevigné, subia a Rua Royale fungando e retorcendo periodicamente a boca com um pequeno estalo húmido; aí com a sua pontada do lado esquerdo, sentia-se miserável e pensava: «Será que eles pagarão o tratamento dos funcionários mobilizados?» Andava de cabeça baixa para não ver todos aqueles rostos impiedosos e esbarrou com um homem alto e ruivo que vestia um fato de flanela cinzento, lançando-o contra uma montra; Joseph Mercier ergueu os olhos e pensou: «Que animal!»

Era uma coisa, uma parede, um desses brutos insensíveis e cruéis, como aquele Charmelier da aula de Matemática elementar, que zombava dele, um desses tipos que não duvidam de nada, nem de si mesmos, que nunca adoeceram, que não têm manias, que agarram as mulheres e a vida com decisão e caminham direito à meta, lançando os outros contra as montras. A Rua Royale descia devagar para o Sena e Brunet deslizava com ela, alguém esbarrara com ele, e viu escapar-se uma minhoca magra, de nariz espalmado, chapéu de coco e um colarinho postiço; pensava em Zézette e em Maurice e reencontrara a sua velha angústia familiar, a sua vergonha diante dessas recordações inexpiables, a casa branca à beira do Marne, a biblioteca do pai, as mãos longas e perfumadas da mãe, que o separavam deles para sempre.

Estava uma bela tarde dourada, fruto de Setembro. Stephen Hartley, debruçado na varanda, murmurava: «O lento e vasto redemoinho da turba vespertina.» Todos aqueles chapéus, aquele mar de feltro, algumas cabeças nuas flutuando no meio das ondas, pensou: «como gaivotas.» Pensou que escreveria: «como gaivotas», duas cabeças loiras e uma cinzenta, um belo crânio ruivo, por cima dos outros, já atingido pela calvície; Stephen pensava «a multidão francesa» e ficou comovido. Pequena multidão de

pequenos heróicos e meio velhos. Escreveria: «O povo francês aguarda os acontecimentos com calma e dignidade.»

Na primeira edição do New York Herald, em letras grandes: «Eu auscultei o povo francês.» Homens pequenos, que nunca tinham um ar muito asseado, grandes chapéus de mulheres, multidão silenciosa e suja, dourada pela hora calma de uma tarde de Paris, entre a Madeleine e a Concorde, ao pôr do Sol.

Escreveria: «a imagem da França»; escreveria: «a eterna imagem da França.» Deslizes, murmúrios, que dir-se-iam respeitosos e maravilhados, seria exagero «maravilhados»; um francês alto e ruivo, ligeiramente calvo, calmo como o pôr do Sol, reflexos de luz nos vidros dos automóveis, alguns clamores; cintilar de vozes, pensou Stephen. E pensou: «O meu artigo está feito.»

— Stephen! — chamou Sylvia, atrás dele.

— Estou a trabalhar — disse Stephen sem se voltar.

— Mas é preciso que me respondas, querido. Só há bilhetes de primeira classe no Lafayette.

— Compra, compra beliches de luxo. O Lafayette será talvez o último navio a partir para a América, não haverá outro tão cedo.

Brunet andava devagar, respirando um odor a papel aromático, levantou a cabeça, viu as letras douradas penduradas de uma varanda; a guerra estoirou: ela ali estava no fundo daquela inconsistência luminosa, inscrita como uma evidência nas paredes da linda cidade quebrável: era uma explosão fixa que rasgava ao meio a Rua Royale; as pessoas passavam por ela sem a ver; Brunet via-a. Sempre ali estivera, mas aquela gente não sabia ainda. Brunet pensara: «O céu cair-nos-á sobre a cabeça.» E tudo se pôs a cair, vira as casas como eram de verdade: quedas sustidas. Aquela loja graciosa sustentava toneladas de pedras e cada pedra, colada às outras, caía no mesmo lugar, obstinadamente, há cinqüenta anos; alguns quilos a mais e a queda recomeçaria; as colunas arredondar-se-iam vacilando e teriam feias fracturas com esquirolas; a montra far-se-ia em pedaços; carradas de pedras enterrar-se-iam na cave, esmagando os fardos de mercadorias. Têm bombas de quatro mil quilos. Brunet sentiu o coração apertar-se: ainda há pouco, nestas fachadas bem alinhadas, havia um sorriso humano misturado com a poeira dourada da tarde. Mas o sorriso desaparecera; cem mil quilos de pedra; homens erravam no meio de avalanchas estabilizadas. Soldados entre ruínas, ele morrerá, talvez. Viu sulcos negros nas faces maquilhadas de Zézette.

Paredes empoeiradas, pedaços de paredes com grandes fendas escancaradas, e quadrados de papel azuis ou amarelos, por todo o lado, e manchas de lepra; ladrilhos vermelhos no meio dos escombros, lajes descoladas pelos tufo de ervas. Depois, barracões de madeira, acampamentos. E mais tarde, seriam

construídas grandes casernas monótonas como nas avenidas periféricas. O coração de Brunet apertou-se: «Gosto de Paris», pensou com angústia. A evidência apagou-se de repente e a cidade reconstituiu-se à sua volta. Brunet parou; sentiu-se suavizado por uma doçura mole e pensou: «Se não houvesse guerra! Se pudesse não haver guerra!» E olhava avidamente para os grandes portões, para a montra cintilante de Driscoll, para as tapeçarias azul-rei da Cervejaria Weber. Por fim, teve vergonha; continuou a andar e pensou: «Gosto de mais de Paris.» Como Pilniak em Moscovo, que gostava de mais das velhas igrejas. O Partido tem razão em desconfiar dos intelectuais. A morte está inscrita nos homens, a ruína está inscrita nas coisas; outros homens virão que reconstruirão Paris, que reconstruirão o mundo. Dir-lhe-ei: «Então quer a paz por qualquer preço?» Falar-lhe-ei afavelmente fixando-a bem nos olhos e dir-lhe-ei: «É preciso que as mulheres nos deixem sossegados. Não é altura de nos aborrecerem com as suas idiotices.»

— Queria ser homem — disse Odette. Mathieu soergueu-se sobre um cotovelo. Estava bem bronzeado, agora. Perguntou a sorrir:

— Para brincar aos soldados?

Odette corou:

— Oh, não! — respondeu com vivacidade. — Mas acho idiota ser mulher neste momento.

— Não deve ser muito cómodo — admitiu ele.

Fizera, mais uma vez, figura de tonta; as palavras que empregava voltavam-se sempre contra ela. Parecia-lhe, no entanto, que Mathieu não teria podido censurá-la se ela tivesse sabido explicar-se: teria sido necessário dizer-lhe que os homens a punham sempre constrangida quando falavam de guerra à sua frente. Não eram naturais, mostravam demasiada segurança, como se desejassem dar-lhe a entender que era negócio de homem, e apesar disso tinham sempre um ar de quem espera alguma coisa dela: uma espécie de arbítrio, porque é mulher e não partiria, ficaria fora da confusão. E o que poderia ela dizer-lhes? Fiquem? Partam? Não lhe cabia a ela decidir, porque não partiria. Ou então deveria dizer-lhes: «Façam o que quiserem.» Mas se eles não quisessem nada? Ela apagava-se, fingia não os ouvir, servia-lhes café e licores, entre as palavras resolutas que pronunciavam. Suspirou, pegou num pouco de areia e fê-la escorrer, quente e branca, sobre a sua perna morena. A praia estava deserta, o mar cintilava e sussurava. No pontão de pranchas do Provençal, três senhoras, em calças de praia, tomavam chá. Odette fechou os olhos. Jazia sobre a areia, metida num calor sem data, sem idade: o calor da sua infância, quando fechava os olhos deitada sobre essa mesma areia e brincava à salamandra metida numa grande chama vermelha e azul. O mesmo calor, a mesma carícia húmida

do fato de banho; senti-lo fumegar levemente ao sol, o mesmo ardor da areia na nuca, dantes ela fundia-se com o céu, o mar, e a areia, já não distinguia o passado do presente. Ergueu-se de olhos bem abertos: hoje, havia um verdadeiro presente; havia essa angústia no estômago, havia Mathieu, bronzeado e nu, sentado em cima do roupão branco. Mathieu mantinha-se silencioso. Ela não lhe teria pedido para fazer outra coisa. Mas quando não o obrigava a dirigir-lhe palavra, perdia-o: ele prestava-se a isso, condescendentemente, um, pequeno discurso com a sua voz clara e um pouco rouca, e logo se afastava, desaparecia, deixando-lhe como penhor um corpo bem desenhado. Se ao menos pudesse supor que ele se absorvia em pensamentos agradáveis: mas ele olhava fixamente, para a frente, com um ar profundamente desgraçado, enquanto as mãos se ocupavam em fazer um bolo de areia. O bolo desmanchava-se, e as mãos reconstruíam-no sem cessar; Mathieu não olhava nunca para as mãos, era enervante, afinal.

— Não se fazem bolos com areia seca — disse Odette. — Uma criança de colo já sabe isso. Mathieu pôs-se a rir.

— Em que pensas? — perguntou Odette.

— Preciso de escrever a Ivich, e sinto-me embaraçado.

— Não acreditaria que isso pudesse incomodar-te — respondeu com um risinho. — Manda-lhe livros.

— Pois. Mas houve uns imbecis que a amedrontaram. Ela pôs-se a ler os jornais, mas não entende nada: quer que eu lhe explique. Vai ser fácil... confunde os Checos com os Albaneses e pensa que Praga é à beira-mar.

— É bem russo isso — disse Odette secamente. Mathieu fez uma careta e Odette sentiu-se antipática. Ele atalhou sorrindo:

— O pior é que ela está furiosa comigo.

— Porquê?

— Porque sou francês. Ela vivia tranqüilamente com os franceses, e eis que os franceses, de repente, querem lutar. Ela acha isso escandaloso.

— É encantador — disse Odette indignada. Mathieu assumiu uma atitude ingênua:

— É preciso que nos coloquemos no lugar dela — disse ele docemente. — Atormenta-a a ideia de sermos mortos ou feridos! Acha que os feridos carecem de tacto porque somos obrigados a pensar nos seus corpos. Questões fisiológicas, diz ela. Tem horror ao fisiológico, tanto nela como nos outros.

— Amorzinho — murmurou Odette.

— É verdade — disse Mathieu. — Fica dias inteiros sem comer, porque lhe repugna fazê-lo. Quando tem sono, à noite, toma café para não dormir.

Odette não respondeu; mas pensava: «Uma boa tarefa era o que ela precisava.» Mathieu remexia a areia com um ar poético e idiota. «Não come nunca, mas estou certa de que esconde grandes boiões de compota no quarto. Os homens são muito anjinhos.» Mathieu tinha voltado aos seus bolos de areia; e partira outra vez, só Deus sabe para onde e por quanto tempo: «Eu como carne em sangue e durmo quando tenho sono», pensou ela com amargura. No pontão do Provençal, os músicos tocavam a Serenata Portuguesa. Eram três. Italianos. O violinista não era muito mau; fechava os olhos quando tocava. Odette sentiu-se comovida; era sempre divertido ouvir música ao ar livre, tão tênue, tão fútil. Principalmente naquele momento: toneladas de calor e de guerra pesavam sobre o mar, sobre a areia, e havia aquele guincho de ratinho subindo até ao céu.

Ela voltou-se para Mathieu, queria dizer-lhe: «Gosto muito desta música.» Mas calou-se: talvez Ivich detestasse a Serenata Portuguesa. As mãos de Mathieu imobilizaram-se e o bolo desmanchou-se.

— Gosto muito desta música — disse ele erguendo a cabeça.
— Como se chama?

— É a Serenata Portuguesa — disse Odette.

Dezoito horas e dez em Godesberg. O velho esperava. Em Angoulême, em Marselha, Gand e Douvres, pensavam: «Que estará ele a fazer? Terá decidido? Estará a falar com Hitler? E muito possível que neste instante estejam a combinar tudo entre os dois.» E esperavam. O velho esperava, também, no salão de persianas semicerradas. Estava só; arrotou e aproximou-se da janela. A colina descia para o rio, verde e branca. O Reno estava negro, parecia uma estrada asfaltada, molhada da chuva.

O velho arrotou novamente, sentiu um gosto azedo na boca. Pôs-se a tamborilar na vidraça e as moscas espantadas esvoaçaram à volta dele. Fazia um calor branco e empoeirado, pomposo, céptico, caduco, um calor de gola engomada, do tempo de Frederico II; no âmago desse calor, um velho inglês sentia-se aborrecido, um velho inglês do tempo de Eduardo VII e o resto do mundo estava em 1938. Em Juan-les-Pins, no dia 23 de Setembro de 1938, às dezassete horas e dez minutos, uma mulher alta, vestida de branco, sentou-se num banquinho, tirou os óculos azuis e pôs-se a ler o jornal. Era o Petit Niçois, Odette Delorme via o título em letras grandes: «Sangue-frio», e, esforçando-se um pouco, pôde decifrar o subtítulo: «Chamberlain envia uma mensagem a Hitler.» Ela pergunta a si mesma: «Será que eu tenho realmente horror à guerra?» e pensou: «Não. Não, de certeza.»

Se tivesse um horror total, ter-se-ia levantado de um salto, teria corrido até à estação e gritado: «Não partam! Fiquem em casa!» Viu-se, por um instante, assim firme, de braços abertos e a gritar, teve uma espécie de vertigem. Depois sentiu com alívio que

era incapaz de tão grosseira indiscrição. Não até ao fim. Uma senhora, uma francesa sensata e discreta, com uma quantidade de preceitos, com o preceito de nada pensar até ao fim. Em Laon, num quarto sombrio, uma menina odiosa e escandalizada recusava a guerra com todas as suas forças, cegamente, obstinadamente. Odette dizia: «A guerra é uma coisa horrível. Só penso nos pobres diabos que partem.» Mas ainda não pensava em nada, esperava, sem impaciência: sabia que lhe diriam logo tudo o que deveria pensar, dizer, fazer. Quando o pai morreu, em 1918, disseram-lhe: «Muito bem, é preciso ser-se corajosa», e ela aprendeu logo a usar o véu de luto com uma tristeza altiva, a mergulhar nos olhos dos outros um olhar de órfã de guerra. Em 1924, o seu irmão fora ferido em Marrocos, voltara coxo e tinham-lhe dito: «Muito bem, antes de tudo é preciso não mostrar ter pena», e Jacques dissera-lhe alguns anos mais tarde:

«É curioso, pensava que Étienne fosse mais forte, ele nunca aceitou a sua enfermidade, tornou-se amargo.» Jacques partiria, Mathieu partiria e estaria tudo bem, estava convencida disso. Por enquanto, os jornais ainda hesitavam; Jacques dizia: «Seria uma guerra idiota» e Candide dizia: «Não vamos lutar só porque os Alemães dos Sudetas querem usar meias brancas.» Mas, em breve, o país seria uma imensa aprovação; as câmaras aprovariam unanimemente a política do Governo, o Jour celebraria o heroísmo dos nossos soldados. Jacques diria: «Os operários são admiráveis»; os transeuntes trocariam sorrisos piedosos e cúmplices: seria a guerra, Odette também aprovaria, tricotando agasalhos.

Ele ali estava, parecia escutar a música, sabia o que se devia pensar de verdade mas não o dizia. Escrevia a Ivich cartas de vinte páginas para lhe explicar a situação. A Odette não explicava nada.

— Em que pensa? Odette sobressaltou-se:

— Eu... eu não estava a pensar em nada.

— Não está a ser correcta — disse Mathieu. — Eu já lhe respondi.

Ela inclinou a cabeça sorrindo; mas não tinha vontade de falar. Parecia inteiramente acordado agora; olhava para ela.

— O que há? — perguntou ela, embaraçada. Ele não respondeu.

Ria com ar espantado.

— Percebeu que eu existia? — disse Odette. — E isso perturbou-o, não?

Quando Mathieu ria, os seus olhos enrugavam-se, assemelhava-se a uma criança chinesa.

— Pensa que pode passar despercebida?

— Não sou muito barulhenta — disse Odette.

— Não. Nem fala muito. Além disso faz o que pode para que a

esqueçam. Pois isso não é certo: mesmo quando fica muito quietinha a olhar o mar, sem fazer mais ruído do que o de um ratinho, sentimos que está perto. E assim mesmo. No teatro, eles chamam a isso presença; há actores que a têm, e outros que não. Você tem-na.

Odette corou um pouco:

— Está estragado pelos russos — disse ela com vivacidade. — A presença deve ser uma qualidade muito eslava. Mas não creio que esse seja o meu género.

Mathieu observou-a com gravidade. — E qual é o seu género? — perguntou ele.

Odette sentiu que os seus olhos se desorientavam e tremiam um pouco nas órbitas. Dominou o olhar e dirigiu-o para os pés nus, com as unhas pintadas. Não gostava que lhe falassem dela.

— Sou uma burguesa — disse alegremente —, uma burguesa francesa, nada de muito interessante.

Não devia ter-lhe parecido muito convicta, por isso acrescentou com força, para encerrar a discussão:

— Uma mulher como qualquer outra.

Mathieu não respondeu. Ela olhou-o de soslaio: as suas mãos tinham recomeçado a raspar a areia. Odette perguntava a si própria que erro poderia, ter cometido. De qualquer modo, ele podia ter discutido um pouco, ainda que só por delicadeza.

Ao fim de um momento, ouviu-lhe a voz doce e rouca:

— E duro sentir-se uma pessoa qualquer?

— A gente habitua-se — disse Odette.

— É o que suponho. Eu ainda não me habituei.

— Mas você não é uma pessoa qualquer — disse ela vivamente.

Mathieu contemplava o bolo que edificara. Desta vez, era um bonito bolo que se mantinha de pé sozinho. Destruiu-o com uma pancada.

— É-se sempre uma pessoa qualquer — disse ele. Riu-se: — Isto é idiota.

— Como está triste — disse Odette.

— Não mais que os outros. Estamos todos um tanto enervados com estas ameaças de guerra.

Ela ergueu os olhos e quis falar, mas encontrou o seu olhar, um belo olhar calmo e terno. Calou-se. Um casal como qualquer outro: um homem e uma mulher que se olhavam numa praia; e a guerra estava ali, à sua volta; tinha descido até eles e tornara-os semelhantes aos outros, a todos os outros. «Ele sente-se uma pessoa qualquer, olha-me, sorri, mas não é para mim que ele sorri,

é para outra pessoa qualquer.» Não lhe pedia nada, apenas que se calasse e fosse anônima como de costume. Era preciso que se calasse: se ela lhe tivesse dito:

«Não é uma pessoa qualquer, é belo, forte, romântico, não se parece com ninguém», e se ele tivesse acreditado, então escaparia outra vez, voltaria aos seus sonhos, teria ousado talvez amar outra, aquela russa, por exemplo, que tomava café quando tinha sono. Teve um sobressalto de orgulho e pôs-se a falar. Disse muito depressa:

— Será terrível, desta vez.

— Será principalmente imbecil — disse Mathieu. — Vão destruir tudo o que puderem. Paris, Roma, Londres... Vai ser bonito depois!

Paris, Roma, Londres. E a casa de Jacques, branca e burguesa, à beira-mar. Odette sentiu um calafrio; olhou para o mar. O mar não era mais que um vapor cintilante; nu e moreno, inclinado para a frente, um esquiador, puxado por um barco a motor, deslizava sobre este vapor. Nenhum homem poderia destruir aquela cintilação luminosa.

— Pelo menos, isto ficará — disse ela.

— O quê?

— O mar.

Mathieu sacudiu a cabeça.

— Nem mesmo isso — disse ele —, nem mesmo isso.

Ela olhou-o surpreendida: nem sempre compreendia muito bem o que ele queria dizer. Pensou em perguntar -lhe, mas, de repente, apeteceu-lhe ir-se embora. Pôs-se de pé, calçou as sandálias e envolveu-se no roupão.

— Que vai fazer? — perguntou Mathieu.

— Preciso de me ir embora.

— E isso deu-lhe de repente?

— Acabo de me lembrar de que prometi a Jacques um molho de alho e azeite para esta noite. Madeleine não o saberá fazer sozinha.

— E, além disso, é raro ficar muito tempo no mesmo sítio — disse Mathieu. — Pois eu vou voltar à água.

Ela subiu os degraus cobertos de areia e, ao chegar ao terraço, virou-se para trás. Viu Mathieu a correr para o mar.

«Ele tem razão ando com o bicho-carpinteiro.» Sempre a partir, sempre a recomençar, sempre a fugir. Quando permanecia um pouco mais nalgum lugar, sentia-se culpada. Olhava o mar, e pensou: «Tenho sempre medo.» Atrás dela, a cem metros, estava a casa de Jacques, a gorda Madeleine, o molho de alho e azeite a

preparar, as justificações, a refeição: continuou a andar.

Perguntaria a Madeleine: «Como vai a sua mãe?» e Madeleine responderia, fungando um pouco: «Sempre na mesma», e Odette dir-lhe-ia: «Convém fazer-lhe um caldo e dar-lhe um pouco de peito de frango; tire uma asa antes de servir, verá como ela come», e Madeleine responderia: «Ah!, minha pobre senhora, ela não toca em nada.» Odette diria: «Dê-me isso.» Pegaria no frango, cortaria uma asa com as suas próprias mãos, sentir-se-ia justificada. «Nem mesmo isso.» Lançou um último olhar para o mar. Ele dissera: «Nem mesmo isso.» O mar era tão leve que parecia o céu do avesso, que poderiam fazer contra ele? Era pastoso e glauco, cor de café com leite, tão raso, tão monótono, o mar de todos os dias, cheirava a iodo e a medicamentos, o mar deles, a brisa marinha deles, e por ele fazem-nos pagar cem francos diários; ele soergueu-se sobre os cotovelos e olhou para as crianças que brincavam na areia cinzenta, a pequena Simone Chassieux corria e ria arrastando a perna esquerda encerrada num aparelho ortopédico. Perto da escadaria, havia um garoto que não conhecia, um recém-chegado sem dúvida, magro de meter medo, com orelhas enormes; enfiara um dedo no nariz e olhava fixamente para três meninas que faziam bolos de areia. Vergava os ombrinhos pontiagudos e dobrava os joelhos; mas o seu busto volumoso continuava como pedra. Colete. Escoliose tuberculosa. «Ainda por cima, deve ser idiota.»

— Deite-se — disse Jeannine —, estenda-se ao comprido. Como está agitado, hoje.

Ele obedeceu e viu o céu. Quatro nuvenzinhas brancas. Ouviu rangerem as rodas de um carrinho na calçada: «Recolhem-no bem cedo, quem será?»

— Adeus, cabeça de vento — disse uma voz grossa.

Levantou os braços rapidamente e fez girar o espelho por cima da cabeça. Já havia passado, mas reconheceu o grande traseiro da enfermeira: era Darrieux.

— Quando é que cortas a barba? — gritou-lhe.

— Quando tu cortares os colhões! — respondeu a voz longínqua de Darrieux.

Riu-se, alegre: Jeannine detestava palavrões.

— Quando é que me recolhem?

Viu a mão de Jeannine remexer o bolso da blusa branca e tirar um relógio.

— Mais um quartinho de hora. Está aborrecido?

— Não.

Ele nunca se aborrecia. Os vasos de flores nunca se aborrecem.

Põem-nos lá fora quando faz sol, recolhem-nos quando cai a

noite. Nunca se lhes pergunta o que querem, nada lhes cabe decidir, nada têm a esperar. Não se imagina como é absorvente chupar luz e ar por todos os poros. O céu ressoou como um gongo e ele viu cinco pontinhos cinzentos formando um triângulo, que brilharam entre duas nuvens. Distendeu-se, os dedos dos pés tremelicaram-lhe: o som chegava em grandes ondas de cobre, era agradável, acariciante, assemelhava-se ao odor do clorofórmio quando nos adormecem na mesa de operação.

Jeannine suspirou e ele olhou-a de soslaio; ela levantara a cabeça e parecia ansiosa, havia de certeza qualquer coisa que a atormentava. «Ah!, é verdade: vai haver guerra.» Ele sorriu.

— Então — disse ele, voltando um pouco o pescoço —, estão mesmo decididos a fazê-la, a guerra deles, os sempre-em-pé?

— Já sabe o que eu lhe disse — respondeu ela secamente. — Se continuar a falar assim, não responderei mais.

Ele calou-se, tinha tempo, o avião roncava nos seus ouvidos, sentia-se bem; a mim, o silêncio não me desgosta. Ela não podia lutar, os sempre-em-pé estão sempre inquietos, é necessário que falem, que se mexam: ela acabou por dizer:

— É o que receio; vai haver guerra.

Assumia o seu ar dos dias de operação, um ar de criança pobre e de enfermeira-chefe. Quando entrou no primeiro dia e lhe disse: «Levante-se um pouco, vou retirar a bacia», tinha aquele ar. Ele estava a suar e sentia o seu próprio cheiro, o horrível cheiro a curtume, ela estava de pé, hábil, desconhecida, estendia-lhe as suas mãos de luxo e tinha aquele ar.

Humedeceu os lábios docemente: Dominara-a bem, desde então.

Disse-lhe:

— Parece que está muito emocionada.

— Não é caso para menos!

— Que lhe interessa a guerra? Que, temos nós a ver com isso.

Ela virou a cabeça, e ele tamborilou com um certo humor no rebordo do aparelho. Ela não tinha que se preocupar com a guerra. O seu trabalho consistia em tratar dos doentes.

— Estou-me nas tintas para a guerra — disse ele.

— Porque finge de mau? — disse ela docemente. — Não gostaria, com certeza, que a França fosse derrotada.

— Senhor Charles!, faz-me medo quando está assim.

— Não é por minha culpa se sou nazi — sorriu, trocista.

— Nazi! — exclamou ela desanimada. — Que irá inventar mais!

Nazi! Eles espancam os Judeus e a todos aqueles que não

concordam com eles põem-nos na prisão e perseguem os padres, incendiaram o Reichstag, e são uns gangsters. São coisas que não se devem dizer; um jovem como você não tem o direito de dizer que é nazi, nem por brincadeira.

Ele conservava nos lábios um sorriso matreiro, para lhe aumentar a indignação. Não tinha, aliás, antipatia pelos nazis. Eram violentos e taciturnos, pareciam querer engolir tudo: logo se veria até onde iriam, logo se veria. Teve uma ideia impagável:

— Se houvesse guerra, ficaríamos todos paralelos.

— Ah!, ficou contente — disse Jeannine —, o que é que foi inventar agora? E ele prosseguiu:

— Os sempre-em-pé estão cansados de estar em pé, vão deitar-se ao comprido, de barriga para baixo nas trincheiras. Eu de costas, eles de barriga para baixo: ficaremos todos paralelos.

Já havia muito tempo que se curvavam sobre ele, que o limpavam, raspavam, tamponavam com as suas mãos destrás e ele permanecia imóvel, com todas estas mãos sobre o corpo, a ver as caras a partir do queixo, as narinas com crostas sobre o promontório dos lábios, e a linha escura dos cílios no horizonte: «Seria a vez de eles se estenderem.» Jeannine não reagiu: estava menos alegre que de costume. Pousou docemente a mão no ombro dele:

— Malvado! — chamou-lhe ela. — Malvado, malvado, malvado!

Era altura da reconciliação. Disse-lhe:

— Uma canja, puré de batata e depois vai ficar contente: lampreia.

— E como sobremesa? Ameixas?

— Não sei.

— Deve ser ameixas — disse ele. — Ontem tivemos compota de pêssego.

Só mais cinco minutos; estendeu-se e aspirou fortemente para melhor aproveitar o ar; olhava para o seu pedacinho de mundo pelo seu terceiro olho: o espelho. Um olho empoeirado e fixo, com manchas escuras: decompunha sempre um pouco os movimentos, era divertido, tornavam-se duros e mecânicos como nos filmes antigos.

E, justamente, uma mulher de preto, deitada num aparelho como o seu, surgiu no espelho e desapareceu: um garoto empurrava o carrinho.

— Quem é? — perguntou ele a Jeannine.

— Não o conheço — disse Jeannine. — Creio que está no Mon-Repos, a grande casa vermelha à beira-mar.

— Onde André foi operado?

— Sim.

Respirou fundo. Um sol fresco e aveludado corria-lhe pela boca, narinas e olhos. «E aquele soldado, que vem ele aqui fazer? Será que precisa de respirar o ar dos doentes?» O soldado passou pelo espelho, teso como uma imagem de lanterna mágica, parecia estar preocupado. Charles soergueu-se sobre um cotovelo e acompanhou-o com um olhar curioso: «Ele anda, sente as pernas e as coxas, todo o seu corpo lhe pesa sobre os pés.»

O soldado parou e começou a falar com uma enfermeira: «Ah! É alguém daqui», pensou Charles, aliviado. Falava com gravidade, meneando a cabeça, sem perder o ar triste. «Ele lava-se e veste-se sozinho, vai para onde quer, precisa sempre de se ocupar consigo mesmo, sente-se desajeitado porque está de pé: tenho conhecimento disso. Vai acontecer-lhe alguma coisa.

Amanhã haverá guerra e alguma coisa vai acontecer a todos. Não a mim. Eu, eu sou um objecto.»

— Está na hora — disse Jeannine. — Ela olhava-o tristemente, tinha os olhos cheios de lágrimas. «Como está feia».

Disse-lhe:

— Gosta muito desta sua boneca?

— Muito.

— Não me despreze como se fosse embora.

— Não.

As lágrimas rebentaram e rolaram sobre as suas faces pálidas.

Ele olhou-a desconfiado.

— O que há?

Ela não respondeu, curvou-se sobre ele, fungando, e arranjou-lhe as cobertas; ele via-lhe as narinas.

— Está-me a esconder qualquer coisa. Ela continuava a não responder.

— Que é que me esconde? Discutiu com a senhora Gouverné? Vamos! não gosto que me tratem como uma criança.

Ela tinha-se endireitado, olhava-o com uma ternura desesperada.

— Vão evacuá-los — disse ela a chorar. Ele não compreendeu muito bem. Disse:

— A mim?

— A todos os doentes de Berck. É perto de mais da fronteira.

Ele pôs-se a tremer. Puxou a mão de Jeannine e apertou.

— Mas eu quero ficar!

— Não deixarão aqui ninguém — disse ela com uma voz

suave.

Ele apertou a mão com toda a força:

— Não quero — disse ele. — Não quero.

Ela desprende a mão sem responder, passou para trás do carrinho e pôs-se a empurrá-lo. Charles soergueu-se e começou a torcer uma ponta da coberta, entre os dedos.

— Mas, para onde vão mandar-nos? Quando partimos? E as enfermeiras também vão? Diga alguma coisa!

Ela continuava calada e ele ouvia-a suspirar por cima da sua cabeça. Deitou-se novamente e disse com raiva:

— Levaram-me até ao fim.

Não quero olhar para a rua. Milan pôs-se à janela, olha, com o semblante sombrio. Ainda não chegaram, mas arrastam os pés, em volta do quarteirão. Ouço-os. Debruço-me sobre Marikka, digo-lhe:

— Vai para ali.

— Para onde?

— Junto à parede, entre as janelas. Ela pergunta-me:

— Porque é que me mandaram para sua casa? Eu não respondo. Ela diz:

— Quem está a gritar?

Não respondo. Há pés que se arrastam, chuque, chuque, chuque. Sento-me no chão perto dela. Sinto-me pesada. Abraço-me a ela. Milan está à janela, rói as unhas com um ar vazio. Digo-lhe:

— Milan! Vem para junto de nós; não fiques à janela.

Ele resmunga, debruça-se sobre o peitoril, propositadamente. Os pés arrastam-se. Dentro de cinco minutos estarão aqui. Marikka franze as sobrancelhas.

— Quem é que está a marchar?

— Os alemães.

«Ah!», diz ela, e a sua fisionomia volta a ser pura. Escuta docilmente os pés a arrastarem-se, como escuta a minha voz na aula, ou a chuva, ou o vento nas árvores. Olho-a e ela retribui-me com um olhar puro. Um olhar que não compreende, que não prevê. Desejaria ser surdo, fascinar-me com aqueles olhos, ler o barulho naqueles olhos. Um leve ruído, destituído de significado, como o ruído da folhagem. Eu, eu sei que são pés a arrastarem-se. É lento. Chegarão lentamente e espancá-lo-ão até que ele fique, totalmente mole nos seus braços. Ele ali está, forte e duro, olhando pela janela: eles arrastá-lo-ão, ele manterá um ar idiota na cara espezinhada; espancá-lo-ão até o deixarem no chão e amanhã ele sentirá vergonha diante de mim. Marikka treme nos meus braços, pergunto-lhe:

— Tens medo?

Ela diz que não com a cabeça. Não tem medo. O seu ar é grave, como quando escrevo no quadro e ela acompanha o meu braço com os olhos, entreabrindo a boca. Esforça-se: já compreendeu as árvores e a água, e os bichos que andam sozinhos e as pessoas, as letras do alfabeto. Agora, mais isto: o silêncio dos adultos e esses pés que se arrastam na rua; é isto que é preciso compreender. Porque somos um país pequeno. Virão, os seus tanques passarão através dos nossos campos, atirarão sobre os nossos homens. Porque somos um país pequeno. Meu Deus! Fazei com que os Franceses nos venham ajudar, meu Deus, impedi-os de nos abandonar.

— Ei-los — disse Milan.

Não quero ver o seu rosto. Somente o de Marikka porque ela não compreende. Na nossa rua: eles avançam, arrastam os pés na nossa rua, gritam pelo nosso nome, ouço-os. Estou sentada no chão, pesada e imóvel; o revólver de Milan está no bolso do meu avental. Ele olha para o rosto de Marikka: ela entreabre a boca; os seus olhos são puros e não compreende nada.

Ele andava ao longo dos carris, olhava para as lojas e ria de satisfação. Olhava para os carris, olhava para as lojas, olhava para a rua branca diante dele, piscando os olhos, e pensava: «Estou em Marselha.» As lojas estavam fechadas, as persianas de ferro descidas, a rua deserta, mas ele estava em Marselha. Parou, pôs a sacola, tirou o blusão de couro e pô-lo no braço, depois enxugou a testa e voltou a pôr a sacola às costas. Apetecia-lhe conversar um pouco com alguém. Disse: «Tenho doze pontas de cigarros e uma de charuto no meu lenço.» Os carris brilhavam, a rua branca e comprida ofuscava-o: «Tenho um litro de vinho tinto na sacola.» Estava com sede e de bom grado o beberia, mas teria preferido tomar um copo numa tasca, se não estivessem todas fechadas. «Quem diria», disse ele. Continuou a andar entre os carris, a rua cintilava como um rio, entre as casinhas escuras. À esquerda, havia uma quantidade de lojas, mas não se podia saber o que vendiam, porque os taipais de ferro estavam descidos; à direita havia casas abertas ao vento e vazias, parecendo gares, e, de quando em quando, uma parede de tijolos. Mas era Marselha. Gros-Louis perguntou:

— Onde poderão eles estar?

— Entrem depressa — gritou uma voz.

À esquina de um beco havia um café aberto. Um tipo de ombros largos e bigodes duros estava de pé junto da porta e gritava: «Entrem depressa» e um magote de gente que Gros-Louis nunca vira saiu do chão e pôs-se a correr em direcção ao café.

Gros-Louis também correu: os outros entravam aos empurrões e ele quis acompanhá-los, mas o tipo de bigodes

disse-lhe com uma pancadinha seca no peito:

— Fora.

Um rapazola de bata tentava introduzir no café uma mesa redonda maior que ele.

— Vou já, meu velho. Mas não me poderias dar um copo?

— Já te disse para te ires embora.

— Vou já — disse Gros-Louis. — Não tenhas medo; não costumo ficar onde não me querem.

O tipo virou-lhe as costas, arrancou com uma sacudidela o trinco exterior da porta e entrou no café, fechando-o atrás de si. Gros-Louis olhou para a porta: no lugar do trinco via-se um buraquinho redondo com os bordos em relevo. Coçou a nuca e repetiu: «Vou já, não é preciso ter medo.» Aproximou-se da vidraça, mesmo assim, e tentou dar uma olhadela para o café, mas alguém puxou as cortinas lá dentro e não viu mais nada.

Pensou: «Quem diria.» Via a rua à direita e à esquerda a perder de vista, os carris brilhavam e sobre eles havia um vagonete comple-tamente negro, abandonado. «Gostaria muito de entrar em qualquer parte», disse Gros-Louis. Gostaria de tomar um copo numa tasca e conversar com o patrão. Explicou coçando o crânio: «Não é que eu tenha o hábito de ficar ao ar livre.»

Só que, quando ele estava cá fora, os outros também estavam, havia os carneiros e os outros pastores, já era uma companhia, e, além disso, quando não havia ninguém, não havia ninguém, e pronto. Ao passo que agora ele estava cá fora e os outros lá dentro, atrás das suas paredes e das portas sem trinco. Estava completamente só, cá fora, com o vagonete. Bateu à janela do café e esperou. Ninguém respondeu: se não os tivesse visto entrar, com os seus próprios olhos, juraria que o café estava vazio. E disse: «Vou-me embora», e foi. Começava a sentir realmente sede; nunca poderia imaginar Marselha assim.

Caminhava, pensando que naquela rua cheirava a ar viciado. Disse: «Onde é que me vou sentar?», e ouviu atrás de si um rumor, como se fosse um rebanho de carneiros que muda de pasto. Voltou-se, e viu ao longe um grupo de tipos com bandeiras. «Ah!, vou vê-los passar», disse ele. Sentiu-se muito contente. Do outro lado dos carris, havia uma espécie de praça, com dois casebres verdes encostados a um muro grande; pensou: «Vou sentar-me ali para ver.» Um dos casebres era uma loja, cheirava a salsicha e a batatas fritas. Gros-Louis viu um velho de avental branco mexendo numa frigideira. Disse-lhe:

— Tiozinho, dá-me batatas fritas! O velho virou-se:

— Merda! — disse ele.

— Tenho dinheiro — disse Gros-Louis.

— Merda! Estou-me nas tintas para o teu dinheiro, vou fechar

a loja.

Saiu e pôs-se a girar uma manivela. A porta de ferro desceu cuidadosamente.

— Ainda não são sete horas — disse Gros-Louis aos berros para dominar o barulho. O velho não respondeu.

— Pensava que fechavas por serem sete horas — gritou Gros-Louis.

A porta de ferro estava descida. O velho tirou a manivela, endireitou-se e cuspiu.

— Ora diz lá, sua espécie de múmia, não os viste vir, não? Não me importo de dar as minhas batatas fritas

— disse ele entrando no casebre.

Gros-Louis observou a porta verde, por mais um pouco, depois sentou-se no chão no meio da praça, apoiou-se à sacola e ficou a aquecer-se ao sol. Lembrou-se que possuía um naco de pão, um litro de vinho tinto, doze pontas de cigarros e uma de charuto, e disse: «Pois bem, vou encher o bucho.» Do outro lado dos carris, os tipos começavam a desfilar, agitavam as bandeiras, cantavam e gritavam; Gros-Louis tinha tirado a faca do bolso e olhava-os, cortando o pão. Uns erguiam-lhe os punhos, outros gritavam-lhe: «Vem connosco!», e ele ria, saudava-os ao passarem, gostava muito do barulho e do movimento, era uma distração.

Ouviu passos e voltou-se. Um negro alto vinha direito a ele, tinha os braços nus e uma camisa de um rosa desbotado; as calças, de pano azul, alargavam-se e colavam-se às pernas a cada passo. Não parecia estar com pressa. Parou e torceu um calção de banho entre as suas mãos escuras e róseas. A água caía em gotas na poeira e marcava-a com pequenos furos redondos. O negro enrolou o calção de banho numa toalha e depois ficou a olhar para o desfile, assobiando despreocupadamente.

— Olá! — gritou Gros-Louis. O negro fixou-o e sorriu.

— Que é que eles estão a fazer? O negro dirigiu-se a ele balouçando os ombros: não parecia apressado.

— São os estivadores — disse ele.

— Fazem greve?

— A greve acabou — disse o negro. — Mas eles querem recomeçá-la.

— Ah!, é por isso! — disse Gros-Louis.

O negro olhou-o, por um instante sem falar, dir-se-ia que procurava coordenar as suas ideias. Por fim, sentou-se no chão, pôs o calção sobre os joelhos e principiou a enrolar um cigarro. Assobiava.

— Onde vens? — indagou.

— Venho de Prades — disse Gros-Louis.

— Não sei onde é.

— Ah!, não sabes onde é! — disse Gros-Louis a rir. Riram os dois e Gros-Louis explicou: «Já não gostava daquilo.»

— Vens procurar trabalho? — perguntou o negro.

— Eu era pastor, guardava carneiros no Canigou. Mas já não gostava daquilo.

O negro meneou a cabeça.

— Já não há trabalho — disse ele com severidade.

— Oh!, eu arranjarei um — disse Gros-Louis. Mostrou as mãos. — Posso fazer tudo.

— Já não há trabalho — repetiu o negro.

Calaram-se. Gros-Louis olhava para aquela gente que desfilava a gritar: «Para a força! Sabiani para a força!» Havia mulheres com eles, eram vermelhas e desgrenhadas, abriam a boca como se fossem engolir tudo, mas não se ouvia o que diziam, os homens gritavam mais alto. Gros-Louis estava contente, tinha companhia. Pensou: «E engraçado.» Uma gorducha passou no meio das outras, balouçando os seios. Gros-Louis pensou que não desgostaria de acariciá-la entre duas refeições, dava para encher as mãos. O negro riu-se. Riu-se tanto que se engasgou com o fumo do cigarro.

Ria e tossia ao mesmo tempo. Gros-Louis bateu-lhe nas costas:

— Porque ris? — perguntou-lhe ele também a rir. O negro voltou a ficar sério:

— Sei lá.

— Bebe um gole — disse Gros-Louis.

O negro pegou na garrafa e bebeu pelo gargalo. Gros-Louis também bebeu. A rua estava de novo deserta.

— Onde dormiste? — perguntou o negro.

— Não sei. Foi numa praça com vagões, sob um encerado.

Cheirava a carvão.

— Tens dinheiro?

— Pode ser que sim — disse Gros-Louis.

A porta do café abriu-se e um grupo de homens saiu. Ficaram na rua por um momento; olharam para o lado onde iam os grevistas, escondendo os olhos com as mãos. Depois, uns foram-se embora a passos lentos e acendendo cigarros, e os outros ficaram na rua, aos grupinhos. Um tipo avermelhado e barrigudo gesticulava. Disse irritado a um rapaz que não parecia muito saudável:

— Estamos com a guerra em cima e vens falar-nos de sindicalismo!

Transpirava, não trazia casaco, a camisa aberta tinha duas manchas de suor nas axilas. Gros-Louis voltou-se para o negro:

— A guerra? Qual guerra?

— Um banco! — disse Daniel. — E o que precisamos.

Era um banco verde, encostado ao muro da quinta, sob a janela aberta. Daniel empurrou a cancela e entrou no pátio. Um cão ladrou e atirou-se para a frente, puxando a corrente; uma velha apareceu à porta, segurando uma caçarola.

— Quietos! — disse ela, agitando a caçarola. O cão rosnou um pouco e deitou-se.

— A minha mulher está cansada — disse Daniel, tirando o chapéu. — Permite que ela se sente neste banco?

A velha franziu os olhos desconfiada: talvez não soubesse francês. Daniel repetiu com uma voz forte:

— A minha mulher está um pouco cansada. A velha voltou-se para Marcelle, que estava encostada à cancela, e a sua desconfiança desapareceu.

— Pois com certeza, a sua senhora pode sentar-se. Os bancos foram feitos para isso. E não será ela quem o estragará, ao tempo que ele aí está. Vêm de Peyrehorade?

Marcelle entrou e foi sentar-se a sorrir:

— Sim — disse ela. — Queríamos ir até à penedia; mas presentemente é um pouco longe para mim. A velha piscou o olho.

— Não há dúvida; e no seu estado é preciso ser-se prudente.

Marcelle encostou-se ao muro, semicerrando os olhos com um sorriso feliz. A velha olhou para o ventre, como boa conhecedora, depois virou-se para Daniel, meneou a cabeça e sorriu-lhe com um ar de estima. Daniel apertou o castão da bengala e sorriu também. Uma criança saiu de casa aos tropeções, mas, dando com Marcelle, parou e fixou-lhe um olhar perplexo. Não tinha calças; as suas nádegas eram avermelhadas e com algumas crostas.

— Queria ver a penedia — disse Marcelle, fingindo-se aborrecida.

— Mas há um táxi em Peyrehorade — disse a velha. — É do filho do Lamblin, a última casa na estrada de Bidasse.

— Eu sei — disse Marcelle.

A velha voltou-se para Daniel e ameaçou-o com o dedo:

— O senhor tem de ser muito gentil para com a sua esposa; é altura de lhe fazer todas as vontades. Marcelle sorriu:

— Ele é gentil — disse ela. — Fui eu quem quis andar.

Ela estendeu o braço e acariciou a cabeça do garoto. Interessava-se pelas crianças havia uns quinze dias; isso viera-lhe de repente. Cheirava-as e apalpava-as se lhe, passassem ao alcance da mão.

— É seu neto?

— É filho da minha sobrinha. Anda pelos quatro anos.

— É bonito — disse Marcelle.

— Quando é bonzinho. — A velha baixou a voz: — Será um rapaz?

— Bem queria que fosse! — disse Marcelle. A velha riu-se:

— Deve repetir todos os dias a oração a Santa Margarida.

Houve um silêncio, povoado de anjos. Todos os olhares se tinham voltado para Daniel. Ele inclinou-se sobre a bengala e baixou as pálpebras com um ar modesto e viril.

— Vou incomodá-la ainda, minha senhora — disse ele docemente.

— Poderia pedir-lhe uma tigela de leite para a minha mulher? — Virou-se para Marcelle: — Bebes um pouco de leite, sim?

— Vou trazê-lo já — disse a velha. E desapareceu na cozinha.

— Venha sentar-se a meu lado — disse Marcelle. Ele sentou-se.

— Como é atencioso! — disse ela agarrando-lhe a mão.

Ele sorriu. Ela olhava-o extasiada e ele continuou a sorrir, abafando um bocejo que lhe arreganhava os lábios até às orelhas. Pensava: «Devia ser proibido parecer grávida a tal ponto.» O ar estava húmido, um pouco febril, odores flutuavam no espaço, aos tufos como algas; Daniel fixava o brilho verde e ruivo de um arbusto, do outro lado da cerca; sentia as narinas e a boca cheias de folhagem. Mais quinze dias, quinze dias verdes e brilhantes, quinze dias de campo. Ele detestava o campo. Um dedo tímido passeava na sua mão, com a hesitação de um ramo de árvore balouçado pelo vento. Baixou os olhos e olhou para o dedo. Era branco, um pouco gorducho, tinha uma aliança. «Ela adora-me», pensou Daniel. Adorado. Noite e dia esta adoração colava-se a ele, humilde e insinuantemente, como os odores vivos do campo.

Fechou os olhos e a adoração de Marcelle fundiu-se com a folhagem murmurante, com o cheiro do estrume e do sanfeno.

— Em que pensa?

— Na guerra — respondeu Daniel.

A velha voltava com o leite. Marcelle pegou na tigela e bebeu a grandes goles. O seu lábio superior ia buscar o líquido até bem fundo na tigela e sorvia-o com um leve ruído. O leite cantava ao passar-lhe pela garganta.

— Faz bem — disse com um suspiro. Um bigode branco desenhava-se sobre o lábio. A velha olhava-a com bondade:

— Um leite forte, eis o que a criança vai precisar.

— Riram-se as duas, entre mulheres, e Marcelle levantou-se apoiando-se ao muro:

— Sinto-me refeita — disse a Daniel. — Podemos partir quando quiser.

— Adeus, minha senhora — disse Daniel, passando-lhe uma nota. — Agradecemos-lhe muito a sua amável hospitalidade.

— Obrigada, minha senhora — disse Marcelle com um sorriso íntimo.

— Ora, adeus. Vão devagar.

Daniel abriu a cancela e deixou passar a mulher: ela tropeçou numa pedra e cambaleou.

— Ai! — exclamou a velha de longe.

— Agarre-se ao meu braço — disse Daniel.

— Sou tão desajeitada — observou ela, confusa. Ela agarrou-se-lhe ao braço; sentiu-a contra ele, quente e disforme; pensou: «Mathieu pôde desejar isto!»

— O principal é andar com cuidado.

Cercas sombrias. O silêncio. Os campos. A linha negra dos pinheiros no horizonte. Os homens voltavam para casa, a passos pesados e lentos; sentar-se-iam à mesa comprida e engoliriam a sopa sem dizer palavra. Uma manada de vacas atravessou o caminho. Uma delas espantou-se e pôs-se aos saltos. Marcelle chegou-se para Daniel.

— Imagine: tenho medo de vacas — disse ela, baixando a voz.

Daniel apertou-lhe o braço ternamente: «Vai para o diabo», pensou. Ela respirou fundo e calou-se. Ele olhou-a de lado e viu os seus olhos vagos, o seu sorriso sonolento, o seu ar de beatitude: «Pronto! Ei-la a sonhar.» Isso acontecia-lhe às vezes quando a criança se mexia no ventre ou quando uma sensação estranha a invadia; devia sentir-se invulnerável e formigante, uma via láctea. Fosse como fosse, eram cinco minutos ganhos. Pensou: «Estou a passear no campo, há vacas a pastar, esta mulher gorda é minha mulher.» Teve vontade de rir: nunca tinha visto tantas vacas. «Tu o quiseste! Tu o quiseste! Desejavas uma catástrofe paulatina, a prestações, estás servido.» Caminhavam docemente, como dois namorados, de braço dado, e as moscas zumbiam à volta deles. Um velho apoiado à sua enxada, imóvel à beira do caminho, viu-os passar e sorriu-lhes. Daniel sentiu corar violentamente. Neste momento, Marcelle saiu do seu torpor.

— Acreditas na guerra? — perguntou bruscamente.

Os seus gestos haviam perdido aquela secura agressiva,

tinham-se tornado pesados e lânguidos. Mas conservava a voz abrupta e positiva. Daniel olhou para os campos. Campos de quê? Não sabia distinguir um campo de milho de um campo de beterraba. Ouviu Marcelle repetir:

— Acreditas?

Ele pensou: «Se houvesse guerra!» Ela ficaria viúva. Viúva com uma criança e seiscentos mil francos líquidos. Sem contar com algumas recordações de um marido incomparável: que poderia desejar mais? Parou bruscamente, transtornado de desejo; apertou a bengala com toda a força, e, pensou: «Meu Deus, tomara que haja guerra!» Um raio selvagem que fizesse estourar aquela doçura, que revolvesse horivelmente aqueles campos, e transformasse aquelas terras planas e monótonas num mar de ressaca; a guerra, a hecatombe dos homens de boa vontade, o massacre dos inocentes. «Este céu puro, vão rasgá-lo com as suas próprias mãos. Como se vão odiar! Como vão tremer de medo! E eu, como gozarei nesse mar de ódio.» Marcelle olhava-o surpreendida. Ele teve vontade de rir.

— Não. Não acredito.

Crianças pelos caminhos, com as suas vozes acres e inofensivas, e os seus risos. A paz. O sol cintila nas cercas como ontem, como amanhã; o campanário de Peyrehorade ergue-se na curva do caminho. Cada coisa no mundo tem o seu odor, a sua sombra crepuscular, pálida e longa, o seu futuro particular. E a soma de todos esses futuros é a paz: pode-se tocá-la na madeira carcomida desta cancela, na nuca fresca desta criança, pode-se lê-la nos seus olhos ávidos; sobe das urtigas aquecidas pela luz do dia, ouvimo-la no tocar dos sinos. Por toda a parte, os homens juntam-se à volta das terrinas fumegantes, partem o pão, encham os copos de vinho, limpam as facas, e os seus gestos quotidianos fazem a paz. Ei-la, tecida com todos esses futuros, impregnada da obstinação hesitante da Natureza; ela é o retorno do sol, a imobilidade fremente dos campos, o sentido do trabalho dos homens. Não há um só gesto que não a chame e não a realize; mesmo o andar saltitante e pesado de Marcelle a meu lado, mesmo a pressão dos meus dedos no seu braço. Uma chuva de pedras pela janela: «Fora daqui! Fora daqui!» Milan só teve tempo de se atirar para trás, uma voz aguda gritou pelo seu nome: «Hlinka! Milan Hlinka!, fora daqui.» Alguém cantou: «Os Checos são como piolhos na pele alemã!» As pedras tinham rolado pelo soalho. Um paralelepípedo partiu o vidro da lareira, outro caiu na mesa e pulverizou uma cafeteira. O café correu sobre o oleado e pôs-se a pingar lentamente para o chão. Milan encostou-se à parede, olhou para o vidro, para a mesa, para o chão, enquanto os outros vociferavam em alemão, sob a janela. Pensou: «Entornaram o meu café», e pegou numa cadeira pelo encosto. Transpirava. Levantou a cadeira até acima da sua cabeça.

— Que estás a fazer? — gritou Anna.

— Vou-lhes partir a cara.

— Milan! Não tens esse direito. Não estás só. Largou a cadeira e olhou para as paredes com espanto. Não era já o seu quarto.

Tinham-no estripado; uma nuvem vermelha subiu-lhe aos olhos; enfiou as mãos nos bolsos repetindo: «Não estou só. Não estou só.» Daniel pensava: «Eu estou só.» Só com os seus sonhos sanguinários naquela paz imensa. Os tanques e os canhões, os aviões, as crateras lamacentas nos campos, eram uma pequena confusão na sua cabeça. Aquele céu nunca se fenderia; o futuro estava ali, pousado naqueles campos; Daniel estava dentro dele, como um verme numa maçã. Um só futuro. O futuro de todos os homens: construíram-no com as suas próprias mãos, lentamente, durante anos, e não me deixaram o menor lugar, a mais humilde possibilidade. Lágrimas de raiva subiam aos olhos de Milan, e Daniel voltou-se para Marcelle: «Minha mulher, meu futuro, o único que me resta, pois que o mundo se decidiu pela paz.»

Como um rato na ratoeira! Ele soerguera-se sobre os cotovelos e olhava para as lojas a desfilarem.

— Deite-se! — disse a voz chorosa de Jeannine. — E não esteja sempre a virar-se para a direita e para a esquerda; fico com vertigens.

— Para onde nos vão levar?

— Já lhe disse que não sei.

— Sabe que nos vão evacuar e não sabe para onde nos mandam? Ora, não acredito!

— Juro que não me disseram nada. Não me torture!

— E quem lhe disse? Não será boato? Você engole qualquer coisa.

— Foi o médico-chefe da clínica — disse Jeannine, contrariada.

— E ele não disse para onde iríamos? O carrinho passava em frente da Peixaria Cusier; ele entrou num odor enjoativo e cortante de maresia.

— Mais depressa! Isto cheira a urina de criança!

— Eu... eu não posso ir mais depressa. Por favor, não se agite, vai ter trinta e nove de novo. Suspirou e disse como se fosse para si mesma: «Não devia ter-lhe contado.»

— Naturalmente! E no dia da partida ter-me-iam cloroformizado ou inventado um piquenique?

Estendeu-se novamente porque iam passar em frente da Livraria Nattier. Ele detestava a Livraria Nattier, com a sua montra de um amarelo sujo. E depois a velha estava sempre à porta e ficava de mãos postas quando o via passar.

— Está a sacudir-me. Tenha cuidado.

«Como um rato na ratoeira! Outros poderiam levantar-se, esconder-se na cave ou no sótão. Eu, eu sou um embrulho; bastará que venham carregar-me.»

— É você quem vai colar as etiquetas, Jeannine?

— Quais etiquetas?

— As etiquetas para a expedição; este lado para cima, aquele para baixo, frágil, manejar com precaução. Terá de me colar uma na barriga e outra atrás.

— Malvado! — disse ela. — Malvado, malvado!

— Basta! Vão-nos fazer viajar de comboio, naturalmente?

— Como queria que fizessem?

— Em comboio sanitário?

— Mas eu não sei — gritou Jeannine. — Não quero inventar, já lhe disse que não sei!

— Não grite. Não sou surdo.

O carrinho parou subitamente e ele ouviu-a assoar-se.

— Que há? Pára-me em plena rua?... As rodas voltaram a rodar sobre os paralelepípedos desiguais. Ele insistiu:

— E repetiram-nos tantas vezes que devíamos evitar as viagens de comboio...

Ouviu um fungar inquietante por cima da sua cabeça, e calou-se: tinha receio que ela soluçasse. As ruas estavam cheias de doentes àquela hora: seria bonito, um rapagão empurrado por uma enfermeira em lágrimas. Mas uma ideia subiu-lhe à mente, e não pôde deixar de murmurar entre dentes:

— Tenho horror às novas cidades.

«Decidiram tudo, encarregaram-se de tudo, tinham saúde, força, lazeres; voltaram, escolheram os seus chefes, andavam sobre os pés, percorriam a terra toda com ares importantes e graves, combinavam entre si o destino do mundo, e em particular o dos pobres enfermos, essas crianças grandes. E o resultado? A guerra. Bonito! Porque devo pagar pelos erros deles? Estava doente, ninguém me pediu a minha opinião! Agora lembram-se que eu existo e querem-me arrastar para a sua merda. Vão pegar-me pelas axilas e pelos tornozelos, dizendo: «Desculpe, mas estamos em guerra», e colocar-me-ão num canto como uma bosta, para que eu não atrapalhe o seu brinquedo de morte.» A pergunta que retinha havia meia hora subiu-lhe aos lábios de repente. Ela ficaria contente de mais, mas paciência, não podia ficar calado por mais tempo...

— Vocês... as enfermeiras acompanham-nos?

— Algumas.

— E... você?

— Não — disse ela. — Eu não.

Ele pôs-se a tremer e indagou com voz rouca:

— Vai-nos deixar?

— Estou nomeada para o hospital de Dunquerque.

— Bom, bom! — disse Charles. — As enfermeiras são todas iguais, não é assim?

Jeannine não respondeu. Soergueu-se e olhou em volta. A sua cabeça virava-se por si mesma, para a esquerda e para a direita, era fatigante e sentia umas cócegas no fundo dos olhos. Um carrinho vinha em sentido contrário, empurrado por um velho elegante. No aparelho repousava uma senhora nova, de rosto cavado e cabelos doirados; trazia sobre as pernas um magnífico casaco de peles. Ela mal o olhou, inclinou a cabeça para trás e murmurou algumas palavras, que subiram directamente ao rosto atento do velho.

— Quem é? — perguntou Charles. — Já há muito tempo que a vejo.

— Não sei. Creio que é uma artista de music-hall. Primeiro foi uma perna, depois um braço.

— Ela sabe?

— O quê?

— Estou a perguntar se os doentes sabem.

— Ninguém sabe, o médico proibiu-nos de contar.

— É pena — disse ele sarcasticamente. — Talvez estivesse menos orgulhosa.

— Ponha um pouco de Flit aí — disse Pierre antes de subir para o fiacre. — Cheira a piolhos.

O árabe vaporizou docilmente as capas brancas do encosto e as almofadas do banco.

— Pronto.

Pierre franziu as sobrancelhas:

— Hum!

Maud pôs-lhe a mão na boca:

— Chega — disse ela. — Está bom assim.

— Bem, mas se ficares com piolhos, não te venhas queixar a mim.

Estendeu-lhe a mão para ajudá-la a subir, depois sentou-se ao pé dela. Os dedos magros de Maud deixaram-lhe um calor seco e vivo na palma da mão: ela tinha sempre um pouco de febre.

— Leve-nos a dar uma volta pelas fortificações — disse ele

secamente.

Digam o que disserem, a pobreza banaliza. Maud era vulgar detestava a camaradagem que a ligava aos cocheiros, aos carregadores, aos guias, aos empregados de cafês: ela dava-lhes sempre razão e se os apanhávamos em flagrante achava sempre maneira de os desculpar.

O cocheiro chicoteou o cavalo e o carro partiu a ranger:

— Que ferro-velho! — disse Pierre a rir. — Tenho sempre medo que se quebre um eixo.

Maud debruçava-se e olhava para tudo com os seus grandes olhos graves e escrupulosos.

— E o nosso último passeio.

— É verdade! — disse ele. — É verdade.

Ela sente-se poética porque é o último dia e tomamos o navio amanhã. Era irritante, mas ele suportava-lhe melhor o mutismo do que a alegria. Não era muito bonita, e quando queria mostrar-se graciosa ou animada, era um desastre. «Assim está bem», pensou ele. Haveria o dia seguinte, e três dias de travessia; e depois em Marselha, boa noite, cada qual para seu lado. Felicitou-se por ter reservado uma cabina de primeira: as quatro mulheres viajavam em terceira; convidá-la-ia quando tivesse desejo dela, mas, tímida como era, não ousaria subir à primeira sem que fosse buscá-la.

— Reservaram lugares no autocarro? Maud mostrou-se embaraçada:

— Enfim, não tomaremos o autocarro. Levam-nos de automóvel até Casablanca.

— Quem?

— Um conhecido de Ruby, um velhote encantador que nos levará a dar uma volta por Fez.

— É pena — disse ele cortesmente.

O trem deixara Marraquexe e atravessava a cidade europeia. À sua frente, o imenso terreno baldio apodrecia na poeira, com bidões rebentados e caixas de conservas vazias. O carro rolava entre grandes cubos brancos de vidraças faiscantes. Maud pôs os óculos escuros, Pierre franzia os olhos por causa do sol.

Os cubos, colocados com sabedoria, uns ao lado dos outros, não pesavam sobre o deserto; se soprasse um bom vento, voariam. Num deles tinham colocado uma placa indicadora: «Rua Marechal Lyautey.» Mas não havia rua: apenas um pequeno braço de deserto asfaltado entre imóveis. Três indígenas viam o carro passar; o mais novo, tinha um olho branco. Pierre ergueu-se um pouco e lançou-lhe um olhar firme. Mostrar a sua força para não ter de a usar, o lema não era válido só para os militares, também valia para os colonos e até para os simples turistas.

Não era necessário fazer grande exibição de poderio: bastava não se abandonar, manter-se erecto. A angústia que o oprimia desde manhã desapareceu. Aos olhos estúpidos daqueles árabes, sentia que representava a França.

— Que vamos encontrar ao voltarmos? — disse Maud subitamente.

Ele cerrou os punhos sem responder. Imbecil: devolvera-lhe, de chofre, a sua angústia. Ela insistia:

— Talvez a guerra. Para ti a mobilização; para mim o desemprego.

Tinha horror em ouvi-la falar de desemprego com aquele ar sério, como um operário. No entanto, ela era o segundo-violino na Orquestra Feminina Baby's, que fazia tournées, pelo Mediterrâneo e Próximo Oriente: isso podia passar por uma profissão artística. Teve um gesto agastado:

— Por favor, Maud, não falemos dos acontecimentos. Só por hoje, está bem? E o nosso último dia em Marraquexe. Ela chegou-se para junto dele:

— E verdade, é o nosso último dia.

Ele acariciou-lhe os cabelos, mas conservava aquele gosto amargo na boca. Não era medo, não: sabia que nunca teria medo. Era antes... desencanto.

O trem passava ao longo das fortificações. Maud mostrou-lhe uma porta vermelha, acima da qual se viam folhas verdes de palmeira.

— Pierre, lembraste?

— De quê?

— Há um mês, dia a dia. Foi ali que nos encontrámos.

— Ah!, é verdade.

— Amas-me?

Tinha um rostinho magro, um pouco ossudo, com olhos enormes e uma bela boca.

— Amo-te, sim.

— Diz isso de outra maneira!

Debruçou-se sobre ela e abraçou-a.

O velho parecia furioso, olhava-os fixamente, franzindo as grossas sobrancelhas: «Um memorando! Eis todas as suas concessões!» Horace Wilson meneou a cabeça e pensava: «Porque representa?» Não saberia Chamberlain que haveria um memorando? Não fora tudo resolvido na véspera? Não tinham combinado toda a cena quando estiveram sós, um em frente do outro, com aquele falso doutor Schmitt?

— Abraça a tua Maudinha; ela está triste hoje... Ele abraçou-a e ela pôs-se a falar com uma vozinha de criança:

— Tu não tens medo da guerra?

Ele sentiu um calafrio desagradável na nuca.

— Não, filhinha, não. Um homem não tem medo da guerra.

— Pois eu garanto-te que Lucien tinha medo. Foi mesmo o que me afastou dele: era medroso de mais.

Ele inclinou-se e beijou-lhe os cabelos; perguntava-se porque tivera, de repente, vontade de lhe dar uma bofetada.

— E assim, como pode um homem proteger uma mulher, se anda sempre apavorado?

— Não era um homem — disse ele docemente. — Eu sou um homem.

Ela tomou-lhe o rosto nas mãos e pôs-se a falar:

— Sim senhor, era um homem, sim senhor. Com os seus cabelos negros e a sua barba negra, parecia ter vinte e oito anos.

Ele desprendeu-se; sentia-se adocicado e insípido, uma náusea subia-lhe do estômago à boca e não sabia o que o enjoava mais: se o deserto faiscante, os muros de tijolo vermelho, ou a mulher aconchegada nos seus braços. «Como estou farto de Marrocos!» Gostaria de estar em Tours, em casa dos pais, pela manhã, e que a mãe lhe trouxesse o pequeno-almoço à cama!

«Pois bem, o senhor descerá ao salão dos jornalistas», disse ele a Neville Henderson, «e fará o favor de lhes comunicar que, atendendo à solicitação do chanceler Hitler, estarei no Hotel Dreesen às vinte e duas horas e trinta, mais ou menos.»

— Cocheiro! Cocheiro! Volte para a cidade por essa estrada.

— Que te aconteceu? — perguntou Maud, espantada.

— Estou farto das fortificações — disse ele violentamente —; estou farto do deserto e estou farto de Marrocos.

Mas dominou-se logo e, tomando-lhe o queixo entre dois dedos:

— Se fores boazinha, iremos comprar chinelas árabes.

A guerra não estava na música dos carroceis, não estava nos cafés formigantes da Rua Rochechouart. Nem uma aragem. Maurice transpirava, sentia, contra a sua, a coxa morna de Zézette, faz-se um pequeno truque de magia, e pronto, passávamos a não estar nos campos, no tremor imóvel do ar quente por cima da cerca, no chilreio redondo e branco dos pássaros, no riso de Marcelle, ela tinha-se erguido no deserto, junto aos muros de Mar-raquexe. Levantara-se um vento pesado e vermelho, fazia redemoinho em volta do trem, corria sobre as ondas do Mediterrâneo, fustigava o rosto de Mathieu; Mathieu secava-se na

praia deserta, pensava: «Nem mesmo isso», e o vento da guerra soprava sobre ele.

Nem mesmo isso! Fazia um pouco de frio mas ele não tinha vontade de entrar imediatamente. Uns após os outros, os banhistas haviam abandonado a praia; era a hora do jantar. O próprio mar despovoava-se, uma grande luz desmoronada jazia, deserta e solar, e o trampolim preto do esqui náutico perfurava-a como a ponta de um recife.

«Nem mesmo isso», pensava Mathieu. Ela tricotava, diante da janela aberta, esperando as cartas de Jacques. De vez em quando, ergueria o rosto com uma vaga esperança; procuraria o seu mar com os olhos. O seu mar: uma bóia, um trampolim, um pouco de água lambendo a areia quente. Um calmo jardimzinho feito à medida do homem, com algumas avenidas grandes e inúmeros atalhos. E voltaria sempre ao seu tricot com a mesma decepção: tinham mudado o seu mar. O interior do país, erizado de baionetas e sobrecarregado de canhões, teria puxado a si o litoral; a água e a areia ter-se-iam retraído e continuariam a sua vida eterna, cada qual para seu lado. Cercas de arame farpado estriando as escadarias de sombras estreladas; canhões nos parques, entre os pinheiros; sentinelas diante das vivendas; oficiais atravessariam como cegos esta cidade de água, desolada. O mar voltaria à sua solidão. Seria impossível banhar-se: a água, militarmente guardada, assumiria, à bei-ra-mar, um aspecto administrativo; o trampolim, a bóia já não ficariam a uma distância apreciável da terra; todos os caminhos que Odette traçara sobre as ondas, desde a infância, ter-se-iam apagado. Mas o mar alto, em compensação, o mar alto agitado, desumano, com as suas batalhas navais a cinqüenta milhas de Malta, os seus navios afundados perto de Palermo, as suas profundezas rasgadas por peixes de ferro, o mar alto seria todo contra ela, descobriria em toda a parte, sobre as ondas, a sua presença glacial, e o mar alto erguer-se-ia no horizonte como um muro sem esperança. Mathieu levantou-se: estava seco; limpou o calção de banho com a mão. «Como vai ser chata, essa guerra», pensou E depois da guerra? Seria um outro mar. Mar de vencidos? Mar de vencedores? Dentro de cinco anos, dentro de dez, ele estaria talvez aqui, numa tarde de Setembro, à mesma hora, sentado sobre esta mesma areia, diante desta enorme massa de gelatina, e a mesma luz ruiva roçaria a superfície da água. Mas que veria ele?

Levantou-se e vestiu o roupão. Os pinheiros do parque já se projectavam negros contra o céu. Lançou um último olhar para o mar: a guerra ainda não rebentara; as pessoas jantavam tranqüilamente nas suas vivendas; nem um canhão, nem um soldado, nem uma cerca de arame farpado, a frota estava nos ancoradouros de Bizerte e Toulon; ainda era permitido ver o mar em flor, o mar das últimas tardes de paz; mas ele continuou inerte e neutro: uma grande extensão de água salgada, que se agitava um

pouco, não significava nada.

Mathieu encolheu os ombros e subiu os degraus de pedra; havia alguns dias que as coisas o abandonavam, uma após outra. Perdera os odores, todos os odores do sul, depois os gostos.

Agora o mar. «Como os ratos que abandonam o navio perdido.»

Quando chegasse o dia da partida, ele estaria seco, nada mais teria a lamentar. Voltou para o bangalô a passos lentos, e Pierre pulou do carro:

— Vem, terás o teu par de chinelas.

Entraram no mercado. Era tarde; os árabes apressavam-se para alcançar a Praça Djemaa-el-Fnâ antes do pôr do Sol. Pierre sentia-se mais em forma; o vaivém da multidão produzia nele um efeito reconfortante. Olhava as mulheres veladas, e quando elas lhe devolviam o olhar apreciava-se nos olhos delas.

— Olha — disse ele. — Aí estão as chinelas. Havia de tudo no mostruário, era um bricabraque de tecidos, colares, sapatos, bordados.

— Como é bonito! — disse Maud.

Mergulhou as mãos naquele amontoado heteróclito e Pierre afastou-se um pouco: não queria dar aos árabes o espetáculo de um europeu absorto na contemplação de adornos femininos.

— Escolhe — disse ele distraidamente —, escolhe o que quiseses.

Ao lado, empilhavam-se livros franceses; entreteve-se a folheá-los. Havia uma mistura de romances policiais e fitas romancesadas. Ouviu à sua direita o ruído metálico de anéis e pulseiras nas mãos de Maud.

— Estás satisfeita?

— Estou a escolher, estou a escolher. É preciso pensar.

Ele voltou à sua leitura. Sobre uma pilha de Texas Jack e de Buffalo Bill descobriu um livro com fotografias. Era uma obra do coronel Picot acerca dos ferimentos na cara; as primeiras páginas não existiam já, e as outras estavam amassadas. Quis largá-lo depressa, mas era tarde: o livro tinha-se aberto sozinho. Pierre viu uma cara horrível, um só buraco do nariz ao queixo, sem lábios nem dentes; o olho direito fora arrancado e unia larga cicatriz marcava a face direita. O rosto torturado conservava um sentido humano, um ar ignobilmente zombeteiro. Pierre sentia alfinetadas glaciais em todo o couro cabeludo e perguntava a si mesmo: mas como é que esta obra veio aqui parar?

— É um bom livro — disse o vendedor. — O senhor vai-se divertir.

Pierre pôs-se a virar as páginas. Viu tipos sem nariz, sem olhos, ou sem pálpebras, com os globos oculares salientes como

nas pranchas anatómicas. Estava fascinado, contemplava as fotografias uma a uma e indagava: mas como veio esta obra aqui parar? A fotografia mais horrorosa mostrava uma cabeça sem o maxilar inferior; o superior perdera o lábio, via-se um pedaço de gengiva com quatro dentes. «E ele vive», pensou. Este tipo vive. Ergueu os olhos: um espelho enfiado numa moldura reflectiu-lhe a imagem; fixou-a apavorado...

— Pierre — disse Maud —, vem ver. Achei.

Ele hesitou. O livro queimava-lhe as mãos, mas não se decidia a largá-lo entre os outros, a afastar-se dele, a virar-lhe as costas.

— Vou indo.

Apontou o livro e perguntou ao vendedor:

— Quanto?

O rapaz andava cá e lá como uma fera, no escritório pequeno.

Irene lia um artigo interessante sobre as desgraças do militarismo. Parou e levantou a cabeça:

— Dá-me vertigens.

— Não me irei embora — disse Philippe. — Não irei enquanto ele não me receber...

— Qual história! Quer vê-lo? Pois bem, ele está aí, atrás da porta; entre e vê-lo-á.

— Perfeitamente! — disse Philippe. Deu um passo em frente e parou:

— Eu... isso seria um erro, eu indispô-lo-ia. Oh! Irene, não quer pedir-lhe mais uma vez? Pela última vez, juro que é pela última vez.

— E infernal. Deixe isso. Pitteaux é um mau tipo: não compreende que é uma sorte para si que ele não o queira ver mais? Só lhe poderia fazer mal.

— Mal! — disse ele ironicamente. — Será que me podem fazer mal? Bem se vê que não conhece os meus pais: têm todas as virtudes, só me deixaram o partido do mal.

Irene olhou para os seus olhos:

— Imagina que eu não sei o que ele quer de si? O rapaz corou mas não respondeu.

— Oh!, isso é consigo, afinal — disse ela, encolhendo os ombros.

— Vá pedir-lhe de novo, Irene — implorou Philippe.

— Vá pedir. Diga-lhe que estou a pensar em tomar uma decisão capital.

— E ele importa-se muito com isso.

— Vá dizer-lhe isso mesmo.

Ela empurrou a porta e entrou sem bater. Pitteaux ergueu a cabeça e fez uma careta:

— Que há? — perguntou com voz de trovão. Ele não a intimidava.

— Basta — disse ela. — Não precisa de berrar. É o garoto; estou farta de o agüentar. Não quer tomar conta dele por um minuto?

— Já disse que não.

— Ele afirma que vai tomar uma resolução capital.

— Que é que eu tenho com isso?

— Ora, arranje-se — disse ela impaciente. — Sou sua secretária, não sou a ama-seca do menino.

— Está bem — disse ele com os olhos faiscantes.

— Que entre! Ah! Vai tomar uma resolução capital! Pois eu, é uma execução capital que vou fazer. Ela riu-se e voltou-se para Philippe.

— Entre.

O rapaz precipitou-se, mas parou à porta do escritório, religiosamente, e ela teve de empurrá-lo para o fazer entrar.

Fechou a porta atrás dele e foi sentar-se à mesa. Quase imediatamente, começaram os berros do outro lado do tabique. Ela voltou ao seu trabalho com indiferença: sabia que a partida estava perdida para Philippe. Explorava Pitteaux sem escrúpulos, e ficava de boca aberta diante dele; Pitteaux quisera aproveitar-se disso para o possuir, por vício, simplesmente: não era sequer um pederasta. No último momento, o rapaz tivera medo. Era como todos os rapazolas, queria tudo sem dar nada. Agora suplicava a Pitteaux que continuasse seu amigo, mas Pitteaux mandou-o à fava. Ela ouviu-o gritar:

«Patife, és um covarde, um pequeno-burguês, um filho de papá rico que brinca aos bandidos.» Ela riu e dactilografou algumas linhas do artigo. «Haverá monstros mais sinistros do que os oficiais superiores que condenaram Dreyfus?» «Ele não os poupa», pensou, satisfeita.

A porta abriu-se e fechou-se com ruído. Philippe estava diante dela. Tinha chorado. Debruçou-se sobre a secretária, apontando o indicador para Irene:

— Ele encostou-me à parede — disse ele com um ar feroz. — Ninguém tem o direito de fazer perder a paciência aos outros.

— Inclinou a cabeça para trás e riu: «Ouvirão falar de mim.»

— Não te rales — disse Irene suspirando.

A enfermeira fechou a tampa da mala: vinte e dois pares de sapatos; não devia dar muito trabalho aos sapateiros, quando um

par estava gasto, lançava-o para a mala e comprava um novo; mais de cem pares de meias puídas no calcanhar e furadas no sítio do dedo grande, seis fatos bastante usados no armário e tudo sujo, um verdadeiro covil de celibatário. Podia muito bem deixá-lo cinco minutos; deslizou pelo corredor, entrou na casinha, levantou a saia, deixando a porta aberta por precaução. Aliviou-se rapidamente, ouvido atento ao menor ruído: mas Armand Viguiet permanecia bem quietinho, estendido na cama, as mãos amarelas repousando nos lençóis, cabeça magra, barba grisalha, olhos fundos, sorrindo com um ar distante. As suas pernas curtas alongavam-se sob a coberta, os pés formavam um ângulo de oitenta graus, as unhas crescidas — aquelas unhas terríveis dos dedos grandes, que ele costumava cortar a canivete, de três em três meses, e lhe furavam as meias há vinte e cinco anos. Tinha escaras nas nádegas, embora lhe tivessem passado uma almofada de borracha sob os rins, mas já não sangravam: estava morto. Sobre a mesa-de-cabeceira tinham colocado o seu monóculo e, dentro de um copo de água, a sua dentadura. Morto.

E a sua vida ali estava, em tudo, impalpável, terminada, dura e inteiriça como um ovo, tão compacta que todas as forças do mundo não poderiam fazer-lhe entrar um átomo e tão porosa que Paris e o universo passavam através dela, dispersa pelos quatro cantos da França e condensada por inteiro em cada ponto do espaço, uma grande feira imóvel e ruidosa; os gritos estavam ali, os risos, o apito das locomotivas e o estouro dos obuses, a 6 de Maio de 1917, a zoada sangrenta na sua cabeça, enquanto caía entre duas trincheiras, os ruídos estavam ali, congelados e a enfermeira, atenta, ouvia apenas um sussurro debaixo da saia. Levantou-se, não puxou a água por respeito à morte, e voltou a sentar-se à cabeceira de Armand, atravessando o grande sol imóvel que ilumina para sempre um rosto de mulher num bote, na Grande Jatte, em 20 de Julho de 1900. Armand Viguiet estava morto, a sua vida flutuava, encerrando dores imóveis, uma grande lista negra que trespassava todo o mês de Março de 1922, a sua dor intercostal, pequenas jóias indestrutíveis, o arco-íris sobre o cais de Bercy num sábado à tarde, choveu, os passeios estão escorregadios, dois ciclistas passam a rir, o rumor da chuva na varanda, numa tarde abafada de Março, uma melodia cigana que lhe traz lágrimas aos olhos, gotas de orvalho brilhando na grama, uma revoada de pombos na Praça de São Marcos. Ela abriu o jornal, ajustou os óculos, leu: «Ultima hora. O Sr. Chamberlain não conferenciou com o chanceler Hitler, esta tarde.» Pensou no sobrinho, que seria, sem dúvida, mobilizado, pousou o jornal, suspirou. A paz estava ali, como o arco-íris, como o sol da Grande Jatte, como o braço loiro encrespado pela luz. A paz de 1939, de 1940 e de 1980, a grande paz dos homens; a enfermeira cerrava os lábios e pensava: «E a guerra», olhava ao longe, de olhos fixos, e o seu olhar passava através da paz. Chamberlain meneou a cabeça e disse:

«Farei o que puder, naturalmente, mas não tenho grande esperança.» Horace Wilson sentiu um desagradável calafrio percorrer-lhe a espinha; disse para si mesmo: «Se ele fosse sincero?» e a enfermeira pensou: «O meu marido em 14, em 38 o meu sobrinho: terei vivido entre duas guerras.» Mas Armand Viguiet sabe que a paz acaba de nascer, Chantal pergunta-lhe:

«Com ideias como as tuas, porque lutaste?», e ele respondeu:

«Para que seja a última guerra.» Dia 27 de Maio de 1919. Para sempre. Ouve Briand a falar, pequenino na tribuna, sob um céu diáfano; está perdido no meio da multidão de peregrinos, a paz desceu sobre eles, tocam-na, vêem-na, e gritam: «Viva a paz.»

Para sempre. Está sentado no Jardim do Luxemburgo, numa cadeira de ferro, olha para sempre os castanheiros floridos, a guerra afundou-se no passado, ele estende as pernas curtas, olha as crianças que correm, pensa que não conhecerão nunca os horrores da guerra. Os anos vindouros são uma estrada real e tranqüila, o tempo desdobra-se como um leque. Olha as suas velhas mãos aquecidas pelo sol, sorri e pensa: «Graças a nós. Não haverá mais guerra, nem durante a minha vida, nem depois.» Dia 22 de Maio de 1938. Para sempre.

Charles Viguiet estava morto e ninguém mais podia dar-lhe razão, ou achar que errara. Ninguém podia mudar o futuro indestrutível da sua vida morta. Um dia mais, um só dia, e todas as suas esperanças desmoronar-se-iam talvez, descobriria que a sua vida fora esmagada entre duas guerras, como entre o martelo e a bigorna. Mas morrera no dia 23 de Setembro de 1938, às quatro horas da manhã, após sete horas de coma.

Carregara consigo a paz. A paz, toda a paz, a paz do mundo, implacável, fora de alcance. A campanha tocou, ela sobressaltou-se, devia ser a prima de Angers, a única parente, tinham-na prevenido na véspera por telegrama. Abriu a porta a uma mulherzinha de preto com um focinho de rato e cabelos caídos sobre o rosto.

— Sou Madame Verchoux.

— Sim, senhora.

— Posso vê-lo ainda?

— Pode. Está aí.

Madame Verchoux aproximou-se da cama, contemplou o rosto magro, os olhos fundos.

— Ele mudou muito.

Vinte horas e trinta em Juan-les-Pins, vinte e uma horas e trinta em Praga.

— Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante vai ser transmitida a seguir. Permaneçam atentos. Uma comunicação...

— Acabou-se — disse Milan.

Mantinha-se no vão da janela. Anna não respondeu. Baixou-se e começou a apanhar os cacos de vidro; juntou as pedras maiores no avental e deitou-as fora pela janela. A lâmpada tinha-se partido, o quarto estava escuro e azulado.

— Agora — disse ela — vou dar uma boa varre-dela.

Repetiu: «Uma boa varredela», e começou a tremer.

— Vão-nos tirar tudo — disse ela a chorar —, vão partir tudo, vão-nos expulsar.

— Cala-te — disse Milan. — Por amor de Deus, não chores!

Aproximou-se do rádio e rodou os botões, as lâmpadas acenderam-se.

— Não está partido — disse satisfeito.

A voz meio azeda e mecânica encheu repentinamente o quarto: «Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante vai ser transmitida a seguir. Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante...»

— Ouve — disse Milan com voz alterada —, ouve!

Pierre andava a passos largos. Maud corria ao seu lado apertando as chinelas debaixo do braço. Estava feliz.

— São lindas — disse ela. — Ruby ficará cheia de inveja; ela comprou umas em Fez que não valem estas nem de longe. E depois são tão cómodas, enfia-se isto ao saltar da cama, não é preciso nem tocá-las com as mãos, ao passo que os outros chinelos não. Só é preciso ter jeito para não as perder, é preciso arquear os pés, pondo os dedos assim. Perguntarei à criada do hotel, que é árabe.

Pierre continuava a não responder. Ela deitou-lhe um olhar inquieto e continuou:

— Devias ter comprado umas também tu, que andas sempre descalço no quarto; sabes que ficam tão bem aos homens como às mulheres?

Pierre parou no meio da rua:

— Basta! — disse ele com voz de trovão. Ela também parou, perturbada.

— Que te aconteceu?

— Servem também para os homens! — disse Pierre imitando-a. — Ora bolas! Sabias muito bem em que eu estava a pensar enquanto tagarelavas! E pensavas o mesmo que eu — acrescentou ele com violência. Passou a língua pelos lábios e sorriu ironicamente.

Maud quis falar, mas olhou para ele e calou-se, gelada.

— Só não se quer enfrentar a realidade. Principalmente as

mulheres, quando pensam numa coisa, começam logo a falar doutra. Não é?

— Mas, Pierre — disse Maud aterrorizada —, tu estás louco? Não percebo o que dizes. O que imaginas tu que eu estava a pensar? Em que pensas?

Pierre tirou um livro do bolso, abriu-o e pô-lo em frente do nariz dela:

— Nisto.

Era uma fotografia de um rosto mutilado. O homem não tinha nariz, usava uma venda num olho.

— Tu... tu compraste isso? — perguntou ela, estupefacta.

— E então! Sou um homem; eu não tenho medo; quero ver a cara que terei no ano que vem.

Agitava a fotografia diante dos olhos de Maud:

— Amar-me-ás, quando eu estiver assim?

Ela receava compreender, teria dado tudo para que ele se calasse.

— Responde! Amar-me-ás?

— Cala-te — disse ela —, suplico-te que te cales.

— Esses homens vivem para sempre em Val-de-Grâce. Só saem à noite, e, mesmo assim, de máscara.

Ela quis tirar-lhe o livro das mãos, mas ele agarrou-o e pô-lo no bolso. Olhou-o, com os lábios a tremer, esforçava-se por não desatar aos soluços.

— Oh, Pierre! — disse docemente. — Tens então medo?

Ele calou-se bruscamente e lançou-lhe um olhar estúpido. Permaneceram imóveis por um momento, depois ele disse com uma voz pastosa:

— Todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal; isso não tem nada a ver com a coragem. E tu, tu não tens o direito de me julgar porque não vais para a guerra.

Recomeçara a andar em silêncio. Ela pensava: «É um covarde!»

Olhava para a fronte bronzeada, o seu nariz florentino, a sua bela boca, e pensava: «É um covarde. Como Lucien. Não tenho sorte.»

O busto de Odette emergia na luz, enquanto o resto do seu corpo se diluía na sombra da sala de jantar, estava debruçada na varanda a ver o mar, Gros-Louis pensava: «Que guerra!»

Caminhava e a luz vermelha do sol-poente dançava nas suas mãos, na sua barba, Odette sentia nas costas o bom quarto sombrio, o bom refúgio, a toalha branca que luzia debilmente no

escuro, mas ela erguia-se na luz, a luz, o saber e a guerra, entravam-lhe pelos olhos, pensava que ele ia partir, a luz eléctrica formava coágulos na fluidez do dia moribundo, coágulos como gemas de ovos, Jeannine rodara o botão do comutador, as mãos de Marcelle agitavam-se sob a luz amarela da lâmpada, pediu o sal e as suas mãos projectaram sombras na toalha, Daniel disse: «É bluff, há que agüentar, ele cederá.» A luz dura que raspa os olhos como lixa, é assim, no Sul, até ao último minuto. E meio-dia e, de repente, a noite cai, Pierre tagarelava, queria fazer crer que recuperara a calma, mas ela caminhava ao seu lado, em silêncio, e fixava nele um olhar tão duro como a luz.

Quando chegaram à praça, ela teve medo que ele lhe propusesse passarem a noite juntos, mas Pierre tirou o chapéu e disse com frieza: «Como nos temos de levantar cedo amanhã, e ainda tens de arranjar as malas, acho melhor ires dormir com as tuas companheiras.» Ela respondeu: «Eu também acho melhor.» Ele disse: «Até amanhã.» «Até amanhã no navio», disse ela.

«Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante vai ser transmitida», estava deitado, as mãos sob a nuca, sentia-se todo cinzento disse: «Esta bonequinha é muito querida.» Ela tremeu e disse: «É...» Como todas as noites, ela tinha medo.

«Gosto muito dela, sim!» Às vezes concordava, às vezes dizia não, mas desta vez não ousaria. «Então, e a pequena carícia, a pequena carícia da noite?» Ela suspirou, envergonhada, era divertido. «Hoje não», disse ela. «Pobre boneca, pobre boneca, tão agitada que ela está hoje, far-lhe-ia bem. Para adormecê-la, não quer? Não? Sabe que isso me acalma sempre...», disse ele. Ela assumiu o seu ar de enfermeira-chefe, como quando o ajeitava na bacia, a sua cabeça ficou firme sobre os ombros, não fechava os olhos, mas era como se preparasse para não ver nada e as suas mãos desabotoaram-no com agilidade, mãos de especialista, o rosto tão triste, era divertido de verdade, a mão entrou, tão suave, um creme de amêndoas, Odette sobressaltou-se e disse: «Assustou-me; Jacques está consigo?» Charles suspirou, Mathieu disse que não. «Não», disse Maurice, «é preciso fazer o que se deve fazer». Tinha colocado a chave por cima do quadro: «Continua a feder a latrina, que porcaria.» «E o menino de Madame Salvador», disse Zézette, «põe-no na rua quando recebe os seus homens, e ele então arreia as calças por todo o lado para se distrair.»

Subiram a escada: «Permaneçam atentos, uma comunicação...»

Milan e Anna debruçaram-se sobre o aparelho, os rumores de vitória entravam pela janela: «Baixa isso mais», disse Anna, «não devemos provocá-los», a mão doce, doce como um creme de amêndoas, Charles cresceu, floruiu, o enorme fruto desabrochou, a casca ia estoirar, um fruto bem erecto para o céu, um fruto suculento, toda uma primavera de sufocante doçura, o silêncio, o

tilintar dos garfos e o longo ruído no aparelho, a carícia do vento no grande fruto aveludado, macia, Anna sobressaltou-se e apertou o braço de Milan.

«Cidadãos. O Governo checoslovaco resolve proclamar a mobilização geral; todos os homens com menos de quarenta anos e especialistas de todas as idades devem apresentar-se imediatamente. Todos os oficiais, sargentos e soldados da reserva, e da segunda reserva de todas categorias, todos os licenciados devem apresentar-se sem demora nos seus centros de equipamento. Devem apresentar-se vestidos com roupas usadas, munidos dos seus papéis militares e de víveres para dois dias. O prazo para a apresentação terminará às quatro e trinta da madrugada. Todos os veículos, automóveis ou aviões estão mobilizados. A venda de gasolina é permitida com autorização escrita pelas autoridades militares. Cidadãos! Estamos no momento decisivo. O êxito depende de todos. Que todos ponham as suas forças ao serviço da pátria. Sede bravos e fiéis. A nossa luta é uma luta pela justiça e pela liberdade. Viva a Checoslováquia!»

Milan levantou-se, estava afogueado, pôs as mãos nos ombros de Anna, disse-lhe:

— Enfim! Anna, enfim!

Uma voz de mulher repetiu o decreto em eslovaco, já não compreendiam mais nada, salvo algumas palavras, de vez em quando, mas era como uma marcha militar. Anna repetiu: «Enfim! Enfim!», e as lágrimas rolaram-lhe pela cara. Depois entenderam de novo: Die Regierung hat entschlossen, era alemão, Milan rodou o botão completa-mente, e o aparelho pôs-se a berrar, a voz esmagava de encontro às paredes as odiosas canções deles, os seus ruídos de festa, saíria pela janela, partiria as vidraças dos Jägerschmitt, iria encontrá-los no seu salão muniquense em pequena reunião familiar, e gelar-lhes-ia os ossos. O cheiro a latrina e a leite azedo esperava-o, aspirou-o profundamente e sentiu-o penetrar, como uma vassourada, purificando-o dos perfumes loiros e limpinhos da Rua Royale, era o cheiro da miséria, era o seu cheiro. Maurice pôs-se à porta do seu quarto, enquanto Zézette metia a chave na fechadura, e Odette dizia alegremente: «Para a mesa, então! Para a mesa! Jacques, vais ter uma surpresa», sentia-se forte e duro, tinha reencontrado o mundo da cólera e da revolta; no segundo andar, os miúdos gritavam porque o pai voltara bêbado; no quarto vizinho, ouviam-se os passos de Maria Pranzini, cujo marido, pedreiro, tinha caído de um telhado, o mês passado, os ruídos, as cores, os odores, tudo parecia verdadeiro, ele acordara, havia redescoberto o mundo da guerra.

O velho voltou-se para Hitler, olhava para o rosto mau e infantil, aquela cara de mosca, e sentia-se chocado até ao fundo da alma. Ribbentrop entrara, disse algumas palavras em alemão e

Hitler fez um sinal ao Dr. Schmitt: «Acabamos de ser informados», disse o Dr. Schmitt em inglês, «que o Governo do Sr. Benès acaba de decretar a mobilização geral». Hitler abriu os braços em silêncio, como um homem que deplora que o acontecimento lhe dê razão. O velho sorriu amavelmente e um clarão vermelho abrasou-lhe os olhos. Um clarão de guerra.

Restava-lhe ficar ali irritado, como o Führer, restava-lhe abrir os braços como se dissesse: «Pois bem, é assim!», e a pilha de pratos, que ele mantinha em equilíbrio há dezassete dias, ruiria sobre o soalho. O Dr. Schmitt contemplava-o com curiosidade, pensava que devia ser tentador abrir os braços quando se carregava uma pilha de pratos há dezassete dias:

«Eis o momento histórico», pensava que se havia chegado ao último recurso, à liberdade pura e simples de um velho comerciante de Londres. Agora o Führer e o velho olhavam-se em silêncio e não era necessário nenhum intérprete. O Dr. Schmitt recuou um passo. Sentou-se num banco da Praça Gélú e pousou o banjo ao seu lado. Reinava uma escuridão azulada sob os plátanos, havia música e era tarde, os mastros dos barcos de pesca saíam do chão, muito direitos, pretos, e do outro lado porto janelas cintilavam às centenas. Um menino fazia correr a água da fonte; no banco ao lado, outros negros vieram sentar-se e saudaram-no. Não tinha fome, não tinha sede, banhara-se atrás do molhe, encontrara um sujeito grandão e hirsuto que parecia ter caído da Lua e lhe oferecera vinho, tudo isso era bom. Tirou o banjo do estojo, tinha vontade de cantar. Um instante, só um instante, tosse, limpa a garganta, vai cantar num instante, Chamberlain, Hitler e Schmitt esperavam a guerra em silêncio, ela ia chegar num instante, o pé inchara mas a coisa ia, num instante tirá-lo-ia do sapato, Maurice, sentado na cama, puxava com toda a força, num instante Jacques teria acabado de comer a sopa, Odette não ouviria mais aquele sussurrozinho irritante, o fogo de artifício, o formigueiro dos foguetes prestes a partir, num instante os sóis filtrariam rodopiando até ao tecto, a sua boneca, num instante haveria um cheiro a absinto e uma cola quente e abundante inundaria as suas coxas paralisadas e a voz subiria, rica e eterna, através da folhagem dos plátanos; um instante, Mathieu comia, Marcelle comia, Daniel comia, Boris comia, Brunet comia, tinham almas instantâneas que pequeninas volúpias pastosas enchiam até à borda, um instante e ela chegaria coberta de aço, temida por Pierre, aceite por Boris, desejada por Daniel, a guerra, a grande guerra dos sempre-em-pé, a guerra maluca dos brancos. Um instante; estoirara no quarto de Milan, escapava por todas as janelas, derramava-se com fragor em casa dos Jägerschmitt, rondava pelas fortificações de Marraquexe, soprava sobre o mar, esmagava os prédios da Rua Royale, enchia as narinas de Maurice com o seu cheiro a latrina e leite azedo, nos campos, nos estábulos, nos pátios das quintas, ela não existia, era jogada, a

cara e a coroa, entre dois espelhos, nos salões ornamentados do Hotel Dreesen. O velho passou a mão pela testa e disse com voz clara: «Pois bem, se o senhor quiser, vamos discutir, um por um, os artigos do seu memorando.» E o Dr. Schmitt percebeu que a hora dos intérpretes voltara a soar.

Hitler aproximou-se da mesa, e a bela voz grave subiu ao ar puro; no quinto andar do Hotel Massilia, uma mulher que tomava ar fresco na varanda ouviu-a e disse: «Gomez!, vem ouvir o negro, canta bem!» Milan pensou na sua perna, e a alegria desapareceu-lhe, apertou com força o ombro de Anna e disse:

«Não hão-de querer saber de mim, já não sirvo para nada.» E o negro cantava. Charles Viguier estava morto, as suas duas mãos pálidas repousavam sobre os lençóis, as duas mulheres velavam-no falando dos acontecimentos, tinham logo simpatizado uma com a outra, Jeannine pegou numa toalha e limpou as mãos, em seguida pôs-se a esfregar-lhe as coxas, Chamberlain dizia:

«No que se refere ao primeiro parágrafo, apresentarei duas objecções» e o negro cantava: Bei mir, bist du schön; isto significa: «Para mim, és a mais bonita.»

Duas mulheres pararam, ele conhecia-as, Anina e Dolorès, duas prostitutas da Rua Eacydon, Anina disse-lhe: «Estás a cantar?», e ele não respondeu, cantava e as duas mulheres sorriam para ele, e Sarah chamou impaciente: «Gomez, Pablo, venham já, que é que estão a fazer? Está aqui um negro a cantar, é uma beleza.

SÁBADO, 24 DE SETEMBRO

Em Crevilly, ao soarem seis horas, o velho Croulard entrou na esquadra e bateu à porta do escritório. Pensava: «Acordaram-me.» Pensava que lhes diria: «Porque me acordaram?»

Hitler dormia, Chamberlain dormia, o seu nariz produzia uma musicazinha de flauta, Daniel sentara-se na cama, inundado de suor, pensando: «Foi só um pesadelo!»

— Entre! — disse o oficial. — Ah!, é você, velho Croulard? Pois vai ser preciso fazer força.

Ivich gemeu um pouco e virou-se de lado.

— Foi o miúdo quem me acordou — disse o velho Croulard. Olhou o oficial com rancor: — Deve ser muito importante!

— Ah!, meu velho Croulard — disse o oficial —, precisa de engraxar as botas!

Croulard não gostava do oficial. Disse:

— Isso de botas não é comigo. Não tenho botas, só uso tamancos.

— Será preciso engraxar as botas — repetiu o oficial —, estamos no mato sem cachorro!

Sem bigode, parecia uma rapariga. Usava monóculo e tinha o rosto rosado como a professora. Inclínava-se para a frente, de braços abertos, apoiando-se à mesa com a ponta dos dedos.

Croulard olhava-o e pensava: «Foi ele quem me mandou acordar.»

— Ele disse-lhe que trouxesse a cola? Croulard segurava o frasco de cola atrás de si; mostrou-o em silêncio.

— E os pincéis? — perguntou o oficial. — E preciso andar depressa! Não vai ter tempo de voltar a casa.

— Os pincéis estão no meu blusão — disse Croulard com dignidade. — Despertaram-me de repente, mas, mesmo assim, não esqueceria os pincéis.

O oficial estendeu-lhe o rolo:

— Cole um na fachada da Câmara, dois na praça, e um na casa do notário.

— Do notário Belhome? É proibido colar cartazes aí.

— Que me importa? — disse o oficial; parecia nervoso e alegre e disse: — Tomo a responsabilidade, toda a responsabilidade.

— É mesmo a mobilização?

— Faça o que eu disse. Vai custar caro, vais custar caro.

— Oh! — disse Croulard. — Eu e o senhor, penso que vamos fica aqui.

Bateram à porta e o tenente foi abrir. Era o presidente da Câmara. Estava de tamancos, mas pusera a faixa oficial por cima do blusão. Disse:

— Que me veio dizer o rapaz?

— Eis os cartazes — disse o tenente.

O prefeito pôs os óculos e começou a ler os cartazes. Leu a meia voz: «Mobilização geral», e pousou-os novamente na mesa como se tivesse medo de se queimar. Disse:

— Estava a trabalhar no campo, vim buscar a minha faixa.

O velho Croulard estendeu a mão, enrolou os cartazes e pô-los debaixo do braço. Disse ao prefeito:

— Eu também dizia para mim mesmo que não era normal acordarem-me tão cedo.

— Vim buscar a minha faixa — disse o prefeito. Olhou inquieto para o tenente: — Elas não falam de requisições.

— Há outro cartaz — disse o tenente.

— É o diabo! É o diabo! Essa história vai então recomeçar!

— Eu fiz a guerra, eu — disse o velho Groulard. — Cinquenta e dois meses sem um ferimento. — Franziu os olhos, excitado pela lembrança.

— Eu sei, eu sei — disse o prefeito. — Fez a outra guerra, mas não fará esta. E depois, que importância têm as requisições para si?

O tenente bateu na mesa com autoridade:

— É preciso fazer alguma coisa. Alguma coisa. O prefeito parecia desorientado. Enfiara as mãos na faixa e fazia-se de importante:

— O homem que toca tambor está doente — explicou ele.

— Eu sei tocar — disse Croulard. — Posso substituí-lo. — Sorriu: — há dez anos que sonhava com isso.

— Tambor? — disse o tenente. — O senhor vai mandar é dobrar o sino. É isso que o senhor vai fazer!

Chamberlain dormia, Mathieu dormia, o cabila encostou a escada ao autocarro, pôs a mala ao ombro e subiu sem a ajuda das mãos. Ivich dormia, Daniel pôs as pernas fora da cama, o sino batia desesperadamente na sua cabeça, Pierre olhava para a planta dos pés, rósea e negra, do cabila, e pensava: «É a mala de Maud.» Mas Maud não estava ali, partiria um pouco mais tarde com Doucette, France e Ruby no carro de um velho muito rico que era amante de Ruby; em Paris, Nantes, Mâcon, os homens colavam cartazes brancos nas paredes, os sinos dobravam em Crevilly, Hitler dormia, Hitler era uma criança, tinha quatro anos, haviam-lhe vestido a sua roupa mais bonita, um cão negro passou, ele quis agarrá-lo com a rede de apanhar borboletas; os sinos dobravam, Madame Reboulrier acordou assustada e disse:

— Está alguma coisa a arder.

Hitler dormia, cortava em tiras, com uma tesoura de unhas, as calças do pai, Leni von Riefenstahl entrou, apanhou as tiras de flanela e disse: «Vais ter de comê-las em salada.»

Os sinos dobravam, dobravam, dobravam, Maublanc disse para a mulher:

— Aposto que foi a serração que ardeu.

Foi para a rua. Madame Reboulrier, de camisa cor-de-rosa, por trás da persiana, viu-o passar e chamar o carteiro que corria.

Maublanc gritou:

— Eh! Anselme!

— É a mobilização — gritou o carteiro.

— O quê? Que disse ele? — perguntou Madame Reboulrier ao marido, que viera juntar-se a ela. — Não é incêndio?

Maublanc olhou para os dois cartazes e leu-os a meia voz,

depois deu meia volta e regressou a casa. A sua mulher estava à porta, ele disse-lhe: «Diz a Paul que atrele a carroça.»

Ouviu um ruído e voltou-se: era Chapin, na sua carroça; falou-lhe: «Ena! levantaste-te cedo, estás assim com tanta pressa?» Chapin não respondeu. Maublanc olhou para a traseira da carroça: dois bois acompanhavam-na amarrados a uma corda.

Disse a meia voz: «Bichos danados e bonitos.» «Podes dizê-lo», atalhou Chapin com cólera, «podes dizer que são uns belos animais». Os sinos dobravam, Hitler dormia, o velho Fraigneau dizia ao filho: «Se me levam os dois cavalos e a ti, como é que eu vou trabalhar?» Nanette batia à porta e Madame Reboulrier disse-lhe: «É você, Nanette? Vá à praça ver porque tocam os sinos.» E Nanette respondeu: «Mas a senhora não sabe? É a mobilização geral.»

Como todas as manhãs. Mathieu pensava: «Como todas as manhãs.»

Pierre encostara-se à vidraça: olhava, pela janela, os árabes sentados no chão ou nos baús coloridos, esperando o carro para Ouarzazat; Mathieu abrira os olhos, olhos de recém-nascido, ainda cegos, pensava: «Para quê?», como todas as manhãs. Uma manhã de terror, uma flecha de fogo atirada contra Casablanca, Marselha, o autocarro trepidava aos seus pés, o motor funcionava, lá fora, o motorista, um tipo alto com um boné cinzento de viseira de couro, acabava de fumar o cigarro sossegadamente. Pierre pensava: «Maud despreza-me.» Uma manhã como todas as manhãs, estagnada e viva, uma pomposa cerimónia quotidiana com clarins e fanfarra e o despertar público do sol.

Houvera outrora outras manhãs: começos; o despertador tocava, Mathieu levantava-se de um pulo, os olhos duros, sem cansaço, como ao toque de um clarim militar. Já não havia começos, nada mais a empreender. E, no entanto, ia ser preciso levantar-se, tomar parte na cerimónia, abrir caminhos e atalhos nesse calor, fazer todos os gestos do culto, como um padre que perdeu a fé. Pôs as pernas fora da cama, ergueu-se, tirou o pijama. «Para quê?» E deixou-se cair novamente de costas, todo nu, as mãos sob a nuca, começou a distinguir o tecto, através de uma bruma branca. «Exausto. Completamente exausto. Dantes, eu carregava os dias às costas, fazia-os passar de uma margem para a outra; agora são eles que me carregam.» O autocarro trepidava, batia, dava socos sob os seus pés, o soalho queimava, parecia-lhe que as solas dos pés se rachavam com o calor, o grande coração covarde de Pierre batia, dava socos, dava socos de encontro às almofadas mornas, o vidro queimava e no entanto ele sentia-se gelado, e pensava:

«Começa.» Acabaria num buraco, perto de Sedan ou de Verdun, e ainda estava no começo. Ela tinha-lhe dito: «Tu és então covarde», olhando-o com desprezo. Lembrou-se do rostinho sério,

febril, de olhos sombrios, lábios finos, sentiu uma pontada no coração e o autocarro arrancou. Fazia ainda bastante frio; Louison Corneille, a irmã da guarda-cancela, que tinha vindo de Lisieux para ajudar a mana doente a tomar conta da casa, saiu para abrir a passagem de nível e disse: «O frio até corta!» Estava de bom humor porque estava noiva. Há dois anos que estava noiva, mas cada vez que pensava nisso ficava bem-humorada. Pôs-se a dar à manivela e depois parou. Estava certa de que havia alguém na estrada, atrás de si. Não pensara em olhar ao sair de casa, mas tinha a certeza.

Voltou-se e ficou sem fôlego: havia mais de cem carroças, carretas, carros de bois, velhos trens que esperavam, imóveis, em fila. Os homens estavam sentados, muito direitos nos bancos, de chicote na mão, ar zangado, em silêncio. Havia outros a cavalo e outros a pé, puxando os seus bois. Era tão engraçado que teve medo. Girou a manivela depressa e saltou para o lado da estrada. Os homens chicotearam os cavalos e as carroças começaram a andar diante dela, o autocarro rodava entre as estepes vermelhas, os árabes formigavam atrás de si, Pierre disse: «Malandros do diabo, nunca estou tranqüilo quando os sinto atrás de mim, sabe Deus o que prepararam!» Pierre lançou uma olhadela para o fundo do carro: estavam ali amontoados, já cinzentos e esverdeados, de olhos fechados. Uma mulher de véu deixara-se escorregar entre os sacos e as bagagens, de costas, viam-se-lhe as pálpebras cerradas por cima do véu. «Que porcaria, daqui a cinco minutos vão começar a vomitar, essa gente não tem estômago.» Louison reconhecia-os ao passarem, eram os rapazes de Crevilly, podia chamar pelo nome de cada um deles, mas eles não tinham o seu aspecto habitual, o grandalhão vermelho era o filho de Chapin, dançara com ele na noite de São Martinho, gritou-lhe: «Eh! Mareei, estás muito orgulhoso!» Ele voltou-se e olhou-a de um modo intimidante.

Ela disse: «Será que vai para a farra?» Ele respondeu: «Tens razão, sim, é mesmo uma farra.» A carreta atravessou os carris às sacudidelas, dois bois seguiam-na, dois belos animais.

Outras carretas passaram, ela olhava-as protegendo os olhos com as mãos. Reconheceu Maublanc, Tournus, Cauchois, eles não lhe ligaram, passavam, bem direitos nos bancos, pegando nos chicotes como em ceptros, tinham cara de reis maus. O seu coração parecia apertar-se e gritou-lhes: «E a guerra?» Mas ninguém lhe respondeu.

Passaram nos seus carros mancos, aos saltos, acompanhados pelos bois com um ar cómico de nobreza, desapareceram, uns após os outros, na curva da estrada; ela ficou um momento a olhar, com a mão a proteger os olhos, contra o sol-nascente, o autocarro corria como o vento, virava, rodava a roncar, ela pensava em Jean Matrat, o seu noivo, que fazia o serviço militar em Angoulême, num regimento de sapadores, as carretas voltaram a aparecer, como

moscas na estrada branca, coladas ao flanco da colina; o autocarro enfiou-se por entre os rochedos escuros, virou, virou, e a cada curva os árabes eram lançados uns contra os outros e gemiam com uma voz patética. A mulher de véu levantou-se subitamente e da sua boca, invisível sob a musselina branca, saíram horríveis imprecações; agitou os braços grossos como coxas, por cima da cabeça, as mãos pequenas e roliças dançavam, com as suas unhas pintadas; por fim, arrancou o véu, debruçou-se na janela e pôs-se a vomitar gemendo. «Pronto», disse Pierre, «vão-se estripar em cima de nós». As carreiras não avançavam, pareciam coladas à estrada.

Louison contemplou-as durante longo tempo: moviam-se, moviam-se sem dúvida, alcançavam, uma após outra, o cimo da colina e desapareciam. Louison deixou cair a mão e os seus olhos ofuscados piscaram, em seguida, voltou para dentro para tratar das crianças. Pierre pensava em Maud, Mathieu pensava em Odette, sonhara com ela, agarravam-se pela cintura e cantavam a barcarola dos Contos de Hoffmann no pontão do Provençal. Agora estava nu, suando na cama, olhava para o tecto e Odette fazia-lhe companhia. «Se não morri de tédio, é bem a ela que o devo.» Um rumor cinzento tremia ainda nos seus olhos, um resto de ternura ainda bulia no seu coração. Uma ternura pálida, uma triste ternura de sonho de um instante, um pretexto para ficar estendido de costas por mais um pouco. Dentro de cinco minutos a água fria escorrer-lhe-ia pela nuca e pelos olhos, a espuma do sabão crepitaria nos seus ouvidos, o dentrífico empastar-lhe-ia as gengivas, não teria mais ternura por ninguém. Cores, luzes, odores, sons. E palavras, palavras amáveis, sérias, sinceras, divertidas, palavras até à noite. Mathieu... pfff! Mathieu era um futuro. Não há mais futuro. Mathieu só existe em sonho, entre a meia-noite e as cinco da manhã. Chapin pensava: «Dois belos animais!»

Estava-se nas tintas para a guerra: depois se veria. Mas aqueles animais, cuidava deles há cinco anos, castrara-os ele próprio, isso cortava-lhe o coração. Chicoteou o cavalo e obrigou-o a puxar para a esquerda, a sua carroça passou lentamente pela de Simenon. «Que história é essa?», disse Simenon. «Estou farto, gostaria de já ter chegado!» «Vais cansar os animais», tornou Simenon. «Pouco me importa agora», disse Chapin. Tinha vontade de ultrapassar todos. Pusera-se de pé, dava estalos com a língua e gritava: «Vá! Vá!», ultrapassou a carroça de Popaul, desviou-se da carroça de Poulaille. «Estás a fazer uma corrida?», perguntou Poulaille.

Chapin não respondeu e Poulaille gritou atrás dele: «Cuidado com os animais, vais estourá-los!» e Chapin pensou: «Que rebentem!» Batiam; Chapin ia à frente e os outros seguiam-no e batiam nos seus cavalos por imitação; batiam, Mathieu levantara-se, esfregava os olhos, batiam; o autocarro derrapou para não ir contra um árabe de bicicleta que transportava uma

muçulmana gorda de véu; batiam. Chamberlain sobressaltou-se e disse: «Quem é? Quem está a bater?», e uma voz respondeu: «São sete horas. Excelência.» À entrada do quartel havia uma cancela de madeira. Uma sentinela guardava-a. Chapin puxou as rédeas e berrou: «C'os diabos!» «Ena», disse a sentinela, «de onde é que você vem com essa pressa?» «Vamos, levanta essa cancela», disse Chapin. «Não tenho ordens», disse a sentinela.

«Já te disse para levatares isso.» Um sargento saiu do posto de guarda. Todas as carroças tinham parado; ele observou-as por um instante e depois assobiou: «Que é que vocês vêm aqui fazer?», perguntou. «Estamos mobilizados», disse Chapin, «será que já não precisam de nós?» «Tens a caderneta?», perguntou o sargento. Chapin passou revista aos bolsos, o sargento olhava para aqueles homens silenciosos, sombrios, orgulhosos, imóveis, que pareciam apresentar armas e sentiu-se orgulhoso sem saber porquê. Deu um passo em frente e gritou: «E os outros? Todos têm as suas cadernetas? Peguem nelas.» Chapin encontrara a sua. O sargento pegou nela e folheou-a: «Pois bem, você é o número três, seu idiota, tem assim tanta pressa? É para a próxima vez.» «Estou-lhe a dizer que estou mobilizado», disse Chapin. «Sabe melhor do que eu?», tornou o sargento. «Naturalmente que sei, li no cartaz», disse Chapin.

Atrás deles, os homens impacientavam-se, Poulaille gritou: «Então, acaba ou não acaba?» «Leu no cartaz?», perguntou o sargento. «Pois olha aí o cartaz, lê-o se é que sabes ler.»

Chapin largou o chicote, saltou para o chão, aproximou-se da parede. Havia três cartazes. Dois a cores: «Assentai praça no exército colonial!» e um branco: «Chamada imediata de certas categorias de reservistas.» Ele leu vagarosamente, a meia voz, meneando a cabeça: «Não foi esse que colaram lá na terra!»

Maublanc, Poulaille, Fraigneau tinham descido das carroças, olharam para o cartaz e disseram: «Esse não é o nosso.» «De onde é que vocês vêm?», indagou o sargento. «De Crevilly», disse Poulaille. «Não sei, não», disse o sargento, «mas tenho a ideia de que há lá no posto de Crevilly um bom imbecil! Enfim! Entreguem as vossas cadernetas e vamos ter com o tenente». Na grande Praça de Crevilly, as mulheres cercavam Madame Reboulrier, que tanta caridade fazia no lugar, ali estavam a Marie, a Stéphanie, a mulher do vendedor de cigarros e a Jeanne Fraigneau. Marie chorava docemente, Madame Reboulrier pusera o seu grande chapéu preto, falava agitando a sombrinha: «Não chore, Marie, é preciso cerrar os dentes. Sim, cerrar os dentes. O seu marido voltará cheio de citações no boletim do exército e de medalhas. E talvez não seja ele o mais desgraçado, verá. Porque, desta vez, todos estão mobilizados, homens e mulheres.»

Apontou a sombrinha para leste e sentiu-se vinte anos mais nova: «Vai ver, vai ver, talvez sejam os civis que ganharão a

guerra!» Mas Marie assumira o seu ar de estupidez profunda, os soluços sacudiam-lhe os ombros e ela olhava o monumento aos mortos através das lágrimas, e conservava um silêncio irritante. «Às ordens», disse o tenente. Apertava o auscultador contra o ouvido e repetia: «Às ordens.» E a voz mole e furiosa não parava: «E está a dizer-me que partiram? Meu pobre amigo, belo trabalho! Ah!, não posso deixar de lhe dizer que é um golpe capaz de acabar com a sua carreira!» O velho Croulard atravessava a praça com as brochas e um rolo branco debaixo do braço. Marie gritou-lhe: «O que é isso?»

Madame Reboulrier viu com impaciência que nos olhos dela brilhava uma estúpida esperança. O velho Croulard ria satisfeito, mostrou o rolo branco e disse: «Não é nada. Foi o tenente que se enganou no cartaz!» O tenente desligou o telefone e sentou-se, tinha as pernas moles: «Um golpe capaz de liquidar a sua carreira!» Levantou-se, foi até à janela aberta: no muro em frente, fresquinho, ainda húmido, branco como a neve, o cartaz brilhava: «Mobilização geral.» A cólera subiu-lhe à garganta, pensava: «Disse-lhe para tirar aquele antes de todos os outros, mas o desgraçado vai deixá-lo para o fim.» Subitamente, saltou pela janela, correu para o cartaz e pôs-se a rasgá-lo. Croulard mergulhou a brocha na cola, Madame Reboulrier olhava-o aborrecida, o tenente raspava, raspava, tinha bolinhas de papel nas unhas; Blomart e Cormier tinham ficado no quartel; os demais haviam voltado aos seus cavalos e entreolhavam-se hesitantes; tinham vontade de rir e de se zangarem, sentiam-se vazios como depois da feira. Chapin aproximou-se dos seus bois e acariciou-os. Tinham o focinho e o peito cheios de baba, pensou tristemente: «Se soubesse, não os teria castigado tanto.» «Que vamos fazer?», perguntou Poulaille atrás dele. «Não podemos voltar já», disse Chapin, «é preciso deixar que os animais descansem». Fraigneau olhava para o quartel e enchia-se de recordações, deu uma cotovelada em Chapin, rindo manhosamente: «Se a gente fosse até lá?» «Até lá onde, homem?», indagou Chapin. «Ora, ao bordel!», disse Fraigneau. Cercaram-no todos, dando-lhe pancadinhas nas costas, riam e diziam: «Fraigneau danado! Tem sempre boas ideias!» O próprio Chapin desanuviou-se: «Eu sei onde é, pessoal, subam para as carroças que eu vou à frente!»

Oito horas e trinta. Um esquiador girava em volta do trampolim, puxado por um barco; de quando em quando, Mathieu ouvia o roncar do motor e em seguida o barco afastava-se, o esquiador transformava-se num ponto escuro e não se ouvia mais nada. O mar, raso, duro e branco, parecia uma pista de patinagem deserta. Dentro em pouco, tornar-se-ia azulado, pôr-se-ia a marulhar, far-se-ia líquido e profundo e seria o mar de todo o mundo, cheio de gritos, manchado de cabecinhas pretas. Mathieu atravessou o terraço, seguiu durante algum tempo pelo passeio. Os cafês estavam ainda fechados, dois automóveis passaram. Saira

sem objectivo preciso: para comprar o jornal, para respirar o cheiro forte dos sargaços e eucaliptos que se arrastava pelo porto e para fazer horas. Odette dormia ainda, Jacques trabalhava até às dez horas. Voltou para uma rua comercial que ia até à estação, cruzou-se com duas jovens inglesas que riam; quatro pessoas tinham-se reunido em volta de um cartaz. Mathieu aproximou-se: sempre o faria passar mais um momento. Um homenzinho barbudo meneava a cabeça. Mathieu leu:

«Por ordem do ministro da Defesa Nacional e da Guerra e do ministro da Força Aérea, os oficiais, sargentos e soldados da reserva, portadores de uma ordem ou caderneta de mobilização de cor branca, trazendo carimbado o número dois, deverão pôr-se a caminho imediatamente, sem demora, sem aguardar notificação individual.

Dirigir-se-ão ao local de convocação indicado na sua caderneta ou ordem de mobilização, nas condições determinadas por este documento.

Sábado, 24 de Setembro de 1938, nove horas.

O ministro da Defesa Nacional, da Guerra e da Força Aérea.»

«Ta, ta, ta, ta», murmurou o homenzinho com um ar de censura.

Mathieu sorriu-lhe e releu com atenção: era um daqueles documentos de que se devia tomar conhecimento, e que há algum tempo enchiam os jornais sob o título «Declaração do Foreign Office» ou «Comunicação do Quai d'Orsay». Era sempre necessário lê-los duas vezes para entender. Mathieu leu: «Dirigir-se-ão ao local de convocação indicado», e pensou: «Mas eu tenho a ordem n.º 2!» Subitamente, o cartaz começou a visá-lo, era como se tivessem escrito o seu nome na parede, entre insultos e ameaças. Mobilizado: estava ali, na parede — talvez já se pudesse ler isso também no seu rosto.

Corou e afastou-se rapidamente. «Ordem n.º 2. Pronto. Começo a ficar tonto.» Odette ia olhá-lo com uma emoção contida.

Jacques assumiria o seu ar de domingo e dir-lhe-ia: «Meu velho, não tenho nada a dizer-te.» Mas Mathieu sentia-se modesto e não tinha vontade de entontecer. Virou à esquerda, na primeira rua, e apertou o passo: na calçada da direita havia outro pequeno grupo zumbindo diante de um cartaz. Na França inteira. Aos pares. Aos magotes. Diante de milhares de cartazes. E em cada grupo há pelo menos um tipo que apalpa a sua caderneta militar através do tecido do casaco, e se sente tonto. Rua do Correio. Dois cartazes, dois agrupamentos.

Falava-se ainda deles. Enveredou por uma viela comprida e sombria. Pelo menos aquela, tinha a certeza, teria sido poupada pelos coladores de cartazes. Estava só, podia pensar em si. Pensou: «Pronto, chegou a hora!» Sim, aquele dia, redondo e cheio, em que

devia morrer de velhice, serenamente, sem sair do seu lugar, alongava-se subitamente, como uma flecha, lançava-se para dentro da noite fragorosamente, deslizava na sombra, no fumo, nos campos desertos, através de um tumulto de eixos e rodas, Mathieu escorregava por ele como num tobogã e só pararia ao fim da noite, em Paris, no cais da estação de Lião. Já falsas luzes se infiltravam no dia claro: as futuras luzes das gares nocturnas. Já uma vaga dor flutuava no fundo dos seus olhos: a futura dor seca das insônias. Mas ele não se aborrecia: nem com isso, nem com outra coisa... não se divertia, tão-pouco; fosse como fosse, era anedótico, pitoresco. «Vou ter de perguntar a hora do comboio para Marselha», pensou. A viela reconduziu-o insensivelmente à Corniche. Desembocou, de repente, em plena luz e sentou-se na esplanada de uma cervejaria que acabava de abrir. «Um café e o horário dos comboios.» Um senhor de bigodes grisalhos veio sentar-se perto dele. Uma mulher madura acompanhava-o. O senhor abriu o *Eclair* de Nice, a mulher voltou-se para o mar. Mathieu fixou-a por um instante e ficou triste. Pensou: «Será preciso pôr os meus negócios em ordem. Instalar Ivich em Paris no meu apartamento, dar-lhe uma procuração para que ela possa receber o meu ordenado.» A cabeça do senhor reapareceu por cima do jornal: «E a guerra», disse ele. A mulher suspirou sem responder; Mathieu olhou para as faces brilhantes e polidas do senhor, para o seu casaco de tweed, para a camisa de riscas violeta e pensou: «E a guerra.»

A guerra. Alguma coisa que ainda se ligava a ele só por um fio desprende-se, contraiu-se e caiu para trás. Era a sua vida; ela estava ali morta. Morta. Ele voltou-se e olhou para ela.

Viguiet, morto, tinha as mãos estendidas sobre o lençol branco, uma mosca andava-lhe na testa, e o seu futuro alongava-se a perder de vista, ilimitado, fixo como o seu olhar fixo sob as pálpebras mortas. O seu futuro: a paz, o futuro do mundo, o futuro de Mathieu. O futuro de Mathieu estava ali, a descoberto, fixo e vítreo, fora de jogo.

Mathieu sentara-se a uma mesa de café, bebia, situava-se além do seu futuro olhava-o e pensava: «A paz.» Madame Verchoux mostrou Viguiet à enfermeira, estava com torcicolo, os seus olhos ardiam, disse: «Era um bom homem.» E procurou uma palavra, uma palavra mais cerimoniosa para o qualificar; era a sua parente mais próxima e cabia-lhe concluir. A palavra «calmo» veio-lhe à boca, mas não era bastante concludente.

Disse: «Era um homem pacífico» e calou-se. Mathieu pensou:

«Tive um futuro pacífico.» Um futuro pacífico: amara, odiara, sofrera, e o futuro estava ali, à sua volta, acima da sua cabeça, por toda a parte, como um oceano, e cada um dos seus acessos de raiva, cada uma das suas desgraças, cada um dos seus sorrisos, alimentavam-se desse futuro invisível e presente. Um sorriso um

simples sorriso, era uma hipoteca sobre a paz do dia seguinte, do ano seguinte, do século; senão eu nunca teria ousado sorrir. Anos e anos de paz futura haviam-se depositado previamente nas coisas e tinham-nas amadurecido, dourado; pegar no relógio, num trinco da porta, na mão de uma mulher, era tomar a paz nas mãos. O pós-guerra era um começo. O começo da paz. Vivia-se nele sem pressa como se vive uma manhã. O jazz era um começo, e o cinema, de que tanto gostei, era um começo. E o surrealismo. E o comunismo.

Eu hesitava, escolhia demoradamente, tinha tempo. O tempo, a paz, eram a mesma coisa. Agora esse futuro está aqui, a meus pés, morto. Era um falso futuro, uma impostura. Recordava os vinte anos serenos que vivera, uma planície marinha, e via-os agora como tinham sido: um número finito de dias, comprimidos entre dois muros altos, sem esperança, um período catalogado, com um começo e um fim, que figuraria nos manuais de História sob a denominação de «entre duas guerras». «Vinte anos: 1918-1938. Vinte anos apenas! Ontem, esse tempo parecia mais curto e mais longo, simultaneamente: de resto, ninguém tinha pensado em contar, porquanto não estava acabado. Agora está acabado. Era um falso futuro. Tudo aquilo que nós vivemos há vinte anos, vivemo-lo em falso.

Éramos aplicados e sérios, procurávamos compreender e eis o que nos aconteceu: aqueles belos dias tinham um futuro secreto e negro, enganavam-nos, a guerra de hoje, a nossa Grande Guerra, furtava-no-los às ocultas. Éramos atraídos sem o sabermos. Agora a guerra está aí, a minha vida morreu. Era isso, a minha vida: é preciso reconsiderar tudo, desde o início.» Procurou uma lembrança, qualquer uma, a que primeiro aparecesse, aquela tarde em Pérouse, sentado na esplanada, comendo um sorvete de damasco e olhando ao longe, na poeira, a colina serena de Assise. Pois bem, era a guerra que deveria ter lido no rubor do crepúsculo. «Se eu tivesse podido entrever uma promessa de tormenta e de sangue nos ruivos raios de luz que douravam a mesa e o parapeito, aquele momento pertencer-me-ia agora, ao menos isso estaria salvo. Mas eu estava confiante, o sorvete dissolvia-se na minha boca e eu pensava: "Velhos ouros, amor, glória mística."» E perdi tudo.

O empregado passava, Mathieu chamou-o, pagou e levantou-se sem saber bem o que fazia. Deixava a vida atrás de si, eu mudei.

Atravessou a rua e foi debruçar-se na balaustrada em frente do mar. Sentia-se sinistro e leve; estava nu, tinham-lhe roubado tudo. «Não possuo mais nada, nem o meu passado. Mas era um falso passado e não o lamento.» Pensou: «Despojaram-me da minha vida. Era uma vida medíocre e malograda, Marcelle, Ivich, Daniel, uma vida miserável, mas isso pouco me importa agora, posto que está morta. A partir desta manhã, desde que colaram aqueles

cartazes brancos nas paredes, todas as vidas são malogradas, todas estão mortas. Se eu tivesse feito o que queria, se ao menos uma vez, uma única vez, eu tivesse podido ser livre, nem por isso a minha vida teria deixado de ser um engano, pois eu teria sido livre para a paz, nesta paz enganadora, e agora estaria aqui na mesma, diante do mar, apoiado à balaustrada, com todos esses cartazes brancos colados atrás de mim: todos esses cartazes que falam de mim, em todas as paredes de França, e que dizem que a minha vida morreu e que jamais houve paz: não valia a pena ter-me esforçado tanto, ter tido tantos remorsos.» O mar, a praia, as tendas, a balaustrada: frios e exangues. Perdera o seu antigo futuro e ainda não lhe haviam dado outro: flutuavam no presente. Mathieu flutuava. Um sobrevivente, nu numa praia, entre trapos encharcados, caixotes rebentados, objectos sem uso definido que o mar devolveu. Um moço moreno saiu de uma tenda, parecia calmo e vazio, olhou o mar, hesitante: um sobrevivente, somos todos sobreviventes, os oficiais alemães sorriam e cumprimentavam, o motor roncava, o hélice girava, Chamberlain cumprimentou, sorriu, deu meia volta e colocou o pé na escada.

O exílio da Babilónia, a maldição contra Israel e o Muro das Lamentações, nada mudara para o povo judeu desde os tempos em que os seus filhos passavam acorrentados entre as torres vermelhas da Assíria, sob o olhar cruel dos conquistadores de barba encaracolada. Schalom caminhava no meio desses homens de cabelo preto, de anéis bem torneados e cruéis. Pensava que nada mudara. Schalom pensava em Georges Lévy. Pensava: «Já não temos o sentido da solidariedade entre os judeus, eis a verdadeira maldição divina!», e sentia-se patético, mas não de muito mau humor, porque vira aqueles cartazes brancos nas paredes. Pedira um auxílio a Georges Lévy, mas Georges Lévy era um homem duro, um judeu alsaciano; recusara. Não recusara exactamente, gemera e torcera os braços, falara da mãe, da crise. Mas toda a gente sabia que ele detestava a sua velha mãe e que não havia crise no comércio de peles. Schalom pusera-se, ele também, a gemer e erguera os braços aflitos para o céu, falara do novo êxodo e dos pobres judeus emigrados que tinham sofrido por todos os outros e na sua carne. Lévy era um homem duro, um mau rico, gemera mais forte, empurrando Schalom para a porta com o ventre proeminente, e soprando-lhe no nariz. Schalom gemia e recusava, com os braços erguidos, e tinha vontade de sorrir, imaginando como se estariam a divertir com o espectáculo os empregados do outro lado da porta. Na esquina da Rua Quatre-Septembre havia uma rica charcutaria coberta de espelhos. Schalom deteve-se maravilhado, olhava os chouriços, os pastéis, os rosários de salsichas envernizadas, as mortadelas barrigudas, os salames enrugados, os salsichões com as suas pontinhas rosadas, e pensava em Viena. Evitava, na medida do possível, comer carne de porco, mas os pobres emigrados são obrigados a alimentarem-se com o que encontram.

Quando saiu da charcutaria, trazia, pendurado num dedo por um fio cor-de-rosa, um pacotinho tão branco, tão delicado, que se diria de doces. Estava escandalizado. Pensava: «Todos os franceses são maus ricos.» O povo mais rico de toda a Europa.

Schalom seguiu pela Rua Quatre-Septembre, invocando a maldição divina contra os maus ricos e, como se o céu o houvesse entendido, viu, com o canto do olho, um grupo de franceses, imóveis e mudos diante de um cartaz branco. Passou perto deles, baixando o olhar e apertando os lábios, porque não convinha naquele momento que um pobre judeu fosse apanhado a sorrir nas ruas de Paris. Birnenschatz, lapidário: era ali.

Hesitou um instante, antes de atravessar o portão, e meteu o pacote de mortadela na pasta. Os motores trabalhavam, roncavam, o soalho tremia, o ar cheirava a éter e gasolina, o autocarro afundava-se nas chamas, oh!, Pierre, então tu és um covarde, o avião nadava no sol, Daniel martelava o cartaz com a ponta da bengala; dizia: «Estou tranqüilo, não seremos tão tolos a ponto de irmos lutar sem aviões.» O avião passou por cima das árvores, raspando-as quase, o Dr. Schmitt levantou a cabeça, o motor roncava, ele viu o avião entre as folhas, um brilho de mica no céu, pensou: «Boa viagem!» e sorriu; os árabes, vencidos, resignados, lívidos, jaziam amontoados ao fundo do carro, um negrinho saiu da choupana, agitou as mãos, ficou a contemplar o autocarro que se afastava: «Viram o judeuzinho? Comprou-me meio quilo de mortadela, e eu que pensava que eles não comiam porco!» O negrinho e o intérprete voltavam a passos lentos, a cabeça ainda cheia do roncar dos motores. Era uma mesa redonda de ferro, pintada de verde, com um buraco no meio para o cabo do guarda-sol, estava manchada de castanho como uma pêra, e sobre ela o jornal *Le Petit Niçois*, nem sequer aberto. Mathieu tossiu, ela estava sentada junto da mesa, tomara o café no jardim, como é que eu lhe vou dizer? Nada de histórias, principalmente nada de histórias, se ela pudesse não dizer nada, não, calar-se ainda era muito, se ela pudesse levantar-se e dizer: «Pois bem, vou preparar umas sanduíches para a viagem.» Simplesmente. Ela estava de roupão e lia a correspondência. «Jacques ainda não desceu», disse ela, «trabalhou esta noite até tarde». As suas primeiras palavras eram para falar de Jacques, depois não se referia mais a ele. Mathieu sorriu e tossiu. «Sente-se», disse ela, «há duas cartas para si». Ele pegou nelas e perguntou:

— Leu o jornal?

— Ainda não, Mariette trouxe-o com a correspondência e não me decidi ainda a abri-lo. Nunca apreciei muito os jornais, mas agora detesto-os.

Mathieu sorria e aprovava com a cabeça, mas os seus dentes continuavam cerrados. Entre eles tudo voltara a ser como dantes. Bastava um cartaz colado a uma parede e tudo voltara a ser como

dantes: ela era novamente a mulher de Jacques, ele não achava mais nada para lhe dizer. «Presunto», pensou ele, «eis o que eu gostaria de comer na viagem».

— Leia, leia as suas cartas — disse Odette com vivacidade. — Não se incomode comigo; tenho de subir para me ir vestir.

Mathieu pegou na primeira carta, com o selo de Biarritz; sempre eram alguns minutos ganhos. Quando ela se levantasse, ele dir-lhe-ia: «A propósito, vou partir...» Não, pareceria à-vontade de mais. «Estou de partida...» Era melhor assim.

Reconheceu a letra de Boris e pensou com remorso: «Há mais de um mês que não lhe escrevo.» O sobrescrito continha um cartão-postal. Boris, escrevera nele o seu próprio endereço e colara um selo à esquerda. Do lado direito traçara algumas linhas:

«Meu caro Boris,

Vou bem (1) Vou (1) mal

Eis a razão do meu silêncio: irritação legítima, ilegítima, má vontade, conversão súbita, loucura, doença, preguiça, ignomínia pura e simples (2). Escrever-lhe-ei uma longa carta daqui a... dias. Queira aceitar as minhas desculpas e a expressão da minha amizade arrependida.»

Assinatura:

— Está-se a rir sozinho. — disse Odette.

— É Boris — disse Mathieu. — Está em Biarritz com Lola. — Estendeu-lhe a carta e ela pôs-se também a rir:

(1) Risque a palavra, inútil.

(2) Idem.

— Esse é encantador. Que idade tem? Tem idade para...

— Dezanove anos — disse Mathieu. — Dependerá da duração da guerra.

Odette olhou-o com ternura.

— Os seus alunos fazem o que querem de si!

Tornava-se cada vez mais difícil falar-lhe. Mathieu abriu a outra carta. Era de Gomez, o marido de Sarah. Mathieu não o tornara a ver desde a sua partida para Espanha. Era coronel no exército.

«Meu caro Mathieu,

Vim a Marselha em missão e aqui me encontrei com Sarah e o menino. Volto terça, mas não sem tê-lo visto. Espere-me domingo no comboio das quatro e reserve-me um quarto em qualquer lugar. Vou ver se consigo dar um pulo a Juan-les-Pins. Temos muito que

conversar.

Do amigo

Gomez.»

Mathieu pôs a carta no bolso, aborrecido. «Amanhã é sábado, já terei embarcado.» Tinha vontade de tornar a ver Gomez; naquele momento, era o único amigo que desejaria ver: ele sabia um pouco o que era a guerra. «Poderia talvez encontrá-lo em Marselha, entre dois comboios...» Tirou a carta do bolso, toda amachucada: Gomez não dera o endereço. Mathieu encolheu os ombros, irritado, e lançou a carta para a mesa; Gomez continuava o mesmo, embora fosse coronel: imperioso e impotente. Odette decidiu-se a abrir o jornal, sustinha-o no ar com os braços estendidos e lia-o:

— Oh! — disse ela.

Voltou-se para Mathieu e perguntou-lhe como se não desse grande importância ao caso:

— Não tem o número dois?

Mathieu sentiu que corava, piscou os olhos:

— Tenho — respondeu, confuso. Odette olhava-o com dureza, como se fosse culpado. Ele acrescentou precipitadamente:

— Mas não vou partir hoje, fico ainda por quarenta e oito horas: tenho um amigo que vem ver-me.

Sentiu-se aliviado com a resolução: afastava as efusões por dois dias: «E longe de Juan-les-Pins a Nancy, não me irão chatear por causa de algumas horas de atraso.» Mas o olhar de Odette não se abrandava e ele debatia-se, repetindo:

«Ainda fico quarenta e oito horas, ainda fico quarenta e oito horas», enquanto Ella Birnenschatz pendurava os seus braços magros e morenos no pescoço do pai.

— És um amor, papá!

— Pois bem, vou deixá-lo. Preciso de me ir vestir, mas penso que Jacques vai já descer para lhe fazer companhia.

Saiu, apertando o roupão nas ancas redondas e finas, Mathieu pensou: «Ela portou-se bem; quanto a isto, portou-se bem», e sentiu que lhe era grato. Que linda menina, que menina danada, repeliu-a fingindo-se aborrecido, Weiss encostara-se à porta, tinha um ar endomingado:

— Molhas-me todo — disse Birnenschatz, enxugando a cara.
— E enches-me de bâton. Ela riu-se:

— Estás com medo do que irão pensar as dactilógrafas? Toma!
— disse, beijando-lhe o nariz — Toma, toma!

E ele sentiu os lábios quentes na sua cabeça. Segurou-a pelos ombros e afastou-se quanto pôde. Ela ria e debatia-se, ele pensava: «Einda menina, linda menina.» A mãe era gorda e mole, com

grandes olhos medrosos e resignados que o punham pouco à vontade, mas Ella parecia-se com ele e no fundo não devia nada a ninguém, devia a ela própria e a Paris: «Digo-lhes sempre: a raça, o que é a raça, então vocês tomariam Ella por judia se a encontrassem na rua? Fina como uma parisiense, com a tez quente das mulheres do Sul e um rostinho atento e apaixonado, um rostinho equilibrado, repousante, sem tara, sem raça, sem destino, um autêntico rostinho francês.» Largou-a, pegou no estojo que estava na secretária e deu-lho:

— Toma. — E acrescentou, enquanto ela olhava para as pérolas:

— No ano que vem, serão duas maiores, mas serão as últimas: o colar está terminado.

Ela ainda o quis beijar, mas ele disse-lhe: «Vai, vai, feliz aniversário. Vai depressa, chegarás atrasada à aula.»

Ela partiu, sorrindo para Weiss; uma moça fechou a porta, atravessou o escritório, saiu, e Schalom, sentado à beira da cadeira, o chapéu sobre os joelhos, pensou: «Linda judiazinha»; tinha uma cabecinha de macaco, lançada para a frente, que caberia na palma da mão, com grandes olhos míopes, belíssimos, devia ser a filha de Birnenschatz. Schalom levantou-se, fez uma ligeira saudação, que ela não percebeu.

Tornou a sentar-se, pensando: «Parece inteligente de mais; nós somos assim, nós, as nossas expressões estão gravadas a fogo nos nossos rostos; dir-se-ia que suportamos um martírio.»

Birnenschatz pensava nas pérolas, dizia com os seus botões:

«Não é um mau investimento.» Valiam cem mil francos; pensou que Ella as aceitaria sem demonstrações exageradas de alegria, mas sem indiferença: conhecia o valor das coisas, mas achava natural ter dinheiro, receber belos presentes, ser feliz. «Meu Deus, ainda que eu não tivesse feito outra coisa, com a mulher que tenho e com os velhos de Cracóvia atrás de mim, se eu só tiver realizado isso, essa menina, filha de judeus polacos, que não se atormenta à toa, que não se diverte com a própria desgraça, que acha natural ser feliz, creio que não terei perdido o meu tempo.» Voltou-se para Weiss:

— Sabes para onde vai ela? Aposto que não adivinhas. Fazer um curso na Sorbona! É um fenómeno.

Weiss sorriu vagamente, sem perder o seu ar solene.

— Patrão, vim despedir-me.

Birnenschatz olhou-o por cima dos óculos.

— Vais-te embora?

Weiss confirmou com a cabeça e Birnenschatz olhou-o com fingida severidade:

— Já esperava isso! És suficientemente trouxa para arranjares um número dois, não é?

— De facto — disse Weiss a sorrir —, sou mesmo uma trouxa.

— Pois bem! — diz Birnenschatz cruzando os braços —, metes-me em bons lençóis! Que vou eu fazer sem ti?

Repetiu distraidamente: «Que vou eu fazer sem ti? Que vou eu fazer sem ti?» Procurava lembrar-se de quantos filhos tinha Weiss. Weiss olhava-o de lado, inquieto:

— O senhor há-de encontrar um substituto.

— Um substituto! Já terei de pagar-te para não fazeres nada, queres ainda que arranje outro! O teu lugar espera-te, meu caro.

Weiss estava comovido, esfregava o nariz, meio vesgo, era horivelmente feio.

— Patrão...

Birnenschatz interrompeu-o: achava obscenos os agradecimentos; e depois, não tinha lá muita simpatia por Weiss, pois aí estava um que trazia o destino na cara, com os seus olhos furtivos e o grande lábio inferior trémulo de bondade e amargura.

— Bom, está bem. Não deixas a casa, representá-la-ás junto dos oficiais. És tenente, não és?

— Sou capitão — disse Weiss.

«Belo capitão...», pensou Birnenschatz. Weiss tinha um ar feliz, as suas orelhas estavam roxas. Belo capitão... e é isso a guerra, a hierarquia militar.

— Que disparate!

— Hum!

— Não é um disparate?

— Sem dúvida — disse Weiss. — Mas eu queria dizer: para nós, não é assim tão idiota.

— Para nós? — atalhou Birnenschatz espantado. — Para nós quem?

Weiss baixou os olhos:

— Para nós, judeus. Depois do que eles fizeram contra os judeus da Alemanha, temos motivos para lutar. Birnenschatz deu alguns passos, excitado:

— Que história é essa de nós, judeus? Não sei o que é isso. Eu sou francês. Tu sentes-te judeu?

— O meu primo de Gratz está em minha casa desde terça-feira — disse Weiss. — Mostrou-me os braços. Queimaram-nos com charutos desde os cotovelos às axilas.

Birnenschatz parou subitamente, agarrou no encosto da cadeira com as suas mãos fortes e um ódio subiu-lhe aos olhos:

— Os que fizeram isso — disse ele —, os que fizeram isso...

Weiss sorria. Birnenschatz acalmou-se:

— Não é por o teu primo ser judeu, Weiss. É porque é um homem. Não suporto que se maltrate um homem. Mas o que é um judeu? É um homem que os outros homens consideram judeu. Olha para Ella. Tomá-la-ias por isso, se não a conhecesses?

Weiss não parecia convencido. Birnenschatz adiantou-se, tocou-lhe no peito com o indicador:

— Escuta, meu caro Weiss, eis o que te quero dizer: saí da Polónia em 1910, vim para França. Receberam-me bem, dei-me bem aqui, disse para mim mesmo: bem, agora a França é que é o meu país. Em 1914 houve a guerra. Bem (disse), faço a guerra porque este é o meu país. E eu sei o que é a guerra, estive no Chemin dês Dames. Mas agora, agora eu posso dizer: sou francês. Não judeu, não judeu francês: francês! Os judeus de Berlim e de Viena, os dos campos de concentração, tenho pena deles e dá-me ódio pensar que martirizam esses homens. Mas, escuta bem, tudo o que puder fazer para impedir que um francês, um só, se mate por eles, fá-lo-ei. Sinto-me mais próximo do primeiro tipo que encontrar aí na rua do que dos meus tios de Lenz ou dos meus sobrinhos de Cracóvia. As histórias dos judeus alemães não são da nossa conta.

Weiss tinha um ar sonso e teimoso. Sorriu, lamentavelmente:

— Mesmo que fosse verdade, patrão, o senhor não deveria dizê-lo. É preciso que os que partem encontrem motivos para o fazer.

Birnenschatz sentiu o calor da confusão subir-lhe ao rosto.

«Pobre diabo», pensou com remorso.

— Tens razão — disse bruscamente. — Não passo de um velho emplastro e nada tenho a dizer desta guerra, pois não vou participar nela. Quando partes?

— No comboio das dezasseis e trinta.

— No comboio de hoje? E então? Que estás aqui a fazer? Vai depressa ver a tua mulher. Precisas de dinheiro?

— Não, por enquanto. Obrigado.

— Vai-te embora. Manda-me a tua mulher, combinarei tudo com ela. Vai, vai, adeus!

Abriu a porta e empurrou-o para fora. Weiss curvava-se e murmurava agradecimentos ininteligíveis. Birnenschatz apercebeu-se, por cima dos ombros do empregado, de um homem sentado no hall. Reconheceu Schalom e franziu as sobrancelhas: não gostava que os solicitadores esperassem.

— Entre. Há muito tempo que está à espera?

— Há uma meia horinha apenas — disse Schalom com ar de

resignação. — Mas o que é meia hora? O senhor anda tão ocupado. Eu tenho tempo. Que faço eu de manhã à noite? Espero. A vida no exílio não passa de uma espera, o senhor sabe.

— Entre — disse Birnenschatz, com vivacidade. — Deviam ter-me avisado.

Schalom entrou. Sorria e curvava-se. Birnenschatz entrou atrás e fechou a porta. Reconhecia perfeitamente Schalom: «Ele foi qualquer coisa no movimento sindicalista bávaro.» Schalom vinha de vez em quando, arrancava-lhe dois ou três mil francos e desaparecia durante algumas semanas.

— Um charuto?

— Não fumo — disse Schalom, com uma pequena reverência.

Birnenschatz pegou num charuto, virou-o distraidamente entre os dedos e recolocou-o no estojo.

— Então? As coisas arranjaram-se? Schalom procurava uma cadeira.

— Sente-se! Sente-se — disse Birnenschatz com afabilidade.

Não. Schalom não desejava sentar-se. Aproximou-se da cadeira, colocou a pasta no assento para ficar mais à vontade e, voltando-se para Birnenschatz, emitiu um longo gemido melodioso.

— Ah! nada se arranja. Não é bom que um homem viva na terra dos outros, não aceitam de bom grado; censuram-lhe o pão que come. É essa desconfiança francesa! Quando voltar para Viena, eis a imagem que guardarei da França: uma escadaria escura que subimos penosamente, um botão que se aperta, uma porta que se abre: «Que deseja», e logo se fecha. A polícia das casas de aluguer de quartos, a prefeitura, a bicha à porta da esquadra.

No fundo, é natural, estamos na terra deles. Só que poderiam deixar-nos trabalhar; eu, por mim, não quero outra coisa, quero ser útil. Mas, para encontrar emprego, é preciso ter a carteira profissional, é preciso trabalhar em algum lugar. Com a melhor boa vontade do mundo, não consigo ganhar a vida. E talvez o que eu suporto menos facilmente: ser um fardo para os outros. Sobretudo, quando no-lo fazem sentir tão cruelmente. E quanto tempo perdido! Começara a escrever as minhas memórias isso poderia dar-me algum dinheiro. Mas são tantas as solicitações a fazer o dia inteiro que tive de abandonar tudo.

Era minúsculo, vivo, agitado, pousara a pasta na cadeira, e as suas mãos livres esvoaçavam em torno das orelhas arroxeadas: «Que cara de judeu!» Birnenschatz aproximou-se displicentemente do espelho e lançou uma rápida olhadela: um metro e oitenta, nariz quebrado, cara de pugilista americano sob os óculos pesados: não, não somos da mesma espécie. Mas não ousava olhar para Schalom, sentia-se comprometido. «Como seria bom se este tipo saísse já!» Mas não devia esperar por isso. Era unicamente pela

duração da visita e pela animação da conversa que Schalom se distinguia a seus próprios olhos de um simples mendigo. «Preciso de conversar», pensou Birnenschatz. Shalom tinha direito a isso. Tinha direito a três mil francos e a um quarto de hora de conversa. Birnenschatz sentou-se à beira da mesa. A sua mão direita, que enfiara no bolso do casaco, brincava com o estojo de charutos.

— Os franceses são homens duros — disse Schalom.

A sua voz ampliava-se e diminuía profeticamente, mas uma chama divertida tremia nos seus olhos desbotados. Homens duros. Na opinião deles, um estrangeiro é, por princípio, suspeito, quando não criminoso.

«Ele fala comigo como se eu não fosse francês. Naturalmente: eu sou judeu, judeu polaco, entrado em França a 19 de Julho de 1910, ninguém se recorda disso, aqui, mas ele não esqueceu. Um judeu que teve sorte.» Voltou-se para Schalom e fixou-o irritado. Schalom baixava ligeiramente a cabeça, apresentando-lhe a frente, por deferência, mas olhava-o de frente, sob as sobrelanceiras arqueadas. Olhava-o, e os seus grandes olhos desbotados viam-no judeu. Dois judeus, tranquilos, sós, num escritório da Rua Quatre-Septembre, dois judeus, dois cúmplices; e à volta deles, nas ruas, nas outras casas, franceses, somente franceses. Dois judeus, o grandalhão, que enriqueceu, e o pequeno, o magrículo mal alimentado que não teve sorte. Laurel e Hardy.

— São homens duros! — disse Schalom. — Homens impiedosos!

Birnenschatz encolheu os ombros: «É preciso colocar-se no lugar... deles», disse secamente, não ousara dizer no nosso lugar. «Sabe quantos estrangeiros se instalaram em França desde 1934?»

— Sei — disse Schalom. — Sei. E acho que é uma grande honra para a França. Mas que faz ela para merecê-la? Veja só: os jovens que percorrem o Quartier Latin, se alguém se parece com um judeu, caem-lhe em cima aos socos.

— O ministro Blum prejudicou-nos muito — observou Birnenschatz.

Dissera «nos», aceitaria a cumplicidade daquele pequeno meteco. Nós. Nós, os Judeus. Mas fora por caridade. Os olhos de Schalom fixavam-no com uma insistência respeitosa. Schalom era magro e miúdo, haviam-no maltratado e expulso da Baviera, agora estava ali, devia dormir num hotel sórdido e passar os dias no café. E o primo de Weiss, tinham-no queimado com charutos. Birnenschatz olhava Schalom e sentia-se viscoso. Não era simpatia que nutria por ele, oh!, não: era... era...

Ela olhava-o e pensava: «E um homem de pressa. Eles são marcados e é através deles que as guerras chegam.» Mas ela sentia que o seu velho amor não morrera.

Birnenschatz apalpava a carteira.

— Enfim — disse com benevolência —, esperemos que tudo isso não dure muito.

Schalom mordeu os lábios e ergueu a cabeça com vivacidade.

«Fiz o gesto cedo de mais», pensou Birnenschatz.

Um homem de pressa. Ele possui as mulheres, ele mata os homens. Pensa que é um forte. Mas não é verdade, ele é marcado, nada mais.

— Depende dos Franceses — disse Schalom. — Se os Franceses recobram o sentido da sua missão histórica...

— Que missão? — indagou friamente Birnenschatz. Os olhos de Schalom brilharam de ódio:

— A Alemanha provoca-os e insulta-os de todas as maneiras — disse com voz dura e aguda. — Que esperam eles? Pensam, porventura, desarmar a cólera de Hitler? Cada nova demissão na França prolonga por dez anos o regime nazi. E durante esse tempo, cá estamos nós, as vítimas, a esperar com os punhos cerrados. Hoje vi cartazes brancos nas paredes e recobrei alguma esperança. Mas, ainda ontem, eu pensava: «Os Franceses já não têm sangue nas veias e eu morrerei no exílio.»

Dois judeus num escritório da Rua Quatre-Septembre. O ponto de vista dos Judeus acerca dos acontecimentos internacionais. Je Suis partout escreverá amanhã: «São os Judeus que empurram a França para a guerra.» Birnenschatz tirou os óculos, limpou-os com o lenço: estava louco de raiva. Perguntou suavemente:

— E se houver guerra, vai fazê-la?

— Muitos emigrados se alistarão, tenho a certeza. Mas eu, olhe só — acrescentou, mostrando o corpo raquítico —, quem me aceitaria?

— Então, trate de nos deixar em paz! — berrou Birnenschatz — E faça-nos o favor de se ir embora! Porque é que nos vem aqui chatear? Eu sou francês, não sou judeu alemão e não me interessam os judeus alemães. Vá fazer a sua guerra para outro lado!

Schalom observou-o por um instante com estupor, depois recobrou o sorriso, estendeu a mão, pegou na pasta e aproximou-se da porta, recuando. Birnenschatz tirou a carteira do bolso:

— Espere.

Schalam alcançara a porta.

— Não preciso de nada. Peço, por vezes, auxílio aos judeus. Mas o senhor tem razão, o senhor não é judeu, enganei-me.

Saiu e Birnenschatz ficou a olhar para a porta durante muito tempo, sem um gesto. É um homem duro, um homem de pressa,

eles têm uma estrela, para eles tudo está bem: mas a guerra acontece por causa deles; e a morte, e a desgraça. São a chama e o incêndio, fazem mal, ele fez-me mal, trago-o como uma esquirola de madeira numa unha, como um carvão em brasa sobre as pálpebras, como um espinho no coração. «E o que ele pensa de mim.» Não precisava de lhe perguntar, conhecia-a, se pudesse entrar naquela cabeça negra e encrespada, encontraria a qualquer momento essa ideia fixa e inexorável, é uma dura, à sua maneira, não esquece nunca. Debruçava-se, em pijama, sobre a Praça Gélú, estava ainda frio, o céu estava azul-pálido, cinzento no horizonte, era a hora em que a água escorre pelos ladrilhos e sobre o balcão de madeira dos peixeiros, o ar cheirava a manhã e a partida. A manhã, o mar alto, e, lá longe, a vida sem remorsos, os fuminhos redondos das granadas, sobre o solo gretado da Catalunha. Mas atrás dele, atrás da janela entreaberta, no quarto cheio de sono e noite, havia aquele pensamento morto que o vigiava, que o julgava, havia o seu remorso. Partiria amanhã, abraçá-los-ia na plataforma da estação, ela voltaria ao hotel com o menino, desceria aos saltos a escadaria monumental; pensaria: ele voltou para Espanha. Ela nunca lhe perdoaria ter partido para Espanha; era um pedaço de coisa morta no seu coração. Debruçava-se sobre a Praça Gélú para adiar o instante de voltar ao quarto: tinha necessidade de gritos, de cantos amargos, de dores violentas e rápidas, não daquela horrível doçura. A água escorria pela praça. A água, os odores molhados da manhã, os gritos campestres da manhã. Sob os plátanos, a praça estava escorregadia, líquida, branca e ligeira como um peixe no mar. E esta noite um negro tinha cantado, e a noite parecera-lhe pesada e seca, uma noite espanhola. Gomez fechou os olhos, sentiu-se atravessado pelo áspero desejo da Espanha e da guerra. Ela não compreende isso. Nem a noite, nem a manhã, nem a guerra.

— Pan, pan! Pan, pan, pan, pan, pan! — gritava Pablo furiosamente.

Gomez voltou-se e entrou no quarto. Pablo pusera o capacete, segurava a carabina pelo cano e utilizava-a como se de uma maça de armas se tratasse. Corria pelo quarto do hotel dando golpes terríveis no vácuo, golpes que o faziam perder o equilíbrio. Sarah acompanhava-o com o seu olhar morto.

— E uma chacina! — disse Gomez.

— Mato-os a todos! — respondeu Pablo sem se deter.

— Todos quem?

Sarah estava sentada à beira da cama, em roupão. Consertava meias.

— Todos os fascistas — disse Pablo. Gomez lançou-se para trás e pôs-se a rir:

— Mata-os! Não deixes nem um. Olha que te estás a esquecer

daquele lá em baixo!

Pablo correu na direcção indicada por Gomez e chicoteou o ar com a carabina.

— Pan, pan! Pan, pan, pan. Não escapará nem um! Parou e voltou-se para Gomez com um semblante sério e apaixonado, ofegante.

— Oh! Gomez — disse Sarah. — Vê só! Como pudeste... Gomez tinha comprado na véspera uma panóplia para Pablo.

— É preciso que aprenda a bater-se — disse Gomez, acariciando a cabeça do menino. — Senão, vai ficar um covarde, como os Franceses.

Sarah ergueu os olhos para ele e ele viu que a tinha ferido profundamente.

— Não compreendo que se possa chamar isso a quem não quer fazer guerra.

— Há momentos em que é preciso querer — disse Gomez.

— Nunca! Em caso algum. Não há nada que justifique que eu me veja um dia numa estrada, com a minha casa destruída a meu lado e um filho morto nos braços.

Gomez não respondeu. Não havia que responder. Sarah tinha razão. Segundo o seu ponto de vista, ela tinha razão. Mas o ponto de vista de Sarah era daqueles que cumpria desprezar por princípio sem o que não se chegaria nunca a nada. Sarah esboçou um sorriso amargo:

— Quando te conheci eras pacifista, Gomez.

— Porque naquela altura era preciso ser pacifista. O objectivo não mudou, mas os meios para atingi-lo são diferentes.

Sarah calou-se, confundida. Tinha a boca entreaberta e o lábio inferior descobria os seus dentes cariados. Pablo fez um movimento com a carabina, gritando:

— Espera um pouco, francês porco, francês covarde!

— Estás a ver? — disse Sarah.

— Pablo! — observou Gomez com energia. — Não batas nos Franceses! Os Franceses não são fascistas.

— Os Franceses são covardes — gritou Pablo. E pôs-se a dar coronhadas nas cortinas, que voaram pesadamente. Sarah não disse nada, mas Gomez teria preferido não ver o olhar que lançou a Pablo. Não era um olhar duro: era, antes, um olhar de espanto, hesitante, como se visse o filho pela primeira vez.

Largara a meia que consertava e olhava para aquele pequeno estrangeiro, aquele animalzinho sadio que decepava cabeças e amassava crânios, e devia pensar com estupor: «Fui eu quem o fez!» Gomez teve vergonha. «Oito dias», pensou, «bastaram oito

dias».

— Gomez, acreditas realmente que vai haver guerra? — perguntou Sarah bruscamente.

— Espero que sim. Espero que Hitler acabará por obrigar os Franceses a lutar.

— Gomez, sabes o que compreendi ultimamente? Que os homens são maus.

Gomez encolheu os ombros:

— Não são bons nem maus. Agem de acordo com os seus interesses.

— Não, não. São maus. — Não perdia de vista o pequeno Pablo, parecia vaticinar-lhe o destino. — Maus e encarniçados em fazer o mal — acrescentou.

— Eu não sou mau — respondeu Gomez.

— És sim — disse Sarah sem o olhar. — Es mau, meu pobre Gomez, és muito mau. E não tens culpa: os outros são infelizes. Mas tu és mau e feliz.

Houve um grande silêncio. Gomez fixava aquela nuca curta e gorda, aquele corpo sem graça que tivera nos braços todas as noites, e pensava: «Ela não tem amizade por mim. Nem ternura. Nem estima. Ela ama-me simplesmente: qual de nós dois é o pior?»

Mas, subitamente, voltou a sentir remorsos. Chegara certa noite de Barcelona, feliz, é verdade, profundamente feliz.

Emprestara-se durante oito dias. Partiria no dia seguinte:

«Não sou bom», pensou.

— Há água quente?

— Morna — disse Sarah. — A torneira da esquerda.

— Vou fazer a barba. — Entrou na casa de banho, deixando a porta bem aberta, e escolheu uma lâmina: «Depois de me ir embora, a panóplia não durará muito.» Sarah, sem dúvida, quando voltasse para casa, escondê-la-ia no armário dos remédios, a menos que achasse mais simples esquecê-la no hotel. «Ela só lhe dá brinquedos de menina.» Dentro de quanto tempo tornaria a ver Pablo e que teria ela feito do filho? No entanto, o menino parecia capaz de resistir. Aproximou-se da pia e viu-os pelo espelho. Pablo estava no meio do quarto, ofegante, corado, pernas abertas, mãos nos bolsos. Sarah ajoelhara-se diante dele e olhava-o sem dizer palavra: «Está a ver se ele se parece comigo», pensou Gomez. Sentiu-se pouco à vontade e fechou a porta sem ruído. «... com o menino. Espere-me domingo no comboio das quatro e reserve-me um...» Uma mão pousou com força no seu ombro esquerdo, outra mão pegou-o pelo ombro direito. Uma pressão calorosa, amiga. «Pronto», pensou, enfiou a carta no bolso e ergueu os olhos.

— Olá!

— Odette acaba de me dizer... — disse Jacques, fixando o olhar nos olhos de Mathieu: — Meu velho!

Sentou-se, sem tirar os olhos do irmão, no sofá em que Odette estivera; a mão puxou com habilidade a calça, as pernas cruzaram-se sozinhas. Ignorava esses pequeninos incidentes: todo ele era apenas um olhar.

— Sabes que não parto hoje? — disse Mathieu.

— Sei. Não tens medo que te aborreçam?

— Oh!... algumas horas apenas... Jacques respirou fundo:

— Que queres que te diga? Outrora, quando um tipo partia podíamos dizer-lhe: defendes os teus filhos, defendes a tua liberdade, ou a tua propriedade, defendes a França; enfim, podíamos descobrir razões para arriscar a pele. Mas hoje...

Encolheu os ombros. Mathieu baixara a cabeça e riscava o chão com o salto do sapato.

— Não respondes — disse Jacques com voz penetrante. — Preferes não falar, com medo de falares de mais. Mas eu sei o que pensas...

Mathieu continuava a riscar o chão com o salto. Disse sem levantar a cabeça:

— Não, não sabes.

Houve um breve silêncio. E ele ouviu a voz incerta do irmão:

— Que queres dizer com isso?

— Que não penso em nada.

— Como quiseses — disse Jacques ligeiramente irritado. — Não pensas em nada, mas estás desesperado, é o mesmo.

Num esforço, Mathieu ergueu a cabeça e sorriu:

— Nem sequer estou desesperado.

— Enfim — disse Jacques —, não me vais fazer acreditar que partes resignado, como um carneiro que levam ao matadouro?

— Bem — disse Mathieu —, acho que não deixa de haver alguma semelhança. Afinal, eu parto porque não posso deixar de partir. Quanto a ser uma guerra justa ou injusta, para mim é uma coisa secundária.

Jacques cravou em Mathieu um olhar perscrutador:

— Mathieu, tu desnorteias-me. Completamente. Já não te reconheço. Tinha um irmão revoltado, cínico, sarcástico, que não queria ser enganado, que não podia erguer o dedo mindinho sem se indagar porquê o mindinho e não o indicador, porquê o da mão direita e não o da mão esquerda. Agora, estoura a guerra e mandam-no para as trincheiras, e o revoltado, o subversivo, parte gentilmente, sem discussão, dizendo: «Parto porque não posso

deixar de partir.»

— A culpa não é minha — disse Mathieu. — Jamais consegui ter uma opinião a respeito dessas questões.

— Mas, vejamos — disse Jacques —, é portanto claro: estamos em presença de um senhor (refiro-me a Benès) que se comprometeu em fazer da Checoslováquia uma federação pelo modelo suíço.

Comprometeu-se — repetiu com energia —, li-o nas actas da Conferência da Paz, e bem vêes que cito boas fontes. Essa promessa equivalia a dar aos alemães dos Sudetas uma verdadeira autonomia etnográfica. Bem. Eis que esse senhor esquece totalmente as suas promessas e manda administrar, julgar, vigiar os alemães por checos. Os alemães não gostam: é um direito estrito deles. Tanto quanto eu conheço esses funcionários checos (estive na Checoslováquia) sabem fazer perder a paciência à humanidade! E querem que a França, país da liberdade, como eles dizem, derrame o seu sangue para que esses funcionários checos continuem a exercer pequenos vexames sobre as populações alemãs, e eis a razão por que tu, professor de Filosofia do Liceu Pasteur, vais passar os teus últimos anos de mocidade a dez pés debaixo da terra entre Bitche e Wissembourg. Por isso, quando me vens dizer que partes resignado e pouco te importas que esta guerra seja justa ou injusta, eu não engulo, compreendes? Mathieu olhava o irmão, cheio de perplexidade: «Autonomia etnográfica! Eu nunca me teria lembrado disso!» Mesmo assim, falou por descargo de consciência:

— Não é a autonomia etnográfica que os Sudetas querem agora: é a integração na Alemanha. Jacques fez uma careta de sofrimento:

— Por favor, Mathieu, não fales como o meu porteiro, não digas Sudetas. Sudetas são montanhas: diz alemães dos Sudetas, se quiseses, ou alemães simplesmente. Então? E eles desejam a união com a Alemanha? É porque os exasperaram. Se lhes tivessem dado o que eles pediam no início, não teríamos chegado a este ponto. Mas Benès serviu-se de ardis, enganou, porque os nossos políticos cometeram o erro imenso de lhe fazer crer que teria a França a apoiá-los: eis o resultado.

Olhou Mathieu com tristeza:

— Tudo isso suportaria eu ainda; sei há muito, o que valem os políticos. Mas tu, um homem sensato, um universitário, que tenhas perdido os reflexos mais elementares, a ponto de sustentar tranqüilamente que vais para o matadouro porque não podes deixar de ir, isso não, isso eu não admito. Se muitos pensarem como tu, a França está desgraçada, meu velho.

— Mas que queres que nós façamos?

— Como? Mas ainda estamos numa democracia, Mathieu!

Ainda há uma opinião pública em França, suponho!

— E então?

— Então? Se milhões de franceses, em lugar de se degladiarem em querelas vãs, se tivessem erguido e dito aos nossos governantes: «Os alemães dos Sudetas querem integrar-se na Alemanha? Que se arranjem, o problema é deles!», não teria havido um só político capaz de correr o risco de uma guerra por essa bagatela.

Pousou a mão no joelho de Mathieu e continuou num tom conciliador.

— Eu sei que não aprecias o regime hitleriano. Mas afinal de contas, pode não se compartilhar das tuas reservas. E um regime jovem, entusiasta, que deu provas da sua eficiência e que exerce indiscutível atracção sobre as nações da Europa Central. E, depois, de qualquer modo, é um assunto deles; não devemos meter-nos nisso.

Mathieu reprimiu um bocejo e encolheu as pernas sob a cadeira.

Lançou um olhar malicioso ao rosto algo balofo do irmão e pensou que ele estava a envelhecer.

— Talvez — disse docilmente —, talvez tenhas razão.

Odette desceu a escada e sentou-se junto deles, silenciosa. Tinha a graça e a serenidade de um animal doméstico: sentava-se, levantava-se, tornava a sentar-se, certa de passar despercebida. Mathieu voltou-se para ela, excitado: não gostava de vê-los juntos. Quando Jacques estava presente, a fisionomia de Odette não mudava, permanecia uniforme e fugidia, como a de uma estátua de olhos sem pupilas. Mas era-se forçado a interpretá-lo de outra forma.

— Jacques acha que não me entristeço suficientemente por ter de partir — disse sorrindo. — Procura atormentar-me, explicando que vou morrer por nada.

Odette devolveu-lhe um sorriso. Não o sorriso mundano que ele esperava, mas um sorriso só para ele; num instante, o mar surgiu diante dele: o balouçar ligeiro das ondas, e as sombras chinesas a deslizarem sobre as águas, e a lava de sol palpitante no oceano, as piteiras verdes e as pinhas atapetavam o chão e a sombra pontiaguda dos grandes pinheiros, o calor redondo e o odor a resina, toda a espessura de uma manhã de Setembro em Juan-les-Pins. Querida Odette!

Mal-casada, mal-amada; mas ter-se-ia o direito de dizer que ela perdera a vida quando podia, com um sorriso, fazer surgir um jardim à beira-mar no calor do Verão? Contemplou Jacques, gordo e amarelo; as mãos tremiam-lhe: «De quem tem ele medo?», pensou Mathieu. No sábado, 24 de Setembro, às onze horas da manhã,

Pascal Montastruc, nascido em Nîmes a 6 de Fevereiro de 1899 e apelidado o Zanolho, porque enfiara um canivete no olho esquerdo a 6 de Agosto de 1907, ao tentar cortar as cordas do balço do seu amiguinho Julot Truffier para ver o que acontecia, vendia, como todos os sábados, lírios e botões-de-ouro no cais de Passy, pouco antes da estação do metro; tinha a sua técnica pessoal de pegar nos ramos, belos ramos no seu cesto de palha, colocado sobre um banquinho, e descia à rua, os automóveis passavam a buzinar, ele gritava:

«Olhem os ramos, belos ramos para as senhoras», agitando o ramo amarelo, o automóvel avançava até ele como um touro na arena, ele não se mexia, encolhia a barriga, punha a cabeça para trás, deixava passar o carro muito perto e gritava pela janela aberta: «Olhem os ramos, belos ramos!», e geralmente os automobilistas paravam, ele subia o estribo, e o automóvel vinha encostar-se ao passeio, porque era weekend e eles gostavam de voltar para os seus belos apartamentos da Rua Vignes ou da Rua Ranelagh com ramos de flores para as suas damas.

«Belos ramos de flores», deu um salto para trás, a fim de evitar um carro, o centésimo que passava, sem parar: «Bolas!»

Não sei o que é que eles têm hoje. Guiavam depressa e brutalmente pendurados ao volante, surdos como postes. Não viravam na Rua Charles Dickens ou na Avenida Lamballe, seguiam pelo cais, com toda a velocidade, como se quisessem ir até Pontoise. Pascal, o Zanolho, não percebia nada: «Mas para onde é que vão? Para onde é que vão?» E afastava-se, olhando para o cesto cheio de flores amarelas e cor-de-rosa, tão cheio que era uma pena.

— Loucura pura! — disse ele. — O mais belo suicídio da História. Como? A França sofreu duas terríveis sangrias em cem anos: uma durante as Guerras do Império, outra em 1914; além disso, o índice de natalidade baixa todos os dias. E é o momento que se escolhe para desencadear uma nova guerra que custará três ou quatro milhões de homens? Três ou quatro milhões de homens que não poderemos recuperar jamais — disse ele, acentuando as palavras. — Vencedor ou vencido, o país cairá na categoria das nações de segunda ordem, isto é certo.

E há mais: a Checoslováquia será engolida antes que tenhamos tempo de piscar um olho. Basta ver o mapa: ela parece um pedaço de carne na boca do lobo alemão. Se o lobo fechar um pouco a boca...

— Mas — disse Odette —, isso seria passageiro, reconstituiríamos o Estado checoslovaco depois da guerra.

— Ah! Sim? — Jacques riu insolentemente: — Imagina só! Como se os Ingleses fossem deixar reconstituir o foco do incêndio!

Quinze milhões de habitantes de nacionalidades diferentes é um desafio ao bom senso. Os Checos não podem deixar-se iludir —

acrescentou com severidade —, o seu interesse vital é evitar essa guerra a todo o custo.

De que tem medo? Ele via passar os carros, apertando na mão o ramo inútil; parecia a estrada de Chantilly numa tarde de corridas, havia quem levasse malas, outros carregavam colchões, carrinhos de bebê, máquinas de costura, e todos os automóveis estavam cheios de malas, embrulhos, cestos: «Ena!», disse Pascal, o Zarolho. Passavam tão pesadamente carregados que a cada ressalto os guarda-lamas raspavam os pneus. «Estão a ir-se embora», pensou ele.

Deu um ligeiro salto para trás para se desviar de um Salmson, mas nem se lembrou de voltar ao passeio. Aqueles cavaleiros bem barbeados, com os filhos gorduchos e as suas belas mulheres, fugiam como se tivessem fogo no rabo, diante dos «boches», dos bombardeamentos, do comunismo. Com isso ele perdia todos os seus fregueses. Mas achava a coisa tão cómica, aquele desfile de carros, aquela fuga desesperada para a Normandia, sentia-se pago por tantas coisas, que continuou na rua, roçando-se pelos automóveis a fugirem e pôs-se a rir às gargalhadas.

— E de que modo, pergunto eu, poderíamos socorre-los? Sim, porque teríamos de atacar a Alemanha na mesma. E então? Por que lado? A leste há a Linha Siegfried, partiríamos o nariz. Ao norte há a Bélgica. Violar a neutralidade belga? Diga, diga por onde! Dar a volta pela Turquia? Puro romance! Tudo o que poderíamos fazer seria esperar, de armas na mão, que a Alemanha liquidasse a Checoslováquia. Depois do que viria ocupar-se de nós...

— Pois bem — disse Odette —, seria então que... Jacques lançou-lhe um olhar de marido:

— Que o quê? — perguntou ele friamente. Voltou-se para Mathieu: — Já te falei de Laurent, que foi um grande tipo na Air-France e continua a ser conselheiro de Cot e Guy la Chambre? Pois aqui tens sem comentários o que ele me disse em Julho: o Exército francês dispõe ao todo de quarenta bombardeiros e setenta caças. Se o resto for assim, os Alemães estarão em Paris no 1.º de Janeiro.

— Jacques! — exclamou Odette, furiosa.

De que tem ele medo? Pascal ria, ria, deixava cair o ramo para rir à vontade, deu um pulo para trás e a roda de um carro passou por cima dos caules das flores. De que tem medo? Ela está furiosa porque ele permitiu que se encarasse a derrota da França. Ela não é muito simpática: as palavras metem-lhe medo. Têm medo dos Zeppelins e dos Taubes, eu vi-os em 1916; não se mostraram muito valentes e a coisa recomeça; os automóveis passavam a toda a velocidade sobre os caules das flores, esmagados, e Pascal tinha lágrimas nos olhos de tanto rir.

Maurice não achava nada engraçado. Pagara uma rodada aos camaradas e ainda lhe ardiam os ombros das boas pancadas que recebera. Agora estava sozinho e daí a pouco teria de contar a novidade a Zézette. Viu o cartaz branco na parede alta e cinzenta da fábrica Penhoët e aproximou-se, precisava reler devagar, sem ninguém a seu lado:

«Por ordem do ministro da Defesa Nacional e da Guerra e do ministro da Força Aérea.» A morte, afinal, não era terrível, um acidente de trabalho; Zézette era saudável e bastante nova para refazer a vida, é sempre tão simples quando não se tem filhos. Quanto ao resto, ia partir e, no fim, guardaria a espingarda. Mas quando chegaria o fim? Dois anos? Cinco? A última durara cinqüenta e dois meses. Durante cinqüenta e dois meses seria preciso obedecer aos sargentos, aos cabos, a todos aqueles idiotas que tanto detestava. Obedecer sem pestanejar, fazer-lhes continência na rua, quando se esforçava por conservar as mãos nos bolsos, se os encontrava, para não lhes cair em cima. Na trincheira ainda têm de se manter bonzinhos com medo de uma bala nas costas, mas fora do barulho, espremem o camarada como no quartel. «Que chegue o dia do primeiro ataque e derrubarei o cabo que estiver à minha frente!» Recomeçou a andar, sentia-se triste e doce como no tempo em que se dedicava ao boxe e se despia no vestiário, um quarto de hora antes da luta. A guerra era uma longa, longa estrada, não se devia pensar de mais nela, senão acabar-se-ia por achar que nada tinha sentido, nem mesmo o fim, nem mesmo o regresso a casa com a espingarda na mão. Uma longa, longa estrada. E talvez rebentasse no meio do caminho como se não tivesse outro objectivo senão receber uma bala para defender a fábrica Schneider ou o cofre do senhor Wendel. Caminhava na poeira negra entre o muro da fábrica Penhoët e o das construções Germain; via até bastante longe, à direita, os telhados inclinados das ferrovias do Norte e, além, mais longe ainda, a grande chaminé vermelha da fundição, e pensava: «Uma longa, longa estrada.» O Zanolho ria no meio dos automóveis, Maurice caminhava na poeira e Mathieu estava sentado à beira-mar, ouvia o que Jacques lhe dizia, meditando: «Talvez tenhas razão.» Ia largar as suas roupas, a sua profissão, a sua identidade, partir nu para a mais absurda das guerras, para uma guerra perdida de antemão, e sentia-se naufragar no fundo do anonimato; já não era nada, nem o velho professor de Boris, nem o velho amante da velha Marcelle, nem o demasiado velho apaixonado de Ivich; nada mais do que um anônimo sem idade, a quem haviam roubado o futuro e que tinha dias imprevisíveis à sua frente. Às onze horas e trinta, o autocarro parou em Safi e Pierre desceu para desenferrujar as pernas. Cabanas chatas e amarelas à beira da estrada asfaltada; atrás dela, Safi, invisível, deslizava para o mar.

Árabes cozinhavam, agachados numa larga faixa de terra ocre,

o avião voava por cima de um tabuleiro de xadrez amarelo e cinza, era a França. «Como esses tipos podem ser indiferentes», pensou Pierre com inveja; caminhava entre os árabes, podia tocá-los e, no entanto, não estava presente entre eles; fumavam tranqüilamente o seu kif ao sol e ele ia ser morto na Alsácia. Tropeçou num montinho de terra, o avião entrou num vácuo e o velho pensou: «Não gosto de andar de avião.» Hitler debruçava-se sobre a mesa, o general mostrava o mapa e dizia: «Cinco brigadas de tanques e mil aviões partirão de Dresda, de Tempelhof, de Munique», e Chamberlain comprimia o lenço nos lábios e pensava: «É a minha segunda viagem de avião. Não gosto de viajar de avião.» «Eles não me podem ajudar; estão acorados ao sol, semelhantes a pequenas caçarolas fumegantes, estão contentes, estão sós sobre a terra; ah!, se eu pudesse ser árabe, meu Deus!», pensou desesperado. Às onze e quarenta e cinco, François Hannequin, farmacêutico de primeira classe em Saint-Flour, um metro e setenta, nariz direito, testa mediana, ligeiro estrabismo, barba passa-piolho, forte odor da boca e dos pelos do sexo, enterite crônica até aos sete anos, complexo de Édipo liquidado por volta dos treze, conclusão do curso secundário aos dezassete, masturbação até ao serviço militar à razão de duas ou três ejaculações por semana, leitor do Temps e do Matin (assinante), marido, sem filhos, de Dieulafoy, Esperance, católico praticante à razão de duas ou três comunhões por trimestre, subiu ao primeiro andar, ao quarto nupcial, onde a mulher experimentava um chapéu, e disse: «É exactamente o que eu te dizia: estão a chamar os n.º 2.» Ela largou o chapéu, tirou os alfinetes da boca e disse:

«Então partes hoje à tarde?» — «Sim, no comboio das cinco horas». «Que maçada», disse a mulher, «não sei se terei tempo de arranjar tudo. Que é que vais levar? Camisas, naturalmente, ceroulas, tens de lã, de musselma e de algodão, creio que é melhor levares as de lã. Oh!, e também cintas de flanela, talvez possas levar algumas cinco ou seis enroladas.» — «Não, nada de cintas», disse Hannequin, «são ninhos de piolhos». — «Que horror! Não terás piolhos. Leva para me fazeres a vontade; depois logo vês. Felizmente que ainda tenho conservas, sabes, as que comprei em 36 quando houve as greves, tu troçaste de mim, tenho uma lata de chucrute em vinho branco, mas não gostas disso...» — «Faz-me azia. Mas», disse esfregando as mãos, «talvez tenhas uma latinha de feijoada...» — «Uma lata de feijoada, ah!, meu bom amigo, mas como é que vais aquecer? É preciso pôr em banho-maria.» — «Bom, então uma geleia de galinha, não tens?» — «Isso mesmo, uma geleia de galinha e um pouco de mortadela daquela que os primos de Clermont nos mandaram.» Ele pensou um instante e disse: «Vou levar o meu canivete suíço.» — «Sim. E onde é que eu vou enfiar o termo para o teu café?» — «Sim, sim, café é preciso qualquer coisa quente para atestar; será a primeira vez, desde que casei, que passarei sem sopa», disse sorrindo melancolicamente. «Arranja algumas ameixas, também, e um frasco de conhaque.» — «Levas a

mala amarela?» Ele sobressaltou-se: «A mala? Nunca na vida, é incómodo e não quero perdê-la; roubam tudo lá, vou levar a minha mochila.» — «Que mochila?» — «Aquele que usava para ir à pesca, antes do nosso casamento. O que é que fizeste dela?» — «Que fiz dela? Ah!, não sei, fazes-me tonta, penso que a guardei no sótão!» — «No sótão! Meu Deus, com os ratos! Deve estar limpa!» — «Seria muito melhor que levasse a mala, não é grande, poderás muito bem tomar conta dela. Ah!, já sei onde ela está, emprestei-a à Mathilde para um piquenique.» — «Emprestaste a minha mochila à Mathilde?» — «Não, quem é que está a falar da mochila? O termo sim», atalhou ela. — «Eu quero a mochila», disse ele com firmeza. «Ah, querido, que queres que eu te diga, vê só o que eu tenho para fazer, ajuda, procura tu a mochila. Podias dar uma vista de olhos no sótão.» Ele subiu ao sótão e empurrou a porta, cheirava a poeira, não se via nada, um rato passou-lhe entre as pernas: «Deus meu, os ratos devem tê-la comido», pensou.

Havia ali malas, um manequim de vime, um mapa-mundo, um forno velho, uma cadeira de dentista, um harmónio, e era preciso mexer em tudo. Se ao menos ela tivesse tido a ideia de guardá-la numa mala. Abriu as malas uma após outra e fechou-as com cólera. Era tão cômoda, de couro e com fecho, cabia tanta coisa dentro e tinha , dois compartimentos. São esses objectos que ajudam nos maus momentos; ninguém imagina como são preciosos: «Em todo o caso, não partirei com a mala», pensou encolerizado, «preferiria não levar nada».

Sentou-se numa mala, tinha as mãos negras de poeira, sentia a poeira como uma coisa seca e áspera em todo o seu corpo, mantinha as mãos no ar para não manchar o casaco preto, parecia-lhe que jamais teria a coragem de sair do sótão; nada mais me interessa; e naquela noite ia passar sem uma sopa quente! Tudo era tão inútil, sentia-se só e perdido, lá em cima, bem em cima, sobre a mala, com aquela estação barulhenta e sombria que o esperava a duzentos metros, abaixo dele, mas o grito vibrante de Esperance fê-lo tremer; era um grito de triunfo; «Achei-a! Achei-a!» Abriu a porta e correu para a escada: «Onde está?» — «Achei a tua mochila; estava na cave.» Desceu a escada, tirou a mochila das mãos da mulher, olhou-a, limpou-a com a mão e depois, pousando-a na cama, disse: «Escuta, querida, estava a pensar se não conviria comprar um bom par de sapatos!?» Para a mesa! Para a mesa!

Tinham penetrado no túnel ofuscante do meio-dia; lá fora, o céu branco do calor, as ruas mortas e brancas, o no man's land, a guerra; atrás das janelas fechadas, eles cozinham a fogo lento, Daniel pôs o guardanapo sobre os joelhos, Hannequin pendurou-o ao pescoço, Brunet pegou no guardanapo de papel, amarrotou-o e limpou os lábios, Jeannine empurrou Charles para o grande refeitório quase deserto e estendeu-lhe o guardanapo no peito; era a trégua: a guerra, pois bem, a guerra, mas o calor! A manteiga de

contornos flácidos e oleosos, dentro de água, água morna e cinzenta por cima e os pequenos pedaços de manteiga mortos que flutuavam de barriga para cima, Daniel via derreterem-se os pedacinhos de manteiga no pratinho. Brunet enxugou a fronte, o queijo suava no seu prato como um homem a trabalhar, a cerveja de Maurice estava morna, ele empurrou o copo: «Parece urina!» Um pedaço de gelo nada no vinho tinto de Mathieu, ele bebeu-o, sentiu a princípio um pouco de água fria na boca, em seguida um gole de vinho fraco, ainda quente, que logo se derreteu na água.

Charles virou a cabeça e disse: «Mais sopa! É preciso ser tarado para servir sopa em pleno Verão.» Colocaram-lhe o prato sobre o peito, queimava um pouco a pele através do guardanapo e da camisa, ele só via o rebordo de louça, mergulhou a colher ao acaso, ergueu-a verticalmente, mas quando estamos de costas nunca se tem a certeza da vertical, uma parte do líquido tornou a cair no prato salpicando, Charles trouxe devagar a colher acima dos lábios, inclinou-se de lado e... merda! Sempre a mesma coisa, o líquido a ferver escorreu-lhe pela cara e inundou-lhe o colarinho. A guerra! Oh!, a guerra! «Não, não», disse Zézette, «nada de rádio, não quero pensar mais nisso». «Ora, um pouco de música!», disse Maurice». Chrr, Goodb, Chersau, minha estrela, informações, sombreros e mantilhas, J'attendrai, pedido por Huguette Arnal, Pierre Ducroc, sua senhora e suas filhas em Roche-Canillac, pela menina Éliane em Calvi e Jean-François Roquette para a sua filhinha Marie-Madeleine e por um grupo de dactilógrafas de Tulle para os seus soldados, J'attendrai, le jour et la nuit, um pouco mais de sopa de peixe? «Não, obrigado», disse Mathieu, «não será possível um entendimento», o rádio crepitava por cima das praças brancas e mortas, quebrava as vidraças, entrava na cidade, nas estufas sombrias, Odette pensava: «Não é possível um entendimento», era evidente, fazia um tal calor. A menina Éliane, Zézette, Jean-François Roquette e a família Ducroc de Roche-Canillac pensavam: «Não é possível um entendimento», fazia um tal calor. «Que querem vocês que eles façam?», perguntou Daniel. «Era um boato», pensava Charles, «vão deixar-nos aqui». Ella Birnenschatz pousou o garfo inclinou a cabeça para trás e disse: «Não acredito na guerra.» J'attendrai toujours ton retour; o avião voava por cima de um vidro chato, empoeirado; no fim do vidro, ao longe, via-se um pouco de betume, Henry inclinou-se para o ouvido de Chamberlain e gritou-lhe: é a Inglaterra. A Inglaterra e a multidão ansiosa no aeroporto, aguardando a sua volta, on retour, mon amour, toujours, teve um minuto de desânimo, fazia tanto calor, desejava esquecer o conquistador com cara de mosca e o Hotel Dreesen e o memorando, desejo de acreditar, meu Deus, de acreditar que ainda podia haver um entendimento, fechou os olhos: Minha boneca querida, pedido pela senhora Duranty e sua sobrinha, de Decazeville, a guerra, meu Deus, a guerra e o calor e o triste e resignado sono da tarde; Casablanca, aí está Casablanca, o autocarro parou numa praça

branca e deserta, Pierre foi o primeiro a descer e lágrimas ardentes vieram-lhe aos olhos; restava ainda um pouco de manhã no autocarro, mas, lá fora, o sol a pino era a morte da manhã. Acabada a manhã, Minha boneca querida, acabada a mocidade, acabadas as esperanças, ante a grande catástrofe do meio-dia. Jean Servin afastara o prato, lia a página desportiva do Paris-Soir, não soubera do decreto de mobilização parcial, fora trabalhar, voltara para o almoço, regressaria ao trabalho às duas horas; Lucien Rénier partia nozes com as mãos, lera o decreto, pensava: «E um bluff.»

François Destutt, auxiliar de laboratório do Instituto Der-rien limpava o prato com um pedaço de pão, não pensava em nada, a sua mulher também não pensava em nada, René Malleville, Pierre Charnier não pensavam em nada. Pela manhã, a guerra fora um pedaço de gelo pontiagudo e cortante nas suas cabeças, depois dissolvera-se, tornara-se uma pocinha de água morna. Minha boneca querida, o gosto espesso e sombrio do bife à borgonhesa, o cheiro a peixe, o farrapo de carne entre os dois molares, as emanções do vinho tinto e o calor, o calor! «Caros ouvintes, a França, inabalável mas pacífica, enfrenta resolutamente o seu destino.»

Ele estava cansado, tonto, passou três vezes a mão diante dos olhos, a luz magoava-o e Dawburn, que mordida a ponta do lápis, disse ao seu confrade do Morning Post: «Ele levou uma boa chicotada!» Ergueu a mão e disse com voz fina:

— O meu primeiro dever, agora que estou de volta, é apresentar um relatório aos Governos francês e inglês acerca dos resultados da minha missão, e enquanto não o tiver feito ser-me-á difícil dizer alguma coisa.

O meio-dia envolvia-o no seu lençol branco, Dawburn olhava-o e pensava em estradas longas e desertas no meio de rochedos cinzentos e enferrujados sob o fogo do céu. O velho acrescentou com voz sumida:

— E imitar-me-ei a isto: confio em que todos os interessados continuarão a fazer esforços para resolver pacificamente o problema da Checoslováquia, porque nele assenta a paz da Europa nos nossos dias.

Ela apanha atentamente migalhas de pão na toalha. Sente-se um pouco oprimida, como quando está resfriada. Disse-me: «Tenho uma bola de ar no estômago», depois derramou algumas lágrimas, desnorteada: «Isso vai sair dos teus hábitos.» Respondi-lhe: «Nos primeiros tempos. Só nos primeiros tempos.» Ela pensa que é infeliz, aquele friozinho sombrio na cabeça, interpreta-o como desgraça iminente. Mantém-se firme, pensa que não tem o direito de se entregar, que todas as mulheres francesas são tão infelizes como ela. Digna, calma, intimidante, os belos braços repousando sobre a toalha, parece dominar a caixa de um grande armazém.

Não pensa, não quer pensar que estará mais sossegada depois da partida dele. Em que pensa ela? Que há mais uma mancha de ferrugem no porta-talheres. Franze as sobrancelhas, raspa a mancha com a ponta da sua unha vermelha. Estará muito mais sossegada. A mãe, as amigas, a salinha, a cama grande só para ela: come muito pouco, fará ovos estrelados num canto do fogão, a alimentação da menina não é complicada, papas, sempre papas, eu dizia-lhe: «Mas dá-me qualquer coisa, qualquer coisa, não procures arranjar grandes refeições nunca ligo muito ao que como»; ela obstinava-se, como era seu dever.

— Georges?

— Querida?

— Queres um chá?

— Não, obrigado.

Ela bebeu o seu chá suspirando, tem as olhos vermelhos. Mas não olha para mim, olha para o aparador, porque está ali mesmo à frente dela. Não tem nada a dizer-me ou então dir-me-á: «Não apanhes frio.» Talvez chegue a imaginar-me esta noite no comboio um pequeno vulto magro encolhido ao fundo da carruagem, mas não vai além, é difícil de mais; pensa na sua vida aqui. Vai haver um vácuo. Um pequeno vácuo, Andrée: não ocupo muito lugar. Eu estava sentado no sofá com um livro, ela consertava meias, não tínhamos nada a dizer um ao outro. O sofá continuará no seu lugar. O importante é o sofá. Ela escrever-me-á. Três vezes por semana. Escrupulosamente. Ficarà muito séria, procurará a tinta durante muito tempo, a caneta, os óculos amarelos, e depois instalar-se-á com o seu ar intimidante diante da secretária incômoda que herdou da avó Vasseur: «Os dentes da menina começam a aparecer, a minha mãe virá pelo Natal, a senhora Ancelin morreu, Emilienne casa-se em Setembro; o noivo é muito bom, de certa idade trabalha em seguros.» Se a menina tiver coqueluche, ela não me dirá nada para não me aborrecer. «Pobre Georges, não precisa de saber, preocupa-se por nada.» Mandar-me-á pacotes de mantimentos, chouriços açúcar, café, tabaco, meias de lã, latas de sardinhas, comprimidos manteiga salgada. Um pacote entre dez mil, igual a todos, se me entregarem por engano o de um companheiro, não o perceberei, os pacotes, as cartas, as papas de Jeannette, as manchas no porta-talheres, o pó no armário, isso bastar-lhe-á; à noite dirá: «Estou cansada, já não consigo fazer tudo.» Não lerá jornais. Como agora, detesta-os por serem papel que anda pelos cantos e não se pode aproveitar, antes da tinta bem seca, na cozinha ou nas retretes; a senhora Hébertot virá trazer-lhe notícias, tivemos uma grande vitória ou a coisa não vai bem, querida, não vai, não avança. Henri e Pascal já combinaram com as suas mulheres uma linguagem cifrada, para dizer onde estão: sublinharão certas letras. Mas com Andrée é inútil. Mesmo assim ele tentou, só para ver:

— Posso mandar-te dizer onde estou.

— Mas isso não é proibido? — perguntou ela surpreendida.

— É, mas combinamos, como na guerra de 14, juntas todas as maiúsculas, por exemplo.

— É muito complicado — disse ela suspirando.

— Não é, verás, é simples como tudo.

— Sim, mas podes ser descoberto, lançarão as tuas cartas para o cesto e eu ficarei inquieta.

— Vale a pena arriscar.

— Se quiseres, meu amigo, mas, sabes, a geografia e eu... Verei num mapa, um ponto com um nome em cima, que adiantará isso? Assim é. Em certo sentido é bem melhor; ela receberá o meu ordenado...

— Já te dei a procuração?

— Já, querido, guardei-a na secretária.

É muito melhor. Deve ser chato deixar alguém preocupado, devemo-nos sentir vulneráveis. Arredo a cadeira.

— Não, querido, não precisas de dobrar o guardanapo...

— E verdade!

Não me pergunta onde vou. Nunca me pergunta. Digo-lhe:

— Vou ver a menina.

— Não a acordes...

Não a acordarei; ainda que o quisesse, não saberia fazer o barulho suficiente, sou leve de mais. Empurrou a porta, uma porta da janela abriu-se, uma luz ofuscante e branca entrou; metade do quarto ainda estava na sombra, mas a outra brilhava sob os raios de sol empoeirados. A menina dormia no berço; Georges sentou-se perto dela. Os cabelos loiros, a boquinha pura e as bochechas gordinhas que lhe davam um ar de magistrado inglês! Ela começava a gostar de mim. O sol ganhava terreno; empurrou devagar o berço para mais longe. Assim. «Não será bonita, parece-se comigo. Coitadinha, seria melhor que se parecesse com a mãe. Ainda molinha, dir-se-ia sem ossos. E já traz dentro dela essa lei que foi a minha, as células proliferarão de acordo com a minha lei, as cartilagens endurecerão, o crânio ossificar-se-á de acordo com a minha lei. Uma menina magrizona, de aspecto insignificante, de cabelos baços, escoliose do ombro direito, forte miopia, deslizará sem ruído, sem tocar no chão, fazendo enormes desvios para evitar pessoas e coisas porque será demasiado leve e fraca para deslocá-las. Deus meu!

Todos esses anos que virão para ela, uns após os outros, inevitavelmente, e tudo tão inútil, tudo está escrito na sua carne e será preciso que ela viva o seu destino, minuto a minuto, e que

acredite inventá-lo e aí está ele, inteirinho, repugnante de tão previsível; contaminei-a, e porque deverá ela viver gota a gota o que já vivi? Porque deverá tudo repetir-se, indefinidamente? Uma magrizelazinha, uma almozinha tímida e clarividente, tudo o que é necessário para sofrer bastante. Eu vou-me embora, sou chamado a desempenhar outras funções, ela vai crescer, aqui, obstinadamente, imprudentemente, ela vai representar-me. E a coqueluche, as convalescenças demoradas, e essa paixão infeliz pelas camaradas belas e gordas, de carnes rosadas, e os espelhos em que se verá, pensando: «Será que sou feia de mais para que me amem?» Tudo isso, dia após dia, com esse gosto do já visto, valerá a pena? A menina acordou um instante, era para ela um instante, era para ela um instante novo, e olhou-o com uma curiosidade grave. Tirou-a do berço, apertou-a com força nos braços: «Minha pequenina! Meu querido bebê! Minha pobre queridinha!» Mas ela assustou-se e pôs-se a gritar.

«Georges», chamou por trás da porta uma voz cheia de censura. Deitou-a novamente no berço. Ela olhou-o mais um instante, com um ar severo e tristonho, depois os seus olhos fecharam-se, reabriram, piscando, e tornaram a fechar-se. «Começava a gostar de mim. Fora preciso passar o dia aqui, habituá-la tão profundamente à minha presença que ela não pudesse mais ver-me. Quando durará isso? Cinco, seis anos? Encontrarei uma menina de verdade que me contemplará com espanto, que pensará: "É isto o meu pai?" e que terá vergonha de mim diante das amigas. Isso também eu vivi. Quando o pai veio da guerra eu tinha doze anos.» A luz da tarde invadira quase inteiramente o quarto. A guerra devia parecer-se com uma tarde interminável. Ele levantou-se, sem ruído, abriu devagar a janela e fechou a persiana.

Cabina 19, é esta. Ela não ousava entrar, permanecia à porta, com a mala na mão, esforçando-se por se persuadir de que conservara alguma esperança. E se por acaso fosse um beliche bonitinho, com tapete e flores num copo, sobre o lavabo? São coisas que acontecem, encontramos muitas vezes pessoas que nos dizem: «A bordo de tal navio, não vale a pena viajar em segunda, as terceiras são tão luxuosas como as primeiras.»

Naquele momento, talvez France estivesse desarmada, talvez dissesse: «Pois aí está uma cabina que não é como as outras. Se as terceiras fossem assim...» Maud imaginava-se France. Uma France conciliante e mole, dizendo: «Bom, não faz mal... arranjar-nos-emos mesmo assim.» Mas não gostava que a encontrassem a vaguear pelos corredores, uma vez houve um roubo e tinham-na interrogado de maneira bastante desagradável, quando se é pobre é preciso ter cuidado com as coisas pequeninas, porque as pessoas são impiedosas: achou-se de repente no meio da cabina e não teve tempo sequer de uma decepção, esperava aquilo. Seis lugares: três beliches sobrepostos à direita, três outros à

esquerda: «Aqui está... aqui está!» Nada de flores no lavabo, nem tapetes, aliás nunca acreditara nisso. Nem cadeiras tão-pouco, nem mesa. Quatro pessoas sentir-se-iam mal acomodadas ali, porém o lavabo estava limpo. Tinha vontade de chorar, mas não valia a pena: previra tudo aquilo. France não podia viajar em terceira, aí está o facto, a verificação indiscutível. Como era também indiscutível o facto de Ruby não poder viajar de comboio com as costas voltadas para a locomotiva. Podia-se ser tentado a perguntar por que razão France se obstinava em comprar passagens de terceira. Porém, nesse ponto como em outros, France não merecia censuras: comprava passagem de terceira porque era económica e geria prudentemente as finanças da Orquestra Baby's; quem a poderia criticar? Maud pousou a mala no chão, tentou, durante um segundo, enraizar-se na cabina, fingir que estava ali há dois dias. Então os beliches, a vigia, os parafusos amarelos da parede, tudo lhe parecia familiar, íntimo; murmurou com convicção: «Mas esta cabina é excelente.» Depois, como se sentia cansada, tornou a pegar na mala e ficou de pé entre os beliches, sem saber o que fazer, se ficarmos aqui terei de desfazer a minha mala, mas não vamos ficar certamente, e se France vir que comecei a instalar-me, com o seu espírito de contradição, isso há-de ser mais um motivo para que ela decida trocar de cabina. Sentia-se provisória na cabina, no navio, em terra. O capitão era grande e gordo, com cabelos brancos. Ela sobressaltou-se: «Afinal estaríamos bem as quatro na cabina, se ficássemos sozinhas.»

Mas bastou-lhe um olhar para perder a esperança: no beliche da direita havia bagagens; um cesto de vime com um fecho enferrujado e uma mala de fibra — não, nem isso, de papelão prensado com os cantos amassados. E depois, para cúmulo do azar, ouviu um leve ruído, ergueu os olhos e viu que uma mulher de uns trinta anos jazia no beliche superior da direita, muito pálida, de olhos fechados. Bom, tudo vai mal. Ele tinha-lhe olhado para as pernas, quando ela passou pela coberta; fumava um charuto, ela conhecia bem essa espécie de homens que cheiram a charuto e a água-de-colónia. Bem, elas subiram no dia seguinte, ruidosas e pintadas, à coberta da segunda, as pessoas já estariam instaladas, teriam travado conhecimento e distribuído as suas simpatias, Ruby andaria muito tesa, de cabeça erguida, sorridente e miope, balouçando o traseiro, e Doucette diria com uma vozinha afectada: «Não, meu bem, vem, é o capitão que quer.» Os senhores bem-vestidos, sentados com cobertas por cima dos joelhos, acompanhá-la-iam com o olhar frio, as mulheres deixariam escapar reflexões desonestas, à sua passagem, e à noite, nos corredores, encontrariam alguns gentlemen amáveis de mais, de mãos agitadas. Ficar aqui, meu Deus, aqui entre estas quatro chapas de ferro pintadas de amarelo, estaríamos tão bem sozinhas!

France empurrou a porta. Ruby entrou atrás. «Não trouxeram as bagagens?», perguntou France bem alto. Maud fez-lhe sinal para

que se calasse, mostrando-lhe a enferma. France ergueu os seus grandes olhos claros sem cílios para o beliche: o seu rosto continuava imperioso e inexpressivo como de costume, mas Maud compreendeu que a partida estava perdida.

— Não é assim tão ruim — disse Maud com bom humor —, a cabina está quase a meio, sente-se menos o balanço do navio.

Ruby encolheu os ombros. France perguntou, como que indiferente:

— Como nos instalamos?

— Como quiser. Quer que eu fique no beliche de baixo? — perguntou, obsequiosa.

France não conseguia dormir com duas pessoas por cima dela.

— Veremos, veremos...

O capitão tinha os olhos claros e gélidos num rosto avermelhado... A porta abriu-se e uma senhora de preto surgiu.

Mastigou algumas palavras e foi sentar-se no seu beliche entre a mala e o cesto. Teria uns cinquenta anos e estava pobremente vestida, a pele era rude, terrosa, enrugada e os olhos pareciam sair-lhe da cabeça. Maud olhou-a e pensou: «Vai tudo muito mal.» Tirou um bâton da bolsa e começou a pintar os lábios. Mas France olhou-a de lado, com um ar de tão majestosa satisfação que Maud, aborrecida, deixou cair o bâton novamente para o fundo da bolsa. Houve um longo silêncio, que pareceu familiar a Maud; reinara numa cabina igualzinha, quando o Saint-Georges as levava a Tânger e um ano antes, no Théophile Gautier, quando foram tocar ao Polythéion de Corinto. Esse silêncio foi entretanto perturbado por um ruídozinho fanhoso: a mulher de preto puxara de um lenço e abrira-o sobre o rosto: chorava sem violência, mas sem cerimónia, como alguém que se prepara para uma longa crise. Ao fim de um momento, abriu o cesto e tirou dele uma fatia de pão com manteiga, um pedaço de carne de carneiro grelhada e uma garrafa térmica enrolada num guardanapo. Pôs-se a comer chorando, desarrolhou a garrafa e encheu de café a caneca; com a boca cheia, pesadas lágrimas rolaram-lhe, brilhantes, pelas bochechas. Maud viu a cabina com novos olhos: era uma sala de espera numa pequena estação de província. «Tomara que ele não seja um viciado...» Fungou e inclinou a cabeça para trás por causa do rímel. France olhava-a de lado, friamente.

— Esta cabina é pequena de mais — disse France em voz alta —, ficaremos muito mal acomodadas. Prometeram-me em Casablanca que estaríamos sós numa cabina de seis lugares.

Começava a cerimónia, havia no ar algo de sinistro e um pouco solene; Maud disse em voz baixa:

— Poderíamos completar as passagens.

France não respondeu. Sentara-se no beliche da esquerda e parecia meditar. Ao fim de um instante, a sua fisionomia fez-se sorridente e ela disse alegremente:

— E se propuséssemos ao capitão dar um concerto gratuito no salão de primeira classe? Talvez ele consentisse em mandar transportar as nossas bagagens para uma cabina mais confortável.

Maud não respondeu; cabia a Ruby fazê-lo.

— Excelente ideia — disse esta vivamente. Maud sentiu um calafrio e teve horror de si mesma. Voltou-se para France, suplicante:

— Vai, France! Tu és o nosso chefe de equipa, tu é que deves ir ter com o capitão.

— Não, querida — disse France muito amável. — Que pode obter uma mulher velha como eu? Ele será muito mais gentil para com uma belezazinha da tua idade.

Um vermelhão gordo, de cabelos e olhos cinzentos. Devia ser meticulosamente asseado, como sempre. France estendeu o braço e premiu a campainha:

— E melhor resolver isto já — disse. A mulher de preto continuava a chorar, ergueu bruscamente a cabeça e pareceu aperceber-se da presença delas.

— Vão mudar de cabina? — perguntou, inquieta. France observou-a com um ar glacial. Maud respondeu com vivacidade:

— Temos muita bagagem, ficaríamos encurraladas aqui, iríamos incomodá-la.

— Não, não me incomodam — disse a mulher. — Gosto de companhia.

Tocaram, o steward entrou. «A sorte está lançada», pensou Maud. Pegou no bâton e no pó-de-arroz, aproximou-se do espelho e começou a pintar-se cuidadosamente.

— Quer perguntar ao capitão — disse France — se tem um minuto para receber a menina Maud Dassignies, da Orquestra Feminina Baby's?

— Não — disse ele. — Aposto que não.

Os sofás de vime, a sombra dos plátanos. Daniel banhava-se em velhas recordações, aborrecidas; em Vichy, em 1920, adormecera num sofá de vime sob as grandes árvores do parque, tinha nos lábios o mesmo sorriso cortês e a mãe tricotava a seu lado, Marcelle tricotava a seu lado sapatinhos para o bebé, sonhava com a guerra, não tinha olhar. O eterno zumbido do moscardo já tanto tempo decorrido, desde Vichy, e o moscardo continuava a zumbir, havia um cheiro a menta; atrás deles, no salão do hotel, alguém tocava piano há vinte anos, há cem anos.

Um pouco de sol nos dedos frisando os pelos das falanges, um pouco de sol aquecia, no fundo da xícara vazia, uma pequenina poça de café com um recife de açúcar, escuro e granulado, com mil arestas brilhantes. Daniel esmagou o açúcar pelo prazer melancólico de sentir sob a colher o desmoronamento da areia rangente. O jardim deslizava lentamente para o rio, a água morna e lenta, o odor de planta aquecida e a *Revue des Deux Mondes* que o senhor Lestrage, coronel aposentado, deixara sobre uma mesa do outro lado da entrada. A morte, a eternidade, ninguém se furtará a ela, a doce, a insinuante eternidade, as folhas verdes e viscosas acima das cabeças; o eterno montinho das primeiras folhas mortas. Emile cavava, único ser vivo, sob os castanheiros. Era o filho dos patrões, lançara para o chão, à beira da valeta, um saco de pano cinzento. No saco estava Zizi, a cadela morta: Emile cavava-lhe uma cova; trazia na cabeça um imenso chapéu de palha, o suor escorria-lhe pelo dorso nu. Um rapazola grosseiro e insignificante, de fisionomia dura, um rochedo com duas fendas horizontais e musgosas no lugar dos olhos, tinha dezassete anos, e já corria atrás das mulheres, era campeão local de bilhar e fumava charuto, mas era dono daquele corpo delicioso, imerecido.

— Ah! — disse Marcelle —, se eu ousasse acreditar...

Naturalmente. Naturalmente não ousava acreditar. E no entanto, a ela, que mal podia fazer a guerra? Continuará a engordar em alguma aldeia, algures no campo. Será que ela não se vai embora, está a deixar passar a hora da sesta. Ele apoiava o pé sobre a pá e premia com toda a força; pousar docemente as mãos nas ancas e subir, uma leve pressão, como um massagista, enquanto ele cava a terra, roçar a ponta dos dedos na sombra húmida das axilas; o seu suor cheira a timo. Bebeu um golo de bagaço.

— Seria bom de mais — disse Marcelle. — E depois, a mobilização já começou.

— Mas, minha cara Marcelle, como pode levar isso a sério? A Home Fleet vai dar uma volta pelo mar do Norte, a França mobiliza duzentos mil homens, Hitler reúne quatro divisões blindadas na fronteira checa. Depois, esses senhores ficarão com a consciência tranqüila e poderão conversar calmamente à volta de uma mesa.

Um corpo de mulher agarra-se. Borracha, carne desossada, isso arranja-se até de mais. Aquele belo corpo exigia carinhos de escultor, seria preciso modelá-lo. Daniel endireitou-se bruscamente no sofá e fixou Marcelle com um olhar faiscante.

Isso não, isso nunca; esse vício distraído... ainda não tenho idade para isso. Bebo um copo de bagaço, falo com gravidade acerca da guerra que se anuncia e, durante esse tempo, o meu olhar roça, indolentemente, um jovem dorso nu, um traseiro bem feito, ofusca todas as possíveis dádivas de uma tarde de Verão. Que venha! Que venha então a guerra, que venha matar os meus

olhos, afundá-los nas órbitas, mostrar-lhes enfim corpos conspurcados, sangrentos, desarticulados, que ela me arranque destes eternos desejos, pequeninos e fracos, das folhagens, do zumbido das moscas, dos sorrisos, um géiser de fogo sobe aos céus, uma chama que queima o rosto e os olhos, como se tivéssemos as faces arrancadas, que venha afinal o instante inominável que não lembra coisa alguma.

— Mas — disse Marcelle com uma doce indulgência (ela não apreciava as qualidades políticas dele) — a Alemanha não pode recuar, não é? E nós chegámos ao máximo das concessões. Então?

— Não tenha medo — disse Daniel com amargura. — Faremos todas as concessões necessárias, não haverá limites. E depois a Alemanha pode dar-se ao luxo de recuar, quem ousaria falar de recuo? Diriam que foi generosidade.

Êmile endireitou-se, enxugava a fronte com as costas da mão, as suas axilas fumegavam, olhava para o céu a sorrir, um jovem deus. Um jovem deus! Daniel arranhou o braço do sofá. Quantas vezes, Senhor, quantas vezes não dissera: um jovem deus ao contemplar um adolescente ao sol.

Palavras gastas de tia idosa; sou um pederasta, dizia, e eram ainda palavras que não o perturbavam, de repente pensou: «O que poderia a guerra modificar?» Estaria sentado em algum outeiro, durante uma acalmia, olharia distraidamente o dorso nu de um jovem soldado cavando a terra ou catando piolhos, os lábios já bem treinados murmurariam sozinhos: «Um jovem deus; entusiasmano-nos em qualquer parte.»

— Afinal — disse bruscamente —, estamos a discutir à toa. Quando houver guerra? Imagino que será vivida mesquinamente, como tudo.

— Oh! Daniel. — Marcelle tinha um ar de quem estava verdadeiramente escandalizada. — Como pode dizer isso? Seria... seria terrível!

Palavras. Sempre palavras.

— O que é terrível — disse Daniel a sorrir — é que nada é jamais muito terrível. Não há extremos.

Marcelle olhou-o com certa surpresa, os seus olhos tinham perdido o brilho: «O sono está a vencê-la», pensou Daniel, satisfeito.

— Se me dissesse isso dos sofrimentos morais, eu compreenderia. Mas, Daniel!, há os sofrimentos físicos...

— Ah! — disse Daniel, ameaçando-a com o dedo.

— Já está a pensar nas futuras dores! Verá, verá! Penso que isso também é um exagero.

Marcelle sorriu-lhe, reprimindo um bocejo.

— Vamos — disse Daniel levantando-se —, não se atormente, Marcelle. Quase deixou passar a hora da sesta. Não dorme o suficiente; no seu estado é preciso dormir muito.

— Não durmo o suficiente? — Ria e bocejava ao mesmo tempo. — Até tenho vergonha, não leio nada, passo os dias na cama.

«Felizmente», pensou Daniel, beijando-lhe a ponta dos dedos.

— Aposto que ainda não escreveu à senhora sua mãe.

— É verdade. Sou uma filha ingrata. — Bocejou, acrescentando:

— Vou fazê-lo antes de dormir.

— Não, não — disse Daniel com vivacidade. — Vá descansar imediatamente. Eu é que lhe mandarei uma palavrinha.

— Oh! Daniel — disse Marcelle encantada e confusa —, uma carta do genro, ela vai sentir-se tão orgulhosa!

Subiu a escada com dificuldade e ele voltou a sentar-se no sofá. Bocejou, passou-se algum tempo e percebeu que estava a ouvir um piano. Olhou para o relógio: eram três horas e vinte e cinco. Marcelle desceria às seis para o seu passeio aperitivo. «Tenho duas horas e meia diante de mim», pensou com certa apreensão. Bem: outrora a sua solidão era como o ar que se respira, vivia-a sem a ver. Agora, era-lhe concedida aos poucos e ele não sabia o que fazer dela. O mais extraordinário é que me aborreço menos quando Marcelle está comigo. «Tu o quiseste», disse a si mesmo, «tu o quiseste!»

Sobrava um gole de bagaço no fundo do copo, bebeu-o. Naquela noite de Junho, quando resolvera desposar Marcelle, arquejava de angústia, julgava mergulhar no horror. Tudo isso para chegar àquele ponto, ao sofá de vime, ao gosto levemente podre do bagaço na boca, ao dorso nu. A guerra seria a mesma coisa.

O horror é sempre para o dia seguinte. Eu casado, eu soldado: só encontro eu próprio. E nem mesmo eu: uma sequência de pequenas deslocações excêntricas, de pequenos movimentos centrifugos e nenhum centro. No entanto, há um centro. Um centro: eu. Eu — e o horror está no centro. Ergueu a cabeça, a mosca zumbia à altura dos seus olhos, espantou-a. Mais uma fuga. Um pequeno gesto com a mão, um quase nada, já ele escapava de si: que importa a mosca? Ser de pedra, imóvel, insensível, sem um gesto, sem um ruído, cego e surdo, as moscas, os insectos passando sobre o meu corpo, uma estátua severa de olhos vazios sem um projecto, sem uma preocupação: talvez conseguisse coincidir comigo mesmo. Não, certamente, para me aceitar; para ser, enfim, o objecto do meu ódio. Houve uma espécie de dilaceração, quatro notas de uma polaca, o brilho daquele dorso nu, um formigueiro no polegar e depois caiu em si novamente. Ser

o que sou, ser um pederasta, um mau, um covarde, essa imundície, em suma, que não chega sequer a existir. Encostou os joelhos, pousou as mãos sobre as coxas, teve vontade de rir: devo ter um ar muito decente, e encolheu os ombros: «Imbecil! Não me incomodar com o meu aspecto, sobretudo não olhar mais para mim, se me olho sou dois. Ser. No escuro, às cegas. Ser pederasta, como a árvore é a árvore. Apagar o olhar interior.» Pensou: «Apagar.» A palavra soou como um trovão, repercutiu-se por imensas salas vazias.

Espantar as palavras, eram um pulular de pequenos prazos, cada qual marcando-lhe um encontro ao fim de si mesmo... Houve uma nova dilaceração, Daniel encontrou-se sonolento e aborrecido, um tipo que tem apenas duas horas diante de si e distrai-se como pode. Ser como eles me vêem, como Mathieu me vê — e Ralph com a sua cabecinha suja; espantar as palavras como mosquitos; pôs-se a contar mentalmente, um, dois — as palavras surgiram: divertimento de veranistas. Mas contou mais depressa, apertou as malhas da rede e as palavras já não passaram. Cinco, seis, sete, oito, o fundo do mar, uma imagem estava ali, agachada, medonha, comum a essas profundezas, uma aranha-do-mar, desabrochando, vinte e dois, vinte e três, Daniel percebeu que retinha a respiração, relaxou-a, vinte e sete, vinte e oito, o outro cavava lá em cima, na superfície: era uma chaga aberta, boca amarga, esses lábios abertos e o sangue que brota deles, trinta e três, a imagem era-lhe familiar e no entanto, formava-a pela primeira vez. Espantar as imagens também; estava tomado por um medo estranho e leve. Deslizar deixar-se deslizar como quando se deseja dormir. Mas estou a adormecer!

Sacudiu-se, emergiu à tona. Que silêncio, cá fora; o silêncio esmagador, semimorto, que buscava em vão dentro dele, estava ali, e fazia medo. O sol esparso juncava o chão de círculos pálidos e irrequietos, a cadeia morta, o murmúrio do rio na copa das árvores, o dorso nu, tão próximo, tão longínquo, sentia-se tão terrivelmente estranho a tudo que se deixou mergulhar outra vez, afundou-se para trás, agora via o jardim por baixo como um mergulhador que ergue a cabeça e olha para o céu através da água. Sem ruído, sem voz, pequeno tagarela no centro do silêncio. Um, dois, três, espantar as palavras, que o silêncio acesse, se junte e se unifique através de mim; regularizar a minha respiração. Lentamente, profundamente, que cada coluna de ar esmague como um pistão as palavras que tentarem nascer. Ser, como uma árvore, como o dorso nu, como as lúmulas borboletantes na terra rósea. Se fechasse os olhos: os olhos conduzem até longe de mais, para fora do instante, para fora de mim, para longe, nas folhas, no dorso; o olhar perseguido, furtivo, fugidio, sempre no extremo de si mesmo, apalpa a distância. Mas não ousou cerrar as pálpebras; Émile devia olhá-lo às escondidas, de vez em quando, e ele teria o ar de um senhor de idade apanhado por uma sonolência digestiva;

antes fascinar-se com alguma coisa, dar alimento aos olhos, amarrar o olhar, nutri-lo e descer ao fundo de si mesmo, liberto dos olhos, dentro da minha noite espessa; fixou o canteiro, à esquerda, um grande ritmo verde, coagulado: uma onda imobilizada no momento em que se desfaz; o olhar perdido, lançado sem cessar de uma para outra folha, dissolvia-se naquela desordem vegetal. Um (inspiração), dois (expiração), três (inspiração), quatro (expiração). Descia rodopiando, no caminho encontrou uma formigante vontade de rir, faço o dervixe, tomara que eu não engula a língua, já ela se projectava acima dele, ele afundava-se, cruzava palavras em trapos: medo, desafio, que voltavam à tona. Um desafio ao céu claro, ele imaginava-o sem imagens, sem palavras está a vir, a abrir-se como uma boca de esgoto. Sob o azul, uma reivindicação amarga, uma súplica vã, Eli, Eli, lama sabacthni, foram as últimas palavras que encontrou, subiam dele como bolhas leves, a parede verde do canteiro estava ali, despercebida, uma plenitude de presença diante dos seus olhos, está a vir, está a vir. Sentir-se cortado, rasgado como por uma foice, era extraordinário, desesperante, delicioso.

Aberto, aberto, a casca estoira, aberto, aberto, pleno, eu mesmo para sempre, pederasta, mau, covarde. Estão a ver-me, não. Não é isso; alguma coisa me vê. Sentia-se objecto de um olhar. Um olhar que o perscrutava até ao fundo, que o penetrava a golpes de punhal e que não era o seu olhar: um olhar opaco, a própria noite, que o esperava no fundo dele mesmo e o condenava a ser ele mesmo, covarde, hipócrita, pederasta para sempre. Ele mesmo, palpitando sob esse olhar e desafiando esse olhar. O olhar. A noite. Como se a noite fosse um olhar. Estou a ser visto. Transparente, transparente, trespassado.

Por quem? — Não estou só — disse Daniel em voz alta. Émile ergueu-se.

— Que é que há, senhor Sereno?

— Estava-lhe a perguntar se demoraria muito ainda.

— Estou a acabar — disse Émile —, só mais uns minutos.

Não se apressava em recomeçar a cavar, olhava para Daniel com uma curiosidade insolente. Mas aquilo era um olhar humano, um olhar que se podia enfrentar. Daniel levantou-se, tremia de medo:

— Não fica cansado de cavar assim com tanto sol?

— Estou habituado — disse Émile.

Tinha um peito encantador, um pouco gordo, com dois minúsculos pontos róseos; apoiava-se à enxada com um ar provocante; a três passos... Mas havia aquele estranho gozo, mais acre que todas as volúpias, havia aquele olhar.

— Faz calor de mais para mim — disse Daniel —, acho que vou subir para descansar um instante.

Inclinou a cabeça ligeiramente e subiu a escada. Tinha a boca seca, mas estava decidido: no quarto, de cortinas corridas, persianas fechadas, recomeçaria a experiência.

Dezassete horas e quinze minutos em Saint-Flour. A senhora Hannequin acompanhava o marido à estação; tinham seguido pelo atalho íngreme. O senhor Hannequin vestia o seu fato de sport, trazia a sacola a tiracolo; tinha calçado os sapatos novos que lhe feriam o peito do pé. A meio caminho encontraram a senhora Calvé. Ela parara em frente da casa do tabelião para tomar fôlego.

— Ah!, pobres pernas — disse ela ao vê-los —, estou a envelhecer. Uma pobre velha.

— Está mais jovem que nunca — disse a senhora Hannequin — e não conheço muita gente capaz de voltar por este atalho sem tomar fôlego.

— Onde vão assim tão depressa? — perguntou a senhora Calvé.

— Ah!, minha cara Jeanne — disse a senhora Hannequin —, acompanho o meu marido. Ele vai partir, foi chamado!

— Não é possível! Mas eu não sabia! Ora, ora! — Pareceu ao senhor Hannequin que ela o olhava com um interesse especial. — Deve ser duro — acrescentou ela — partir num dia tão lindo.

— Ora, ora! — disse o senhor Hannequin.

— Ele é muito corajoso — atalhou a senhora Hannequin.

— Ainda bem — disse a senhora Calvé, sorrindo para a senhora Hannequin. — É o que eu dizia ontem ao meu marido: os franceses partirão todos com coragem.

Hannequin sentiu-se jovem e corajoso.

— Desculpe-nos, temos de ir.

— Então até breve.

— Até breve... — disse a senhora Hannequin meneando a cabeça.

— Sem dúvida, sem dúvida — disse o senhor Hannequin —, até breve!

Seguiram. O senhor Hannequin andava depressa, a senhora Hannequin observou:

— Devagar, François, não posso acompanhar esse passo por causa do meu coração...

Cruzaram-se com Marie, cujo filho estava a cumprir o serviço militar. O senhor Hannequin gritou-lhe:

— Não quer nada para o seu filho, Marie? Talvez o encontre, sou soldado de novo. Marie pareceu impressionada:

— Jesus! — implorou, de mãos postas.

Hannequin fez um gesto de adeus e entraram na estação. Era Charlot quem picotava os bilhetes.

— Então, senhor Hannequin desta feita é o grande bumbum?

— O zim-badabum, a rumba do amor — respondeu o senhor Hannequin, estendendo-lhe o bilhete.

O tabelião Pineau estava na cave. Gritou-lhes de longe:

— Então, uma farrinha em Paris?

— Sim — disse ele —, vou receber bombas em Nancy. E acrescentou sobriamente: «Fui chamado.»

— Como? — disse o tabelião. — Mas então, tem o número dois?

— Pois tenho!

— Vá! Voltará em breve: tudo isso é fita.

— Não sei — respondeu secamente o senhor Hannequin. — Na diplomacia há conjunturas que começam como farsas e acabam em tragédias, em sangue.

— E... acha justo ir lutar pelos Checos?

— Checos ou não, é sempre pelo rei da Prússia que nos batemos.

Riram e cumprimentaram-se. O comboio de Paris entrava na estação, mas Pineau não deixou de beijar a mão da senhora Hannequin.

O senhor Hannequin subiu para o compartimento sem se servir das mãos. Lançou a sacola para um canto que reservara, voltou para o corredor, baixou o vidro da janela e sorriu para a mulher:

— Olá! Estou muito bem. Há muitos lugares. Se continuar assim poderei estender as pernas para dormir.

— Oh!, deve subir muita gente em Clermont.

— É o que receio.

— Escreve-me. Uma só palavra todos os dias, não é preciso escrever muito.

— Está bem.

— Não te esqueças de usar as cintas de flanela, fá-lo por mim.

— Juro — disse ele com um ar de solenidade, sorridente.

Atravessou novamente o corredor, voltou à escadinha da carruagem:

— Um beijo, minha velha.

Beijou-a no rosto redondo, molhado por duas lágrimas.

— Meu Deus! — disse ela. — Todo... este aborrecimento. Não faltava mais nada!

— Bom, bom...

Calaram-se. Ele sorria-lhe, ela olhava-o sorrindo e chorando, nada mais tinha a dizer. O senhor Hannequin fazia votos para que o comboio partisse o mais depressa possível.

Dezassete horas e cinqüenta e dois minutos em Niort. O ponteiro grande do relógio desloca-se com uma sacudidela a cada minuto, oscila um pouco e pára. O comboio é escuro, a estação é escura. Fuligem. Ela teimou em vir. Por dever. Eu disse-lhe: «Não vale a pena.» Ela olhou para mim escandalizada: «Como, Georges? Nem penses nisso.» Eu disse-lhe: «Não te demores, não podes deixar a menina sozinha por muito tempo.» Ela respondeu: «Vou pedir à senhora Cornu para ficar com ela. Levo-te ao comboio e depois volto a ir buscá-la.» Agora está aí, debruço-me à janela do meu compartimento e olho-a. Tenho vontade de fumar, mas não ousa, penso que não seria decente. Ela olha para o fim da plataforma, abrigando os olhos com a mão por causa do sol.

De vez em quando lembra-se de que estou a seu lado e que deve olhar para mim. Ergue a cabeça, pousa os olhos em mim, sorri, não sabe o que dizer. No fundo, já parti.

— Travesseiros, cobertores, laranjas, limonadas, sanduíches.

— Georges!

— Querida?

— Queres laranjas?

A minha sacola está cheia. Mas ela tem vontade de me dar alguma coisa. Porque vou partir. Se eu recusar ela terá remorsos. Não gosto de laranjas.

— Não, obrigado.

— Não, mesmo?

— Não, de verdade. És muito gentil.

Sorriso pálido. Beije há pouco essas belas faces frias e cheias, e o canto desse sorriso. Ela beijou-me, senti-me um pouco envergonhado: porquê todas essas histórias, Deus meu? Porque vou partir? Muitos partem. É verdade que os beijos também. Quantas mulheres bonitas assim de pé, ao crepúsculo, no fumo e na fuligem, erguendo um sorriso de lábios pintados para um homem debruçado à janela da sua carruagem! E depois? Nós devemos parecer um tanto ridículos: ela é bela de mais, fria de mais, eu sou demasiado feio.

— Escreve-me — disse ela —, já to disse mas é preciso passar o tempo, sempre que puderes. Uma só palavra basta... Será uma só palavra, com efeito. Não terei nada para dizer. Não me acontecerá nada, nunca me acontece nada. E, além disso, eu já a vi ler cartas. O seu ar importante, aplicado, aborrecido; coloca os óculos na ponta do nariz, lê a meia voz e ainda acha uma maneira de pular linhas inteiras.

— Bem, querido, vou dizer-te adeus. Vê se dormes um pouco esta noite.

Pois é, é preciso dizer alguma coisa. Mas ela sabe que eu nunca durmo no comboio. Repeti-lo-á daqui a pouco à senhora Cornu: «O comboio estava repleto. Pobre Georges, espero que mesmo assim possa dormir.»

Olha à sua volta, com um ar infeliz; o grande chapéu de palha balouça-lhe na cabeça. Um rapaz com a sua jovem mulher pára ao lado dela.

— Preciso de me ir embora. Preciso de ir ver a menina. — Falou alto por causa deles. Eles são intimidantes porque são belos.

Mas não lhe prestam atenção.

— Vai, querida, adeus. Volta depressa para casa. Escreverei logo que for possível.

Uma lagrimazinha, mesmo assim. Porquê, meu Deus, porquê? Ela hesita. E se de repente me estendesse os braços e me dissesse:

«Tudo isto não passa de um mal-entendido, eu amo-te, eu amo-te!»

— Não apanhes frio.

— Não, não. Adeus.

Ela parte. Um aceno de mão, um olhar claro e ei-la que se vai, devagar, balouçando um pouco as ancas duras, dezassete horas e cinquenta e cinco. Não tenho vontade de fumar mais. O rapaz e a mulher jovem ficaram na gare. Olho-os. Ele transporta uma sacola e falaram de Nancy; também foi chamado. Não dizem mais nada; olham-se. E eu olho para as mãos deles, as belas mãos sem alianças. A mulher é pálida, esguia, tem cabelos pretos rebeldes; ele é grande, loiro, uma pele doirada, os seus braços nus destacam-se da camisa de seda azul de manga curta. As portas fecham-se com estrondo; eles não ouvem; nem sequer se olham mais, não precisam de se olhar, é por dentro que eles estão juntos.

— Passageiros para Paris!

Ela treme, não fala. Ele não a beija, encerra nas suas mãos os braços nus à altura dos ombros, e deixa as mãos deslizarem até aos punhos. Punhos magros, frágeis. Parece apertá-los com toda a força. Ela submete-se, os seus braços pendem inertes, o rosto parece adormecido.

— Passageiros para Paris!

O comboio põe-se em movimento, o rapaz salta para o vagão, fica pendurado no corrimão de cobre. Ela voltou-se para ele, o sol branqueia-lhe o rosto, pisca os olhos, sorri. Um sorriso largo e quente, tão confiante, tão sereno, tão terno: não é possível que um homem, por mais belo e forte que seja, leve consigo, para si só, um tal sorriso. Ela não me vê, só vê a ele, pisca os olhos, luta contra o

sol para o ver mais um instante. Sorriu também para ela, devolvo-lhe o seu sorriso.

Dezoito horas. O comboio deixou a estação, o sol entra, todos os vidros brilham. Ela ficou na gare, pequenina, escura. Não se mexe. Não acena com o lenço, os seus braços colam-se ao corpo, mas sorri, dir-se-ia que se extingue a sorrir. Agora ainda sorri, sem dúvida, mas já não se vê o seu sorriso.

Vemo-la apenas. Ali está para ele, para todos os que partem, para mim. A minha mulher está na nossa casa calma, sentada junto da menina, o silêncio e a paz reconstituem-se à volta dela. Eu parto, pobre Georges, partiu, espero que possa dormir mesmo assim, eu parto, evado-me no sol e sorrio com todas as minhas forças para uma forma pequena, escura, que ficou na gare.

Dezoito horas e dez. Pitteaux andava de um lado para o outro na Rua Cassette, tinha encontro marcado às dezoito horas; olhou para o relógio de pulso, dezoito e dez, subirei daqui a cinco minutos. A quinhentos e vinte e oito quilômetros a sudoeste de Paris, Georges, apoiado à janela, deslizava entre pastagens, olhava para os postes telegráficos, suave, sorria.

Pitteaux dizia para com os seus botões: «Que disparate poderá ter feito ainda esse chato?» Sentiu-se tomado por um desejo violento de subir, tocar gritar: «Então que foi que ele fez agora? Não tenho nada com isso!» Mas decidiu-se a dar meia volta, irei até ao lampião, caminhou, antes de tudo não parecer apressado, censurava-se por ter vindo, devia ter respondido em papel timbrado: «Minha senhora, se desejar falar-me, estou no meu escritório diariamente das dez ao meio-dia.» Voltou as costas para o lampião, apressou o passo sem dar por ele. Paris: quinhentos e dezoito quilômetros.

Georges enxugou a fronte, deslizava de lado para Paris, como um caranguejo, Pitteaux pensava: «Negócio chato», quase corria, o comboio atrás dele, virou na Rua de Rennes, entrou no 71, subiu ao terceiro andar e tocou; a seiscentos e trinta e nove quilômetros de Paris, Hannequin olhava para as pernas da sua vizinha, eram grossas e bem desenhadas dentro de meias um pouco brilhantes e felpudas. Pitteaux tocara, esperava à porta enxugando a fronte. Georges enxugava a fronte no meio do barulho das rodas nos carris, que disparate terá ainda feito, um negócio chato, Pitteaux tinha dificuldade em engolir e o estômago, principalmente o estômago, sentia-o vazio e cheio de espasmos, mas mantinha-se erecto, de cabeça erguida, dilatando um pouco as narinas, e fazia a sua carranca, a sua terrível carranca; a porta abriu-se, o comboio de Hannequin mergulhou num túnel, Pitteaux penetrou numa escuridão fresca, cheirava a poeira sagrada, a criada disse-lhe: «Queira entrar por favor», uma mulher gordinha e perfumada, braços nus e moles, suave moleza das carnes quadragenárias, com uma mecha branca no meio dos cabelos pretos, precipitou-se ao

seu encontro; sentiu o seu odor maduro.

— Onde está ele?

Inclinou-se, ela tinha chorado. A vizinha de Hannequin descruzou as pernas e ele viu um pedaço de coxa acima da liga.

Pitteaux fez uma careta:

— A quem se refere, minha senhora? Ela disse:

— Onde está Philippe?

Ele sentiu-se cheio de ternura, talvez ela chorasse diante dele, torcendo os belos braços; uma mulher do seu meio devia, sem dúvida, rapar as axilas.

Uma voz de homem fê-lo sobressaltar, vinha do fundo do vestibulo:

— Cara amiga, não percamos tempo. Se o senhor Pitteaux quiser vir ao meu escritório, dir-lhe-emos...

Apanhado na ratoeira! Entrou a tremer de raiva, mergulhou num calor branco, o comboio saía do túnel, uma flecha de luz branca entrou no vagão. Sentaram-se de costas para a luz, naturalmente, e eu estou de frente para a claridade. Eram dois.

— Sou o general Lacaze — disse o homem de uniforme. Indicou o seu vizinho, um gigante melancólico, e acrescentou:

— Este é o doutor Jardies, médico psiquiatra, que nos fez o favor de examinar Philippe e de acompanhar o seu caso nestes últimos tempos.

Georges voltou ao compartimento e sentou-se, um moreninho falava, tinha cara de espanhol: «O seu patrão ajudá-lo-á, tudo isso está certo para os empregados e funcionários. Eu não tenho ordenado fixo, recebo muitas gorjetas, sou criado de café, é tudo. Vocês dizem que isso não vai durar, que é para aterrorizá-los, quero crer, mas suponham que dura dois meses, como é que a minha mulher vai comer?»

— Philippe, meu enteado, abandonou o lar sem nos prevenir, nas primeiras horas da manhã. Lá pelas dez, a sua mãe achou esta carta na mesa da sala de jantar. — Estendeu-a por cima da secretária com ar autoritário: — Queira tomar conhecimento.

Pitteaux pegou na carta com repugnância, aquela caligrafia mesquinha e suja, irregular, pontiaguda, com rasuras e manchas; ele chegava, esperava horas inteiras, e eu ouvia-o andar de cá para lá, depois saía deixando em qualquer lugar, no chão, na cadeira, por baixo da porta, papelinhos amassados, cobertos de garatujas, Pitteaux olhava para a caligrafia sem dizer nada, como uma sequência de desenhos absurdos e demasiado conhecidos, que lhe provocavam nojo, gostaria de nunca o ter conhecido.

«Mãezinha, estamos no tempo dos assassinos, eu prefiro o martírio. Sofrerás, talvez, um pouco: assim o espero.

Philippe.»

Largou a carta na secretária e sorriu:

— Tempo dos assassinos! A influência de Rimbaud tem sido nefasta.

O general fixou-o:

— Trataremos daqui a pouco da questão das influências. Sabe onde está o meu enteado?

— Como o saberia?

— Quando viu o rapaz pela última vez?

«Essa agora! Submetem-me a um interrogatório», pensou Pitteaux. Voltou-se para a senhora Lacaze e disse afavelmente:

— Não sei dizer, há oito dias, creio. Agora a voz do general feria-o de lado:

— Ele deu-lhe a conhecer as suas intenções?

— Não — disse Pitteaux, sorrindo para a mãe. — A senhora conhece o Philippe, age por impulsos. Estou convencido de que não sabia ontem à noite o que faria esta manhã.

— E posteriormente — perguntou o general — não lhe escreveu nem telefonou?

Pitteaux hesitou, mas a sua mão já se movimentara, uma mão dócil, servil, que mergulhou no bolso interior e estendeu um papelucho. A senhora Lacaze pegou avidamente no bilhete. «Não mando mais nas minhas mãos.» Mandava ainda no rosto, fez aquela sua carranca, arqueando o cenho.

— Recebi isto hoje de manhã.

— Lcetus et errabundus — leu a senhora Lacaze com atenção. — Pela paz.

O comboio rodava, o navio balouçava, o estômago de Pitteaux cantava, pôs-se de pé, penosamente:

— Isso quer dizer: alegre e vagabundo — explicou Pitteaux cortesmente. — É o título de um poema de Verlaine.

O psiquiatra deitou-lhe um olhar:

— Um poema um tanto especial.

— É tudo? — indagou a senhora Lacaze. Virava e revirava o papelucho.

— Infelizmente, minha senhora, é tudo. Ouviu-se a voz cortante do general:

— Quer mais, quer minha amiga? Acho essa carta perfeitamente clara, e estranho que o senhor Pitteaux pretenda desconhecer as intenções de Philippe.

Pitteaux voltou-se bruscamente, olhou para o uniforme, não o

rosto, e o sangue subiu-lhe à cabeça.

— Senhor — disse —, Philippe escrevia-me bilhetes desse tipo três a quatro vezes por semana, eu já não ligava a isso. O senhor há-de desculpar-me, mas tenho outras ocupações.

— Senhor Pitteaux — disse o general —, o senhor dirige desde 1937 a revista O Pacifista, na qual tomou nitidamente posição não só contra a guerra, mas ainda contra o Exército francês. O senhor conheceu o meu enteado em Outubro de 37 em condições que ignoro e converteu-o às suas ideias. Sob a sua influência, ele adoptou uma atitude inadmissível em relação a mim, porque sou oficial, e em relação à mãe, porque se casou comigo. Ele entregou-se publicamente a manifestações de carácter francamente antimilitarista. Agora abandona o lar, no momento de maior tensão internacional, avisando-nos na carta, que o senhor leu, que pretende tornar-se um mártir da paz. O senhor tem trinta anos e Philippe ainda não tem vinte, portanto não lhe causarei surpresa ao dizer-lhe que o considero pessoalmente responsável por tudo quanto possa acontecer ao meu enteado em consequência desta fuga.

— Pois é — disse Hannequin à vizinha —, vou dizer-lhe: fui mobilizado. — Meu Deus! — disse ela. Georges olhava para o criado de mesa, achava-o simpático e tinha vontade de lhe dizer: eu também fui mobilizado, mas não ousava, por pudor, o comboio balouçava terrivelmente. «Estou em cima das rodas», pensou.

— Recuso qualquer responsabilidade — disse Pitteaux categoricamente. — Compreendo o seu sofrimento, mas nem por isso hei-de aceitar a função de bode expiatório. Philippe Grésigne veio à sede da revista em Outubro de 37, é um facto que não pretendo ignorar. Entregou-nos um poema que nos pareceu promissor, e nós publicámo-lo no nosso número de Dezembro. Depois disso, apareceu muitas vezes e nós tudo fizemos para desencorajá-lo: era exaltado de mais e, para dizer a verdade, não sabíamos o que fazer dele. (Sentado à beira da cadeira, fixava em Pitteaux o seu olhar azul e incómodo, via-o beber e fumar, via-o mexer os lábios, mas não fumava, não bebia, enfiava de vez em quando o dedo no nariz ou a unha entre os dentes, sem parar de olhá-lo.)

— Mas onde poderá estar? — gritou subitamente a senhora Lacaze. — Onde poderá estar? Que estará a fazer? O senhor fala dele como se tivesse morrido!

Calaram-se. Ela inclinara-se para a frente com uma fisionomia de angústia e desprezo; Pitteaux via-lhe a linha dos seios pelo decote da blusa; o general permanecia erecto no seu sofá, esperava, concedia alguns minutos de silêncio à legítima dor de uma mãe. O psiquiatra olhou para a senhora Lacaze com atenta simpatia, como se fosse uma das suas doentes. Depois, meneou a cabeça melancólica, voltou-se para Pitteaux e reiniciou as

hostilidades:

— Admito, senhor Pitteaux, que Philippe não tenha compreendido todas as suas ideias. O facto é que se tratava de um rapaz muito influenciável e que lhe devotava uma enorme admiração.

— Cabe-me a mim a culpa?

— Talvez não lhe caiba a culpa. Mas o senhor abusava da sua força.

— Ora, tenha paciência! Enfim, se o senhor examinou Philippe, sabe que é um doente!

— Não é bem um doente — disse o médico, sorrindo.

— Tinha certamente uma hereditariedade pesada. Do lado do pai — acrescentou, deitando um olhar ao general.

— Mas não era um psicopata propriamente dito. Era um rapaz solitário, desajustado, preguiçoso e vaidoso. Sestros, fobias, naturalmente, com predominância de ideias sexuais. Veio ver-me amiúde nestes últimos tempos, conversámos, confessou-me que... como dizer? Desculpe-me a rudeza de médico... senhora Lacaze.

Tinha ejaculações freqüentes e sistemáticas. Sei que muitos colegas vêem nisso um efeito apenas; penso, como Esquirol, que é antes uma causa. Em suma, atravessava penosamente isso a que Mendousse chamou, com muita felicidade, a crise de originalidade dos adolescentes: necessitava de um guia. O senhor foi um mau pastor, senhor Pitteaux, um mau pastor.

O olhar da senhora Lacaze parecia pousado em Pitteaux por acaso; mas era insustentável. Pitteaux preferia voltar-se francamente para o psiquiatra.

— Que a senhora Lacaze me perdoe — disse —, mas, uma vez que me forcem a dizê-lo, declaro com toda a franqueza que sempre considere Philippe como o tipo acabado do degenerado. Se precisava de um guia porque não se preocupou com ele? E a sua profissão.

O psiquiatra sorriu tristemente e lambeu os lábios, suspirando. Ela sorria, encostada à porta da cabina, toda arrepiada:

— Pois bem, menina — disse o capitão —, volte às nove horas e dir-lhe-ei o que puder fazer por si e pelas suas amigas. — Tinha os olhos vazios e claros, estava muito vermelho, acariciou-lhe os seios e o pescoço e acrescentou: — Não se esqueça, esta noite às nove horas.

— O general Lacaze houve por bem comunicar-me algumas páginas do diário de Philippe e achei que era meu dever tomar conhecimento delas. Senhor Pitteaux, deduz-se dessa leitura que o senhor praticava chantagem com esse infeliz. Sabendo a que ponto ele aspirava à sua estima, o senhor aproveitava, parece, para

solicitar certos favores que não se esclarecem no diário. Nestes últimos tempos ele resolveu revoltar-se e o senhor manifestou-lhe tal desprezo que o levou ao desespero.

Que saberão eles? Mas a cólera foi mais forte, sorriu por sua vez. Maud sorria e cumprimentava, o traseiro já estava para fora, ao ar livre, o busto inclinava-se, mergulhava no ar quente e perfumado da cabina:

— Certamente, capitão. Então às nove horas; combinado.

— Quem o levou ao desespero? Quem o humilhava diariamente? Quem foi que o esbofeteou no sábado à mesa? Eu? Quem o tratava como um doente e o mandava a um psiquiatra e o forçava a responder a perguntas deprimentes?

— Você também foi chamado? — perguntou o criado de mesa.

Georges sorriu-lhe com um ar infeliz, mas fora preciso falar, responder às perguntas das duas jovens:

— Não — disse —, vou em negócios a Paris. A voz aguda da senhora Lacaze sobressaltou-o:

— O senhor não se cala? Não pode calar-se? Como o senhor o despreza! Um rapaz de vinte anos, o senhor despiu-o, manchou-o, e a mim, será que também não me respeita? Talvez ele se tenha atirado ao Sena e os senhores estejam para aí a culparem-se mutuamente! Somos todos culpados; ele dizia: «Não têm o direito de me exasperar», e todos nós o exasperávamos.

O general estava vermelho. Maud estava vermelha:

— Pronto — disse —, virão buscar as bagagens, dormiremos na segunda classe, esta noite.

— Estás a ver, querida? — disse France. — Fazias disso um cavalo de batalha, mas não era assim tão difícil.

— Rose — disse ele sem elevar a voz, fixando nela os seus olhos frios. Ela tremeu, olhou-o, de boca aberta.

— É... é imundo, tenho vergonha! Ele estendeu a sua mão forte e fechou-a no braço despido da mulher, repetindo:

— Rose — com uma voz sem entonação. O corpo da senhora Lacaze comprimiu-se, fechou a boca, sacudiu a cabeça e pareceu despertar; olhou o general e este sorriu-lhe: tudo voltara à normalidade.

— Não compartilho das inquietações da minha mulher. O meu enteado desapareceu, roubando dez mil francos da secretária da mãe. É-me difícil crer, portanto, que esteja disposto a atentar contra a vida.

Houve um silêncio. O navio já balouçava um pouco; Pierre sentia-se enjoado, pusera-se diante do seu beliche, abrira a maleta, donde saiu um cheiro a lavanda, a dentrítico e tabaco loiro que lhe transtornou o estômago, pensou: «O steward disse que

fariamos uma má travessia!» O general meditava, a mulher parecia uma criança bem-educada, Pitteaux não compreendia, o estômago cantava-lhe, a cabeça doía-lhe, não compreendia; a azia, hop, subia-lhe às narinas, o soalho vibrava-lhe sob os pés, o ar quente e viscoso, olhava o general e não tinha força para odiá-lo.

— Senhor Pitteaux — disse o general, concluindo esta entrevista —, acho que o senhor deve ajudar-nos a encontrar o meu enteado. Até agora limitei-me a alertar os comissariados. Mas dentro de quarenta e oito horas, se não encontrarmos Philippe, tenho a intenção de entregar o caso ao meu amigo o procurador Déterne e perguntar-lhe, aproveitando a oportunidade, se a justiça não andaria certa examinando a origem dos fundos de O Pacifista.

— Eu... eu naturalmente ajudá-los-ei. Todos podem meter o nariz na contabilidade de O Pacifista, podemos mostrá-la em pleno dia.

O navio afundou-se, era uma montanha russa; respondeu, empurrando as palavras pela garganta apertada:

— Mas não me recuso a ajudar. Por simples sentimento de humanidade, general.

O general inclinou a cabeça:

— É como o entendo.

Aquilo subia devagar, devagar, mal se percebia, e descia do mesmo modo, não podíamos deixar de olhar para os beliches ou para o lavabo, para surpreender, de passagem, algo que estivesse a subir ou a descer, mas não se via nada, a não ser, de quando em quando, uma faixa azul-escura, ligeiramente inclinada, que surgia no rebordo inferior da vigia e logo se sumia; era um pequeno movimento vivo e tímido, uma pulsação, o coração de Pierre batia em uníssono; durante horas e horas aquilo continuaria, a língua de Pierre era um fruto inchado e suculento na boca, a cada deglutição ouvia um estalido cartilaginoso nos ouvidos, havia também uma coroa de ferro a apertar-lhe as têmporas e ainda aquela vontade de bocejar. Mas estava sossegado: só enjoa de verdade quem quer.

Bastar-lhe-ia levantar-se, dar uma volta pelo convés, recuperaria o equilíbrio, o seu ligeiro mal-estar dissipar-se-ia: «Vou visitar Maud», disse. Largou a maleta, pôs-se muito teso à borda do beliche, era como se despertasse.

Agora o navio subia e descia sob os seus pés, mas a cabeça e o estômago estavam livres: os olhos cheios de desprezo de Maud reapareceram — e o medo, e a vergonha. Eu dir-lhe-ei que estava doente, uma ligeira insolação, que bebi de mais. É preciso que me explique, ele falaria, feri-lo-ia com o seu olhar duro, como é cansativo. Engoliu penosamente a saliva, que lhe deslizou pela garganta num horrível roçar sedoso, e já uma água salobra lhe vinha à boca, cansativo, cansativo, as suas ideias dissiparam-se,

restava apenas uma doçura abandonada, um desejo de subir e descer compassadamente, de vomitar docemente, longamente, de se entregar ao travesseiro, sem pensar, subir, subir, levado pelo grande balanço do mundo; recuperou-se a tempo: só enjoa de verdade quem quer.

Reencontrou-se por inteiro, teso e seco, um covarde, um amante desprezado, um futuro morto de guerra, e enfrentou-se novamente com todo o seu medo lúcido e gelado. Pegou na segunda mala do beliche superior, colocou-a no beliche inferior e pôs-se a desfazê-la. Permanecia erecto, sem se inclinar, sem sequer olhar para a mala e os seus dedos adormecidos apalpavam a fechadura ao acaso; valeria a pena? Valeria a pena lutar? Ele não seria senão uma grande doçura, não pensaria em mais nada, já não teria medo, bastava relaxar-se: «É preciso que eu vá procurar Maud.» Ergueu a mão e moveu-a no ar com uma lentidão hesitante e algo solene.

Gestos suaves, suaves batidas dos cílios, doce sabor ao fundo da minha boca, doce cheiro a lavanda e dentífrico, o navio sobe devagar, torna a descer devagar. Bocejou e o tempo tornou-se mais lento, tudo se tornou vaporoso à sua volta: bastava endireitar-se, dar três passos fora da cabina, ao ar livre. Mas para quê? Para encontrar o medo? Afastou a mala com a mão e estendeu-se no beliche. Um xarope. Um xarope adocicado. Já não tinha medo, já não tinha vergonha, era delicioso enjoar.

Sentou-se à beira do cais, as pernas pendiam acima da água: estava cansado e disse: «Marselha não seria má se não tivesse tantas casas.» Em baixo, os barcos mexiam-se um pouco, não muito, eram pequenos, numerosos, com flores ou então com belas cortinas vermelhas e estatuetas nuas.

Olhava os barcos, alguns pulavam como cabras, outros não se mexiam, via a água azul e uma ponte de ferro ao longe. Temos prazer em olhar para o que está longe, descansamos. Doía-lhe os olhos; dormia debaixo do vagão quando apareceram uns homens com lanternas; haviam iluminado tudo e tinham-no expulso com palavras humilhantes; depois disso encontrara, é certo, um monte de areia, mas não pudera dormir. Indagou: «Como é que me vou arranjar esta noite?» Havia seguramente bons lugares com um pouco de grama, mas era preciso conhecê-los. Deveria ter perguntado ao negro. Tinha fome e pôs-se de pé, os seus joelhos entorpecidos estalaram. «Não tenho mais nada que comer. Preciso de ir a uma pensão.» Reiniciou a caminhada, tinha andado o dia inteiro: entrava, perguntava: «Há trabalho?» e continuava. O negro dissera: «Não há trabalho.»

Nas cidades, andar torna-se cansativo por causa dos paralelepípedos. Atravessou o cais em diagonal, olhando para a direita e para a esquerda para evitar os carros eléctricos, quando ouvia as suas campainhas assustava-se. Havia muita gente, uns

rapazinhos que andavam muito depressa, olhando para os pés como se procurassem alguma coisa; esbarravam nele e pediam-lhe desculpa sem sequer olharem para ele; ter-lhes-ia falado, mas pareciam tão frágeis que o intimidavam. Subiu para o passeio, e viu cafés com belas esplanadas, e tavernas, mas não entrou: tinham toalhas nas mesas e é difícil não as manchar. Seguiu por uma viela escura, perguntando a si mesmo:

«Mas onde e que vou comer, afinal?», e foi quando descobriu o que queria: uma dúzia de mesas de madeira dentro de uma sala, quatro ou cinco pratos em cada mesa e uma pequena lâmpada que não devia iluminar muito, e nada de toalhas. Numa das mesas, um senhor comia com a mulher. Gros-Louis sentou-se à mesa vizinha e sorriu-lhes. A senhora olhou-o com severidade e recuou um pouco a cadeira. Gros-Louis chamou a criada: era pequenina e magra, mas possuía um par de nádegas duras e provocantes:

— O que é que se come aqui, linda? Era bonita e cheirava bem, mas não parecia contente por vê-lo ali. Fixou-o hesitante:

— Veja a ementa.

— Ah! Sim!

Pegou no papel e fingiu olhar, mas tinha receio de segurá-lo ao contrário. A criada afastara-se, falava com um senhor perto da porta. O senhor ouvia-a, meneando a cabeça e olhando para Gros-Louis. Por fim, deixou-a e aproximou-se, com um ar triste, de Gros-Louis.

— Que deseja, amigo?

— Quero comer — disse Gros-Louis espantado. — Não terá aí uma sopa com um pedaço de toucinho? O senhor sacudiu a cabeça tristemente:

— Não, não temos sopa.

— Tenho dinheiro. Não quero fiado.

— Sei, sei, mas o senhor deve ter-se enganado. Não estaria aqui à vontade e incomodar-nos-ia. Gros-Louis olhou-o:

— Não é uma casa de pasto, isto?

— É — disse o patrão —, mas temos um certo tipo de freguesia... o senhor deveria seguir pelo outro lado da Canebière, há por lá uma porção de pequenos restaurantes que lhe convirão perfeitamente.

Gros-Louis levantara-se. Coçou a cabeça desajeitadamente.

— Tenho dinheiro, posso mostrar.

— Não é preciso. Eu acredito na sua palavra. Agarrou-o pelo braço, gentilmente, fê-lo dar uns passos rua.

— Vá por ali, irá dar ao cais, siga pela direita, não pode errar.

— O senhor é muito correcto — disse Gros-Louis, tocando no

chapéu. Sentia-se culpado.

Voltou a encontrar-se no cais, no meio dos homenzinhos escuros que lhe corriam entre as pernas, andava devagar, receoso de derrubar um deles, e estava triste; a esta hora costumava descer do Canigou a caminho de Villefranche, o rebanho tratava à frente, era uma campanha, encontrava muitas vezes o senhor Pardoux, que ia para a sua quinta do Vétill e que nunca passava por ele sem lhe oferecer um charuto e um par de palmadas nas costas, a montanha era ruiva e muda, ao fundo do vale viam-se as chaminés de Villefranche. Estava perdido, toda aquela gente andava depressa de mais, só lhes via o alto da cabeça ou a copa do chapéu. Um moleque escorregou-lhe entre as pernas, olhou-o a rir e disse ao companheiro:

— Bolas! Não achas que ele se aborrece lá em cima, sozinho?

Gros-Louis viu-o correr e sentiu-se culpado: tinha vergonha de ser tão grande: Disse: «Eles lá têm os seus hábitos», e apoiou-se ao muro. Estava triste, tão triste como no dia em que ficara doente. Pensou no negro, que era delicado e alegre, seu único amigo, e disse: «Não o devia ter deixado ir embora.»

Subitamente teve uma ideia divertida: um negro, vê-se de longe, não deve ser difícil de encontrar, recomeçou a andar, sentia-se menos só, procurava com o olhar e pensava: «Vou-lhe pagar um copo.»

Estavam todas na praça, tinham o rosto avermelhado pelo sol crepuscular. Havia Jeanne, Ursule, as irmãs Clapot, a Marie e todas as outras. Primeiro tinham esperado em casa, finalmente haviam voltado à praça uma após outra e esperavam. Viram, através do vidro fosco, acenderem-se as primeiras lâmpadas no café da viúva Tremblin; formavam três manchas nebulosas na parte de cima do vidro. Viram as manchas e sentiram-se melancólicas: a viúva Tremblin acendera as lâmpadas no seu café vazio, sentara-se a uma mesa de mármore, e consertava as meias de algodão sem demonstrar inquietação, porque era viúva. Mas elas permaneceram cá fora; esperavam os seus homens, atrás delas havia as casas vazias e as cozinhas que a noite invadia pouco a pouco e, diante delas, aquela longa estrada de aventura e ao fim da estrada havia Caen. Marie viu as horas no relógio da igreja e disse a Ursule: «Já vão bater nove horas, devem tê-los retido.» O prefeito afirmara que isso era impossível, mas que sabia ele? Não conhecia melhor do que elas os hábitos nas cidades. Porque iriam recusar homens fortes que se apresentavam espontaneamente? Talvez mesmo lhes tivessem dito:

«Uma vez que aqui estão...» e tê-los-iam segurado. A menina Rose chegou a correr, estava ofegante e gritava: «Lá vêm eles! Lá vêm eles!» E todas as mulheres se puseram a correr também; correram até à quinta de Darbois, de onde se via um bom bocado da estrada, e viram-nos na poeira branca, entre os prados;

estavam nas suas carroças, em fila, voltavam devagar, cantando. Chapin vinha à frente, estava sentado despreocupadamente, as mãos mal seguravam as rédeas do cavalo, o qual andava por hábito; Marie viu que ele tinha um olho preto e pensou que devia ter brigado. Atrás dele, na sua carroça, o jovem Renard cantava a plenos pulmões, mas não parecia alegre, os outros acompanhavam, manchas escuras no horizonte claro. Marie virou-se para a Clapot e disse-lhe: «Estão bêbados, não faltava mais nada.» A carroça de Chapin chegava devagar, rangendo, as mulheres apartaram-se para deixá-la passar. Ela passou e a Louise Chapin disse num grito agudo: «Deus meu! Traz só um boi, que terá feito ao outro, vendeu-o para beber.» O jovem Renard, cantando a plenos pulmões, fazia a carroça ziguezaguear de um lado para o outro e atrás dele havia outros cantando também, em pé, nas carroças empunhando os chicotes. Marie viu o seu homem, não parecia bêbado, mas quando olhou de perto a cara enfadonha, percebeu que ele bebera e que ia bater-lhe: «Pior do que um bicho!», pensou, com o coração apertado. Mas mesmo assim, estava contente por ele ter voltado, havia muito que fazer na quinta, era melhor que lhe batesse de vez em quando, ao sábado, mas que estivesse a postos para as tarefas pesadas. Ele deixara-se cair numa cadeira na esplanada de um café, pedira vinho, tinham-lhe servido vinho branco num copo pequeno, sentia as pernas, estendeu-as sobre a mesa e mexeu com os dedos: «É divertido», disse. Bebeu e pensou: «É divertido, procurarei bem, por toda a parte.» Tê-lo-ia feito sentar-se ali à sua frente, teria contemplado a sua boa cabeça negra: tinha rido só de vê-lo e o negro também rira, parecia confiante e manso como um animal: «Eu dar-lhe-ia tabaco e vinho.» O seu vizinho olhava-o: ele acha-me estranho porque falo sozinho; era um rapaz de vinte anos, mal desenvolvido, doentio, com uma pele de mulher, tinha o nariz achatado, pelos nas orelhas e uma âncora tatuada no antebraço esquerdo. Gros-Eouis percebeu que falavam dele, no seu patoá. Sorriu-lhes e chamou o criado de mesa:

— Mais um copo, rapaz. E se tiveres copos maiores não faças cerimônia.

O rapaz não se mexia, estava mais do que mudo. Gros-Louis tirou a carteira do bolso e colocou-a na mesa.

— Então! Que cara é essa? Pensas que eu não posso pagar? Olha!

Tirou da carteira três notas de mil e exibiu-as.

— Que dizes a isto? Vamos, traz lá um copo dessa porcaria.

Guardou a carteira e percebeu que o rapazinho de cabelo frisado lhe sorria gentilmente:

— A coisa vai, hem?

— Mais ou menos. Procuro o meu negro.

— Você não é daqui?

— Não — disse Gros-Louis a rir. — Não sou daqui. Queres beber um trago? Sou eu quem te convida.

— É coisa que não se recusa — disse o rapaz. — Posso chamar o meu companheiro?

Disse algumas palavras ao amigo, no seu patoá. Este sorriu e levantou-se em silêncio. Sentaram-se em frente de Gros-Louis.

O rapazinho cheirava a perfume barato.

— Cheiras a perfume — disse Gros-Louis.

— Venho do barbeiro.

— Então é isso. Como te chamas?

— Eu chamo-me Mário; o meu amigo é italiano. O seu nome é Starace. Somos marinheiros. Starace sorriu, sem dizer coisa alguma.

— Não sabe francês, mas é impagável. Tu sabes italiano?

— Não.

— Não faz mal, verás; é divertido na mesma.

Falaram italiano. Era bonito, pareciam cantar. Gros-Louis sentia-se satisfeito por estar com eles; assim, tinha companhia, mas no fundo estava só.

— O que é que vocês tomam?

— Pastis — disse Mário.

— Três pastis — disse Gros-Louis. — Que é isso? É vinho?

— Não, muito melhor, verás.

O rapaz encheu três copos de um licor. Mário pôs água nos copos e o licor transformou-se numa névoa esbranquiçada.

— Saúde! — disse Mário.

Bebeu ruidosamente e limpou a boca com a manga. Gros-Louis bebeu também; não era mau, cheirava a anis.

— Olha Starace, vais divertir-nos.

Starace fazia-se de vesgo; ao mesmo tempo, franziu o nariz e remexia as orelhas como um coelho. Gros-Louis riu, mas sentia-se chocado e aborrecido: pensou que não gostava de Starace. Mário chorava a rir:

— Eu avisei-te — disse Mário a rir. — Ele é formidável. Agora vai fazer o truque do pires.

Starace pousou o copo na mesa, encaixou o pires na palma da mão e passou três vezes seguidas a mão esquerda sobre a direita. À terceira vez o pires desapareceu. Valendo-se da surpresa de Gros-Louis, Starace enfiou-lhe a mão entre os joelhos. Gros-Louis sentiu uma coisa a raspar-lhe as pernas e a mão reapareceu com o

pires. Gros-Louis riu moderadamente, embora Mário lhe batesse nas coxas, rindo como um louco.

— Velho malandro! — disse Mário entre dois soluços.

— Eu avisei-te: nunca paras de rir, connosco.

Acalmou-se progressivamente; quando enfim tornou à seriedade, um silêncio pesado caiu sobre os três homens. Gros-Louis achava-os cansativos e tinha mesmo uma vaga vontade de que eles se fossem embora, mas pensou que a noite ia cair e que teria de recommençar a caminhada ao acaso pelas ruas compridas e escuras e procurar interminavelmente um canto para comer e outro para dormir; sentiu-se angustiado e pediu uma nova rodada de pastis.

Mário inclinou-se para o seu lado e Gros-Louis respirou de novo aquele cheiro.

— Então não és daqui? — perguntou Mário.

— Não sou daqui e não conheço ninguém. O único tipo que conhecia não o consigo encontrar. A menos que vocês o conheçam. E o negro.

Mário sacudiu a cabeça com um ar vago.

Subitamente, tornou a inclinar-se sobre Gros-Louis, piscando os olhos:

— Marselha é uma cidade em que nos podemos divertir. Se não conheces Marselha, nunca te divertiste na vida.

Gros-Louis não respondeu. Divertira-se muitas vezes em Villefranche. E também nos bordéis de Perpignan quando servira no exército: coisa fina. Mas não conseguira imaginar que alguém pudesse divertir-se em Marselha.

— Não te apetece divertir? — perguntou Mário. — Não gostas de bonecas bonitas?

— Não é isso — disse Gros-Louis. — Mas agora eu preferia comer. Se vocês conhecerem alguma casa de pasto por aí, eu ofereço o jantar.

Com o crepúsculo, os sólidos haviam-se evaporado, ficaram vagas massas gasosas, brumas sombrias; ela andava depressa, de cabeça baixa, ombros encolhidos; tinha medo de dar, de repente, um encontrão no cordame, passava rente às paredes.

Deixar-se roer pela noite, não ser mais do que um pouco da vapor suspenso na imensa neblina e desfazer-se pouco a pouco pelos beirais. Mas sabia que o seu vestido branco era um farol. Atravessava o convés da segunda classe, não ouvia um ruído, a não ser o eterno lamento do mar; mas havia por toda a parte homens imóveis e silenciosos, que se destacavam sobre a sombra achatada das águas, e tinham olhos; de quando em quando uma brasa pontiaguda fazia um buraco na noite, avermelhava um rosto,

olhos brilhavam, fixavam-na, esvaíam-se, quisera morrer. Foi preciso descer uma escada, atravessar o convés da terceira classe, subir outra escada, abrupta e branca; se me virem, não pode haver engano, a cabina é lá em cima, isolada; ele precisa de trabalhar, não é muito provável que me prenda por toda a noite. Tinha receio de que ele se habituasse e mandasse todas as tardes um steward buscá-la ao salão, como o capitão grego, mas não, para um gorducho assim sou magra de mais, vai ter uma decepção, só ossos. Não precisou de bater, a porta estava aberta, ele esperava-a no escuro, disse:

— Entre, bela senhora.

Ela hesitou um instante, com um nó na garganta; uma mão puxou-a para dentro da cabina e a porta fechou-se. Viu-se achatada subitamente de encontro a um ventre gordo, uma boca velha que cheirava a cortiça esmagou-lhe a boca. Deixava-o fazer, pensando com altiva resignação: «E do ofício, faz parte do meu ofício.» O comandante acendeu a luz, a sua cabeça emergiu da sombra, o branco dos seus olhos era líquido e azulado, com uma manchinha vermelha no olho esquerdo. Ela desenvencilhou-se, sorrindo; tudo se tornara muito mais difícil com as luzes acesas; até então ela imaginava-o maciçamente, mas agora ele existia nos mais ínfimos detalhes, ela ia fazer amor com um ser único no mundo, como todos os seres, e essa noite seria uma noite única, como todas as noites, uma noite de amor, única e irreparável, irreparavelmente perdida. Maud sorria e dizia:

— Espere, capitão, espere, está muito apressado: precisamos de travar conhecimento.

— Que foi? — Soergueu-se inquieto: o navio parecia imóvel. Deu três ou quatro arrotos, um dos quais, muito mau, lhe passou pelo nariz; sentiu-se vazio, mas lúcido. «Que foi?», pensou. E viu-se de repente sentado no beliche, com um círculo de ferro a apertar-lhe a cabeça e aquela angústia já demasiado familiar a morder-lhe o coração. O tempo pusera-se novamente em marcha, era um mecanismo inexorável e brusco, cada segundo o feria, rasgava-o como um dente de serrate, cada segundo aproximava-o de Marselha e da terra cinzenta onde ia morrer. O mundo estava ali de novo, em volta da cabina, um mundo atroz, de gares, fumos uniformes, campos devastados, um mundo em que não podia viver e não queria abandonar, com a cova lamacenta que o aguardava na Flandres. Um covarde, um filho de oficial com medo da guerra, tinha horror a si mesmo. E no entanto, agarrava-se desesperadamente à vida. Mais imundo ainda; não é pelo que valho que quero viver, é... por nada, por nada, só porque vivo. Sentia-se capaz de tudo para salvar a pele, de fugir, de pedir perdão, de trair, e no entanto não tinha assim tanto amor a essa pele. Levantou-se: «Que é que lhe vou dizer? Que tive uma insolação, um ataque de paludismo? Que não estava no meu estado normal?» Aproximou-se do espelho, vacilante, e viu que estava amarelo como um limão. «É

o fim; não posso ter confiança nem mesmo no estômago. E devo estar a cheirar a vomitado, ainda por cima.» Passou água-de-colônia pelo rosto e gargarejou com água de Botot. «Quanta história», pensou ele irritado. «É sem dúvida a primeira vez que me preocupo com o que uma mulher possa pensar de mim. Quase uma prostituta, uma violinista de barzinho; e tive mulheres casadas, mães de família. Esta prendeu-me», pensou ele, vestindo o casaco, «e ela sabe-o».

Abriu a porta e saiu. O capitão estava nu, tinha uma pele lisa como cera, sem pelos, salvo quatro ou cinco brancos, nos seios, os outros deviam ter caído de velhos, ele ria, parecia um bebê gorducho e travesso. Maud encostou as pontas dos dedos às coxas grossas e polidas e ele retorceu-se:

— Estás a fazer-me cócegas!

Ele sabia o número da cabina: 27. Tomou pelo corredor da direita, depois pelo da esquerda, batiam na parede com grandes pancadas regulares; 27, era ali. Uma jovem estava estendida de costas, pálida como um cadáver; uma senhora idosa, sentada no beliche, tinha os olhos vermelhos e inchados e comia uma fatia de pão com queijo.

— Ah! — disse ela —, as três moças? Eram muito gentis, partiram, foram para a segunda classe, lamento bastante.

Ele olhava-a com surpresa, pousou-lhe a mão no osso ilíaco:

— Seria bonita, com essa carinha de anjo, mas como é magra...

Ela riu, quando lhe tocavam no osso ilíaco tinha vontade de rir:

— Não gosta das magras, capitão?

— Não desgosto não, mesmo nada.

Subiu as escadas a correr; precisava de ver Maud. Agora estava no corredor da segunda classe, um belo corredor com tapete, as portas e as paredes pintadas de azul-cinza. Teve sorte: Ruby surgiu bruscamente, acompanhada por um steward que carregava as suas malas.

— Bom dia — disse Pierre. — Estão na segunda?

— Sim, estamos — respondeu Ruby. — France receia adoecer. Chegámos a acordo: quando a saúde está em jogo, não se olha a sacrifícios.

— Onde está Maud?

Maud estava deitada de lado, o capitão acariciava-lhe as nádegas com uma cortesia distraída: ela sentia-se profundamente humilhada: «Se não sou o seu tipo, é preciso que ele pense que não tem obrigação.» Passou-lhe a mão pelas ancas para retribuir a gentileza: pele velha.

— Maud? — disse Ruby. — Quem sabe onde ela anda? Você conhece-a; deve ter tido vontade de fazer a corte ao pessoal do porão, a menos que seja ao comandante, ela adora as travessias, está sempre a correr de um lado para o outro.

— Menina curiosa! — disse o capitão. Riu e agarrou-lhe o pulso. — Vou fazer a inspecção de proprietário — disse. E os seus olhos brilharam pela primeira vez. Maud deixou-se inspeccionar, estava confusa por causa da mudança de cabinas, era necessário que ele ficasse satisfeito, lamentava vivamente ser magra de mais, tinha a impressão de o ter enganado. O capitão sorria, baixava os olhos, tinha um ar casto e interior, apertava o pulso de Maud e orientava-lhe a mão com firmeza e doçura. Maud estava contente, pensava:

«Seria absurdo recusar-lhe a única coisa que deseja, depois de todo o trabalho que lhe demos, principalmente se ele não gosta das magras.»

— Obrigado! Muito obrigado!

Inclinou a cabeça e reiniciou a corrida. Era preciso encontrar Maud; deve estar no convés. Subiu ao convés da segunda classe, estava escuro, era quase impossível reconhecer as pessoas, salvo olhando-as de muito perto. Sou um idiota, basta esperá-la aqui; de onde quer que venha tem de passar por esta escada. O capitão fechara os olhos, tinha um ar sereno e religioso que agradava muito a Maud, ela tinha a mão cansada, mas estava contente por lhe dar prazer e depois sentia-se sozinha, como quando era pequena e a avó Théveneur a fazia trepar para os joelhos e de repente adormecia, balouçando a cabeça. Pierre olhava o mar e pensava:

«Sou um covarde.» Um vento fresco escorria-lhe pelo rosto e fazia vibrar a mecha de cabelos, olhava o mar a subir e descer; olhava-se a si mesmo com espanto e pensava: «Covarde. Não o teria nunca imaginado.» Covarde até ao último grau.

Bastara um dia para que descobrisse a sua verdadeira natureza, sem as ameaças de guerra nunca o saberia. Se tivesse nascido em 1860, por exemplo. Teria passeado pela vida com uma segurança tranqüila; teria condenado severamente a covardia dos outros e nada, absolutamente nada, lhe teria revelado a sua covardia. Falta de sorte. Um dia, um dia apenas: agora sabia e estava só. Os automóveis, os comboios, os navios, lavravam a noite clara e sonora, convergiam todos para Paris, levando jovens como ele que não dormiam, que se debruçavam no convés ou colavam o nariz nas vidraças sombrias. «Não é justo», pensou. «Há milhares de pessoas, milhões talvez que viveram épocas felizes e nunca conheceram as suas limitações: tiveram o benefício da dúvida. Alfred de Vigny talvez tenha sido um covarde. E Musset? E Sainte-Beuve? E Bau-delaire?

Tiveram sorte. Ao passo que eu!», murmurou, batendo o pé.

«Ela não o teria sabido nunca, teria continuado a olhar-me com adoração, não teria durado mais do que as outras, eu abandoná-la-ia ao fim de três meses. Mas agora ela sabe. Ela sabe. É dona de mim, agora.»

Estava escuro lá fora, mas no bar havia tanta luz que Gros-Louis se ofuscava. Era até engraçado porque não se viam lâmpadas; havia um longo tubo vermelho à volta do tecto e um outro branco, e a luz vinha dali. Tinham colocado espelhos por todo o lado; no que estava à sua frente, Gros-Louis via toda a sua cabeça e o cocuruto da de Starace; não via nem Mário nem Daisy, pequenos de mais. Pagara as refeições, e quatro rodadas de pastis; mandou trazer conhaques. Estavam sentados ao fundo do bar, diante do balcão, era agradável, cercava-os um ruído macio que embalava.

Gros-Louis estava exuberante, tinha vontade de subir para a mesa e cantar, mas não sabia cantar. Em certos momentos os seus olhos fechavam-se, caía num buraco, sentia-se acabrunhado como se algo horrível lhe acontecesse, reabria os olhos, tentava lembrar-se mas nada lhe ocorrera. Em suma, sentia-se bem, um pouco irritado mas confortável; custava-lhe manter os olhos abertos. Estendera as pernas compridas sobre a mesa, uma entre as de Mário e outra entre as de Starace, via-se no espelho e isso fazia-o rir; tentou fazer a careta de Starace, mas não podia mexer as orelhas nem olhar como um vesgo. Abaixo do espelho havia uma mulherzinha muito decente, que fumava pensativa; devia ter pensado que a careta era para ela porque lhe mostrou a língua e depois, pegando no pulso direito com a mão esquerda, fechou o punho e fê-lo girar, a rir. Gros-Louis desviou o olhar atônito, receava tê-la magoado.

Daisy estava sentada junto dele, miúda, rija, quentinha. Mas ela não lhe ligava. Cheirava bem, estava bem pintada, tinha seios volumosos, mas ele gostava das mais frágeis, alegres, que brincam e provocam, que sopram na orelha, por exemplo, e dizem baixinho ao ouvido, de olhos baixos, coisas grosseiras que se não entendem logo. Daisy era viva e grave; falava a sério da guerra com Mário. Dizia:

— Pois faremos a guerra; se for necessário faremos a guerra.

Starace mantinha-se teso na cadeira, em frente de Daisy; parecia prestar atenção, sem dúvida por cortesia, pois não compreendia nada. Gros-Louis simpatizara com ele porque ficava sossegado sem nunca se zangar. Mário olhava Daisy, maliciosamente, meneava a cabeça e dizia:

— Não digo que não, não digo. Mas não parecia convencido.

— Eu prefiro a guerra à greve — atalhou Daisy. — Não preferes? Basta ver a greve dos estivadores, o que custou a todos, tanto a nós como aos outros.

— Não digo que não.

Daisy falava com cuidado e com um ar infeliz; sacudia a cabeça enquanto falava. «Durante a guerra, nada de greves — disse severamente. — Todos trabalham. Ah!, se tivesses visto os navios em 17, eras uma criança; eu também era, mas lembro-me. Era uma farra, à noite viam-se as luzes até Estaque. E aquelas caras que se encontravam na rua, terias pensado que estavas noutra mundo, sentíamo-nos orgulhosos, e as bichas na Rua Boutherville, havia ingleses, americanos, italianos, alemães e até hindus, muitos, tanto que ela ganhava, a minha mãe!»

— Não havia alemães — disse Mário —, estávamos em guerra contra eles.

— Pois eu digo-te que havia, e em uniforme ainda por cima, com uma coisa nos bonés. Se os vi!

— Estávamos em guerra contra eles. Daisy encolheu os ombros.

— Pois sim, lá em cima, ao norte. Aqueles não vinham das trincheiras, chegavam do mar, para comerciar.

Uma mulher grande e gorda, loira como manteiga, passou por eles, mas parecia séria também. Gros-Eouis pensou: «É por morarem na cidade que ficam assim.» Ele debruçou-se sobre Daisy, tinha um ar de indignação:

— Pois eu detesto a guerra, ouviste? Porque estou farta dela, compreendes, e o meu irmão fez a de 14, queres que recomece? E a fazenda do meu tio, não a queimaram? Isso não te diz nada?

Daisy ficou desnorteada por um momento, mas recobrou o sangue-frio:

— Então preferes as greves, diz lá?

Mário olhou para a grande loira que se foi embora sem dizer mais nada, sacudindo a cabeça. Sentou-se não longe deles e pôs-se a falar com veemência a um homenzinho triste que mastigava uma palha. Apontava para Daisy e falava com surpreendente rapidez. O homenzinho não respondia, mastigava a palha, sem erguer os olhos, não parecia sequer ouvi-la.

— Ela é de Sedan — explicou Mário.

— Onde é?

— Ao norte.

Daisy encolheu os ombros.

— Então porque é que se zanga, no norte eles estão habituados.

Gros-Louis bocejou com toda a força e lágrimas rolaram-lhe pelo rosto. Aborrecia-se, mas estava contente porque gostava de bocejar. Mário deitou-lhe um olhar rápido. Starace pôs-se a bocejar também.

— O nosso amigo está-se a aborrecer — disse Mário, apontando para Gros-Louis. — Sê gentil com ele, Daisy.

Daisy voltou-se para Gros-Louis, passou-lhe o braço pelo pescoço. Já não tinha aquele ar sério.

— É verdade, meu pequerrucho, porque te aborreces? Com um bom pedaço de mulher ao teu lado?

Gros-Louis ia responder quando viu o negro. Estava em pé, diante do balcão e bebia um líquido amarelo num copo grande. Vestia um fato verde e tinha um chapéu de palha com uma fita multicolor. «Ah! bem!», disse Gros-Louis. Olhava para o negro e sentia-se feliz.

— Que é que tens? — perguntou Daisy, espantada.

Ele virou a cabeça para ela, depois para Starace, encarando-os com estupor. Tinha vergonha deles. Sacudiu os ombros para que o braço de Daisy se desprendesse, levantou-se e aproximou-se do negro sem ruído. O negro bebia e Gros-Louis ria de alegria. Daisy dizia atrás dele em tom azedo: «O que foi que deu a esse cretino? Ele chateou-me.» Gros-Louis não ligava, libertara-se de Mário e de Starace. Levantou a mão direita por cima do negro e mandou-lhe uma pancada formidável entre as omoplatas. O negro quase se engasgou; tossiu, cuspiu e voltou-se furioso para Gros-Louis.

— Sou eu — disse Gros-Louis.

— Não está louco, não? — berrou o negro.

— Não vês que sou eu!

— Não o conheço — disse o negro. Gros-Louis olhou-o com tristeza:

— Não te lembras? Encontrámo-nos ontem, acabavas de tomar banho.

O negro tossiu e cuspiu. Starace e Mário tinham-se levantado e colocado um a cada lado de Gros-Louis: «Será que não me vão deixar em paz?», pensou encolerizado. Mário puxou-o pela manga discretamente:

— Vamos — disse —, estás a ver que ele não te liga.

— É o meu negro — disse Gros-Louis em tom ameaçador.

— Levem-no — disse o negro. — A que horas é que o põem na cama?

Gros-Louis olhava para o negro e sentia-se infeliz: era ele, sem dúvida, estava tão bem vestido com o seu belo chapéu de palha. Porque é que ele se mostrava tão desmemoriado e ingrato?

— Eu dei-te um gole de vinho.

— Vamos — repetiu Mário. — Não é o teu negro: são todos muito parecidos.

Gros-Louis cerrou os punhos e voltou-se para Mário:

— Já te disse para ires embora. Isso é cá comigo. Mário recuou um passo:

— Os negros são todos parecidos — disse ele inquieto.

— Deixa-o, Mário — atalhou Daisy —, é um estúpido.

Gros-Louis já ia bater quando a porta se abriu e um segundo negro surgiu, igualzinho ao outro, de chapéu de palha e fato cor-de-rosa. Olhou para Gros-Louis com indiferença e foi debruçar-se ao balcão. Gros-Louis esfregou os olhos e encarou os dois negros separadamente, comparando-os. Pôs-se a rir, então.

— Parecem dois do mesmo. Mário aproximou-se:

— Então, estás a ver?

Gros-Louis estava confuso. Não gostava muito de Starace nem de Mário, mas sentia-se culpado. Pegou-os pelo braço:

— Pensei que fosse o meu negro — explicou.

O negro voltara-lhe as costas e recomeçara a beber. Mário olhou para Starace e viraram-se os dois para Daisy. Daisy estava de pé; mãos nas ancas, esperava-os. Tinha um ar de poucos amigos.

— Hum! — fez Mário.

— Hum! — fez Starace.

Deram meia volta, pegaram em Gros-Louis pelos braços e levaram-no:

— Vamos procurar o teu negro — disse Mário.

A rua, estreita e deserta, cheirava a repolho. Por cima dos telhados viam-se estrelas. «São todas parecidas», pensou Gros-Louis tristemente. Perguntou:

— Há muitos em Marselha?

— Muitos quê, meu velho?

— Negros.

— Bastantes — disse Mário meneando a cabeça. «Estou entre negros», pensou Gros-Louis. «Mas vou ajudá-la», disse o capitão, «serei o seu criado de quarto. Mário segurava Gros-Louis pela cintura, o capitão pegara na combinação de Maud, esta não pôde deixar de rir: «Está do avesso!» Mário inclinava-se para a frente, apertava com força a cintura de Gros-Louis e esfregava a cabeça no estômago dele: «Ês o meu querido, não é verdade, Starace, és o meu queridinho, amamo-nos, nós dois.» E Starace ria silenciosamente, a sua cabeça rodava, rodava, os dentes brilhavam, era um pesadelo, a sua cabeça estava cheia de gritos e luzes, ele partia para outros ruídos e outras luzes, não o largariam aquela noite, o riso de Starace, o seu rosto bronzeado que subia e descia, a cara de fuinha de Mário, tinha ânsias de vômito, o mar

descia e subia no estômago de Pierre, ele sabia muito bem que nunca mais encontraria o seu negro. Mário empurrava-o, Starace puxava-o, o negro era um anjo, eu estou no inferno. Disse:

— O negro era um anjo.

E duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Mário empurrava-o, Starace puxava-o, e assim viraram a esquina; Pierre fechou os olhos; não se via senão a luz piscante do lampião na calçada e o chiar da espuma de encontro ao navio.

Janelas fechadas, cheirava a percevejo e formol. Ele inclinava-se sobre o passaporte, a vela iluminava os seus cabelos grisalhos e ondulados, mas projectava a sombra do crânio sobre toda a mesa. «Porque é que ele não acende a luz eléctrica, vai estragar a vista.» Philippe aclarou a voz: sentiu-se afogado no silêncio e no esquecimento; lá eu existo, lá sou sólido, imponho-me, ela não pode engolir um bocado sequer, tem uma bola de lágrimas na garganta e está estupefacto, essa mão que se ergueu contra mim secará, não me acreditava capaz disto lá, acabo de nascer e no entanto estou é aqui, diante deste velhinho atarracado, de bigodes grisalhos, que parece ter-me esquecido inteiramente. Aqui; aqui! Aqui, aqui, a minha presença monótona entre cegos e surdos, fundo-me na sombra e lá entre a poltrona e o sofá eu existo, eu conto. Bateu o pé e o velho levantou os olhos, olhos de míope, duros, lacrimejantes e cansados.

— Esteve em Espanha?

— Sim — disse Philippe —, há três anos.

— O passaporte não está válido. Devia tê-lo renovado.

— Sei — disse Philippe com impaciência.

— Eu não tenho nada com isso. Fala espanhol?

— Como o francês.

— Se eles o tomarem por espanhol, terá sorte, com esses cabelos cor de palha.

— Há espanhóis loiros.

O velho encolheu os ombros:

— Bem, estou a dizer isto por dizer...

Folheava distraidamente o passaporte. «Eu, eu estou aqui; no escritório de um falsificador.» Não parecia verdade. Desde manhã que nada lhe parecia verdadeiro. O falsificador não lhe parecia falsificador, mas sim um guarda.

— O senhor tem cara de guarda.

O velho não respondeu; Philippe sentia-se incomodado. A insignificância. Voltara à transparente insignificância da véspera, quando passava através dos seus olhares, quando era um vidro aos solavancos às costas de um vidraceiro e passava através do sol. Lá, eu sou agora opaco como um morto; ela pergunta a si

mesma: «Onde estará ele? Que estará a fazer? Será que pensa em mim?» Mas o velho não parece saber que há um lugar no mundo onde eu sou uma pedra preciosa.

— Então? — perguntou Philippe.

O velho pousou nele um olhar cansado:

— É Pitteaux quem o envia aqui?

— E a terceira vez que o senhor me pergunta isso. Sim, foi Pitteaux — disse Philippe com altivez.

— Bem — disse o velho. — Normalmente faço isso por nada; mas para si custará três mil francos. Philippe fez a careta de Pitteaux.

— Sem dúvida. Não tinha a intenção de lhe pedir um serviço gratuito.

O velho sorriu, com ar trocista. «A minha voz soou falso», pensou Philippe com irritação. A minha insolência não é ainda natural. Principalmente para com os velhos. Entre mim e eles há uma conta de bofetadas muito antiga a pagar. Será preciso devolvê-las todas, antes que eu possa falar-lhes de igual para igual. «Mas afinal», pensou, «a última está paga».

— Ei-los.

Tirou prontamente o porta-moedas do bolso e pôs três notas de mil sobre a mesa.

— Garoto imbecil! — disse o velho. — Se eu agora os embolsasse e me recusasse a prestar-lhe o serviço?

Philippe olhou-o inquieto e fez um movimento para recuperar as notas. O velho deu uma gargalhada.

— Pensei... — disse Philippe.

O velho continuava a rir, Philippe retirou a mão, despeitado, e sorriu:

— Conheço os homens — disse. — Sei que o senhor não faria isso.

O velho parou de rir. Assumiu uma atitude jovial, maldosa.

— Conheces os homens! Pobre lombriga, vens procurar-me, nunca me viste, tiras os teus papéis de identificação e põe-os em cima da mesa, isso é suicídio. Vai, vai deixa-me trabalhar. Fico com mil, desde já, para o caso de mudares de ideia. Trar-me-ás o resto quando vieres buscar os papéis. Uma bofetada mais, devolvê-las-ei todas. As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Tinha o direito de se zangar, mas o que sentia era estupor. Como podem eles ser assim duros, nunca desarmam, estão sempre de atalaia, ao menor erro saltam-nos em cima e ferem-nos. O que é que eu lhes fiz? E a eles, lá no salão azul, o que é que eu lhes fiz? Aprenderei as regras do jogo, serei duro, hei-de fazer com que tremam.

— Quando estará pronto?

— Amanhã cedo.

— Pensava... não pensava que demorasse tanto.

— Sim? E os carimbos, sou eu quem os inventa? Vai, rapaz, volta amanhã, uma noite não é de mais para fazer o trabalho.

Lá fora, a noite, a noite morna e repugnante, com os seus monstros; os passos que ressoam longamente atrás de nós sem que ousemos virar a cabeça, a noite em Saint-Ouen, o bairro é perigoso.

Philippe perguntou com voz angustiada:

— A que horas devo vir?

— À hora que quiseses, a partir das seis.

— Há hotéis por aqui?

— Na Avenida Saint-Ouen, podes escolher à vontade. Vai-te embora.

— Virei às seis — disse Philippe, resolutivo.

Pegou na mala, fechou a porta, desceu a escada. As lágrimas rebentaram-lhe no terceiro andar, esquecera o lenço, enxugou os olhos com a manga do casaco, fungou duas vezes, não sou um covarde. O velho salão tomara-o por um covarde, o desprezo dele perseguiu-o com um olhar. Eles olham para mim. Philippe apressou-se a descer os últimos degraus. «Porta, por favor.» A porta abriu-se para uma atmosfera cinzenta, morna e turva.

Philippe mergulhou naquela onda suja. Não sou um covarde, só esse velho é que o imagina. Aliás já não imagina, decidiu. Não pensa em mim, está a trabalhar. O olhar apagou-se, Philippe apertou o passo. «Então, Philippe, tens medo?» — «Não tenho medo, não posso fazer isso.» — «Não podes, Philippe? Não podes mesmo?» Encostara-se ao muro. Pitteaux acariciou-lhe as ancas, o peito, tocou-lhe nas maminhas através da camisa, depois, com dois dedos da mão direita, deu-lhe uma pancadinha na boca: «Adeus, Philippe, vai-te embora, não gosto de medrosos.» A rua povoara-se de estátuas nocturnas, esses homens encostados aos muros e que não dizem nada, não fumam e vêem-nos passar, sem um gesto, com os olhos sujos de noite. Corria quase, e o seu coração batia mais depressa. «Com essa cara? Deixa isso, és um covarde.» Verão, todos verão, tanto ele como os outros, há-de ler o meu nome e dizer: «Sim senhor, nada mal, para um filho de papá rico, um fedelho, nada mal.»

Um buraco de luz à direita, um hotel. O rapaz estava à porta; era vesgo, será que está a olhar para mim? Philippe andou mais devagar, mas deu um passo a mais, ultrapassou a porta, o rapaz devia estar a olhar de lado; decentemente, não podia voltar atrás. O criado vesgo ou o duelo dos ciclopes. Ou ainda isto: uma história triste para o ciclope. Vê-se, um belo dia, ao espelho porque sente

uma comichão nas maçãs do rosto: um segundo olho acaba de brotar ao lado do primeiro! Que desespero! Impossível obrigá-lo a manobrar juntos, o primeiro ficara muito tempo sozinho, não ligava ao companheiro, trabalhava por conta própria. Do outro lado da rua havia também um hotel, o Hotel de Concarneau, pequeno edifício de um andar. Vou? E se me pedirem documentos? Não ousou atravessar, reiniciou a caminhada pela mesma calçada. E preciso coragem, mas esta noite não tenho muita, o velho liquidou-me, ou então, pensou ao deparar-se-lhe um letreiro: «Café, vinho, licores», um soco no nariz. Empurrou a porta. Era um estabelecimento insignificante, com um balcão e duas mesas, aparas de madeira espalhadas pelo chão colavam-se às solas dos sapatos. O patrão olhou-o com desconfiança. «Estou bem vestido de mais», pensou Philipp irritado.

— Conhaque — pediu, aproximando-se do balcão.

O patrão pegou numa garrafa com uma rolha de metal, serviu, Philippe pousara a mala e olhava divertido: um fiozinho de álcool escorria do bico; parece que está a regar legumes.

Philippe tomou um gole e pensou: «Deve ser de má qualidade.»

Nunca bebia aquilo, tinha um gosto a vinho chamuscado, incendiou-lhe a garganta; largou o copo precipitadamente. O patrão examinava-o. Haveria ironia naqueles olhos plácidos?

Philippe tornou a pegar no copo e levou-o aos lábios com um ar negligente; a garganta ardia-lhe, os olhos lacrimejavam-lhe, bebeu tudo de um trago. Quando pousou o copo no balcão sentia-se mole e ligeiramente tocado. Pensou: «Eis uma oportunidade para observar.» Descobrira quinze dias antes que não sabia observar, sou poeta, não analiso. Desde então, fazia inventários, por toda a parte; contava, por exemplo, todos os objectos expostos numa montra. Deitou um olhar circular, vou começar pela última fila de garrafas, lá em cima, atrás do balcão. Quatro garrafas de Byrrh, uma de Coudron, duas de Noilly, uma botija de rum.

Alguém entrara. Um operário de boné. Philippe pensou: «É um proletário.» Não tivera a oportunidade de encontrar muitos proletários, mas pensava freqüentemente neles. Era um homem de cerca de trinta anos, musculoso, mas mal feito, com braços compridos de mais e pernas tortas, sem dúvida fora o trabalho manual que o deformara: tinha pelos amarelos e duros sob o nariz; trazia um distintivo tricolor no boné, parecia descontente e agitado. Pediu:

— Um copo de vinho, patrão, e depressa.

— Vamos fechar — disse o patrão.

— Você não vai recusar um copo de vinho a um mobilizado — disse o operário.

Falava com dificuldade, com uma voz rouca, como se tivesse

passado o dia a gritar. Explicou-se, piscando o olho direito:

— Parto amanhã.

O patrão pegou numa garrafa e num copo:

— Para onde vai? — perguntou, pousando o copo no balcão.

— Soissons — disse o tipo. — Estou nos tanques. Ergueu o copo, a mão tremia, um pouco de vinho derramou-se no soalho.

— Vamos entrar-lhes na pança.

— Hum! — fez o patrão.

— É assim! — disse o tipo.

Bateu duas vezes com a palma da mão direita no punho esquerdo.

— Eles são fortes, os porcos! — disse o patrão.

— Vai ser como eu lhe digo!

Bebeu, fez estalar a língua e cantou. Parecia excitado e exausto; de instante a instante os seus traços vincavam-se, os olhos cerravam-se, os lábios pendiam: mas logo uma força impiedosa lhe levantava as pálpebras, puxava para cima os cantos dos seus lábios: dir-se-ia a presa esgotada de uma alegria que não queria acabar. Voltou-se para Philippe:

— E tu? Estás mobilizado?

— Eu... ainda não — disse Philippe, afastando-se.

— Porque esperas? E preciso entrar-lhes na pança. Era um proletário: Philippe sorriu-lhe e esforçou-se por dar um passo em frente.

— Toma um copo — disse o proletário. — Patrão, dois copos, um para si e outro para ele: é a minha rodada.

— Não tenho sede — disse o patrão com severidade. — E além disso, está na hora de fechar; eu levanto-me às quatro horas.

Contudo, pousou no balcão um copo para Philippe.

— Vamos beber à nossa saúde — disse o proletário.

Philippe ergueu o copo. Há pouco, no quarto de um falsificador; agora bebia ao balcão com um operário. Se eles me vissem!

— À sua saúde!

— À vitória! — disse o proletário. Philippe olhou-o com surpresa: devia estar a brincar, os operários são a favor da paz.

— Diz como eu: à vitória!

Parecia falar com seriedade, tinha um ar de descontentamento.

— Não quero dizer isso — disse Philippe.

— Como?

Cerrara os punhos. Um arrote cortou-lhe a palavra; olhou friamente, deixou cair o queixo, e a cabeça oscilou molemente durante um segundo.

— Faça como ele — disse o patrão. O proletário recobrou o sangue-frio, veio falar-lhe ao nariz, cheirava a vinho. Não direi: à vitória.

— Não queres dizer: à vitória? A mim é que dizes isso? A um mobilizado? A um soldado de 38?

O proletário segurou-o pela gravata e empurrou-o de encontro ao balcão:

— Fazes-me isso a mim? Não vais beber à saúde? Que faria Pitteaux? Que faria Pitteaux no meu lugar?

— Vamos — disse o patrão com voz severa —, faça o que ele diz: não quero confusão; e, além disso, vão-se embora, levanto-me às quatro, sabem.

Philippe ergueu o copo:

— À vitória — murmurou.

Bebeu, mas tinha um nó na garganta, pensou que não pudesse engolir. O tipo largara-o e ria zombeteiro, limpando o bigode com as costas da mão.

— Não queria dizer: à vitória — explicou ao patrão. — Agarrei-o pela gravata: «Fazes-me isso a mim, mau francês? A um mobilizado? A um soldado de 14?»

Philippe lançou uma moeda de dois francos para o balcão, pegou na mala e apressou-se a sair. Era um bêbado, devia ceder, Pitteaux teria cedido, não sou covarde.

— Eh! rapaz!

O tipo saíra atrás dele, Philippe ouviu o patrão fechar a porta à chave. Sentiu-se gelado, pareceu-lhe que os enfiavam a ambos no mesmo cubículo.

— Não te vás embora assim. Vamos entrar-lhes na pança.

Aproximou-se de Philippe e abraçou-o pelo pescoço, Mário pegara no braço de Gros-Louis e apertava-o com ternura, era o inferno, caminhavam pelas vielas escuras, nunca paravam, Gros-Louis não podia mais, tinha ânsias de vômito e os ouvidos zuniam-lhe.

— É que eu estou com uma certa pressa — disse Philippe.

— Onde é que vamos? — perguntou Gros-Louis.

— Procurar o teu negro.

— Não vai brincar comigo, hem! Quando convidado para beber é para beber, entendes?

Gros-Louis olhou para Mário e teve medo, Mário dizia-lhe: «Então, meu velho, estás cansado, meu velho?» Mas não tinha a mesma fisionomia. Starace pegara-lhe no braço esquerdo, era o inferno. Tentou libertar o braço direito, mas sentiu uma dor aguda no cotovelo.

— Eh!, partes-me o braço!

Philippe deu um pulo e pôs-se a correr. É um bêbado, não há nada de mal em fugir de um bêbado. Starace largou-o de repente e deu um passo para trás. Gros-Louis quis voltar-se para ver o que o outro maquinava, mas Mário agarrava-se-lhe ao braço.

Philippe ouvia atrás de si uma respiração sincopada: «Putá, merda, não tenhas medo, ah!, vou castigar-te.» «Que foi, que foi, velhinho? Então já não somos amigos?» Gros-Louis pensou:

«Vão-me matar», o medo gelou-lhe os ossos, agarrou Mário pelo pescoço com a mão livre e levantou-o no ar, mas ao mesmo tempo a sua própria cabeça fendia-se até ao queixo, largou Mário e caiu sobre os joelhos, o sangue corria-lhe pelas sobranceiras.

Tentou agarrar-se ao casaco de Mário, mas este deu um pulo para trás e Gros-Louis não o viu mais. Via agora o negro que deslizava junto ao chão, mas sem tocar na terra, não se parecia com os outros negros, vinha ao seu encontro, de braços abertos, rindo. Gros-Louis estendeu as mãos, sentia aquela dor imensa na cabeça, gritou: «Socorro», recebeu novo golpe no crânio e caiu de nariz na sarjeta. Philippe continuava a correr. No Hotel do Canadá parou, recobrou o fôlego e olhou para trás, tinha-o distanciado. Apertou o nó da gravata e entrou no hotel a passos lentos.

Balouço, balanceio. Balouço, balanceio. As oscilações do navio subiam-lhe em espiral pelas pernas e pelas coxas e iam morrer em espessas vibrações no baixo-ventre. Mas a cabeça continuava livre, apenas um ou dois arrotos azedos; apertava com força o corrimão da escada. Onze horas; o céu tremeluzia, um fogo vermelho dançava ao longe, no mar; será talvez essa imagem que me subirá aos olhos por último, e neles se fixará para sempre, quando eu estiver na trincheira, de costas no chão com o maxilar fracturado, sob um céu cintilante. Essa imagem negra e pura com o seu ruído de palmas e essas presenças de homens, tão remotas atrás da luz vermelha na escuridão. Viu-os de uniforme, apertados como arenques por trás do seu farol, deslizando silenciosamente para a morte.

Olhavam-no sem dizer palavra, a luz vermelha escorregava sobre a água, eles deslizavam, desfilavam diante de Pierre e contemplavam-no. Odio-los a todos, sentiu-se só e obstinado sob o olhar cheio de desprezo da noite; gritou-lhes: eu é que tenho razão, tenho razão em ter medo, fui feito para viver, não para morrer: nada vale a vida. Ela não chegava, onde poderia estar? Debruçou-se sobre a entreponte deserta.

«Prostituta, hás-de pagar-me esta espera.» Tinha tido modelos, manequins, dançarinas maravilhosamente bem feitas, mas aquela magrizela, quase desengonçada, era a primeira mulher que desejava violentamente. Acariciar-lhe a nuca, ela adora isso, onde nascem os seus cabelos negros, fazer subir devagar o êxtase do ventre à cabeça, empastar as suas ideias pequeninas e claras, beijar-te-ei, beijar-te-ei, entrarei no teu desprezo e estourá-lo-ei como uma bolha; quando estiveres transbordando de mim e gritares «meu Pierre» revirando o branco dos olhos, veremos se me chamarás covarde. «Até à vista, querida, querida amiga, até à vista, volte, volte!»

Era um sussurro, o vento dispersou-o, Pierre virou a cabeça e o vento entrou-lhe pela orelha. Lá no convés da proa, uma lâmpada pendurada à porta da cabina do capitão iluminava um vestido branco, balouçando no ar. A mulher de branco desceu lentamente a escada segurando-se ao corrimão por causa do vento e do movimento do navio: o vestido, ora inchado, ora colando-se às coxas, parecia um sino dobrando. Desapareceu repentinamente, devia estar a atravessar a entreponte, o navio entrou num buraco, o mar estava acima dele, branco e preto, desceu lentamente e a cabeça da mulher surgiu, ela subia a escada da segunda classe. Eis porque mudaram de cabina. Ela suava e estava um pouco despenteada; com o seu ar honesto e grave passou por Pierre sem o ver.

«Marafona», disse Pierre. Sentiu-se submerso por um enorme tédio, não tinha desejo de estar com ela, nem de viver. O navio caía, caía, no fundo do mar. Pierre caía, num algodão mole, hesitou um instante e depois deixou a boca encher-se de biles, inclinou-se sobre a água escura e vomitou.

— Agora a assinatura — disse o rapaz.

Philippe pousou a mala, pegou na caneta e mergulhou-a na tinta. O rapaz olhava-o, de braços cruzados nas costas. Bocejo ou sorriso abafado? «Porque estou bem vestido», pensou Philippe encolerizado. «Olham todos para a roupa, o resto nem sequer vêem.» Escreveu com mão firme:

Isidore Ducasse.

Caixeiro-viajante.

— Conduza-me — disse ao rapaz, olhando-o nos olhos.

O rapaz apanhou uma das pesadas chaves penduradas no quadro e subiram. A escada era escura, lâmpadas azuis iluminavam-na de vez em quando; os chinelos do rapaz batiam nos degraus de pedra. Atrás de uma porta uma criança chorava; cheirava a urina. «É uma casa de passe», pensou Philippe. Lera muitas vezes isso em romances naturalistas, e sempre com repugnância.

— Pronto — disse o rapaz com a chave na fechadura.

Um quarto bastante grande, ladrilhado; as paredes eram cor de terra até meia altura e depois amarelo-sujo até ao tecto. Uma mesa e uma cadeira, apenas: pareciam perdidas no meio do quarto; duas janelas, um lavabo que se diria de cozinha, uma cama grande encostada à parede: «Puseram o leito nupcial na cozinha», pensou Phippe.

O rapaz não se ia embora. Disse com um sorriso:

— São dez francos. Gostaria que pagasse já. Philippe estendeu-lhe vinte francos.

— Fique com o troco. E acorde-me às cinco e meia. O rapaz não se mostrou impressionado.

— Boa noite — disse saindo. Philippe escutou por um instante.

Quando deixou de ouvir o ruído gelatinoso dos chinelos, deu duas voltas à chave, fechou o trinco e encostou a mesa à porta. Depois largou a mala sobre a mesa e ficou a olhá-la de braços caídos. O candelabro do salão apagou-se, a vela do falsificador apagou-se; a escuridão comeu tudo. Uma escuridão anônima. Só o quarto nu brilhava na penumbra, tão pessoal quanto a própria noite. Philippe olhava a mesa, entorpecido, sem saber o que fazer. Bocejou. Não tinha sono, porém; estava vazio. Uma mosca esquecida que desperta no início do Inverno, quando todas as outras estão mortas, e não tem força para voar. Olhou para a mala, dizendo: é preciso abri-la para tirar o meu pijama. Mas os desejos adormeciam na sua cabeça, não chegava sequer a erguer um braço. Olhava para a mala, olhava para a parede, pensava: «Para quê?, para quê evitar de morrer se essa parede existe diante de mim, com as suas cores imundas e triunfantes?» Nem mesmo tinha medo.

Sobe... e desce, sobe e desce. Já não tinha medo. A bacia subia e descia cheia de espuma, ele subia e descia estendido de costas, já não tinha medo. O steward vai ficar furioso quando entrar e vir que vomitei no chão, mas que se arranje. Tudo era tão suave, a água na boca, o cheiro a vômito, aquela bola no peito, o seu corpo era todo doçura, e essa roda que girava, girava, esmagando-lhe a fronte, ele via-a, divertia-se a vê-la, era uma roda de táxi com um pneu cinzento e gasto. A roda girava, os pensamentos familiares giravam, giravam, mas ele pouco se importava, finalmente podia não ligar, dentro de oito dias em Argonne eles atirarão contra mim mas eu não ligo, ela despreza-me, ela pensa que eu sou um covarde que me importa, hoje não ligo a nada, hoje não ligo. Não ligo, não ligo, não penso em nada, não tenho medo de nada, não me censuro em nada.

Sobe e desce, sobe e desce, é tão agradável não ligar a nada. Onze horas, onze toques no silêncio. Estendeu a mão, abriu a mala, a face direita queimava-o como uma tocha; onze horas, o candelabro acendeu-se dentro da noite, ela estava sentada na

poltrona pequenina, roliça, com os seus belos braços nus, a face queimava, a tortura recomeçara, a mão erguia-se, a face queimava, eu não sou um covarde, não sou um covarde, desdobrou o pijama; onze horas, boa noite, mamã, beijava o rosto perfumado da hetera do general, olhava-me os braços, inclinava-se diante dele, boa noite, pai, boa noite, Philippe, boa noite, Philippe. Ontem, ainda ontem. Pensava com estupor: ontem. Mas que fiz eu? Que aconteceu desde ontem? Pus o meu pijama na mala, saí como todos os dias e tudo mudou: um rochedo caiu atrás de mim na estrada e destruiu-a, não posso voltar. Mas, quando, quando foi que isso aconteceu? Peguei na mala, abri devagar a porta, descí a escada... Foi ontem. Ela está sentada na poltrona, ele em pé junto da lareira, ontem. O salão é morno e claro, eu sou Philippe Grésigne, enteado do general Lacaze, licenciado em Letras, poeta de futuro, ontem, ontem, ontem para sempre.

Despira-se, enfiou o pijama. No hotel eram gestos novos, hesitantes, precisava aprendê-los. O Rimbaud estava na mala, deixou-o lá, não lhe apetecia ler. Uma única vez, se por uma única vez ela tivesse acreditado em mim, se uma única vez tivesse passado os seus belos braços em volta do meu pescoço, se me tivesse dito: tenho confiança em ti, és corajoso, serás forte, eu não teria partido. E uma hetera, trazia para o meu quarto palavras de general, palavras fósseis, largava-as, eram pesadas de mais para ela, rolavam para debaixo da cama, deixei-as amontoarem-se durante cinco anos; puxem a cama, encontrá-las-ão todas, pátria, honra, virtude, família, na poeira; não me aproveitei de nenhuma. Ficara descalço no ladrilho, espirrou: «Vou-me constipar», o botão da luz estava perto da porta, apagou a lâmpada e foi tacteando até ao leito, tinha receio de pisar bichos, a enorme aranha que tem patas como dedos de homem e parece uma mão decepada, e se houvesse uma aqui, se houvesse? Enfiou-se entre os lençóis e o leito gemeu. A face queimava, uma tocha dentro da noite, uma chama vermelha, apoiou-a ao travesseiro. Vão deitar-se, ela vestiu a camisa cor-de-rosa com rendas. Esta noite é um pouco menos doloroso imaginar isso; esta noite ele não ousará tocar nela, terá vergonha e ela, a hetera, não o permitiria, enquanto o seu filho morre de frio e de fome pelas estradas, ela pensa em mim, finge dormir, vê-me pálido e duro, lábios crispados, olhos secos, vê-me a caminhar. Não é um covarde, o meu filho não é um covarde, o meu filho, o meu menino querido. Se estivesse lá, se pudesse estar lá, só para ela, e beber essas lágrimas que rolam pelo seu rosto e acariciar os seus belos braços ternos, mamã, mamãzinha. O general é chanceler, diz uma estranha voz aos seus ouvidos. Um pequeno triângulo verde desprende-se e principiou a girar, o general é chanceler.

O triângulo girava, era Rimbaud, cresceu como um cogumelo, tornou-se seco e cascudo, um inchaço na face, à vitória, à vitória, À VITÓRIA. «Não sou um covarde», gritou Philippe acordando

sobressaltado. Estava sentado na cama, molhado de suor, olhos esgazeados, o lençol cheirava a enxofre, com que direito se fazem eles meus juizes? Os malandros! Julgam-me pelas suas regras e eu só aceito as minhas. A mim, minhas altivas orgias! A mim, meu orgulho! Sou da raça dos senhores.

«Ah!», pensou com raiva, «mais tarde! Mais tarde!»

É preciso esperar. Mais tarde colocarão uma placa de mármore na parede deste hotel, aqui Philippe Grésigne passou a noite de 24 para 25 de Setembro de 1938. Mas eu terei morrido. Um murmúrio vago e suave passava por baixo da porta. Subitamente a noite morreu. Ele olhava-a do fundo do futuro, com os olhos dos homens de casaco preto que discorriam sob a placa de mármore. Cada minuto deslizava na escuridão, precioso e sagrado e já extinto. Um dia, esta noite terá passado, gloriosa e passada como as noites de Maldoror, como as noites de Rimbaud. Minha noite.

«Zézette», disse uma voz de homem. O orgulho vacilou, o passado rasgou-se, era o presente. A chave girou na fechadura, o coração pulsou no peito. «Não, é ao lado.» Ouviu a porta gemer. «São dois pelo menos, um homem e uma mulher», pensou.

Conversavam. Philippe não ouvia tudo o que diziam, mas compreendeu que o homem se chamava Maurice e isso tranquilizou-o um pouco. Tornou a deitar-se; estendeu as pernas, afastou o lençol do queixo com medo de apanhar borbulhas. Uma espécie de canto de flauta fez-se ouvir. Um cantozinho engraçado.

— Não chores — disse o homem com ternura —, não chores, isso não adianta.

Tinha uma voz quente e dura, atacava as palavras com rudeza, aos arranques, saíam do fundo da sua garganta ora muito depressa, ora devagar, ásperas e raspantes; mas prolongavam-se todas numa suave vibração sombria. O canto de flauta cessou após um ou dois sussuros. Ele debruçou-se sobre ela, tomou-a pelos ombros. Philippe sentia duas fortes mãos sobre os seus próprios ombros, um rosto inclinava-se sobre o seu. Um rosto moreno e magro, quase escuro, de faces azuladas, nariz de pugilista e uma bela boca amarga, uma boca de negro.

— Não chores — repetia a voz. — Não chores, meu bem, acalma-te.

Philippe acalmou-se completamente. Ouvia-os irem e virem, dir-se-ia que estão no meu quarto. Arrastaram um objecto pesado pelo soalho. Talvez a cama, ou uma mala. E a seguir o homem tirou os sapatos.

— No próximo domingo — disse Zézette.

Tinha uma voz vulgar mas cantante. Via-a menos nitidamente: talvez fosse loira, muito pálida, como a Sônia do Crime e Castigo.

— Então?

— Oh!, Maurice, esqueceste-te! Devíamos ir a Corbeil, a casa de Jeanne.

— Irás sozinha.

— Não terei coragem.

Baixaram a voz, Philippe não compreendia o que diziam, mas sentia-se feliz porque estavam tristes. Eram proletários. O outro era um bêbado, um vagabundo.

— Já estiveste em Nancy? — perguntou Zézette.

— Outrora, sim.

— Como é?

— Não é má.

— Vais mandar-me um pacote de bilhetes-postais. Quero poder imaginar onde estarás.

— Eles não o permitirão, sabes.

Um verdadeiro proletário. Aquele não tinha vontade de fazer a guerra, não pensava na vitória: partia, com a morte na alma, porque não podia deixar de partir.

— Meu homem... — disse Zézette.

Calaram-se. Philippe pensava: «Estão tristes», e lágrimas suaves molharam-lhe os olhos. Suaves anjos tristes. Entraria, estender-lhes-ia as mãos, e dir-lhes-ia: «Eu também estou triste. Por causa de vocês, por vocês. Foi por vocês que abandonei o lar. Por vocês e por todos os que partem para a guerra.» Ficariam ambos ao lado dela e eu dir-lhes-ia: «Sou o mártir da paz.» Fechou os olhos, calmo: não estava só, dois anjos tristes protegiam-lhe o sono. O mártir, deitado de costas como um jacente de pedra e dois anjos tristes à cabeceira, com palmas. Murmurava, meu homem, meu homem, não me deixes, eu amo-te, e outra expressão também, suave e preciosa, já não se recordava, mas era a mais terna das expressões ternas, girou, flamejou como uma coroa de fogo e Philippe levou-a consigo no seu sono.

— Merda, puta que os pariu! — disse Gros-Louis. — Sentara-se à beira da calçada; nunca pensara ser possível um tal dor de cabeça, cada pontada despertava nele um novo estupor. «Oh!, merda, puta que os pariu!» Levou a mão ao rosto, estava viscoso e fazia-lhe cócegas, devia ser sangue. «Vou fazer uma ligadura. Onde é que eles puseram o meu saco?» Apalpou à sua volta e a sua mão encontrou um objecto duro, era uma carteira:

«Será que eles perderam a carteira?» Pegou nela, abriu-a, estava vazia. Procurou no bolso, acendeu um fósforo: era a sua carteira. «A coisa vai melhor agora», verificou. A caderneta militar ficara no bolso do blusão, mas a carteira fora esvaziada. «Como é que vou fazer agora?» Continuava a passear as mãos pelo chão,

disse: «Não vou procurar a polícia, isso não se faz.» Fechou os olhos por um instante e pôs-se a respirar fundo: a cabeça doía-lhe tanto que ele perguntava a si próprio se não havia um buraco lá dentro. Tocou no crânio com precaução, não parecia aberto mas os cabelos tinham-se coagulado em tufo viscosos e depois, bastara-lhe apoiar um pouco para que fosse como se lhe dessem marteladas. «Não gosto da polícia», disse. «Mas como vou fazer?» Os seus olhos habituavam-se à penumbra, distinguiu uma massa escura na rua, a alguns metros: é a minha sacola. Gatinhou, porque não se podia pôr de pé. «Que será?» Tinha posto a mão numa poça: «Partiram a minha garrafa», pensou com um nó no peito. Pegou na sacola, estava ensopada, a garrafa em cacos. «É de mais», disse, «é de mais, isso é de mais». Largou a sacola, sentou-se no rego de vinho, no meio da rua, e começou a chorar; os soluços passavam-lhe pelo nariz e sacudiam-no, ele tinha a impressão de que o crânio ia estoirar. Nunca chorara tanto desde a morte da velha. Charles estava nu, de pernas para o ar, diante de seis enfermeiras-chefes, a mais nova bateu as asas e mexeu as mandíbulas, isso queria dizer: bom para o serviço. Mathieu encolheu-se e ficou como uma bola, Marcelle esperava-o de pernas abertas, Marcelle era um buraco, quando Mathieu ficou bem redondo, Jacques deu-lhe um pontapé e ele caiu no buraco de obuses, caiu na guerra; a guerra desencadeara-se com toda a fúria, uma bomba partiu as vidraças e rolou ao pé da cama, Ivich levantou-se, a bomba desabrochou, era um ramalhete de rosas, dele surgiu Offenbach: «Não parta», disse Ivich. «Não vá para a guerra, senão que será de mim?» Vitória, Philippe participava no assalto à baioneta, berrava vitória, vitória, os doze czares fugiram, a czarina estava liberta, desamarrou as cordas, estava nua, pequena e gordinha, olhava de lado; os shrapnells e as grandes corridas atrás do comandante, com toda a velocidade, Pierre agarrava-os pelas costas e metia-os saco, eram ordens, mas o quarto quis levantar voo, apanhou-o pelos élitros, trémulo e esperneante, estoirou a rir e pôs-se a depená-lo o comandante olhava-o, estava estendido de costas, os shrapnells tinham-lhe comido as bochechas e as gengivas, mas sobravam os olhos, os seus grandes olhos cheios de desprezo, Pierre fugiu a toda a velocidade, desertava, desertava, corria no deserto, Maud perguntou-lhe: «Posso levantar a mesa?» Viguié estava morto, cheirava mal; Daniel tirou as calças, pensava: «Há um olhar», erguia-se diante de um olhar covarde, pederasta, mau, como um desafio. «Vê-me como sou.» Hannequin não podia dormir, pensava: «Estou mobilizado» e isso parecia-lhe engraçado, a cabeça da sua vizinha pesava-lhe no ombro, ela cheirava a cabelo e brilhantina, ele deixava pender o braço e tocava-lhe na coxa, era agradável mas cansativo. Caíra de cara, já não tinha pernas. «Meu amor!», gritou ela. «Que estás tu a dizer?», perguntou a voz sonolenta. «Estava a sonhar», disse Odette, «dorme, meu querido, dorme». Philippe acordou sobressaltado, não era o canto do galo, era um doce gemido de mulher, ah, ah, ahhh, pensou a princípio que ela

chorava, mas não, conhecia bem esses lamentos, escutara-os muitas vezes colando o ouvido à porta, pálido de frio e ódio. Mas desta vez, a coisa não lhe repugnava. Era novo e cheio de ternura: música de anjos.

— Ah, como te amo — disse Zézette com voz rouca. — Oh, oh, oh...

Houve um silêncio. Ele pesava sobre ela com todo o peso do corpo duro, o belo anjo de cabelos negros e boca amarga. Ela estava esmagada, satisfeita. Philippe soergueu-se bruscamente e sentou-se, a boca má, o coração mordido de ciúmes. No entanto ele gostava de Zézette.

— Ahhh.

Respirou: era um grito peremptório e definitivo; tinham acabado. Ao fim de um momento ouviu ruídos de panos molhados: pés descalços corriam sobre os ladrilhos, a torneira cantou, um pássaro no galho, e todos os canos da água foram sacudidos por horríveis borborismos. Zézette voltara para Maurice, fresca, as pernas frias; a cama gemeu, ela deitara-se perto dele, no leito quente e húmido, apertava-se contra ele, respirava o odor ruivo do seu suor.

— Se morresses, matava-me.

— Não digas isso.

— Matava-me mesmo, Momo.

— Seria pena. Tu és bem feita, trabalhadora; gostas de comer bem, gostas de amar: vê o que perderias.

— É contigo que eu gosto de fazer amor. Contigo — disse Zézette apaixonadamente. — Mas tu, tu não te importas muito com isso, partes, estás contente.

— Não, não estou contente — disse Maurice. — Chateio-me de partir.

Vai partir. Vai-se embora, tomará o comboio para Nancy, não os verei jamais, não verei a sua fisionomia, ele nunca saberá quem sou. Os seus pés arranharam o lençol; quero vê-los.

— Se não partisses. Se pudesses não partir. Maurice observou-lhe docemente:

— Não digas disparates.

Quero vê-los. Pulou da cama. A aranha espiava-o, encolhida debaixo da cama, mas ele correu mais depressa do que ela.

Premiu o botão e o bicho desapareceu na luz. Quero vê-los. Enfiadas as calças, pôs os pés nus nos sapatos e saiu. Duas lâmpadas azuis iluminavam o corredor. No quarto n.º 19 lia-se num papelucho cinzento pregado à porta com uma punaise: «Maurice Gounod.» Philippe apoiou-se à parede, o coração batia-lhe com força e estava ofegante como se tivesse corrido. O que é que eu

posso fazer? Estendeu a mão e tocou ao de leve na porta: estavam ali, do outro lado. Não quero nada, só quero vê-los. Baixou-se e colou o olho à fechadura: recebeu um sopro frio na córnea, piscou e não viu nada; tinham apagado a luz.

«Quero vê-los», pensou, batendo à porta. Não responderam.

Sentiu um nó na garganta e bateu com mais força.

— Que é? — perguntou a voz. Era brusca e dura, mas mudaria.

Abriria a porta e a voz mudaria. Philippe bateu: não podia falar.

— Pílulas! — disse a voz com impaciência. — Quem é? Philippe parou de bater. Já não tinha fôlego. Aspirou com força e forçou a voz a passar pela garganta:

— Queria falar com o senhor.

Houve um longo silêncio, Philippe pensava em ir-se embora quando ouviu um ruído de passos, um sopro junto à porta e um ligeiro barulho: tinham acendido a luz. Os passos afastaram-se, está a vestir as calças. Philippe recuou e encostou-se à parede, tinha medo. A chave girou na fechadura, a porta abriu-se, surgiu na abertura discreta uma cabeça ruiva e hirsuta, de maçãs largas e pele vincada de rugas. O tipo tinha olhos claros sem cílios; olhava Philippe com um espanto cómico.

— O senhor enganou-se no quarto. Era a voz, mas passando por aquela boca tornava-se irreconhecível.

— Não — disse Philippe —, não me enganei.

— Então o que deseja?

Philippe olhava para Maurice, pensava: «Já não vale a pena.» Era tarde de mais. Disse:

— Gostaria de falar com o senhor.

Maurice hesitava; Philippe viu nos seus olhos que iria fechar a porta, e apoiou-se vivamente contra o batente.

— Gostaria de falar com o senhor — repetiu.

— Não o conheço — disse Maurice. Os seus olhos pálidos eram duros e maliciosos. Parecia-se com o canalizador que consertara a banheira.

— Quem é, Maurice? — perguntou Zézette. — Que é que ele quer?

A voz era verdadeira; verdadeiro também era o terno rosto invisível. A cara de Maurice é que era um sonho. Um pesadelo. A voz emudeceu, o terno rosto esvaiu-se; a cabeça de Maurice saiu da sombra, dura e maciça, verdadeira.

— É um sujeito que eu não conheço. Não sei o que quer.

— Posso ser-lhe útil — disse Philippe.

Maurice media-o com desconfiança. «Está a ver as minhas calças de flanela», pensou Philippe, «está a ver os meus sapatos de couro de vitela, o meu casaco de pijama, preto com gola russa».

— Eu... Estava no quarto ao lado — disse, retesando-se contra a porta. — Juro que posso ser-lhe útil.

— Vem deitar-te, Maurice — disse Zézette —, entra, deixa aí o homem.

Maurice continuava a examinar Philippe. A sua carranca, após algum tempo de reflexão, desanuviou-se:

— Foi Émile que o mandou? Philippe desviou o olhar.

— Foi.

— Então? Philippe tremeu:

— Não posso falar aqui.

— De onde é que conhece Émile? — continuou Maurice, hesitando.

— Deixe-me entrar — implorou Philippe. — Que é que tem? Não posso dizer nada neste corredor. Maurice abriu a porta:

— Entre. Mas somente por cinco minutos. Estou com sono. — Philippe entrou. O quarto era igual ao seu. Mas havia roupas sobre as cadeiras, meias, calças e sapatos de mulher no ladrilho, perto da cama e sobre a mesa um fogareiro a gás com uma caçarola. Cheirava a banha fria. Zézette estava sentada na cama, com um xaile violeta pelos ombros. Era feia, com olhinhos fundos e inquietos. Olhava Philippe com hostilidade.

A porta fechou-se, ele tremeu.

— Então, o que é que Emile quer de mim? Philippe olhou Maurice com angústia, não podia falar.

— Vamos, ande depressa — disse Zézette furiosa. — Ele parte amanhã cedo. Não é o momento de nos vir incomodar.

Philippe abriu a boca e fez um esforço violento, mas não saiu som algum. Via-se com os olhos deles, era insuportável.

— Estou a falar francês creio bem. Estou-lhe a dizer que ele parte amanhã.

Philippe virou-se para Maurice e disse com voz estrangulada:

— Não deve partir.

— Partir para onde?

— Para a guerra.

Maurice parecia estar consternado.

— É um provocador — disse Zézette.

Philippe olhava para os ladrilhos vermelhos, de braços caídos,

sentia-se todo entorpecido: era quase agradável. Maurice pegou-o pelo ombro, sacudiu-o:

— Conheces Emile, tu?

Philippe não respondeu. Maurice tornou a sacudi-lo com mais força:

— Vais responder? Pergunto-te se conheces Emile. Philippe lançou-lhe um olhar desesperado:

— Conheço um velho que falsifica documentos — disse rapidamente em voz baixa.

Maurice largou-o bruscamente, Philippe baixou a cabeça e acrescentou:

— Fará documentos para si.

Houve um silêncio, e depois Philippe ouviu a voz triunfante de Zézette:

— É o que eu dizia: um provocador.

Ousou erguer os olhos, Maurice fixava-o com um ar terrível. Estendeu a pata peluda, Philippe deu um pulo para trás.

— Não é verdade — disse, protegendo-se com o braço —, não é verdade, não sou um provocador.

— Então que vens aqui fazer?

— Sou um pacifista — disse Philippe quase a chorar.

— Pacifista! — repetiu Maurice com estupor. — Só me faltava ver isto!

Coçou o crânio e deu uma gargalhada.

— Pacifista! Imagina só, Zézette! Philippe pôs-se a tremer.

— Não quero que riam — disse em voz baixa. Mordeu os lábios para não chorar e acrescentou penosamente: — Mesmo se não for um pacifista, deve respeitar-me.

— Respeitar-te? — repetiu Maurice. — Respeitar-te?

— Sou um desertor — disse Philippe com dignidade. — Se lhe proponho papéis falsos é porque os mandei fazer para mim. Depois de amanhã estarei na Suíça.

Philippe encarou Maurice, este franzira as sobrancelhas, uma ruga em Y desenhou-se na sua fronte, parecia reflectir.

— Venha comigo — disse Philippe. — Tenho dinheiro para dois.

Maurice olhou-o com repugnância.

— Seu safado! Já viste como ele está vestido, Zézette? É natural que tenhas horror à guerra, é natural que não queiras lutar contra os fascistas. Antes os abraçarias, os facistas, hem? Os que protegem as tuas massas, filho de papá rico.

— Não sou fascista — disse Philippe.

— Não, sou eu o fascista! Vamos, vai-te embora, seu porco! Vai, senão cometo uma desgraça!

Eram as pernas de Philippe que queriam fugir. As pernas e os pés. Mas ele não fugiria. Arrastou as pernas para a frente, chegou-se a Maurice, baixou com força o braço infantil que se erguia sozinho. Olhou para o queixo de Maurice; não conseguia levantar o olhar até aos olhos pálidos e sem cílios. Disse:

— Não vou embora.

Ficaram um momento face a face e subitamente Philippe estoirou:

— Como são duros! Todos. Todos. Eu estava ali, ouvia-os falar, esperava... Mas vocês são como os outros, um muro. Sempre a condenar sem procurar entender; sabem por acaso quem sou eu? Por vocês é que desertei; poderia ter ficado em casa, onde como e durmo sem problemas, bem instalado, com criados, mas larguei tudo por vocês. E você, oh!, vocês! mandam-nos para a matança e vocês acham bem, não mexem um dedo sequer; põem-lhes uma espingarda nas mãos e vocês pensam que são heróis, e se alguém tenta agir de outro modo, tratam-no logo como um filho de papá rico, fascista, medroso, só porque não faz como toda a gente. Não sou medroso, mentem, não sou fascista e não tenho a culpa de ser menino rico. E muito mais fácil, fiquem sabendo, é muito mais fácil ser menino pobre.

— Aconselho-te que vás embora — disse Maurice com raiva — porque não gosto muito de provocações e poderia zangar-me.

— Não me irei embora — disse Philippe batendo o pé. — Basta, afinal! Estou farto desta gente que finge não me ver, ou olha de cima. Com que direito? Eu existo e valho tanto quanto vocês. Não irei embora, ficarei aqui a noite toda, se necessário; quero explicar-me de uma vez para sempre.

— Ah! Não vais! — disse Maurice. — Ah!, não vais, não é?

Maurice agarrou-o pelos ombros e empurrou-o para a porta. Philippe quis resistir, mas era inútil: Maurice era forte como um touro.

— Largue-me — gritou Philippe. — Largue-me; se me puser lá fora ficarei diante da porta e farei barulho, não sou um covarde, quero que me escute. Largue-me, seu brutamontes — repetiu, dando-lhe pontapés.

Viu a mão erguida de Maurice, o seu coração parou:

— Não — disse. — Não. Maurice deu-lhe dois socos.

— Não batas com força — disse Zézette —, é uma criança.

Maurice largou Philippe e contemplou-o com uma espécie de surpresa.

— Vocês... eu odeio-os — murmurou Philippe.

— Escuta, rapaz — disse Maurice com um ar incerto.

— Vocês verão, vocês verão! Terão vergonha.

Saiu correndo, entrou no quarto e fechou a porta. O comboio rolava, o navio subia e descia, Hitler dormia, Ivich dormia, Chamberlain dormia, Philippe lançou-se para a cama e começou a chorar. Gros-Louis titubeava, casas e mais casas, a cabeça ardia-lhe mas não podia parar dentro da noite, era-lhe preciso andar dentro da noite, à espreita, dentro da noite terrível, sussurrante, Philippe chorava, exilado dentro da noite fria e miserável, a noite cinzenta das encruzilhadas, Mathieu despertara, levantou-se, pôs-se à janela, ouvia o murmúrio do mar, sorriu para a linda noite esbranquiçada.

DOMINGO, 25 DE SETEMBRO

Um dia de vergonha, um dia de repouso, um dia de medo, o dia de Deus, o sol nascia num domingo. O farol, o fanal, a cruz, a face, a FACE, Deus carrega a sua cruz nas igrejas, eu carrego a minha face nas ruas endomingadas, mas o senhor tem um inchaço; não: foram pancadas na cara, ignóbil indivíduo que traz as nádegas no rosto, a cabeçorra incômoda, a cabeça rachada, enfaixada, a abóbora, a cabaça, bateram por trás, um, dois, ele andava na sua cabeça, as solas batiam na cabeça, é domingo, onde vou eu achar trabalho, as portas estavam fechadas, as grandes portas de ferro, pregadas, ferrujentas, cerradas sobre a escuridão, sobre o vazio com cheiro a aparas de madeira, de fuligem e ferro-velho, sobre o chão de terra, juncado de cavacos, estavam fechadas as terríveis portas de madeira, fechadas sobre o cheio, sobre quartos cheios até rebentar de móveis, de recordações, de crianças, de ódios, com esse odor espesso de cebolas fritas, e o colarinho brilhante sobre a cama e as mulheres pensativas atrás das janelas, ele andava entre olhares, teso, petrificado pelos olhares. Gros-Louis caminhava entre as paredes de tijolo e as portas de ferro, caminhava, nem um centavo, nada para mastigar e a cabeça batendo como um coração, caminhava e as suas solas batiam na cabeça, plac, plac, eles andavam, a suar, pelas ruas assassinadas pelo domingo, a sua face iluminava a avenida diante dele, pensava: «Ruas de guerra, já.» Pensava: «Como é que eu vou comer?» Os dois pensavam: «Não haverá ninguém que me ajude?» mas os homenzinhos morenos, os operários grandes de caras petrificadas, faziam a barba pensando na guerra, pensando que teriam um dia inteiro para passear a sua angústia pelas ruas assassinadas. A guerra: as lojas fechadas, as ruas desertas, trezentos e sessenta e cinco domingos por ano.

Philippe chamava-se Pedro Cazarès, trazia o nome junto ao peito, Pedro Cazarès, Pedro Cazarès. Pedro Cazarès partia naquela mesma noite para a Suíça, levava para a Suíça uma bochecha florida, marcada por cinco falanges. As mulheres olhavam-no das suas janelas.

Deus olhava para Daniel.

Direi Deus? Uma só palavra e tudo muda. Encostava-se à porta cinzenta da loja do correeiro, as pessoas apressavam-se a caminho da igreja, pretos na rua rosada, eternos. Tudo era eterno. Uma senhora passou, loira, leve, os cabelos meticulosamente despenteados, morava no hotel, o marido vinha vê-la duas vezes por quinzena, era um industrial de Pau; ela pusera o rosto em repouso porque era domingo, os seus pezinhos trotavam para a igreja, a sua alma era um lago de prata. A igreja: um buraco; a fachada era romana, havia uma estátua jacente de pedra na segunda capela à direita. Sorriu para a dona da mercearia com o seu menino. Direi Deus? «Não estava espantado», pensava, «devia acontecer. Cedo ou tarde». Sentia que havia alguma coisa. Tudo, fiz sempre tudo, diante de uma testemunha. Sem testemunha evaporamo-nos.

— Bom dia, senhor Sereno — cumprimentou Nadine Pichon.
— Vai à missa?

— Vou a correr — disse Daniel.

Seguiu-a com os olhos, ela mancava mais que o costume, duas meninas alcançaram-na e puseram-se a girar alegremente à sua volta. Olhou-as. Fixar nelas o meu olhar olhado! O meu olhar é oco, o olhar de Deus atravessa-o de lado a lado. «Estou a fazer literatura», pensou bruscamente. Deus já não estava ali. Esta noite no suor dos lençóis havia a presença de Deus e Daniel sentiu-se Caim: «Eis como me fizeste, covarde, pederasta, oco. E depois?» E o olhar ali estava, por toda a parte, mudo, transparente, misterioso. Daniel acabaria por adormecer e ao despertar estava só. Uma recordação de olhar. A multidão surgia de todas as portas bem abertas, luvas pretas, colarinhos engomados, peles de coelho e livros de missa familiares na ponta dos dedos. «Ah!», disse Daniel, «seria preciso um método. Estou cansado de ser essa evaporação incessante para um céu vazio, quero um tecto». O carnicheiro esbarrou com ele de passagem, era um homem gordo e vermelho que punha monóculo ao domingo para ser notado; a sua mão peluda fechava-se sobre um missal. Daniel pensou: «Vai exhibir-se, os olhares cairão nele das redomas e dos vitrais vão todos exhibir-se, a metade da humanidade vive debaixo de olhares. Sentirá ele o olhar quando bate com a machadinha na carne que eclode sob os golpes, que se abre, revelando o osso redondo e azulado? Vêem-no, vêem-lhe a dureza como lhe vejo as mãos, a avareza como lhe vejo os cabelos ralos e essa carência de piedade como lhe vejo o crânio sob os cabelos; ele sabe-o, virara as páginas

do missal e gemerá: "Senhor, Senhor, sou avarento".» E o olhar de Medusa descerá do alto, petrificante. Virtudes de pedra, vícios de pedra: que repouso! «Essa gente tem técnicas eficazes», pensou Daniel despeitado, olhando os dorsos negros que se afundavam nas trevas da Igreja. Três mulheres caminhavam juntas na claridade esbranquiçada da manhã. Três mulheres tristes e recolhidas, possuídas pelo quotidiano. Acenderam o lume, varreram o chão, puseram leite no café e ainda não eram nada senão um pedaço de braço na ponta da vassoura, uma mão a segurar a asa do bule, aquela rede de bruma que cresce sobre as coisas, através dos muros, por campos e bosques. Agora andam ali pelas trevas, vão ser o que são. Seguiu-as de longe. «Se eu fosse lá? Só para rir: eis como me fizeste, triste e covarde, irremediável. Tu olhas para mim e toda a esperança se esvai; estou farto de fugir de mim. Mas sei que ante o teu olhar não posso fugir de mim. Entrarei, ficarei de pé, no meio dessas mulheres de joelhos, como um momento de iniquidade. Direi: "Sou Caim." E então? Foste tu quem me fez assim, carrega-me. O olhar de Marcelle, o olhar de Mathieu, o olhar de Bobby, o olhar dos meus gatos: sempre se desviaram da minha pele. Mathieu, sou pederasta. Sou, sou, sou pederasta, meu Deus.» O velho de rosto enrugado trazia uma lágrima no olhar, mordida com um ar maldoso o bigode avermelhado pelo fumo. Entrou na igreja gasto, alquebrado, gaga e Daniel entrou atrás. Era a hora em que Ribadeau chegava assobiando ao cais de descarga e os rapazes indagavam: «Então, Ribadeau, em forma hoje?» Ribadeau pensava nisso, enrolando o cigarro, sentia as mãos vazias; contemplava melancolicamente os vagões e as filas de barris e faltava-lhe alguma coisa nas mãos, o peso de uma bola bem colada à palma; olhava os tonéis e pensava: «Um domingo, mas que pena!» Marius, Cláudio, Remy tinham partido, brincavam aos soldados; Jules e Charlot faziam o que podiam, rolavam os barris ao longo dos carris, juntavam-se para levá-los e lançavam-nos para dentro dos vagões. Eram fortes mas velhos, Ribadeau ouvia-lhes a respiração ofegante e o suor escorria pelas costas nuas: nunca mais se acabava. Havia um tipo grande com a cabeça ligada, que rondava pelo entreposto há um bom quarto de hora; acabou por se aproximar de Jules, e Ribadeau viu que os lábios dele se mexiam. Jules escutava-o com o seu ar idiota. Por fim, endireitou-se mais ou menos, pôs as palmas das mãos nos rins e designou Ribadeau com a cabeça.

— O que há? — indagou Ribadeau.

O tipo aproximou-se hesitante; andava como um pato, com os pés para fora. Um verdadeiro bandido. Tocou na ligadura da cabeça à maneira de cumprimento.

— Tem trabalho? — perguntou.

— Trabalho? — repetiu Ribadeau. Olhava o tipo, um verdadeiro bandido, o penso estava sujo, quase preto; o homem parecia forte, mas o rosto era a tal ponto pálido que metia medo.

— Trabalho?

Encararam-se, Ribadeau perguntava a si próprio se o tipo não ia desmaiar:

— Trabalho — disse, coçando o crânio —, não é o que falta aqui.

O homem piscou os olhos. De perto, não parecia assim tão mau.

— Posso trabalhar — disse.

— Não tem cara de muita saúde.

— Como?

— Estou a dizer que tem cara de doente.

— Não estou doente.

O tipo olhou-o espantado.

— Está lívido. Para que é essa ligadura?

— Nada, eles bateram-me — explicou.

— Quem é que lhe bateu? Os guardas?

— Não, os companheiros. Posso trabalhar.

— E preciso ver.

O tipo baixou-se, pegou num barril e levantou-o sem esforço.

— Posso trabalhar — disse, tornando a colocar o barril no chão.

— Filho da puta! — exclamou Ribadeau com admiração. E acrescentou: — Gamo te chamas?

— Gros-Louis.

— Tens documentos?

— A caderneta militar.

— Mostra.

Gros-Louis vasculhou o bolso interior do blusão e tirou com precaução a caderneta. Ribadeau olhou-a e pôs-se a assobiar.

— Olha lá! Olha lá!

— Está em ordem — disse Gros-Louis inquieto.

— Em ordem? Sabes ler? Gros-Louis olhou-o com malícia:

— Não é preciso saber para carregar barris.

Ribadeau devolveu-lhe a caderneta.

— Tens o número dois, rapaz. Estão à tua espera em Montpellier. Acho bem que te apresses, senão serás um desertor.

— Montpellier? — disse Gros-Louis, estupefacto. — Não tenho nada que fazer em Montpellier. Ribadeau zangou-se:

— Já te disse que estás mobilizado. Tens o número dois.

Gros-Louis guardou a caderneta no bolso.

— Então não me dá trabalho?

— Não posso dar emprego a um desertor. Gros-Louis baixou-se e levantou um barril.

— Já sei, já sei — disse Ribadeau com vivacidade. — Tu és forte, não digo que não. Mas há-de adiantar muito se te vierem prender dentro de quarenta e oito horas.

Gros-Louis pusera o barril às costas. Olhava para Ribadeau com atenção, franzindo as sobrancelhas espessas. Ribadeau encolheu os ombros:

— É pena.

Não tinha mais nada para dizer. Afastou-se, a pensar: «Não quero um refractário.» Gritou:

— Eh!, Charlot!

— Eh? — disse Charlot.

— Sabes, aquele tipo é um refractário.

— É pena — disse Charlot —, poder-nos-ia ajudar.

— Não vou contratar um refractário!

— Naturalmente que não.

Voltaram-se ambos, o tipo tornara a colocar o barril no chão e virava a caderneta nas mãos com um ar infeliz.

A multidão cercava-os, levava-os, girava à volta deles, e fazia-se mais compacta. René não sabia se estava imóvel ou se girava com a multidão. Contemplava as bandeiras francesas que tremulavam em cima da entrada da Gare de Leste; a guerra estava ali, ao fundo dos carris, não o incomodava, ele sentia-se ameaçado por uma catástrofe muito mais imediata: as multidões são frágeis, há sempre uma desgraça maquinando acima delas. «O enterro de Gallieni, ele arrasta-se, passeia a sua pequena veste branca entre as raízes negras da multidão, sob o horror do sol, os andaimes desmantelam-se e abatem-se, não olhes, transportaram a mulher, tesa, com um pé de renda vermelha saindo da botina aberta.» A multidão cercava-o, sob o sol claro e oco, detesto as multidões, sentia olhares por toda a parte, sóis provocam o desabrochar de flores, nas costas, no ventre, que acendiam o seu nariz comprido e pálido, a partida para os arrabaldes nos primeiros domingos de Maio, e no dia seguinte nos jornais: «O domingo vermelho», sempre ficam alguns estirados na rua. Irene protegia-o com o seu corpinho roliço, «não olhes, ela leva-me pela mão, puxa-me e a mulher passa por detrás de mim, desliza sobre a multidão como um cadáver sobre o Ganges». Ela olha com um ar de censura, para os punhos erguidos, ao longe, sob as bandeiras tricolores, acima dos bonés. Diz:

— Idiotas!

René fez como se não tivesse ouvido; mas a irmã prosseguiu com uma lentidão convicta:

— Idiotas. Mandam-nos para a matança e estão contentes. — Era escandalosa. No autocarro, no cinema, no metro, era escandalosa, dizia sempre o que não devia, a sua voz decidida lançava palavras escandalosas. Deu uma olhadela para trás: um tipo com cara de fuinha, olhar demasiado fixo, nariz achatado, escutava. Irene pôs-lhe a mão sobre os ombros, acabava de se lembrar que era a irmã mais velha, ele pensou que ela iria dar-lhe conselhos aborrecidos, mas, como quer que fosse, dera-se ao trabalho de o acompanhar à estação. E agora estava ali sozinho, no meio daqueles homens sem mulheres, como nos dias em que a conduzia ao boxe em Puteaux, não devia humilhá-la. Ela lia, deitada no sofá, fumando muito, e exprimia os seus pensamentos pessoais, pensamentos que «fazia» como fazia os seus chapéus. Disse-lhe:

— Escuta, René. Não vais fazer como aqueles idiotas.

— Não — disse René em voz baixa.

— Escuta bem — continuou ela —, não queiras ser mais real que o rei.

Quando estava convencida, a sua voz tinha um alcance maior. Disse:

— Que te adiantaria? Vais porque não podes evitá-lo, mas não te destaques quando lá estiveres. Nem no bem, nem no mal: é o mesmo. E abriga-te sempre que puderes.

— Sim, sim.

Ela segurava-o fortemente pelos ombros, olhava-o com um olhar penetrante, mas sem afeição; seguia a sua ideia.

— Porque eu conheço-te, René. Tu gostas de te mostrar, farias tudo para que falassem de ti. Mas eu previ-no-te, se voltares condecorado, não falo mais contigo. E se voltares com uma perna mais curta do que a outra ou um buraco na cara não contes comigo para te lamentar, nem me venhas dizer que foi acidente; com um pouco de prudência evitam-se certas coisas.

— Sim, sim.

Ele pensava que ela tinha razão, mas que não se devia dizer isso. Nem mesmo pensar. Isso devia fazer-se sozinho, tranquilamente, sem palavras, pela força das circunstâncias, de maneira a não ter remorsos. Bonés, um mar de bonés, os bonés da segunda-feira pela manhã, dos dias de trabalho, os bonés das construções, dos comícios do sábado, Maurice estava à vontade, em plena multidão. A maré balouçava os punhos erguidos, deslocava-os devagar, com paragens súbitas, hesitações, novas partidas na direcção das bandeiras tricolores, «camaradas, camaradas, os punhos de Maio, os punhos floridos correm para

Garches, para os stands vermelhos dos prados de Garches, eu chamo-me Zézette e os falcões cantam, cantam o lindo mês de Maio, o mundo que nasce».

Cheirava a veludo e vinho, Maurice estava em toda a parte, pululava, cheirava a veludo, cheirava a vinho, roçava a manga no tecido áspero de um casaco, um homenzinho de cabelo frisado enfiava-lhe a mochila nos rins, o ruído surdo de milhares de pés subia-lhe pelas pernas até ao ventre, um roncar no céu por cima da cabeça, ergueu os olhos, olhou para o avião, depois os seus olhos baixaram e ele viu uma porção de caras para o ar, reflexos da sua cara, sorriu-lhes. Dois lagos claros numa pele curtida, cabelos crespos, uma cicatriz, sorriu. Sorriu para o homem de binóculo que parecia tão atento, sorriu para o barbudo magro e pálido que mordida os lábios e não sorria. Tudo gritava aos seus ouvidos, é o cúmulo, Jojo, é preciso uma guerra para que nos encontremos! Era domingo. Quando as fábricas estão fechadas, quando os homens estão juntos e esperam, de mãos vazias, nas estações, sacola às costas sob um destino de ferro, é domingo e não tem muita importância que se vá para a guerra ou se passeie em Fontainebleau. Daniel, em pé, diante de um genoflexório, respirava um odor calmo de adega e incenso, olhava os crânios nus sob a luz roxa, único em pé no meio dos homens de joelhos. Maurice, cercado de homens de pé, homens sem mulheres, no odor febril de vinho, carvão, fumo, olhando para os bonés à luz da manhã, pensava: é domingo. Pierre dormia, Mathieu apertou o tubo e um cilindro de pasta rosada esguichou a chiar, partiu-se, caiu nos pelos da escova. Um rapazola deu um empurrão a Maurice, rindo: «Eh, Simon! Simon!»

E Simon voltou-se tinha as faces vermelhas, ria, e disse: «É caso para dizer domingo sombrio» (1). Maurice achou graças, pôs-se a repetir: «Domingo sombrio», e um jovem devolveu-lhe o sorriso, uma mulher nada feia e bem-vestida acompanhava-o, pendurada no braço dele, olhava-o com ar de súplica, mas ele não olhava para ela, se o tivesse feito ter-se-iam fechado um no outro, teriam ficado um só. Um casal solitário. Ela ria, olhava para Maurice, a mulher não contava, Zézette não contava, «ofegante, ela tem um cheiro forte, está mole debaixo de mim, amor, amor, entra em mim», e havia ainda um pouco de noite como um suor entre o seu corpo e a camisa, um pouco de fuligem, um pouco de angústia viscosa e mole, mas ele ria ao ar livre e as mulheres estavam a mais; a guerra era a guerra, a revolução, a vitória. Conservaremos as espingardas. Todos eles ali, o de cabelos frisados, o barbudo, o do binóculo, o jovem, todos voltarão com as suas espingardas cantando a Internacional e será domingo. Domingo para sempre. Ergueu o punho.

(1) Alusão à música Sombra Dimanche, que teria dado origem a uma série de suicídios. (N. da T.)

— Ergue o punho! Isso é inteligente. Maurice virou-se para trás, de punho erguido:

— Que é que há?

Era o barbudo. Perguntou:

— Então quer morrer pelos Sudetas?

— Cala a boca — disse Maurice. O barbudo olhou-o com raiva, hesitante, dir-se-ia que procurava recordar alguma coisa.

Subitamente gritou:

— Abaixo a guerra!

— Vais fechar a boca? — repetiu Maurice.

Deu um passo para trás e a sua mochila bateu nas costas de alguém.

— Vais-te calar?

— Abaixo a guerra! — gritou o barbudo. — Abaixo a guerra!

As suas mãos tinham começado a tremer e os seus olhos reviravam, não podia parar de gritar. Maurice olhava-o com estupor, sem cólera, pensou um instante em dar-lhe um soco na cara, só para fazê-lo calar, sacudimos as crianças quando estão com soluços, mas sentia ainda uma carne mole nas falanges e não estava muito orgulhoso com isso, batera num menino, muita água há-de passar sob as pontes antes que eu recomece. Enfiou a mão no bolso:

— Continua então — disse ele simplesmente.

O barbudo continuou a gritar com voz cortês e cansada — uma voz de rico; e Maurice teve de repente a impressão desagradável de que a cena era falsa. Olhou à sua volta e a sua alegria desapareceu: era culpa dos outros, não faziam o que deviam fazer. Nos comícios, quando um tipo se põe a berrar cretinices, a multidão cai em cima dele e abafa-o, vêm-se uns braços no ar durante um momento e pronto. Em vez disso, os camaradas tinham recuado, haviam estabelecido um vácuo em volta do barbudo; a rapariga contemplava-o com curiosidade, largara o braço do seu homem, os companheiros afastavam-se, não tinham um ar franco, fingiam não ouvir.

— Abaixo a guerra! — gritou o barbudo.

Um estranho mal-estar invadia Maurice: havia aquele sol, aquele tipo que gritava sozinho, e todos aqueles homens silenciosos que baixavam a cabeça... O mal-estar transformou-se em angústia, abriu passagem na multidão com os ombros e dirigiu-se para a entrada da estação, para os camaradas de verdade, que erguiam o punho sob as bandeiras. O Bulevar Montparnasse estava deserto. Domingo: Na esplanada do Coupole cinco ou seis pessoas bebiam; a vendedeira de gravatas esperava

junto à porta; no primeiro andar do 99, por cima do Kosmos, um homem em mangas de camisa assomou à janela e apoiou-se no parapeito. Maubert e Thérèse deram um grito de alegria, havia ali um, na parede entre a Coupole e a farmácia, havia um grande cartaz amarelo tarjado a vermelho, «Franceses», ainda húmido. Maubert atirou-se para a frente, enterrando o pescoço nos ombros. Thérèse seguiu-o, divertia-se com uma louquinha: já haviam rasgado seis sob o olhar espantado dos bons burgueses, era formidável ter um patrão jovem e desportivo, vigoroso e que sabe o que quer.

— Porcaria! — disse Maubert.

Olhou em volta; uma menina parara perto, podia ter uns dez anos e contemplava-os, brincando com as tranças. Maubert repetiu, bem alto:

— Porcaria!

E Thérèse disse atrás dele em voz alta, igualmente:

— Como pode o Governo permitir que se afixem essas porcarias?

A vendedeira de gravatas não respondeu: era uma mulher gorda, um vago sorriso profissional pairava-lhe nos lábios.

Franceses:

As exigências alemãs são inadmissíveis. Tudo fizemos para conservar a paz, mas ninguém pode exigir que a França renegue os seus compromissos e consinta em tornar-se uma nação de segunda categoria. Se abandonarmos hoje os Checos, amanhã Hitler pedir-nos-á a Alsácia.

Maubert pegou no cartaz por uma ponta e puxou-o, arrancando uma fita comprida de papel amarelo. Thérèse pegou nele pelo outro lado e ficou com um pedaço grande na mão:

que a França rene

e consinta em torn

uma nação de

Se abando

Restava uma estrela amarela e irregular na parede. Maubert recuou um passo para admirar a sua obra: uma estrela amarela, nada mais que uma estrela amarela, com palavras inofensivas e incompletas. Thérèse sorriu e olhou para as mãos enluvadas, um pedacinho colara-se à luva direita: «rene»... esfregou o polegar no indicador e o fragmentozinho fez-se num bolinha, secou, ficou duro como uma cabeça de alfinete. Thérèse abriu os dedos, a bolinha caiu e ela sentiu uma impressão embriagadora de poder.

— Um bife pequeno, senhor Désiré, um bifinho de uns trezentos gramas, mas bonito, bem cortado: ontem foi o seu empregado quem me serviu, não fiquei satisfeita, era tudo nervos.

Ah!, diga-me uma coisa: que é que aconteceu ali em frente? No 24, alguém morreu? — «Não sei», disse o carnicheiro. No 24 não tenho fregueses, comprem no Berthier. Olhe como o estou a servir bem, rosado, tenro, espuma como champanhe e não tem nervos, eu comeria isto até cru. «No 24», disse a senhora Lieutier, «eu sei, é o senhor Viguier.» — «Viguier? Não conheço; um novo inquilino.» — «Não, aquele velhinho que dava bombons a Thérèse.» — «Ah!, aquele tão amável? Que pena! Imagine, o senhor Viguier!» — «Já estava bastante velho para morrer.» — «Oh!», disse a senhora Lieutier, «e como eu disse ao meu marido, morreu a tempo, o velhinho, teve faro, nós talvez lamentemos não nos acontecer o mesmo daqui a seis meses. Sabe que eles têm uma invenção?» — «Eles quem?» — «Os alemães. Um negócio que mata gente como moscas, com terríveis sofrimentos.» — «Será possível, meu Deus! Que bandidos. Mas o que é?» — «E uma espécie de gás, ou de raio, explicaram-me.» — «Ah!, é o raio da morte», disse o carnicheiro, meneando a cabeça. «Pois é uma coisa assim, não acha que é melhor estar enterrado?» — «Tem razão, é o que digo sempre. Não ter mais casa, mais preocupações, eis como gostaria de morrer: adormecemos e não acordamos mais.» — «Dizem que ele morreu assim.» — «Quem?» — «O velhinho.» «Há gente com sorte, nós temos de passar por tudo, apesar de sermos mulheres, não viu o que se passou em Espanha? Não, só uma costeleta. E não tem bofe para o meu gato? Quando penso: mais uma guerra! O meu marido fez a de 14, agora é a vez do meu filho, os homens são loucos. Será tão difícil entenderem-se?» — «Mas Hitler não quer, senhora Bonnetain.» — «Como Hitler? Ele quer os Sudetas? Pois eu dar-lhe-ia os Sudetas. Nem sei se são homens ou montanhas, e o meu filho vai morrer por isso? Eu dar-lhe-ia os Sudetas. Quer os Sudetas? Pois tome os Sudetas! Queria ver o que ele fazia. Mas diga», continuou com seriedade, «é hoje o enterro? Não sabe a que horas? Sim, porque eu poderia ver da janela». Que quer de mim essa gente toda com a sua guerra? Segurava a caderneta militar, não se conformava em guardá-la no bolso: era tudo o que possuía no mundo. Abriu-a sem parar de andar, viu o seu retrato e sentiu-se mais confortado: aqueles pequeninos desenhos pretos que falavam dele eram menos inquietantes, enquanto os olhava não pareciam tão perigosos. Murmurou: «Coisa triste não saber ler.» Um desertor, um rapazinho exausto que subia a Avenida de Clichy, arrastando a sua imagem de espelho em espelho, aquele rapazinho sem ódio era um insubmisso, um desertor, um tipo terrível, de cabeça ferida, que vive em Barcelona, no Bairro Chinês, escondido por uma mulher que o adora. Mas como se pode ser um desertor? Com que olhos nos devemos olhar? Estava de pé na nave, o padre cantava para ele; pensou. «O repouso, a calma, a calma, o repouso.» Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change. Tu criaste-me como sou e os teus desígnios são impenetráveis; sou o mais vergonhoso dos teus pensamentos, tu vês-me e eu sirvo-te, ergo-me contra ti, insulto-te e sirvo-te insultando-te. Sou a tua

criatura, tu amas-me a mim, tu carregas comigo, tu que criaste os monstros. A campainha tocou, os fiéis inclinaram a cabeça, mas Daniel permaneceu direito, o olhar parado. Tu vês-me. Tu amas-me. Sentia-se calmo e sagrado.

O carro funerário parou diante da porta 24. «Ei-los, ei-los», disse a senhora Bonnetain. «É no terceiro», explicou a porteira. Reconheceu o funcionário e disse-lhe: «Bom-dia, senhor René, sempre bem?» — «Bom dia», respondeu o senhor René, «que ideia esta de se enterrar ao domingo!» — «Ah!», sorriu a porteira, «é que éramos livres-pensadores.» Jacques olhava Mathieu: deu um soco na mesa e falou: «E ainda que a ganhássemos, essa guerra sabes quem tiraria proveito? Estaline.» — «E se não nos mexermos o benefício será de Hitler», disse Mathieu suavemente. «E depois? Hitler, Estaline, é tudo igual. Só que um entendimento com Hitler nos economiza dois milhões de homens e evita a revolução.» Pronto, Mathieu levantou-se e foi dar uma olhadela pela janela. Não estava sequer irritado, pensava: para quê tudo isto? Ele desertara e o céu conservava o seu arzinho camarada aos domingos, as ruas cheiravam a comida fria, pastéis, frangos, famílias. Passou um casal, o homem transportava um doce embrulhado em papel vegetal amarrado com uma fitinha cor-de-rosa. Como todos os domingos. «Mentira, não tem importância, vê como tudo está calmo, sem agitação, simplesmente aquela agoniazinha dominical, a agoniazinha em família, basta voltar atrás, o céu existe, as mercadorias existem, a torta existe; os desertores não existem.» Domingo, domingo, a primeira fila diante do mictório de Clichy, o primeiro calor do dia. Entrar no elevador que acaba de descer, respirar na gaiola sombria o perfume da loira do terceiro, premir o botãozinho branco, o pequeno choque, o suave deslizar, pôr a chave na fechadura, como todos os domingos, pendurar o chapéu no terceiro cabide, arranjar o nó da gravata diante do espelho do hall, empurrar a porta do salão gritando: «Sou eu.» Que faria ela? Não viria para junto dele como todos os domingos, murmurando: «Meu querido!» Era tão evidente, de uma verosimilhança tão abafante! No entanto, perdera tudo aquilo para sempre! Se ao menos eu pudesse zangar-me! «Esbofeteou-me», pensou, «esbofeteou-me». Parou, sentia uma dor de lado, apoiou-se a uma árvore, não estava com raiva. «Ah!», pensou, «porque não sou uma criança?» Mathieu tornou a sentar-se perto de Jacques. Jacques falava, Mathieu olhava-o e tudo era tão aborrecido, a secretária na penumbra, a musicazinha do outro lado dos pinheiros, as bolinhas de manteiga no pratinho, as tigelas vazias na bandeja: uma eternidade sem importância. Teve vontade de falar, por sua vez. Para não dizer nada, para quebrar o silêncio eterno que a voz do irmão não conseguia romper. Disse-lhe:

— Não te preocupes. Guerra, paz, é indiferente.

— Indiferente? — disse Jacques espantado. — Vai dizer isso aos milhões de homens que se preparam para morrer.

— E depois? — disse Mathieu de bom humor. — Traziam a morte na vida desde o seu nascimento. E quando os tiverem massacrado todos até ao último, a humanidade continuará cheia como antes, sem uma lacuna, sem um ausente.

— Menos doze ou quinze milhões de homens — disse Jacques.

— Não é uma questão de número. Estará cheia de si mesma, ninguém lhe faz falta e ela não espera ninguém. Continuará a não ir para parte alguma e os mesmos homens farão as mesmas perguntas e falharão nas suas vidas. Jacques olhava-o a sorrir para mostrar que não o levava a sério.

— E aonde é que queres chegar?

— Exactamente a nenhum lugar, a nada.

— Estão aí, estão aí — gritou a senhora Bonnetain muito animada —, vão colocar o caixão no carro. — A guerra não é nada, o comboio partia, eriçado de punhos erguidos, Maurice encontrara os companheiros: Dubech e Laurent esmagavam-no contra a janela, ele cantava: Il Internationale sera le genre humain. «Cantas muito mal», disse-lhe Dubech. «Não importa», respondeu Maurice. Estava com calor, doíam-lhe as têmporas, era o mais belo dia da sua vida. Estava com frio, com dores de barriga, tocou pela terceira vez; ouviu um ruído de passos apressados no corredor, as portas bateram mas não apareceu ninguém: «Que estarão elas a fazer? São capazes de me deixar cagar nas calças.» Alguém correu pesadamente, passou diante do quarto...

— Ó, ó... — gritou Charles.

Os passos afastaram-se, o ruído cessou, mas começaram a dar marteladas violentas no andar de cima. Que vão todos à merda, se fosse a menina Dorliac, que lhes passa cinco notas por mês, só em gorjetas, elas brigavam para entrar no quarto. Teve um tremor de frio, as janelas deviam estar todas abertas, um ventinho gelado entrava por baixo da porta, estão a arejar, ainda não partimos e já estão a arejar: os ruídos, o vento frio, os gritos entravam como num moinho, estou positivamente numa praça pública. Desde a sua primeira radiografia que não tivera tamanha angústia.

— Ó, ó... — gritou.

Onze horas menos dez, Jacqueline não viera, tinham-no deixado sozinho durante toda a manhã. Vão acabar com isto, lá em cima?

As marteladas ressoavam-lhe no fundo dos olhos, dir-se-ia que estão a pregar o meu caixão. Sentia os olhos secos e doloridos, acordara sobressaltado, às três horas da manhã, depois de um pesadelo. Felizmente, fora apenas um sonho: ficara em Berck; a praia, os hospitais, as clínicas, tudo estava vazio; nem doentes, nem enfermeiras, janelas negras, salas desertas, areia cinzenta e nua a perder de vista. Mas aquele vazio não era simplesmente

vazio; só se vê isso em sonho. O sonho continuava; tinha os olhos bem abertos e o sonho prosseguia; estava no seu aparelho bem no meio do quarto e no entanto o quarto já estava vazio; não tinha alto nem baixo, nem direita nem esquerda. Sobravam quatro tabiques, somente quatro tabiques quase chocavam em ângulo recto, apenas um pouco de ar marítimo entre quatro paredes. Elas arrastavam pelo corredor um objecto pesado e áspero, sem dúvida uma mala grande de rico:

— Ó, ó... — gritou.

A porta abriu-se, a senhora Louise entrou.

— Arre! — disse ele.

— Um minuto. Temos cem doentes para vestir; cada um por sua vez.

— Onde está Jacqueline?

— Se pensa que ela tem tempo para se ocupar de si! Está a vestir as Pottier.

— Dê-me a bacia depressa — disse Charles. — Depressa!

— Que história é essa? Não é a sua hora.

— Estou angustiado. Deve ser por isso.

— Sim, mas eu preciso de vos preparar. Toda a gente deve estar pronta às onze horas. Enfim, despache-se.

Ela desatou o cordão do pijama e puxou as calças, depois soergueu-o pelos rins e pôs a bacia por baixo. O esmalte era frio e duro. «Estou com diarreia», pensou chateado.

— Como é que eu vou fazer se tiver diarreia no comboio?

— Não se incomode. Está tudo previsto. Ela olhava-o, brincando com o molho de chaves. Disse-lhe:

— Vão ter bom tempo para partir.

Os lábios de Charles puseram-se a tremer.

— Não queria partir...

— Ora, ora. Vamos, acabou? Charles fez um último esforço.

— Acabei.

Ela tirou do bolso do avental uma toalha de papel e uma tesoura. Cortou o papel em oito pedaços.

— Levante-se — disse.

Ele ouviu-a amarrotar o papel e sentiu que o esfregavam.

— Arre! — disse.

— Pronto. Ponha-se de barriga para baixo enquanto guardo a bacia. Vou acabar de o limpar.

Pôs-se como tal, ouviu-a andar no quarto e depois sentiu a carícia dos dedos hábeis. Era o seu momento preferido. Uma coisa.

Uma pobre pequenina coisa abandonada. O seu sexo endureceu e ele acarinhou-o no lençol fresco.

Louise virou-o como um pacote. Olhou-lhe o ventre e riu:

— Malandro! Ah!, vamos ter saudades suas, senhor Charles, era um grande animador.

Puxou as cobertas e tirou-lhe o pijama:

— Um pouco de água-de-colónia no rosto — disse, esfregando-o.

— Hoje a toilette tem de ser sumária. Levante o braço. Bem. A camisa. Agora a ceroula, não se agite assim, não posso enfiar-lhe as meias.

Recuou para julgar a sua obra e disse com satisfação:

— Está limpo como uma moeda.

— Será longa a viagem? — indagou Charles com a voz alterada.

— Provavelmente — respondeu ela, vestindo-lhe o casaco.

— E para onde vamos?

— Não sei. Creio que vamos parar primeiramente em Dijon.

Olhou à sua volta:

— É preciso não esquecer nada. Ah!, naturalmente, a sua xícara azul. Gosta tanto dela.

Tirou-a do aparador e debruçou-se sobre a mala. Era uma xícara de faiança azul com borboletas vermelhas. Realmente muito bonita.

— Vou colocá-la entre as camisas para que não se parta.

— Dê-ma — disse Charles.

Ela olhou-o com surpresa e estendeu-lhe a xícara. Ele pegou nela, ergueu-se sobre o cotovelo e lançou-a com toda a força contra a parede.

— Vândalo! — gritou Louise indignada. — Se não queria levá-la consigo devia ter-ma dado!

— Não queria dá-la nem levá-la — disse Charles. Ela encolheu os ombros, foi até à porta e abriu-a de par em par.

— Partimos?

— Partimos. Quer perder o comboio?

— Tão depressa! Tão depressa!

Ela voltara a colocar-se atrás dele; empurrou o aparelho, ele estendeu a mão para tocar na mesa de passagem, viu durante um momento a janela e um pedaço de parede no espelho, fixado em cima da sua cabeça, depois não viu mais nada. Estava no corredor, atrás de uma série de aparelhos em fila ao longo da parede; era

como se lhe torcessem o coração.

O cortejo pôs-se em marcha: «Estão a sair», disse a senhora Bonnetain. «Não tem muita gente para o acompanhar até à sua última morada.» Avançam pouco a pouco, uma paragem após cada volta; na cova sombria elas empurravam os aparelhos aos pares, mas havia um só elevador e levava tempo.

— Como é demorado — disse Charles.

— Não partirão sem você, sossegue — disse Louise.

O carro funerário passava sob a janela; a mulherzinha de luto devia ser da família, a porteira fechara à chave o seu aposento, seguia ao lado de uma mulher forte, de cinzento, com um chapéu de feltro azul, a enfermeira. O senhor Bonnetain apoiou-se ao parapeito junto da mulher: «Viguiet era um irmão de categoria», disse. «Como é que sabes?» — «Ah!», disse ele com ar de importância. E acrescentou: «Desenhava triângulos na minha mão com o polegar, cada vez que me cumprimentava.» A senhora Bonnetain experimentou uma sensação de raiva, ouvindo o marido falar com tanta displicência de um morto. Acompanhava o enterro com o olhar e pensou: «Pobre homem.» Estava ali estirado de costas, levam-no para a cova. Pobre homem, é triste não ter família. Fez o sinal-da-cruz.

Empurraram-no para a cova escura, sentira o elevador descer.

— Quem parte connosco? — indagou.

— Ninguém daqui — disse Louise. — Designaram três enfermeiras do chalé normando e mais a Georgette Fouquet, uma morena alta que o senhor certamente conhece, está na clínica do doutor Robertal.

— Sim, sim — disse Charles, enquanto ela o empurrava devagar para a cova. — Uma morena de pernas bonitas. Não parece muito camarada.

Ele tinha-a observado muitas vezes na praia, vigiando um grupo de meninos raquíticos e distribuindo sopapos com equidade; andava de pernas nuas e usava alpercatas. Belas pernas nervosas e aveludadas, ele dissera para si que gostava de ser tratado por ela. Descê-lo-ão com cordas para a cova e ninguém se inclinará para vê-lo, salvo essa mulherzinha que nem sequer tem um ar muito decente, é triste morrer assim; Louise empurrou o aparelho para dentro do elevador, já havia outro ali, no escuro.

— Quem está aí? — perguntou Charles, piscando os olhos.

— Petrus — disse uma voz.

— Ah!, bandido! Então, de mudança?

Petrus não respondeu, houve uma sacudidela, Charles teve a sensação de planar a alguns centímetros acima do aparelho, desciam pela cova, o soalho do terceiro andar já se encontrava acima da sua cabeça, deixava a sua vida por baixo, pelo

escoadouro da pia.

— Mas onde está ela? — perguntou num curto soluço —, onde está Jacqueline?

Louise não pareceu ouvir e Charles reprimiu o choro por causa de Petrus. Philippe caminhava, não podia parar, se parasse desmaiaria; Gros-Louis caminhava, tinha magoado o pé direito; um homem passou na rua deserta, era pequeno, gorducho, com bigode e chapéu de abas estreitas, Gros-Louis estendeu-lhe a mão:

— Escuta, sabes ler?

O homem deu um pulinho para o lado e apertou o passo.

— Não fujas — disse Gros-Louis —, não te vou comer.

O homem apertou ainda mais o passo. Gros-Louis pôs-se a correr atrás dele, estendendo-lhe a caderneta militar: o homem resolveu correr, dando um pequeno grito como um bicho.

Gros-Louis parou, ficou a coçar o crânio abaixo da ligadura suja, vendo-o afastar-se; o homem tornou-se pequenino e redondo como uma bola, rolou até a uma esquina, pulou, virou, desapareceu.

— Ó, lá, lá! — disse Gros-Louis. — Ó, lá, lá!

— Não chore — disse Louise, enxugando-lhe os olhos com o lenço. Nem tinha percebido que chorava. Sentiu-se enternecido; era agradável chorar sobre si mesmo.

— Era tão feliz aqui!

— Ninguém o diria — observou Louise. — Estava sempre a reclamar.

Abriu a porta do elevador e empurrou-o para o vestíbulo. Charles soergueu-se sobre os cotovelos, reconheceu Totor e a menina Gavalda. Esta estava pálida como um lençol. Totor afundara-se nas cobertas e fechava os olhos. Homens de boné pegavam nos carrinhos, à saída do elevador, e desapareciam no parque. Um deles chegou-se para o lado de Charles.

— Adeus, boa viagem — disse Louise. — Mande-nos um postal quando chegar. E não se esqueça: a mala com as coisas de toilette está junto aos pés, sob a coberta.

O tipo já se inclinava sobre Charles.

— Eh! — gritou Charles. — Muito cuidado. É difícil não dar solavancos quando não se está habituado.

— Bom, bom — disse o tipo —, não é nada difícil. Carretas na estação de Dunquerque, vagonetes em Lens, carroças em Anzin, não fiz outra coisa na vida!

Charles calou-se, tinha medo: o tipo que empurrava o carrinho de Gavalda fê-lo dar uma curva sobre duas rodas e roçou o aparelho na parede.

— Espere — disse Jacqueline —, espere! Sou eu que vou conduzi-lo à estação.

Descia a escada a correr, ofegante.

— Senhor Charles!

Olhava-o num êxtase triste, o seu peito arfava fortemente, fingiu que arranjava as cobertas para poder tocá-lo; ele tinha ainda alguma coisa na terra; onde quer que estivesse ainda teria isso: um coração bom que continuaria a bater por ele em Berck, numa clínica deserta.

— Então — disse ele —, abandonou-me.

— Oh!, senhor Charles, não pude. A senhora Louise deve ter-lhe dito.

Deu a volta ao aparelho, triste, diligente, bem firme sobre as duas pernas e ele tremeu de ódio: era uma sempre-em-pê, tinha recordações verticais, ele não ficaria muito tempo ao abrigo daquele coração.

— Vamos — disse secamente. — Depressa: conduza-me.

— Entre — disse uma voz fraca.

Maud empurrou a porta e um odor a vômito apertou-lhe a garganta. Pierre estava estendido no beliche. Estava amarelo, os olhos devoravam-lhe o rosto, mas parecia calmo. Ela fez um movimento de recuo, mas dominou-se e entrou na cabina. Sobre a cadeira, à cabeceira de Pierre, havia uma bacia cheia de água turva e espumante.

— Só vomito bÍlis — disse Pierre com uma voz sem timbre. — Há muito tempo que deitei fora tudo o que tinha no estômago. Tira a bacia e senta-te.

Maud tirou a bacia retendo a respiração e largou-a perto da pia. Sentou-se; deixara a porta aberta para arejar a cabina. Houve um silêncio: Pierre contemplava com uma curiosidade incômoda.

— Não sabia que estavas doente — disse ela —; teria vindo antes.

Pierre ergueu-se sobre o cotovelo:

— Estou um pouco melhor, mas ainda muito fraco. Não paro de vomitar desde ontem. Talvez devesse comer alguma coisa ao meio-dia, que é que achas? Ia pedir uma asa de frango.

— Não sei — disse Maud aborrecida. — Deves saber se tens fome!

Pierre fixava a coberta com um ar preocupado:

— Evidentemente, poderá pesar-me no estômago, mas pode também servir para acalmá-lo, e, se as náuseas voltarem, terei alguma coisa para vomitar.

Maud olhava-o com espanto. Pensava: «E preciso mesmo

muito tempo para conhecer um homem.»

— Pois bem, direi ao steward que traga uma sopa de legumes e um pedaço de peito de frango.

Riu constrangida e acrescentou:

— Se pensas em comer é porque não estás muito doente.

Houve um silêncio: Pierre levantara os olhos e observava-a com uma mistura desconcertante de atenção e indiferença.

— Diz-me: estão na segunda classe agora?

— Quem te disse? — perguntou Maud descontente.

— Ruby. Encontrei-a ontem nos corredores.

— Pois é verdade. Estamos na segunda classe.

— Como arranjaram isso?

— Oferecemos um concerto.

— Ah! — disse Pierre.

Não cessava de olhá-la. Estendeu as mãos sobre o lençol e disse docemente:

— E tu, dormiste com o capitão?

— Que história é essa?

— Vi-te sair da cabina, não podia haver engano.

Maud sentiu-se pouco à vontade. Até certo ponto não lhe devia mais explicações, mas, por outro lado, teria sido mais correcto preveni-lo. Baixou os olhos e tossiu; sabia-se culpada e isso reavivava a sua ternura por Pierre.

— Escuta — disse —, se eu tivesse recusado, France não teria compreendido.

— Mas o que é que France tem a ver com isso?

Ela ergueu bruscamente a cabeça; ele sorria, conservava o seu ar de curiosidade cínica. Sentiu-se ultrajada; teria preferido que ele gritasse.

— Pois é assim — disse secamente —; quando estou num navio, durmo com o capitão para que a Orquestra Baby's possa fazer a travessia na segunda classe. Eis tudo.

Esperou um momento que Pierre protestasse, mas ele não disse palavra. Ela debruçou-se sobre ele e acrescentou com energia:

— Não sou uma prostituta.

— Quem disse que eras? Fazes o que queres ou podes. Não vejo mal nisso.

Ela teve a sensação de uma chicotada no rosto. Levantou-se:

— Ah!, não vês mal nisso? Não vês mal nisso?

— Não, não vejo!

— Pois é um erro, um grande erro.

— Há mal, então? — indagou Pierre, divertindo-se.

— Ah!, não tentes atrapalhar-me. Não há mal: porque haveria? Quem me pede para não o fazer? Por certo não serão os tipos que andam atrás de mim nem as companheiras, que se aproveitam disso, nem a minha mãe, que já não ganha nada e a quem mando dinheiro. Mas tu deverias ver mal nisso, porque és o meu amante.

Pierre juntou as mãos sobre a coberta; tinha um ar falso e fugidio de doente:

— Não grites — disse com doçura. — Estou com dores de cabeça.

Ela dominou-se e olhou-o friamente:

— Não tenhas medo, não gritarei mais. Só te quero dizer que está tudo acabado entre nós. Hás-de compreender, já me repugna suficientemente deixar-me cortejar por aquele velho, e se me tivesses insultado ou tivesses tido pena, eu teria acreditado que gostavas um pouco de mim, isso ter-me-ia dado coragem. Mas se posso dormir com quem quiser, sem que isso incomode alguém, nem mesmo tu, então sou uma cadela, uma puta. Pois bem, meu caro, as putas correm atrás dos bonitões e não devem perder tempo com malandros da tua espécie.

Pierre não respondeu: cerrara os olhos. Ela derrubou a cadeira com um pontapé e saiu batendo a porta. Deslizava, apoiado ao cotovelo, entre vivendas, clínicas, pensões familiares; tudo vazio, as cento e vinte janelas do Hotel Brun estavam abertas, no vestíbulo da vivenda Mon Désir, no jardim da vivenda Oásis, doentes aguardavam, de cabeça erguida, deitados nos seus esquifes. Olhavam em silêncio o desfile dos aparelhos: toda uma multidão de aparelhos que rodava para a estação. Ninguém falava, só se ouviam os gemidos dos eixos e o choque surdo das rodas, passando da calçada para a estrada. Jacqueline caminhava depressa; passaram por uma velha gorda, rubicunda, que um velhinho empurrava chorando, passaram por Zozo, era a sua mãe que o conduzia à estação.

— Eh! Ó! — gritou Charles.

Zozo tremeu, soergueu-se e olhou para Charles com os seus olhos claros e vazios.

— Não temos sorte — disse suspirando.

Charles deixou-se cair de costas novamente; sentia, à direita e à esquerda, aquelas presenças horizontais, dez mil pequenos enterros. Reabriu os olhos e viu um pedaço de céu e depois centenas de pessoas às janelas da Grande-Rue, que agitavam lenços. Safados! Não é 14 de Julho. Um voo de gaivotas turbilhou,

berrando acima da sua cabeça, Jacqueline assoou-se atrás dele. Chorava sob o véu de crepe. A enfermeira fixava a única coroa que balouçava atrás do carro funerário, ouvia-a chorar, não devia deplorá-lo muito, há mais de dez anos que não o via, mas guardamos sempre dentro de nós uma tristeza envergonhada e insatisfeita que espera modestamente um enterro, uma primeira comunhão, um casamento, para conseguir enfim as lágrimas que jamais ousara reclamar; a enfermeira pensou na sua mãe parálitica, na guerra, no sobrinho que ia partir, na dura condição de enfermeira e pôs-se a chorar também, estava contente, a velhinha chorava, atrás delas a porteira começava a fungar, pobre velho, tão pouca gente para acompanhá-lo, que se tenha um ar triste ao menos; Jacqueline chorava empurrando o carrinho, Philippe andava, vou desmaiar, Gros-Louis andava, a guerra, a doença, a morte, a partida, a miséria; era domingo, Maurice cantava à janela da carruagem, Marcelle entrou na pastelaria para comprar um saint-honoré.

— Você não está muito conversador — disse Jacqueline.

— Pensei que se entristecesse um pouco ao deixar-me. Seguiam pela rua da estação.

— Acha que não estou suficientemente chateado? Fazem de mim um embrulho, carregam-me para não sei onde, sem pedir a minha opinião e ainda por cima quer que me entristeça.

— Você não tem coração.

— Basta — disse ele duramente. — Queria que estivesse no meu lugar. Só queria ver.

Ela não respondeu e ele viu um tecto escuro acima da cabeça.

— Chegámos — disse Jacqueline.

Para quem apelar? A quem deveria suplicar que não me levem, farei o que quiserem, mas que me deixem aqui, ela tratará de mim, levar-me-á a passear e, à noite, far-me-á a minha pequena carícia...

— Ah!, sinto que vou rebentar durante a viagem.

— Mas está louco — disse Jacqueline apavorada. — Está completamente louco, como pode dizer essas coisas? Deu a volta ao aparelho e inclinou-se sobre ele; ele sentia-lhe a respiração quente.

— Vamos! — disse ele a rir. — Nada de manifestações. Não é você que terá aborrecimentos se eu morrer. É a bela morena, sabe, a enfermeira do doutor Robertal.

Jacqueline disse bruscamente:

— Ela é uma fera; não imagina todas as partidas que fez a Lucienne. Verá como ela é! E não adianta fazer-lhe olhinhos, ela é menos parva do que eu.

Charles endireitou-se e olhou em volta com receio. Havia mais de duzentos aparelhos alinhados na saída. Os carregadores empurravam-nos para a plataforma.

— Não quero partir — murmurou entre dentes. Jacqueline fixou-o subitamente, com um ar esgazeado:

— Adeus — disse. — Adeus, minha boneca querida.

Ele quis responder, mas o carrinho pusera-se em movimento. Um tremor percorreu-o dos pés à nuca; torceu a cabeça e viu uma cara vermelha inclinada sobre o rosto.

— Escreva-me — gritou Jacqueline —, escreva-me. Já está na plataforma, no meio de um barulho de assobios e gritos de adeus.

— Não é esse comboio? — perguntou angustiado.

— Não? Que mais quer? O Oriente-Expresso? — disse o empregado com ironia.

— Mas são vagões de carga! O empregado cuspiu.

— Vocês não caberiam num comboio de passageiros — explicou. — Seria preciso tirar os bancos, imagine só.

Os carregadores pegavam nos aparelhos pelas extremidades, tiravam-nos dos carrinhos e transportavam-nos até aos vagões. Nos vagões havia empregados de boné, curvavam-se, seguravam nos aparelhos como podiam e levavam-nos para a escuridão. O belo Samuel, o Dom Juan de Berck, que possuía dezoito fatos, passou perto de Charles nos braços dos carregadores e desapareceu no furgão, com as pernas no ar.

— Mas há comboios sanitários — disse Charles indignado.

— Como se fossem mandar comboios sanitários, em vésperas da guerra, para transportar paralíticos.

Charles quis responder, mas o seu aparelho balouçou bruscamente e ele viu-se içado de cabeça para baixo.

— Carreguem-me direito — gritou.

Os carregadores puseram-se a rir, o buraco aproximou-se, cresceu, largaram a corda e o caixão caiu com um ruído mole na terra húmida. Inclinadas sobre a cova, a enfermeira e a porteira soluçavam.

— Estás a ver — disse Boris —, todos eles se vão embora.

Estavam sentados no hall do hotel, perto de um senhor condecorado que lia o jornal. O porteiro desceu duas malas de pele de porco e pousou-as na entrada, ao lado de outras.

— Cinco partidas de manhã — disse com voz neutra.

— Olha para as malas — disse Boris —, são de pele de porco.

Essa gente não as merece — acrescentou com severidade.

— Porquê?

— Deveriam estar cobertas de etiquetas.

— Mas então já não se veria a pele de porco — disse Lola.

— Justamente. O verdadeiro luxo deve esconder-se. Eu, se possuísse uma assim, não estaria aqui.

— E onde estarias?

— Algures! No México, na China. Contigo — acrescentou.

Uma mulher alta, de chapéu preto, atravessou o hall, muito agitada. Gritava:

— Mariette! Mariette!

— É a senhora Delarive — disse Lola. — Parte hoje à tarde.

— Vamos ficar sós no hotel; será divertido: mudaremos de quarto todas as noites.

— Ontem, no Casino — disse Lola —, havia só dez pessoas para me ouvirem. Também não me esforço mais. Pedi que os juntassem todos nas mesas do centro e sussurrei-lhes as minhas canções aos ouvidos.

Boris levantou-se para ir ver as malas, apalpou-as discretamente e voltou.

— Porque se vão eles embora? — disse ele sentando-se. — Não estariam pior aqui, pode muito bem acontecer que as suas casas sejam bombardeadas ao chegarem.

— Sim, mas são as suas casas. Não compreendes?

— Não.

— Pois é assim. A partir de certa idade esperam-se os aborrecimentos em casa.

Boris riu e Lola endireitou-se inquieta; conservava aquele receio de outrora: quando ele ria, pensava que estivesse a troçar dela.

— Porque ris?

— Porque te acho extraordinária. Estás aí a explicar-me o que sentem as pessoas de certa idade. Mas não percebes nada disso, minha querida, nunca tiveste um lar!

— Não — disse Lola tristemente. Boris pegou-lhe na mão e beijou-lhe a palma. Lola corou.

— Como és gentil comigo. Já não és o mesmo.

— E queixas-te!

Lola apertou-lhe a mão com força.

— Não me queixo, mas gostaria de saber porque és tão gentil.

— Porque estou a envelhecer — disse ele.

Ela abandonara-lhe a mão; sorria, encostada à poltrona. Ele sentia-se contente por vê-la feliz; queria deixar-lhe uma boa

lembrança. Acariciou-lhe a mão, pensando: «Um ano, só tenho mais um ano para viver com ela»; sentia-se cheio de ternura, a aventura já tinha um sabor a passado. Outrora tratava-a com dureza, mas era porque tinham um contrato ilimitado; isso aborrecia-o, gostava dos compromissos de duração definida. Um ano: dar-lhe-ia toda a felicidade que ela merecia, repararia; depois deixá-la-ia, mas não indecentemente, não por outra mulher ou porque se houvesse cansado dela, a coisa arranjar-se-ia naturalmente, pela própria força das circunstâncias, porque atingiria a maioria e mandá-lo-iam para a frente.

Olhou-a pelo canto do olho: tinha um ar jovem, o seu peito inchava de prazer, pensou com melancolia: «Terei sido o homem de uma só mulher.» Mobilizado em 40, morto em 41, não, em 42, pois tinha de contar o tempo de preparação, isso queria dizer: uma mulher em 22 anos. Três meses antes sonhava ainda dormir com mulheres da alta sociedade; porque era um fedelho, pensou com indulgência. Morreria sem ter conhecido duquesas, mas não lamentava nada. Poderia, nos meses vindouros, coleccionar aventuras, mas não era o caso. «Dispensar-me-ia. Quando só se têm dois anos para viver, convém concentrarmo-nos seriamente.» Jules Renard dissera ao filho: «Estuda uma só mulher, mas estuda-a bem, e conhecerás a mulher.» Era necessário estudar Lola com cuidado, no restaurante, na rua, na cama. Passou o dedo pelo punho de Lola, e pensou: «Ainda não a conheço muito bem.» Havia recantos do seu corpo que ele ignorava e nem sempre sabia o que ela escondia na mente. Mas tinha um ano à sua frente. Ia começar desde já. Virou a cabeça para ela e considerou-a atentamente.

— Porque me estás a olhar assim?

— Estou a estudar-te.

— Não gosto que me olhes de mais, tenho sempre receio de que me aches velha.

Boris sorriu-lhe. Desconfiava, não se habituava à sua felicidade.

— Não te preocupes — disse ele. Uma viúva cumprimentou-os secamente e deixou-se cair na poltrona, ao lado do senhor condecorado.

— Pois é, cara senhora — disse o senhor —, vamos ter um discurso de Hitler.

— Quando?

— Amanhã à noite, no Sportpalast.

— Brr... Então vou deitar-me cedo e enfiar a cabeça debaixo da coberta para não o ouvir. Imagino que nada tenha de agradável a dizer-nos.

— Receio que não.

Houve um silêncio e ele continuou:

— O nosso grande erro, cometemo-lo em 36, quando da remilitarização da região renana. Era preciso enviar para lá dez divisões. Se tivéssemos arreganhado os dentes, os oficiais alemães tinham a ordem de retirada no bolso. Mas Sarraut aguardava a decisão da Frente Popular e esta preferia dar armas aos comunistas espanhóis.

— A Inglaterra não nos teria acompanhado — observou a viúva.

— Não nos teria acompanhado? Não nos teria acompanhado? — repetiu ele, impaciente. — Pois vou perguntar-lhe uma coisa, minha senhora: sabe o que teria feito Hitler, se Sarraut tivesse mobilizado?

— Não sei.

— Ter-se-ia sui-ci-da-do. Sei-o de boa fonte; há vinte anos que conheço um oficial do serviço de informações.

A viúva meneou a cabeça tristemente:

— Quantas oportunidades perdidas!

— E de quem é a culpa?

— Ah! — fez ela.

— Pois é — disse o senhor —, pois é. Aí está no que dá votar na esquerda. O francês é incorrigível: a guerra bate-lhe à porta e ele reclama férias pagas.

A viúva ergueu os olhos: parecia realmente angustiada.

— Então acredita mesmo na guerra?

— A guerra — disse o senhor com espanto. — Oh!, vamos mais devagar: Daladier não é uma criança; fará certamente as concessões necessárias. Mas vamos ter os piores aborrecimentos.

— Safados! — murmurou Lola.

Boris sorriu-lhe com simpatia. Para ela a questão da Checoslováquia era muito simples: um pequeno país era atacado, a França devia defendê-lo. Era um pouco ingênua em política, mas era generosa.

— Vem almoçar — disse ela —, essa gente enerva-me.

Levantou-se. Ele contemplou as ancas belas e fortes, pensou: «A mulher.» Era a mulher, toda a mulher que ia possuir à noite. Sentiu que um desejo violento lhe aquecia as orelhas.

Atrás dela, a estação — e Gomez no comboio, os pés sobre o banco. Ele encurtara as despedidas: «Não gosto de beijos na gare.» Ela descia a escadaria monumental, o comboio ainda estava na estação, Gomez lia fumando, os pés sobre o banco, tinha sapatos novos de pele de vaca. Ela viu os sapatos sobre o veludo cinzento do banco: fora de primeira classe; a guerra dá dinheiro. «Odeio-o», pensou. Sentia-se seca, oca. Viu, ainda por um instante, o mar

brilhante e depois mais nada: hotéis sombrios, tectos, eléctricos.

— Pablo, não desças tão depressa! Vais cair.

O pequeno parou num degrau, com um pé no ar. Vai visitar Mathieu. Poderia ter ficado mais um dia comigo, mas preferiu Mathieu. As suas mãos queimavam. Enquanto ele ali estivera, fora um suplício, agora que partiu não sei o que fazer.

Pablo olhou-a muito sério:

— O papá partiu?

Um relógio diante deles marcava uma hora e trinta e cinco. O comboio partira há sete minutos.

— Sim — disse Sarah —, partiu.

— Vai fazer a guerra? — perguntou Pablo com os olhos brilhantes.

— Não, vai visitar um amigo.

— Mas depois, vai fazer a guerra?

— Depois — disse Sarah — vai mandar os outros para a guerra.

Pablo detivera-se no último degrau; dobrou os joelhos e pulou a pés juntos para a calçada, depois virou-se e olhou a mãe, sorrindo com orgulho. «Cabotino», pensou ela. Voltou-se sem sorrir e percorreu com o olhar a escadaria monumental. Os comboios andavam, paravam, partiam outra vez, acima da sua cabeça. O comboio de Gomez rolava na direcção leste, entre escarpas calcárias, talvez entre casas. A estação estava deserta, acima da sua cabeça, uma grande bola cinzenta, cheia de sol e fumo, um cheiro a vinho e fuligem, os carris reluziam. Ela baixou a cabeça, não lhe era agradável pensar naquela estação abandonada no calor branco da tarde. Em Abril de 33, ele partira naquele mesmo comboio, vestido de tweed cinzento, Mistress Simpson esperava-o em Cannes, tinham passado quinze dias juntos em San Remo. «Ainda preferia isso», pensou. Um punhozinho tacteante roçou-lhe a mão. Abriu-a e fechou-a sobre o punho de Pablo. Baixou os olhos e contemplou-o. Vestia uma blusa com colarinho à marinheiro e um chapéu de pano.

— Porque me estás a olhar assim? — indagou Pablo.

Sarah desviou a cabeça e olhou para a rua. Apavorava-se por se sentir tão dura. «É uma criança», pensou. Uma criança. Olhou-o de novo, tentando sorrir, mas não conseguiu, os seus maxilares cerraram-se, a sua boca fez-se de madeira. Os lábios do menino começaram a tremer e ela percebeu que ele ia chorar. Puxou-o bruscamente e pôs-se a andar a passos largos. O pequeno, surpreendido, esqueceu as lágrimas, trotava a seu lado.

— Onde vamos, mamã?

— Não sei.

Tomou pela primeira rua à direita. Era uma rua deserta; todas as lojas estavam fechadas. Apertou ainda mais o passo e virou noutra rua, à esquerda, com casas escuras e sujas. E sempre ninguém.

— Obrigas-me a correr — disse Pablo.

Sarah apertou-lhe a mão sem responder e arrastou-o. Seguiram por uma grande rua direita, uma rua de eléctricos. Não se viam automóveis nem eléctricos, somente cortinas de ferro baixadas e os carris que levavam até ao porto. Pensou que era domingo e doeu-lhe o coração. Puxou violentamente Pablo pelo punho.

— Mamã! — gemeu o pequeno. — Mamã!

Pusera-se a correr para acompanhá-la. Não chorava, mas estava branco e com olheiras; erguia para ela uma fisionomia espantada e desconfiada. Sarah parou: as lágrimas molharam-lhe as faces.

— Pobre menino — disse —, pobre pequeno inocente!

Agachou-se diante dele; que importava no que se tornaria mais tarde! Por enquanto, estava ali inofensivo e feio, como uma sombra minúscula a seus pés, tinha um ar de solitário no mundo e havia todo esse escândalo nos olhos dele; afinal de contas não pedira para nascer.

— Porque choras, mamã? Porque é que o papá partiu?

As lágrimas de Sarah secaram de imediato e ela teve vontade de rir. Mas Pablo olhava-a com ar preocupado.

— E isso mesmo, porque o papá partiu.

— Vamos voltar para casa logo?

— Estás cansado? É ainda longe. Vem. Vem. Iremos devagar.

Deram alguns passos e Pablo parou apontando:

— Olha! — disse num êxtase quase doloroso. Era um cartaz à porta de um cinema todo azul. Aproximaram-se. Vinha do hall sombrio e fresco um cheiro a formol. No cartaz cowboys perseguiram um cavaleiro mascarado, dando tiros de revólver.

Mais tiros, mais revólveres! Ele olhava, ofegante; poria o seu capacete dentro em pouco, pegaria na sua espingarda e correria pelo quarto, como se fosse o bandido mascarado. Ela não teve a coragem de o arrastar, virou simplesmente a cabeça. A moça da caixa abanava-se na cabina de vidro. Era uma mulher gorda e morena, pálida, com olhos ardentes. No guiché, atrás dos vidros, havia flores dentro de uma jarra; fixara à parede, com punaises, um retrato de Robert Taylor. Um homem de idade indefinida saiu da sala e aproximou-se da caixa.

— Quanto?

— Cinquenta e três entradas — disse ela.

— E o que tinha contado. E ontem sessenta e sete. Um lindo filme como este, com correrias e tiros!

— As pessoas ficam em casa — disse a moça, encolhendo os ombros.

Um homem parara perto de Pablo, olhava para o cartaz, respirando, mas não parecia vê-lo. Era um tipo alto e lívido, de roupas rasgadas, com uma ligadura ensanguentada na cabeça e lama seca nas mãos e na cara. Devia vir de longe. Sarah pegou na mão de Pablo.

— Vamos — disse.

Esforçou-se por andar bem devagar por causa do pequeno, mas tinha vontade de correr, parecia-lhe que alguém a olhava por trás. Diante dela os carris reluziam, o asfalto amolecia ao sol, o ar tremia um pouco em volta do lampião, já não era o mesmo domingo. «As pessoas ficam em casa.» Ainda há pouco adivinhava, além dos blocos de casas, avenidas alegres e superlotadas, que cheiravam a pó-de-arroz e a tabaco loiro; ela caminhava numa calma rua de arrabalde, toda uma multidão invisível e próxima a acompanhava. Agora corriam para o porto, brancos e desertos; o ar tremia entre muros cegos.

— Mamã — disse Pablo —, o homem está a seguir-nos.

— Não — disse Sarah —, faz como nós: passeia.

Virou à esquerda, e era a mesma rua interminável e fixa; não havia senão uma rua errando através de Marselha. E Sarah estava nessa rua, cá fora, com uma criança; e todos os marselheses estavam dentro de casa. Cinqüenta e três entradas.

Ela pensava em Gomez no riso de Gomez: naturalmente, todos os franceses são covardes. E que mais? Ficam em casa, é natural, têm medo da guerra e têm razão. Mas ela não se sentia à vontade. Percebeu que tinha apertado o passo e quis diminuir a marcha por causa de Pablo. Mas o pequeno puxou-a para a frente.

— Depressa — disse com voz abafada. — Mamã!

— O que é? — disse ela secamente.

— O homem continua atrás da nós. Sarah virou a cabeça, e viu o vagabundo; seguia-os, era evidente. O seu coração deu pulos no peito.

— Vamos correr — disse Pablo.

Ela pensou na ligadura ensanguentada e deu meia volta bruscamente. O tipo parou, olhou-os com os seus olhos brumosos. Sarah tinha medo. O pequeno agarrara-se a ela com ambas as mãos e puxava-a para trás com toda a força: «As pessoas ficam em casa.» Podia chamar, pedir socorro, ninguém apareceria.

— Precisa de alguma coisa? — indagou, fixando o vagabundo nos olhos.

Ele sorriu lamentavelmente e o medo de Sarah esvaiu-se.

— Sabe ler? — perguntou ele.

Entregava-lhe uma caderneta militar. Pablo agarrava-se às suas pernas, ela sentia o seu corpinho quente.

— E então?

— Queria saber o que está escrito aí — disse o tipo, mostrando uma folha com o dedo.

Tinha um ar de bondade apesar do olho roxo e semi-cerrado Sarah contemplou-o por um momento e depois fechou a caderneta.

— Que desgraça — disse o tipo, confuso. — Que desgraça não saber ler.

— Pois o senhor tem de ir para Montpellier — disse Sarah.

Ela devolveu-lhe a caderneta mas ele não pegou nela imediatamente. Perguntou-lhe:

— E verdade que vamos ter guerra?

— Não sei.

Ela pensou: ele vai partir. Depois pensou em Gomez. Indagou:

— Quem lhe fez o curativo?

— Fui eu mesmo.

Sarah remexeu a bolsa. Possuía alfinetes e dois lenços.

— Sente-se no passeio — disse com autoridade.

— O tipo sentou-se com dificuldade.

— Tenho as pernas pesadas — disse como que em desculpa.

Sarah rasgou os lenços. Gomez lia L'Humanité em primeira classe, pés estendidos sobre o banco. Veria Mathieu e depois iria a Toulouse tomar o avião para Barcelona. Ela desfez a ligadura ensanguentada e tirou-a com alguns puxões. O tipo resmungou um pouco. Uma crosta negra e viscosa estendia-se por metade do crânio. Sarah deu um lenço a Pablo.

— Vai buscar água à fonte.

O pequeno correu, feliz por se afastar. O tipo ergueu os olhos para Sarah e disse:

— Não me apetece lutar.

Sarah pousou-lhe docemente a mão sobre o ombro. Desejara pedir-lhe perdão.

— Sou pastor — disse ele.

— Que está a fazer em Marselha? Ele sacudiu a cabeça:

— Não me apetece lutar — repetiu. Pablo voltara, Sarah lavou como pôde o ferimento e refez rapidamente o curativo.

— Levante-se — disse.

Ele levantou-se. Contemplava-a com olhos vagos.

— Então tenho de ir para Montpellier? Ela enfiou a mão na bolsa e tirou duas notas de cem francos.

— Para a viagem — disse.

O tipo não pegou logo nelas; olhava-a com atenção, procurando entender.

— Pegue — disse Sarah, baixinho e depressa. — Pegue e não lute, se puder evitar.

Ele pegou nas notas. Sarah apertou-lhe a mão.

— Não lute. Faça o que quiser, volte para casa, esconda-se, mas não lute.

Ele olhava-a sem entender. Ela pegou na mão de Pablo, deu meia volta e continuaram a andar. Ao fim de um momento, voltou-se: ele contemplava o curativo que Sarah lançara para a sarjeta. Acabou por se baixar: recolheu-o às apalpadelas e pô-lo no bolso.

Gotas de suor rolavam-lhe pelas faces, desciam pela fronte e iam até as narinas. Acreditara, a princípio, que fossem bichos, dera uma pancada e a mão esmagara lágrimas mornas.

— Deus meu! — disse o vizinho da esquerda. — Que calor!

Reconheceu a voz, era de Blanchard, um animal!

— Fazem de propósito — disse Charles. — Deixam os vagões ao sol durante horas.

Houve um silêncio e Blanchard perguntou:

— Es tu, Charles?

— Sou eu.

Lamentava ter falado. Blanchard adorava as brincadeiras estúpidas, aspergia as pessoas com um revólver de água ou grudava uma aranha de papelão nas cobertas dos outros.

— Como nos encontramos! — disse Blanchard.

— Sim.

— O mundo é pequeno.

Charles recebeu uma golfada de água mesmo na cara. Enxugou-se e cuspiu. Blanchard ria.

— Cretino! — Tirou o lenço e enxugou o pescoço esforçando-se por rir. — É o teu revólver de água?

— Claro que é! Não errei, hem? Mesmo na cara. Não te incomodes, tenho os bolsos cheios desses truques: vamos rir durante a viagem.

— Que cretino — disse Charles, rindo feliz. — Que cretino, que criança!

Blanchard amedrontava-o; os aparelhos tocam-se, se me quiser beliscar ou lançar-me pó de fazer comichão nas costas, bastar-lhe-á estender a mão. «Não tenho sorte», pensou. Terei de ficar de sobreaviso durante toda a viagem. Suspirou e percebeu que olhava para o tecto, era uma grande chapa sombria, eriçada de pregos. Virava o seu espelho para trás, estava preto como uma placa de vidro suja de fumo. Charles ergueu-se um pouco e deitou um olhar à sua volta. Havia deixado a porta do vagão aberta; uma luz amarelada brilhava sobre os corpos estendidos, as cobertas, os rostos. Mas a zona iluminada era estritamente limitada pela ombreira da porta: à esquerda tudo estava escuro. Camaradas de sorte, devem ter dado uma gorjeta aos carregadores, terão toda a luz, todo o ar; de vez em quando, apoiando-se ao cotovelo, verão uma árvore verde. Tornou a encostar-se, exausto; a camisa estava molhada. Se ao menos pudessem partir! Mas o comboio estava ali, abandonado, envolvido no sol. Um cheiro estranho — palha podre e perfume de Houbigant — flutuava junto ao chão. Torcei o pescoço para fugir ao odor, que lhe dava ânsias de vômito, mas o suor inundou-o, relaxou-se e a camada de cheiro formou-se de novo por cima do seu nariz. Lá fora havia carris e sol e vagões vazios nos desvios e arbustos cobertos de poeira: o deserto. E mais adiante era domingo. Um domingo em Berck: as crianças brincavam na praia, famílias tomavam café com leite nos cafés. «É engraçado», pensou, «é engraçado». Uma voz fez-se ouvir do outro lado do vagão:

— Denis! Denis! Ninguém respondeu.

— Maurice, estás aí?

Houve um silêncio e a voz concluiu: «Os safados!»

Alguém gemeu perto de Charles:

— Que calor.

E uma voz respondeu, pálida e alquebrada, uma voz de doente grave:

— Vai melhorar quando o comboio partir. Falavam-se às cegas sem se reconhecerem: alguém disse com um risinho:

— Assim é que viajam os soldados.

Novamente o silêncio. O calor, o silêncio, a angústia. Charles viu subitamente duas belas pernas dentro de meias de fio branco, o seu olhar subiu ao longo do avental: era a bela enfermeira. Acabava de subir para o vagão. Segurava uma mala com uma das mãos e com a outra um banquinho; passeava um olhar irritado à sua volta:

— É uma loucura — disse —, pura loucura.

— O quê, o quê? — indagou uma voz rude do lado de fora.

— Se tivessem reflectido por um instante, teriam compreendido que não se deviam juntar as mulheres com os

homens.

— Pusemos como nos mandaram.

— E como querem que trate deles, uns diante dos outros?

— Devia estar aqui, nessa altura.

— Não posso estar em toda a parte. Tratava de registar as bagagens.

— Que confusão — disse o homem.

— E caso para dizer isso.

Houve um silêncio e ela continuou:

— O senhor vai chamar o seu companheiro: transportarão os homens para o último vagão.

— Espere aí! A senhora paga o trabalho suplementar?

— Farei queixa — disse ela secamente.

— Pois faça, minha beleza, importo-me muito com a sua queixa, percebe?

A enfermeira encolheu os ombros e afastou-se, andou com cuidado por entre os doentes e foi sentar-se no seu ban-quinho, não longe de Charles, à beira do rectângulo de luz.

— Eh! Charles! — disse Blanchard.

— Que é?

— Há mulheres aqui. Charles não respondeu.

— E como é que eu vou fazer — disse Blanchard em voz alta — se tiver vontade de cagar?

Charles corou de ódio e vergonha, mas pensou no pó de comichões e emitiu um risinho cúmplice.

Verificou-se um movimento ao nível do chão, sem dúvida tipos que torciam o pescoço para ver se tinham vizinhas. Mas, no conjunto, uma espécie de mal-estar pesava sobre o vagão. Os cochichos arrastaram-se e extinguiram-se. «Como é que eu vou fazer, se tiver vontade de cagar?» Charles sentia-se sujo por dentro, um pacote de tripas colantes e molhadas: se tivesse de pedir a bacia diante das mulheres, que vergonha! Trancou-se por dentro, pensou: «Agüentarei até ao fim.» Blanchard respirava com ruído, o seu nariz tocava uma musicazinha inocente; Deus meu, se pudesse dormir! Charles teve um momento de esperança, tirou um cigarro do bolso, acendeu um fósforo.

— Que é isso? — indagou a enfermeira.

Largara o tricot sobre os joelhos. Charles via-lhe a fisionomia carrancuda muito acima e muito longe dele, numa sombra azulada.

— Estou a acender um cigarro — respondeu. A sua voz pareceu-lhe engraçada e indiscreta.

— Ah!, não. Não se fuma aqui.

Charles apagou o fósforo e tateou à sua volta com a ponta dos dedos. Encontrou entre duas cobertas uma tábua húmida e rugosa que arranhou com a unha, antes de deitar fora o pequeno pedaço de madeira semicarbonizado; subitamente, esse contacto afigurou-se-lhe horrível, juntou novamente as mãos sobre o peito e pensou: «Estou no chão.» Mesmo no chão. Sob as mesas e cadeiras, sob os pés das enfermeiras e dos carregadores, esmagado, confundido com a lama e a palha, todos os bichos que freqüentam as frinchas do soalho podiam subir-lhe para o ventre. Agitou as pernas, raspou os saltos no aparelho.

Devagar para não despertar Blanchard. O suor escorria-lhe pelo peito; encolheu os ombros sob a coberta. Esses formigueiros inquietos nas coxas e nas pernas, essas revoltas violentas e vagas de todo o seu corpo, tinham-no atormentado sem cessar, nos primeiros tempos de Berck. Depois acalmara-se: esquecera as pernas, achara natural ser empurrado, rodado, carregado, tornara-se uma coisa. «Será que isso vai voltar?», pensou com angústia. «Será que vai voltar?» Estendeu as pernas, cerrou as pálpebras. Era preciso pensar: «Sou apenas uma pedra, sou uma pedra, uma pedra.» As suas mãos crispadas abriram-se, sentiu o corpo petrificar-se lentamente sob a coberta. Uma pedra entre pedras.

Soergueu-se sobressaltado, de olhos abertos, pescoço duro: houvera uma sacudidela, em seguida um ranger de ferros e ruídos de rodas, monótonos, calmantes como a chuva: pusera-se em marcha. Passava ao lado de alguma coisa; lá fora havia objectos sólidos e encharcados de sol, que deslizavam pelos vagões; sombras indistintas, a princípio lentas, a seguir mais rápidas, sempre mais rápidas, corriam pela parede luminosa, em frente da porta aberta; dir-se-ia uma tela de cinema. A luz empalideceu um pouco, acinzentou-se e subitamente intensificou-se com violência: «Estamos a sair da estação.» Charles sentia dores no pescoço, mas estava mais calmo. Deitou-se novamente, levantou os braços e deu ao seu aparelho uma volta de noventa graus. Via agora, no canto esquerdo do espelho, um pedaço de rectângulo iluminado. Isso bastava-lhe; aquela superfície brilhante vivia, era toda uma paisagem. Ora a luz tremia e empalidecia, como se fosse apagar-se, ora endurecia, fixava-se e assumia o aspecto de uma camada de ocre; e depois, de vez em quando, tremia por inteiro, atravessada por ondulações oblíquas e como que enrugada pelo vento. Charles olhou-a longamente; ao fim de um instante sentiu-se liberto, como se estivesse sentado no estribo do vagão, pernas balouçando e olhando para o desfile das árvores, dos campos, do mar.

— Blanchard! — murmurou.

Não houve resposta. Esperou um pouco e soprou:

— Estás a dormir?

Blanchard não respondeu. Charles deu um suspiro de prazer e distendeu-se, completamente deitado, porém sem perder o espelho de vista. Dorme, dorme. Quando entrou, mal se sustinha; deixara-se cair no banco, mas os seus olhos eram duros, diziam: não me abaterão. Encomendou o seu café com um ar colérico, há tanta gente que encara os criados de café como inimigos: gente nova, que pensa que a vida é uma luta; leram isso nos livros, lutam então nos cafés, encomendam uma groselha com um olhar de meter medo.

— Um café — pediu Félix — e dois americanos.

Ela comprimiu os botões e fez girar a manivela. Félix piscou os olhos e apontou para o rapazinho que dormia. Não é uma luta, é um pântano, um simples movimento e afundamo-nos, mas eles não sabem isso, mexem-se muito, a princípio, isso faz com que se afundem mais depressa; eu fui assim, mexi-me muito, agora estou velha, permaneço muito quieta, de braços estendidos ao longo do corpo, na minha idade já não nos afundamos muito. Dormia de boca aberta, o queixo pendia-lhe sobre o peito, não tinha nada de bonito, as pálpebras vermelhas e inchadas, o nariz roxo, davam-lhe um aspecto de carneiro. Adivinhei logo quando o vi entrar na sala vazia, como um cego com esse sol lá fora e todos esses fregueses na esplanada; eu disse logo: vai escrever uma carta ou então espera uma mulher, ou então é qualquer coisa que vai mal. Ele ergueu a mão comprida e pálida, afugentou as moscas sem abrir os olhos; não havia moscas. Sente-se triste mesmo no sono; os aborrecimentos nunca nos largam, eu estava sentada no banco, contemplava os carris e o túnel, havia um pássaro a cantar e estava grávida, triste, já não tinha olhos para chorar, nem dinheiro, só o meu bilhete, adormeci, sonhei que me matavam, que me puxavam pelos cabelos, chamando-me vagabunda, e depois o comboio chegou e eu subi: às vezes, penso que ele terá o seu abono, um velho operário, um inválido, que não se lhe poderá recusar, às vezes acho que tentarão não lhes dar nada, eles são duros; e eu aqui, velha, já não me mexo mais, mas tenho ideias. Está vestido como um rapaz rico, tem certamente uma mamã para lhe tomar conta das coisas, mas os seus sapatos estão cobertos de pó: que terá feito? Por onde terá andado? Os moços têm sangue quente, se ele me tivesse dito: «Bate», eu teria matado pai e mãe, como se pode ser cabeçuda, quem sabe se não assassinou uma velha como eu, será preso pela certa, ele não tem força; virão buscá-lo aqui e o *Matin* publicará a sua fotografia, uma carinha de malandro, nada parecida com ele, e haverá sempre quem diga: tem mesmo cara de assassino. E eu digo-lhe: para , os condenar é preciso não os ter visto de perto, porque, quando os vimos afundarem-se um pouco mais em cada dia, pensamos que ninguém pode nada e que afinal é o mesmo, tomar um café com leite na esplanada de um café ou fazer economias para comprar uma casa, ou assassinar a mãe. O telefone tocou, ela

sobressaltou-se.

— Quero falar com a senhora Cuzin.

— Sou eu.

— Recusaram-me o abono — disse Julot.

— Não é possível!

— Recusaram.

— Mas um inválido, um velho operário! Que foi que te disseram?

— Que não tinha direito.

— Oh!

— Até logo à noite.

Recusaram-lhe o abono. Um inválido, um velho operário, disseram-lhe que não tinha direito. «Agora vou-me aborrecer de verdade», pensou. O rapaz roncava, tinha um ar tolo e sentencioso. Félix saiu levando na bandeja os dois americanos e o café; empurrou a porta e o sol entrou, o espelho cintilou em cima do dorminhoco, depois a porta fechou-se de novo, o espelho apagou-se, ficaram os dois sozinhos. «Que terá feito? Por onde terá andado? Que será que leva na mala? Vai pagar agora; vinte anos, trinta anos, a menos que morra na guerra, pobre rapaz, está na idade de ser chamado. Dorme, ronca, sofre, na esplanada toda a gente fala de guerra, o meu marido não receberá o abono. Piedade», disse ela, «tende piedade de nós, pobres homens»!

— Pitteaux! — gritou o rapaz.

Acordara sobressaltado, olhou-a durante um instante, de boca aberta, depois fechou os maxilares com ruído, mordeu os lábios, tinha um ar inteligente e maldoso.

— Rapaz!

Félix não ouvia; ela via-o na esplanada, ele ia e vinha, tomava nota dos pedidos. O jovem perdeu a sua segurança, bateu na mesa, virando a cabeça de um lado para o outro como se estivesse encurralado. Ele teve pena.

— É um franco — disse ela, da caixa.

Ele deitou-lhe um olhar de ódio, lançou uma moeda de cinco francos para a mesa, pegou na mala e saiu a coxear. O espelho cintilou, um bafo de gritos e calor entrou na sala; a solidão também. Ela olhou para as mesas, espelhos e porta, todos aqueles objectos conhecidos que não mais poderiam reter o seu pensamento. «Pronto, vou-me aborrecer de verdade.»

Ele viu-se inundado de luz. Alguém fixava no seu rosto a luz de uma lâmpada de bolso. Virou a cara e grunhiu. A lâmpada virara para o chão; pôs-se a piscar os olhos. Atrás desse sol, um olho calmo e implacável fixava-o, era inaceitável.

— Que há?

— É ele mesmo — observou uma voz cantante.

Uma mulher. O fardo oblongo à minha direita é uma mulher. Teve um minuto de satisfação, depois pensou encolerizado que ela o fulminara como um objecto, passeou aquela luz por mim como se eu fosse um muro. Disse secamente:

— Não a conheço.

— Já nos encontrámos muitas vezes. A lâmpada apagou-se.

Continuava ofuscado, rodela roxas giravam-lhe nos olhos.

— Não posso vê-la.

— Pois eu vejo-a, mesmo sem a lâmpada.

A voz era jovem e bonita, mas ele desconfiava. Repetiu:

— Não posso vê-la; ofuscou-me.

— Eu vejo no escuro — disse ela com orgulho.

— É albina? Ela riu:

— Albina? Não tenho olhos vermelhos nem cabelos brancos, se é o que quer dizer.

Tinha um sotaque acentuado e fazia de todas as suas frases interrogações.

— Quem é você?

— Adivinhe. Não é muito difícil; ainda anteontem me encontrou e me olhou com ódio.

— Ódio? Não odeio ninguém.

— Como não. Acho que até odeia todo o mundo.

— Espere! Não tinha uma pele? Ela continuava a rir:

— Estenda a mão. Toque.

Ele estendeu o braço e tocou numa massa informe. Era a pele, sob a pele havia certamente cobertas, depois montes de roupas e por fim o corpo branco e mole, um caracol, a lesma dentro da carapaça. Como deve sentir calor! Acariciou um pouco a pele e dela exalou um perfume morno e pesado. Acariciava a pele a contrapelo e estava contente.

—Você é loira — disse triunfalmente —, usa brincos de ouro.

Ela riu e acendeu a lâmpada de novo. Mas, desta feita, virara-a para o próprio rosto. O movimento do comboio sacudia a lâmpada na sua mão e a luz subia e descia do peito à frente, passava pelos lábios, pintados, dourava um ligeiro buço na comissura dos lábios, rosava um pouco as narinas. Os cílios dobrados e pintados de preto erguiam-se como patinhas em cima das pálpebras inchadas, dir-se-iam dois insectos de costas.

Era loira: os cabelos eram uma nuvem fria em volta da

cabeça. Sentiu um aperto no coração, pensou: «É bela», e retirou bruscamente a mão.

— Estou a reconhecê-la. Havia sempre um velho que a empurrava. Você passava sem olhar para ninguém.

— Via-o muito bem por trás das pestanas. Ela ergueu um pouco a cabeça e ele reconheceu-a inteiramente.

— Nunca imaginei que pudesse olhar para mim — disse. — Você parecia tão rica, tão acima de nós; pensava que estivesse na Pensão Beaucaire.

— Não. Estava no Mon Chalet.

— Não podia esperar encontrá-la num vagão de carga. A luz apagou-se.

— Sou muito pobre — disse ela.

Ele estendeu a mão e apoiou-se docemente na pele:

— E isto?

— É tudo o que resta.

Entrara novamente na escuridão. Um pacote, informe e sombrio. Mas tinha ainda nos olhos a imagem dela. Juntou de novo as mãos sobre o ventre e pôs-se a olhar para o tecto. Blanchard roncava ao de leve; os doentes conversavam em grupos de dois ou três; o comboio rolava gemendo. Era pobre e doente, estava deitada no vagão de carga, vestiam-na e despiam-na como a uma boneca. Era bela. Bela como uma estrela de cinema. A seu lado, toda essa beleza humilhada, esse corpo esguio, puro e conspurcado. Era bela. Cantava em music-halls e vira-o por entre os cílios, e desejara conhecê-lo; era como se o tivessem recolocado em pé, sobre os dois pés.

— Era cantora? — indagou bruscamente.

— Cantora? Não, sei tocar piano.

— Pensei que fosse cantora.

— Sou austríaca. Todo o meu dinheiro ficou lá, nas mãos dos alemães. Abandonei a Áustria depois do Anschluss.

— Já estava doente?

— Já. Os meus pais trouxeram-me de comboio. Como hoje, só que era um dia claro e eu estava estendida num banco de primeira classe. Aviões alemães passavam por cima de nós, pensávamos que iam lançar bombas. A minha mãe chorava, eu estava de costas, sentia o céu pesar sobre mim através do tecto. Foi o último comboio que deixaram sair.

— Depois?

— Depois vim para cá. A minha mãe está em Inglaterra, precisa de ganhar a vida.

- E o velho que a empurrava?
- Um idiota — disse com voz dura.
- Então está sozinha?
- Sozinha. Ele repetiu:
- Só no mundo — e sentiu-se forte e duro como um carvalho.
- Quando soube que era eu?
- Quando acendeu o fósforo.

Não se queria abandonar à alegria. A alegria era pesada e indiferenciada, estava quase esquecida; ela é que comunicava aquele tremorzinho ácido à sua voz. Mas guardava-a para a noite, queria gozá-la solitário.

- Viu a luz na parede?
- Vi — disse ela. — Contemplei-a durante uma hora.
- Olhe, olhe: é uma árvore.
- Ou um poste telegráfico?
- O comboio não está a andar.
- Não. Está com pressa?
- Não. Não se sabe para onde se vai.
- Não, por certo — disse ela jovialmente. A sua voz também tremia.
- Afinal — disse ele —, não se está mal assim, aqui.
- Temos ar. E essas sombras que passam distraem-nos.
- Lembra-se do mito da caverna?
- Não. Que mito é esse?
- São escravos acorrentados no fundo de uma caverna. Vêm sombras na parede.
- Porque estão acorrentados?
- Não sei. Está em Platão.
- Sim, Platão... — disse ela com um ar vago.

«Ensinar-lhe-ei quem é Platão», pensou com entusiasmo. Doía-lhe um pouco a barriga, mas fazia votos para que a viagem não terminasse nunca.

Georges sacudiu o trinco da porta. Via através do vidro um sujeito de bigode e uma mulher com uma toalha enrolada na cabeça, lavavam chávenas e copos atrás do balcão. Um soldado passava pelo sono a uma das mesas. Georges puxou violentamente o trinco e o vidro tremeu, mas a porta não se abriu. A mulher e o tipo não pareciam ouvir.

- Não abrirão...

Voltou-se: um homem gordo, maduro, olhava-o sorrindo.

Usava fato preto, polainas, um chapéu mole e colarinho engomado. Georges mostrou-lhe o aviso: «A cantina abre às cinco.»

— São cinco e dez.

O homem encolheu os ombros. Trazia a tiracolo uma sacola volumosa e uma máscara antigásica, abria os braços, com os cotovelos erguidos.

— Eles abrem quando querem.

O pátio da caserna estava cheio de homens de meia-idade que pareciam aborrecidos. Muitos passeavam sozinhos, olhando para o chão. Uns usavam capote militar, outros calças de caqui, outros trajes civis, com tamancos novos em folha, que batiam com ruído no asfalto. Um sujeito alto, ruivo, que tivera a sorte de conseguir trajes completos, caminhava pensativo, de mãos nos bolsos; o chapéu de banda, dava-lhe um ar de desordeiro. Um tenente passou pelos grupos e dirigiu-se à cantina.

— Ainda não foi buscar a sua farda? — perguntou o baixinho e gordo.

Puxava as correias da sacola a fim de a passar para as costas.

— Já não têm mais nada. O tipo cuspiu:

— A mim deram-me isto. Morro abafado cá dentro, com este sol de morte. Que desordem. Georges fez sinal para o oficial:

— Fazemos-lhe continência?

— Como? Afinal não posso tirar o chapéu!

O oficial passou ao lado deles sem para eles olhar. Georges acompanhou com os olhos o dorso magro e sentiu-se abatido. Fazia calor, as vidraças dos edificios militares estavam pintadas de azul; atrás dos muros brancos, havia estradas brancas, campos de aviação verdes, a perder de vista, ao sol; os muros da caserna recortavam nos prados uma pequena praça rasa e poeirenta, onde os homens giravam como nas ruas de uma cidade. Era a hora em que a sua mulher abria as persianas: o sol entrava pela sala de jantar. O sol estava em toda a parte: nas casas, nas casernas, nos campos. Murmurou: «Sempre a mesma coisa.» Mas não sabia muito bem em que consistia essa mesma coisa. Pensou na guerra e percebeu que não tinha medo de morrer. Um comboio apitou ao longe e foi como se alguém lhe sorrisse.

— Escute — disse.

— O quê?

— O comboio.

O gorduchinho olhou-o sem entender, tirou um lenço do bolso e pôs-se a enxugar a fronte. O comboio tornou a apitar. Partia, cheio de civis, de mulheres belas, de crianças; os campos deslizavam, inofensivos, pelos vidros das janelas. O comboio apitou e diminuiu a marcha.

— Vai parar — disse Charles.

Os eixos guincharam e o comboio parou. O movimento escorreu de Charles, que ficou seco e vazio como se houvesse perdido todo o sangue, esvaiu-se.

— Não gosto que os comboios parem — disse.

Georges pensava nos comboios de passageiros que descem para o sul, para o mar, para as casas brancas à beira-mar; Charles sentia o capim verde que crescia entre os carris, sentia-o através das chapas de ferro, via no retângulo luminoso, recortado no vagão, prados verdes a perder de vista, o comboio estava preso nos campos como um navio nos gelos, o capim ia subir pelas rodas, passar pelas frinchas, por entre as tábuas, atravessar de lado a lado o comboio imóvel. O comboio preso na armadilha apitava, apitava lamentavelmente; o apito longínquo arrastava-se poeticamente; o comboio rodava devagarinho, a cabeça do vizinho de Maurice tremia dentro do colarinho amarelado, era um tipo gordo que cheirava a alho, cantara a Internacional desde o momento da partida e bebera dois litros de vinho. Acabou por se inclinar sobre o ombro de Maurice, roncando. Maurice estava com muito calor, mas não ousava mexer-se; estava angustiado por causa desse calor, do vinho branco e do sol que o cegava através dos vidros empoeirados, e pensava: «Gostaria de já ter chegado.» Os olhos arderam-lhe, tornaram-se vidrados e duros, cerrou as pálpebras; ouvia o sangue bater-lhe nos ouvidos e o sol atravessava-lhe as pálpebras; sentia aproximar-se dele um sono branco, suado, ofuscante, os cabelos do companheiro faziam-lhe cócegas no pescoço e no queixo, era uma tarde sem esperança. O tipo gordo tirou uma fotografia da carteira:

— Minha mulher — disse.

Era uma mulher sem idade, nada se podia dizer dela.

— Tem saúde — observou Georges.

— Come por quatro.

Permaneciam um diante do outro, indecisos. Georges não alimentava simpatias por ele, que fungava ao falar, mas tinha vontade de lhe mostrar o retrato da filha.

— Casado?

— Sim.

— Com filhos?

Georges olhou-o sem responder, algo zombeteiramente. Depois meteu bruscamente a mão no bolso, e pegou numa fotografia da carteira.

— Você tem umas botas magníficas — disse o tipo, segurando a fotografia — Hão-de ser-lhe úteis.

— Tenho calos — respondeu Georges com humildade. — Acha

que me deixarão usá-las?

— Naturalmente, eles não têm lá botas para todos.

Contemplou as botas por um momento, depois desviou o olhar com pena e fixou-o na fotografia. Georges sentiu que o outro corava:

— Que bela criança — disse. — Quanto pesa?

— Não sei.

Considerava com estupor o tipo gordo que segurava a fotografia e deixava cair nela o seu olhar descolorido. Disse:

— Quando eu voltar, não me reconhecerá...

— E possível. A menos que...

— A menos que?

— Então? — disse Sarraut. — Começo?

Virava a folha na mão. Daladier afiara um fósforo com o canivete e enfiara-o entre dois dentes. Não respondia, encolhido na cadeira.

— Começo?

— É a guerra — disse Bonnet docemente. — É a guerra perdida.

Daladier tremeu e fixou em Bonnet um olhar pesado. Bonnet sustentou-o inocentemente, com os seus olhos claros e rasos. Parecia um tamanduá. Champentier de Ribes e Reynaud assistiam de mais longe, silenciosos, desaprovando. Daladier encolheu-se completamente.

— Comece — grunhiu com um gesto mole.

Sarraut levantou-se e saiu da sala. Desceu a escada, pensando que a cabeça lhe doía. Estavam todos ali, calaram-se ao vê-lo e assumiram uma atitude profissional. «Corja de imbecis», pensou Sarraut.

Vou ler o comunicado.

Houve um rumor que ele aproveitou para limpar os óculos.

Depois leu:

«O Conselho de Gabinete tomou conhecimento da exposição do senhor presidente e do senhor Georges Bonnet acerca do memorando entregue ao senhor Chamberlain pelo chanceler do Reich. Aprovou por unanimidade as declarações que os senhores Édouard Daladier e Georges Bonnet se propõem entregar em Londres, ao Governo inglês.»

«Pronto», pensou Charles. «Estou com vontade de cagar.»

Acontecera de repente: o ventre enchera-se, ia rebentar.

— Sim — disse ele —, penso como você.

As vozes subiam paralelamente, serenas. Gostaria de se refugiar por completo na sua própria voz, ser apenas uma voz grave junto da bela voz cantante e loira. Mas havia primeiramente aquele calor, aquela insegurança palpitante, aquele pacote de matérias molhadas que borbulhavam nos intestinos. Houve um silêncio; ela sonhava a seu lado, fresca, inconsciente, ele ergueu a mão com precaução e passou-a pela testa húmida. «Ah!», gemeu subitamente.

— Que foi?

— Nada. É o meu vizinho que está a roncar.

Aquilo tomará-lhe o ventre como um acesso de riso, uma vontade violenta e sombria de se abrir, de chover por baixo; uma borboleta desnorteada batia as asas entre as suas nádegas. Apertou-as e o suor escorreu-lhe pelo rosto, entrou-lhe pelas orelhas, fez-lhe cócegas na cara. «Vou largar tudo», pensou aterrorizado.

— Você parou de falar — disse a voz loira.

— Eu... eu perguntava a mim mesmo... porque é que me desejou conhecer.

— Você tem uns belos olhos arrogantes — disse ela. — E além disso, queria saber porque me odiava.

Ele deslocou ligeiramente os rins, para enganar a necessidade, e disse:

— Odiava toda a gente porque sou pobre. Tenho um gênio desgraçado.

Aquilo escapara-lhe sob o impulso da necessidade; abrira-se por cima. Por cima ou por baixo, precisava de se abrir.

— Tenho um gênio desgraçado. Sou um invejoso. Nunca dissera tudo. A ninguém. Ela tocou-lhe na mão com a ponta dos dedos.

— Não me odeie: também sou pobre.

Um frêmito percorreu-lhe o sexo: não era por causa daqueles dedos magros e quentes na sua mão, vinha de mais longe, do grande quarto nu, à beira-mar. Ele chamava. Jacqueline chegava, tirava as cobertas, deslizava-lhe a bacia sob os rins, via-o liquefazer-se e, por vezes, pegava-lhe no Máster Jack entre o polegar e o indicador, ele adorava isso.

Agora, a sua carne estava condicionada, habituara-se àquilo; todas as suas vontades eram envenenadas por um langor ácido de se abrir sob um olhar profissional. «Eis o que sou», pensou. E perdeu a coragem. Tinha horror de si mesmo, sacudia a cabeça e o suor queimou-lhe os olhos. «Não partiria nunca, aquele comboio?» Parecia-lhe que, se tivesse recomeçado a andar, teria deixado ali os seus turvos e dolorosos desejos e agüentado mais um pouco. Abafou um gemido: sofria, ia rasgar-se como um pedaço de pano;

apertou em silêncio a doce mão tão magra. Mãos de pasta de amêndoas pegam em Master Jack com competência, Master Jack exulta, indolente, a cabeça ligeiramente inclinada, uma empregada de salsicharia pega, entre os dedos, na linguiça do seu leito de geleia. Nuzinho. Fendido. Visto. Uma casca de fruto que estoira. A Primavera. Que horror! Detestava Jeannine.

— Como tem as mãos quentes! — disse a voz.

— Estou com febre.

Alguém gemeu docemente ao sol, um dos doentes estendidos perto da porta. A enfermeira levantou-se e dirigiu-se a ele, passando por cima dos corpos. Charles ergueu o braço esquerdo, manobrou rapidamente o espelho, enquadrou a enfermeira inclinada sobre um adolescente corado e de orelhas em leque.

Ela endireitou-se e voltou ao seu lugar. Parecia desesperadamente apressada. Charles viu-a mexer na mala. Trazia agora uma bacia para urinar. Indagou em voz alta:

— Ninguém tem vontade? Se alguém tem vontade seria melhor fazê-lo durante a paragem. É mais cómodo. E não tenham vergonha uns dos outros. Não há aqui homens e mulheres: só há doentes.

Passeou por eles um olhar severo, mas ninguém respondeu. O adolescente apossou-se da bacia com avidez e fê-la desaparecer sob a coberta. Charles apertou com força a mão da amiga. A enfermeira baixou-se, pegou na bacia e ergueu-a. A bacia brilhou ao sol, cheia de uma bela água amarela e espumante. A enfermeira aproximou-se da porta e inclinou-se para fora, Charles viu-lhe a sombra na parede, de braço erguido, recortada no rectângulo de luz. Inclínava a bacia, uma sombra de líquido escorria.

— Minha senhora! — disse uma voz fraca.

— Ah! — respondeu ela. — Já se decidem! Vou já.

Cederam todos, uns após os outros. As mulheres agüentaram mais tempo do que os homens. Eles vão empestar as vizinhas, ousarão depois dirigir-lhes a palavra? «Sujos», pensou ele. Houve um ligeiro tumulto ao nível do chão; apelos murmurados surgiam de todo o lado. Charles percebeu vozes de mulheres.

— Esperem — disse a enfermeira. — Um de cada vez.

«Só há doentes.» Pensam que tudo lhes é permitido porque são doentes. Nem homens, nem mulheres: doentes. Ele sofria mas tinha orgulho em sofrer: não cederei; sou um homem, eu. A enfermeira ia de um para outro; ouvia-se o ruído dos seus passos e, de vez em quando, um amarrotar de papel. Um odor enjoativo e quente enchia o vagão. «Não cederei», pensou torcendo-se com dor.

— Minha senhora! — disse a voz loira. Acreditou ter ouvido mal, mas a voz repetiu, envergonhada e cantante:

— Aqui, minha senhora.

— Pronto.

A mão quente e magra torceu-se na mão de Charles e escapou-se. Ele ouviu o ruído dos sapatos; a enfermeira estava ali, acima deles, imensa e severa, um arcanjo.

— Vire-se — disse a voz suplicante. E murmurou mais uma vez: — Vire-se.

Ele virou a cabeça, quisera entupir os ouvidos e o nariz. A enfermeira mergulhou, enorme voo de pássaros negros escurecendo o espelho. Não viu mais nada. «É uma doente», pensou. Devia ter tirado a pele: por um instante o perfume cobriu tudo, depois, pouco a pouco, um odor rançoso e forte furou o ar, encheu-lhe as narinas. É unia doente. E uma doente, a linda pele macia estendia-se sobre vértebras líquidas, sobre intestinos purulentos. Hesitou, dividido entre o nojo e um imundo desejo. Depois, de um só golpe, trancou-se, as suas entranhas fecharam-se como um punho, não sentiu mais o corpo. É uma doente. Todas as vontades, todos os desejos se tinham apagado, ele sentia-se limpo e seco, era como se tivesse recobrado a saúde. Uma doente: «Resistiu quanto pôde», pensou com amor. Ouviu o amarrotar do papel, a enfermeira reerguer-se, já outras vozes a chamavam do outro lado do vagão. Ele não chamaria: planava a algumas polegadas do chão, acima deles. Não era uma coisa, não era um bebé. «Ela não pôde resistir», pensou com uma ternura tão forte que lágrimas lhe vieram aos olhos. Ela não falava mais, já não ousava dirigir-lhe a palavra; estava com vergonha. «Eu protegê-la-ei», pensou, com amor. De pé. De pé, inclinado sobre ela e contemplando a sua doce e linda fisionomia. Estava um pouco ofegante, na obscuridade. Ele estendeu a mão e passou-a sobre a pele. O jovem corpo encrespou-se mas Charles encontrou uma mão e pegou nela. A mão resistiu, puxou-a para si com toda a força. Uma doente. E ele ali, seco, duro, liberto; ele protegê-la-ia.

— Como se chama? — indagou.

— Leia — disse Chamberlain com impaciência. Lorde Halifax pegou na mensagem de Masaryk e começou a ler: «Não era preciso tanta ênfase», pensou Chamberlain.

«O meu Governo», leu Halifax, «estudou o documento e o mapa. Trata-se de um ultimato de facto, como os que se apresentam em geral a uma nação vencida, e não de uma proposta a um estado soberano, que mostrou as mais decididas disposições para fazer sacrifícios em prol da paz na Europa. O Governo do senhor Hitler não manifestou ainda o menor indício de disposição análoga para os sacrifícios. O meu Governo estranha o conteúdo do memorando. As propostas vão muito além do que havíamos aceite no chamado Plano Anglo-Francês. Privam-nos de todas as garantias da nossa existência nacional. Devemos ceder posições importantes das nossas fortificações, tão cuidadosamente preparadas, e deixar que os exércitos alemães penetrem

profundamente no nosso território, antes de ter podido organizá-lo sobre novas bases, ou de haver iniciado quaisquer preparativos de defesa. A nossa independência nacional e econômica desapareceria automaticamente, com a adoção do plano do senhor Hitler. Todo o processo de transferência da população se reduzirá a um forte pânico para os que não aceitarem o regime nazi alemão. Deverão abandonar os seus lares sem terem sequer o direito de levar os seus bens de uso pessoal, nem mesmo, no caso dos camponeses, a sua vaca leiteira. O meu Governo espera que eu declare, com toda a solenidade possível, que as exigências do senhor Hitler, na sua forma actual, são absoluta e incondicionalmente inaceitáveis. Contra essas novas e cruéis exigências, o meu Governo sente-se decidido a uma resistência suprema, e assim agiremos, com a ajuda de Deus. A nação de São Venceslau, de João Huss e de Thomas Masaryk não será uma nação de escravos. Contamos com as duas grandes democracias ocidentais, cujos conselhos seguimos contra a nossa própria opinião para que estivessem ao nosso lado nesta hora crucial.»

— É tudo? — indagou Chamberlain.

— É tudo.

— Eis-nos a braços com novas dificuldades. Lorde Halifax não respondia; mantinha-se teso como um remorso, respeitoso e reservado.

— Os ministros franceses chegarão daqui a uma hora — disse Chamberlain secamente. — Acho esse documento, pelo menos, inoportuno.

— Pensa que seja de natureza a pesar sobre as decisões deles? — indagou Halifax com ligeira ironia.

O velho não respondeu. Pegou no papel e pôs-se a lê-lo resmungando.

— As vacas! — exclamou ele de repente e com irritação. — Que têm as vacas a ver com isto? É de uma infelicidade!

— Não acho — disse Halifax. — Fiquei comovido.

— Comovido? — O velho sorriu. — Meu caro, trata-se de um negócio. Os que se comoverem perderão a partida.

Tecidos vermelhos, cor-de-rosa, vestidos malva e brancos, pescoços nus, belos seios sob os lenços, poças de sol nas mesas, mãos, líquidos viscosos e dourados, e outras mãos, e coxas jorrando dos shorts, vozes alegres, vestidos vermelhos, cor-de-rosa e brancos, vozes alegres girando no ar, coxas, a valsa Viúva Alegre, o odor dos pinheiros, da areia quente, o perfume de baunilha do alto mar, todas as ilhas do mundo invisíveis e presentes dentro do sol, ilha de Páscoa, ilhas Sanduíche, lojas de luxo junto ao mar, o impermeável feminino de três mil francos, os clips, as flores vermelhas, rosadas e brancas, as mãos, as coxas, a música, as vozes alegres, girando no ar; Suzanne, e a tua dieta? Ora, só por

uma vez! As velas sobre as ondas, os esquiadores saltando, de braços tesos, de onda em onda, o odor dos pinheiros chegando em ondas, a paz. A paz em Juan-les-Pins. Ali estava, largada, esquecida, irritando-se. As pessoas iludiam-se: sarças de cores, cercas vivas de música dissimulavam-lhes a angustiazinha inexperiente; Mathieu caminhava devagar, ao longo dos cafês, das lojas, tinha o mar à esquerda; o comboio de Gomez só chegaria às 18 horas e 17. Olhava para as mulheres por hábito, olhava-lhes para as coxas pacíficas, os seios pacíficos. Mas estava em falta. Desde as três e vinte e cinco que estava em falta: às três e vinte e cinco um comboio partira para Marselha. «Já não estou aqui. Estou em Marselha, num café da Avenida da Gare, aguardo o comboio para Berlim, estou no comboio. Estou em Paris, numa manhã ensolarada, estou numa caserna, dou voltas no pátio em Essey-lès-Nancy.» Em Essey-lès-Nancy, Georges parou de falar porque era preciso gritar; ergueram os olhos, o avião passava rente aos telhados com um ruído de trovão, Georges acompanhou-o por cima dos muros, por cima dos telhados, por cima de Nancy até Niort, estava em Niort, no seu quarto com a pequena, e aquele gosto a poeira na boca. Que me vai dizer? Saltará do comboio vivo e moreno como um turista de Juan-le-Pins. Estou tão moreno quanto ele, agora, mas não tenho nada a dizer-lhe. Estive em Toledo, em Guadalajara, tu onde andaste? Eu vivia... Estive em Málaga, fui dos últimos a deixar a cidade, e tu? Eu vivi. «Ah», pensou agastado, «espero um amigo, não um juiz». Charles ria, ela não dizia nada, ainda estava com vergonha, ele segurava-lhe na mão e ria: «Bonito nome, Catherine.» Ele tem sorte, afinal, fez a guerra em Espanha, sem armas, dinamitadores contra os tanques, emboscadas na montanha, amores nos hotéis desertos de Madrid, pequenos combates individuais na planície, a Espanha não perdeu o seu sabor, e eu? É uma guerra triste a que me espera, uma guerra cerimoniosa e aborrecida; armas antitanques contra tanques, uma guerra colectiva e técnica, uma epidemia. Era ali a Espanha, um risco sobre a água azul. Maud, debruçada no parapeito, olha para a Espanha. Lutam, por lá. O navio deslizava perto da costa; lá ouve-se o canhão; aqui ouvia-se o ruído das ondas, um peixe-voador pulou. Mathieu caminhava em direcção a Espanha, o mar à esquerda, a França à direita: Maud deslizava perto da costa, a Argélia à esquerda, a França à direita; a Espanha era aquele hálito tórrido e aquela bruma.

Maud e Mathieu pensavam na guerra de Espanha e isso repousava-os da outra guerra, da guerra cor de azinhavre que se preparava à direita. Era preciso escorregar até ao muro em ruínas, dar a volta e regressar, então a missão estaria cumprida. O marroquino subia de gatas pelas pedras escuras, a terra estava quente, tinha terra nas unhas dos pés e das mãos, tinha medo, pensava em Tânger; bem no cimo de Tânger havia uma casa amarela de um andar onde se via o rutilar eterno do oceano, aí morava um negro de barbas brancas que punha cobras na boca

para divertir os ingleses. Era preciso pensar nessa casa amarela. Mathieu pensava na Espanha, Maud pensava na Espanha, o marroquino arrastava-se pelo solo gretado de Espanha, pensava em Tânger e sentia-se só, Mathieu dobrou a esquina de uma rua ofuscante, a Espanha virou, ardeu, transformou-se numa bruma de fogo imprecisa à sua esquerda. Nice à direita e, depois de Nice, um buraco, a Itália. A estação diante dele; diante dele a França e a guerra, a guerra verdadeira, Nancy. Ele estava em Nancy; além da estação, caminhava para Nancy. Não tinha sede, não tinha calor, não estava cansado. O seu corpo estava abaixo dele, anônimo, pastoso; as cores e os sons, os raios de sol, os odores, enterravam-se no seu corpo; tudo aquilo nada mais tinha a ver com ele. «Assim é que começa uma doença», pensou. Philippe passou a mala para a mão esquerda, estava exausto mas era preciso agüentar até à noite. Até à noite: dormiria no comboio. O terraço da Tour d'Argent zumbia como uma colmeia, vestidos vermelhos, rosados, malva, meias de seda artificial rostos pintados, líquidos caramelizados, uma multidão xaporosa e colante, sentiu o coração trespassado de piedade, arrancá-los-ão dos cafês, dos seus quartos, e será com eles que farão a guerra. Tinha pena deles, tinha pena de si mesmo: cozinhavam ao sol, viscosos, fartos e desesperados. Philippe teve de repente uma vertigem de fadiga e orgulho: sou a consciência deles.

Mais um café. Mathieu olhava para aqueles homens morenos, tão gordos, tão seguros de si, e sentia-se isolado. Têm à direita o casino, à esquerda os correios, atrás o mar, é tudo: França, Espanha, Itália são lâmpadas que não se acendem nunca para eles. Aí estão, todos juntos e inteiros, a guerra e um fantasma. «Eu sou um fantasma», pensou. Eles seriam tenentes, capitães, dormiriam em camas, fariam a barba diariamente e muitos deles saberiam «dar um jeito». Não os censurava. Quem poderia impedi-los de o fazerem? A solidariedade para com os que vão arriscar a pele? Mas eu vou arriscar a minha, e não exijo nenhuma solidariedade. «Porque é que vou, afinal?», pensou. «Atenção!», gritou Philippe ao levar um empurrão. Baixou-se para pegar na mala; o tipo alto, de alpercatas, nem sequer se voltou. «Estúpido!», murmurou Philippe. Virou-se para o café e olhou para aquela gente toda com um olhar feroz, mas ninguém percebeu o incidente. Uma criança chorava, a mãe enxugava-lhe os olhos com um lenço. Na mesa vizinha, três homens acabrunhados, diante de laranjadas. «Não são assim tão inocentes», pensou, fixando na multidão o seu insustentável olhar. Porque partem? Bastar-lhes-ia dizer não.» O carro corria. Daladier, afundado nas almofadas, chupava um cigarro apagado, olhando os transeuntes. Ir a Londres aborrece-o, nada de aperitivos, comeria como um porco, uma mulher desgrenhada ria, como uma louca. Pensou: «Eles não fazem ideia.» Meneou a cabeça. Philippe pensou: «Levam-nos para o matadouro e eles nem fazem ideia!» Encaram a guerra como uma doença. «A guerra não é uma doença», pensou com força. «E um mal

insuportável porque o homem é quem o inflige ao homem.» Mathieu empurrou a porta: «Venho esperar um amigo», disse ele ao empregado. A estação era fresca, deserta e silenciosa como um cemitério. Porque é que vou? Sentou-se no banco verde. «Alguns vão recusar-se a partir. Não tinha nada com isso. Recusar, cruzar os braços, fugir para a Suíça, porquê? Não sinto isso. Não tenho nada com isso. A guerra em Espanha também não tinha nada a ver com ele. Nem com o Partido Comunista. Mas com que é que eu tenho alguma coisa a ver?», indagou, angustiado. Os carris brilhavam, o comboio chegaria pela esquerda. Deste lado, bem lá no fundo, aquele lago reluzente, no ponto em que os carris se juntavam, era Toulon, Marselha, Port-Bou, Espanha. Uma guerra absurda, injustificável, Jacques diz que está perdida de antemão. «A guerra é uma doença», pensou; «cabe-me suportá-la como uma doença. Por nada. Serei um doente corajoso, eis tudo. Porquê fazê-la? Não a aprovo. Porquê não a fazer? A minha pele não vale a tentativa de a salvar. Eis tudo», pensou, «eis tudo: sou conduzido!» Um funcionário. E o que lhe deixavam era o estoicismo triste dos funcionários, que tudo suportam, a pobreza, as doenças e a guerra, por respeito a si mesmos.

Sorriu e disse para si: «Eu nem mesmo me respeito. Um mártir, precisam de um mártir», pensou Philippe. Flutuava, banhava-se na fadiga, não era desagradável, mas fora necessário entregar-se, abandonar-se; simplesmente, ele já não via muito claro, à direita e à esquerda dois batentes vedavam-lhe a rua. A multidão cercava-o, as pessoas saíam de todo o lado, crianças corriam-lhe entre as pernas, rostos piscando os olhos por causa do sol deslizavam-lhe acima e abaixo da cabeça, sempre a mesma face, inclinando-se de trás para diante, sim-sim-sim. Sim, aceitaremos esses salários de miséria, sim, iremos à guerra, sim, faremos bicha diante das padarias, com os nossos filhos nos braços. A multidão, era a multidão, esse imenso consentimento silencioso. «E se lhes explicamos partem-nos a cara», pensou Philippe, com a cara em fogo, espezinham-nos com furor, gritando: «Sim.» Olhava para as fisionomias mortas, media a sua impotência: não se lhes pode dizer nada, é de um mártir que precisam. Alguém que se erga de repente nos pés e diga NÃO. Cairiam sobre ele e fã-lo-iam em pedaços. Mas esse sangue vertido por eles comunicar-lhes-ia uma nova força: o espírito do mártir desceria sobre eles, levantariam a cabeça sem piscar os olhos, e um troar de recusas far-se-ia ouvir de um lado ao outro da multidão, como um trovão. «Sou esse mártir», pensou. Uma alegria de supliciado invadiu-o, uma alegria demasiado forte; inclinou a cabeça, largou a mala, caiu de joelhos, tragado pelo consentimento universal.

— Olá! — gritou Mathieu.

Gomez corria ao seu encontro, sem chapéu, belo como sempre.

Uma nuvem nos olhos, piscou, piscou, onde estou? Vozes

diziam acima dele: «Que foi que houve? Foi uma vertigem, onde é que mora?» Uma cabeça inclinou-se sobre ele, era uma velha, será que me vai morder? Onde mora? Mathieu e Gomez olhavam-se rindo de prazer, onde mora, onde mora, ONDE MORA, ele fez um esforço violento e levantou-se. Sorria. Disse:

— Não é nada, minha senhora, é o calor. Moro aqui perto. Vou para casa.

— E preciso acompanhá-lo — dizia alguém atrás dele.

— Não pode ir sozinho. — E a voz perdeu-se num roçar ruidoso de folhas: — Sim, sim, é preciso acompanhá-lo, é preciso acompanhá-lo.

— Larguem-me — gritou —, larguem-me, não me toquem. Não, não, não, NÃO. Não à guerra, não ao general, não às mães culpadas, não a Zézette e a Maurice, não, não me atormentem. — Afastaram-se dele e ele pôs-se a correr, com solas de chumbo. Corria, corria, alguém lhe pousou a mão no ombro, e pensou que iria rebentar em soluços. Era um rapaz de bigodinho que lhe estendia a mala.

— Esqueceu-se da mala — disse a rir.

O marroquino parou bruscamente: era uma cobra o que ele pensara ser um galho seco. Uma cobrinha; uma pedra e esmagar-lhe-ia a cabeça. Mas a cobra retorceu-se de repente, riscou o chão como um raio escuro e desapareceu no fosso. Feliz presságio. Nada se movia atrás do muro. «Voltarei vivo», pensou.

Mathieu pegou em Gomez pelos ombros.

— Olá, coronel!

Gomez sorriu cheio de nobreza e mistério:

— General.

Mathieu retirou as mãos.

— General? Avança-se depressa em Espanha.

— Falta de quadros — explicou Gomez sempre a sorrir. — Como está moreno, Mathieu!

— Queimado do sol, um luxo — disse Mathieu embaraçado. — Isto arranja-se nas praias não fazendo nada.

Procurava nas mãos, no rosto de Gomez, as marcas do sofrimento; estava disposto a todos os remorsos. Mas Gomez, vivo e esguio no seu fato de flanela, endireitando o porte, não se abria tão depressa. Por agora, parecia um turista.

— Onde vamos? — indagou.

— Vamos procurar um restaurantezinho sossegado — disse Mathieu. — Moro com o meu irmão e cunhada, mas não o convido para ir lá, eles não são muito divertidos.

— Quero um lugar com música e mulheres — disse Gomez.

Olhou Mathieu com impudência: — Acabo de passar oito dias no seio da família.

— Bem! Então iremos ao Provençal.

A ordenança via-os aproximarem-se. Tinha um ar de profissional, sem dureza. Mantinha-se imóvel, ligeiramente arqueado, entre os dois distribuidores automáticos de bilhetes; o sol avermelhava-lhe a espingarda e o capacete.

Chamou-os ao passarem. Indagou-lhes:

— Para onde?

— Essey-lès-Nancy — disse Maurice.

— À saída tomem o eléctrico à vossa esquerda e desçam na última paragem.

Eles saíram. Era uma praça triste como todas as que ficam diante das estações, com cafés e hotéis. No céu viam-se colunas de fumo.

— E agradável desentorpecer as pernas — observou Dornier com um suspiro.

Maurice ergueu os olhos e sorriu, piscando.

— Aqui não há eléctricos — disse Bébert. Uma mulher olhou-os com simpatia:

— Ainda não chegou! Para onde vão?

— Essey-lès-Nancy — disse Maurice.

— Um bom quarto de hora. De vinte em vinte minutos passa um eléctrico.

— Dá tempo para ir beber qualquer coisa — disse Dornier a Maurice.

Estava fresco, o comboio rodava, o ar vermelho; um frêmito de felicidades percorreu-o, puxou as cobertas. Disse: «Catherine!» Ela não respondeu. Mas uma coisa roçou-lhe no peito e subiu devagar até ao pescoço, um pássaro, depois o pássaro levantou voo e tornou a pousar à sua frente. Era a mão dela, a doce mão perfumada deslizou pelo nariz de Charles, os dedos leves tocaram-lhe nos lábios, fazia cócegas. Pegou na mão e aproximou-a da boca. Estava morna, passou os dedos pelo punho e sentiu o pulso dela.

Fechou os olhos, beijava a mão magra e o pulso batia-lhe nos dedos como o coração de um passarinho. Ela riu: «Como se fôssemos cegos: precisamos de travar conhecimento com os dedos.» Ele estendeu o braço por sua vez, receava magoá-la; tocou no cabo de ferro do espelho e depois nos cabelos sobre a coberta, loiros, com a ponta dos dedos, e depois na fronte e depois numa face, tenra e carnuda como um corpo de mulher e depois uma boca morna aspirou-lhe os dedos, dentes mordiscaram-nos enquanto mil agulhas o picavam dos rins até à nuca; disse: «Catherine!» E

pensou: «Estamos a amar.» Ela largou a mão e suspirou, Maurice soprou para o seu copo de cerveja e fez saltar a espuma para o soalho, bebeu, ela disse: «Como se chamam esses barcos onde nos deitamos um ao lado do outro?» Maurice lambeu o lábio superior: «Está fresca!» — «Não sei», respondeu Charles, «gôndolas, creio». — «Não, não são gôndolas, mas não faz mal, é como se estivéssemos num desses barcos.» Ele tomou-lhe a mão, deslizavam juntinhos ao sabor da corrente, era sua amante, a estrela de cabelos de ouro-pálido, ele era outro homem, protegia-a. Disse-lhe: «Gostaria que o comboio não chegasse nunca.» Daniel mordia a caneta, bateram à porta, reteve a respiração, olhava sem ver a folha branca.

«Daniel», disse a voz de Marcelle. Ele não respondeu. Os passos afastaram-se, desciam a escada, os degraus rangiam; sorriu, mergulhou a pena na tinta e escreveu: «Meu caro Mathieu.» Uma mão apertada no escuro, um roçar de pena, o rosto de Philippe sai da sombra e vem ao seu encontro, pálido nas trevas do espelho, um balouçar de navio, a cerveja gelada faz gluglu na garganta e corta a respiração, o comboio de aço percorre trinta e três metros entre Paris e Ruão, um segundo homem, trimilésimo segundo da vigésima hora do dia 24 de Setembro de 1938. Um segundo perdido atrás de Charles e Catherine no campo quente, entre os carris, abandonado por Maurice na poeira do café sombrio e fresco, nadando na esteira do navio da Companhia Paquet, preso aos borrões de tinta fresca, brilhando e secando nas pernas do M de Mathieu, enquanto a pena raspa o papel e rasga-o, enquanto Daladier, afundado nas almofadas, chupa um cigarro apagado, olhando para os transeuntes. Chateava-se com Londres; voltava obstinadamente os olhos para a porta a fim de não ver o focinho de Bonnet e a fisionomia impenetrável daquele inglês.

Pensava: «Não fazem ideia.» Viu uma mulher desgrehada que ria como uma louca. Contemplava todo o automóvel com um ar inexpressivo, dois ou três gritavam: «Hurra!», mas não tinham noção decididamente, não compreendiam que levava a guerra ou a paz a Downing Street, a guerra ou a paz, cara ou coroa, esse automóvel preto que andava buzinando pela estrada de Londres.

Daniel escrevia. O comandante detivera-se à porta do salão de primeira classe, lia: «Esta noite, às 21 horas, a Orquestra Feminina Baby's dará um concerto sinfónico no salão. Todos os passageiros, sem distinção de classe, são graciosamente convidados.» Deu uma cachimbada e pensou: «É magra de mais!» E exactamente nesse momento sentiu um perfume quente, ouviu um ruído de asas, era Maud, ele voltou-se; em Madrid o sol crepuscular dourava a fachada em ruínas da cidade universitária; Maud olhava-o, ele deu um passo, o marroquino deslizava entre as ruínas, o belga visou-o, Maud e o comandante olhavam-se. O marroquino ergueu os olhos e viu o belga; olharam-se e subitamente Maud sorriu e desviou o olhar, o belga puxou o gatilho, o marroquino morreu, o

comandante deu um passo em direcção a Maud e depois pensou: «É magra de mais!» e parou. «Desgraçado, safado», disse o belga. Contemplava o marroquino morto e dizia: «Desgraçado, safado.»

— Então? — disse Gomez. — E Marcelle? Sarah disse-me que tinha acabado.

— Acabou. Casou com Daniel.

— Daniel Sereno? Mas que ideia! Enfim, você libertou-se.

— Libertei-me? De quê?

— Marcelle não lhe convinha — disse Gomez.

— Ora!

As mesas cobertas de toalhas brancas cercavam em semicírculo a pista arenosa e juncada de caruma. O Provençal estava deserto; somente um sujeito comia uma asa de frango bebendo água de Vichy. Os músicos subiram preguiçosamente ao estrado, sentaram-se no meio de um barulho de cadeiras arrastadas e puseram-se a cochichar enquanto afinavam os instrumentos; ainda se distinguia o mar escuro entre os pinheiros. Mathieu estendeu as pernas sob a mesa e bebeu um gole de Porto. Pela primeira vez, desde há oito dias, sentia-se em casa; tinha-se refeito de um golpe, cabia por inteiro naquele estranho lugar, misto de salão e bosque sagrado. Os pinheiros pareciam de papelão recortado, as lâmpadas pequenas, cor-de-rosa, na doçura da noite natural, deitavam uma luz de alcova nas toalhas, um projector acendeu-se entre as árvores, e iluminou repentinamente a pista, que se fez branca como se fosse de cimento. Mas havia uma ausência por cima das cabeças, e no céu as estrelas eram vagos bichinhos atarefados; havia aquele cheiro a resina e aquele vento do mar, agitado, inquieto, alma penada, que desfolhava as toalhas e enfiava de repente o focinho frio no pescoço das pessoas.

— Falemos de si — disse Mathieu. Gomez pareceu surpreso:

— E não lhe aconteceu mais nada?

— Nada — disse Mathieu.

— Há dois anos para cá?

— Nada. Encontra-me como me deixou.

— Malditos franceses! — disse Gomez a rir. — São todos eternos.

O saxofonista ria: o violinista falava-lhe ao ouvido. Ruby inclinou-se para Maud, que afinava o seu violino.

— Espreita o velho na segunda fila.

Maud riu: o velho era calvo como um ovo. O seu olhar percorreu o auditório, eram uns quinhentos. Viu Pierre em pé perto da porta e parou de rir. Gomez olhou para o violinista com um ar sombrio, depois deitou um olhar para as cadeiras vazias.

— Como canto sossegado, não se pode exigir melhor — disse resignado.

— Tem música — observou Mathieu.

— Estou a ver.

Olhou para os músicos com um ar de censura. Maud lia a censura em todos aqueles olhos, sentia o rosto afogueado e como sempre pensava: «Deus meu, para quê, para quê!» Mas France, de pé, esfuziante e tricolor, manifestava a sua felicidade, sorria, marcava o compasso de antemão, segurava o arco, como se fosse um garfo, erguendo o dedo mindinho.

— Você prometeu-me mulheres — disse Gomez.

— Pois é — disse Mathieu desolado —, não sei o que há: a semana passada a estas horas todas as mesas estavam ocupadas, e por mercadoria de excelente qualidade.

— São os acontecimentos — disse Gomez com voz macia.

— Sem dúvida.

Os acontecimentos; é bem verdade. Para eles também, lá do outro lado, os «acontecimentos» existem. Batem-se, junto aos Pirenéus, olhos voltados para Valência, Madrid, Tarragona; mas lêem os jornais e pensam em todo esse formigar de homens e armas, atrás deles, e têm as suas opiniões sobre a França, a Checoslováquia, a Alemanha. Agitou-se um pouco na cadeira: um peixe aproximava-se do vidro do aquário e olhava-o com olhos redondos. Ele ofereceu a Gomez um escarniozinho cúmplice e disse sem muita segurança:

— E que as pessoas começam a compreender.

— Não compreendem coisa alguma — disse Gomez. — Um espanhol pode compreender, um checo também, talvez mesmo um alemão, porque estão no negócio. Os franceses não estão; não compreendem nada; têm medo.

Mathieu sentiu-se magoado; disse com vivacidade:

— Não devemos censurá-los. Eu não tenho nada a perder e partir não me aborrece assim tanto; varia. Mas quando se quer realmente alguma coisa, acho que é difícil passar dignamente da paz à guerra.

— Eu fi-lo numa hora — disse Gomez. — Acha que eu não estava preso à minha pintura?

— Você é diferente. Gomez encolheu os ombros.

— Fala como Sarah.

Calaram-se. Mathieu não tinha muita estima por Gomez. Menos do que por Brunet, menos do que por Daniel. Mas sentia-se culpado aos olhos dele, porque se tratava de um espanhol. Um peixe diante do vidro do aquário. Era francês, desse ponto de vista, francês até à medula. Culpado. Culpado e francês. Tinha vontade

de lhe dizer: «Bolas», eu era intervencionista!» Mas não era esse o problema. O que esperara e desejara pessoalmente não contava. Era francês, nada teria adiantado pretender desligar-se dos demais franceses. Escolhi a não intervenção na Espanha, não mandei armas, fechei a fronteira aos voluntários. Era preciso defender-se com todos, ou deixar-se condenar com todos, com o mordomo e o senhor dispéptico que bebia água de Vichy.

— Que tolice! — disse. — Imaginava que você viria fardado.

Gomez sorriu:

— Fardado? Quer ver-me em uniforme? Tirou do bolso um punhado de fotografias e entregou-as a Mathieu.

— Aí está o homem.

Era um oficial de aparência dura, nos degraus de uma igreja.

— Não está muito à vontade.

— Era preciso — disse Gomez. Mathieu olhou e riu.

— Sim — disse Gomez —, é uma farsa.

— Não é o que pensava. Eu perguntava a mim mesmo se teria uma cara tão má como a sua, fardado.

— Você é oficial?

— Simples soldado.

Gomez teve um gesto de irritação.

— Todos os franceses são simples soldados.

— Todos os espanhóis são generais — disse Mathieu com vivacidade. Gomez riu.

— Veja só isto.

Era uma mocinha morena e sombria, muito bonita, Gomez segurava-a pela cintura e sorria com o ar superior que assumia sempre nas fotografias.

— Marte e Vénus — disse.

— Estou a reconhecê-lo — disse Mathieu —, mas escolhe-as muito jovens.

— Quinze anos; mas a guerra amadureceu-as. E eis-me a combater.

Mathieu viu um homenzinho agachado junto de um muro em ruínas.

— Onde?

— Madrid. Na Cidade Universitária. Combate-se amiúde por lá.

Ele lutou. Deitou-se realmente atrás desse muro e atiraram sobre ele. Era capitão, naquele tempo. Talvez faltassem as munições e pensasse: «Franceses da merda.» Gomez reclinara-se

na cadeira, acabava o seu Porto; pegou na caixa de fósforos com calma, acendeu um cigarro, os seus traços nobres e cómicos jorraram da escuridão e apagaram-se. Bateu-se; não se notava nada nos seus olhos. A noite caía, envolvia-o de doçura, por cima da lâmpada rosada o céu fazia-se azul, a orquestra tocava No te quero mas, o vento agitava a toalha, uma mulher entrou, rica e só, e sentou-se perto, o seu perfume flutuou até onde estavam. Gomez aspirou-o, dilatando o nariz, o seu rosto fez-se duro, virou a cabeça, pesquisando.

— À direita — disse Mathieu.

Gomez fixara nela um olhar de lobo, ficara grave; disse:

— Bela mulher.

— É uma actriz — respondeu Mathieu. — Tem doze trajos de praia. É um industrial de Lião que a sustenta.

— Hum! — fez Gomez.

Ela devolveu o olhar e desviou os olhos esboçando um sorriso.

— Não vai perder a noite — disse Mathieu.

Ele não respondeu. Pousara o antebraço na toalha, Mathieu olhava para a mão peluda, de anel, que parecia rosada à luz da lâmpada. Ei-lo todo azul, com as suas mãos rosadas, respira esse perfume de loira e chama-a com os olhos. Bateu-se. Atrás dele, na cidade incendiada, turbilhões de poeira vermelha, explosões de foguetes que não brilham sequer no seu olhar.

Bateu-se, vai voltar para se bater de novo e aí está, vê essas toalhas brancas que eu vejo. Tentou contemplar os pinheiros, a pista, a mulher com os olhos de Gomez, olhos queimados pelas chamas da guerra, conseguiu-o durante um minuto e, depois, a aspereza inquieta e sumptuosa que o tomara esvaiu-se.

Bateu-se... como é romanesco! «Eu não sou romanesco», pensou Mathieu. «Não», disse Odette, «dois pratos só, o senhor Mathieu não vem jantar». Aproximou-se da janela, ouvia a música do Provençal, era um tango. Eles escutavam a música; Mathieu pensava: «Está de passagem.» O criado serviu-lhes a sopa. «Não», disse Gomez, «nada de sopa». Elas tocavam o Tango do Gato; o violino de France pulava na luz e mergulhava de repente na sombra como um peixe-voador. France sorria, olhos semicerrados, mergulhava com o violino, o arco raspava, o violino miava, Maud ouvia o violino miar ao seu ouvido, ouvia o senhor calvo tossir e Pierre olhava-a, Gomez pôs-se a rir, sem bondade.

— Um tango! — disse. — Um tango! Se os franceses tivessem a ideia de tocar um tango assim num café de Madrid...

— Lançar-lhes-iam tomates?

— Pedras!

— Não gostam de nós?

— Há motivos para isso.

Empurrou a porta: o bar basco estava deserto, Boris entrara uma noite por causa do nome: Bar Basque. Fazia pensar em «barbaque» (1) e «barbaque» era uma palavra que não podia pronunciar sem rir. Acontecera que o bar era excelente e Boris voltara todas as noites, enquanto Lola trabalhava. Pelas janelas abertas ouvia-se a música longínqua do Casino; de uma feita, pensara mesmo reconhecer a voz de Lola, mas o facto não se reproduzira.

— Bom dia, senhor Boris — disse o patrão.

— Bom dia, patrão. Um rum branco, por favor.

Sentia-se eufórico. Ia beber dois runs brancos, fumando o seu cachimbo: depois, lá pelas onze horas, pediria uma sanduíche de mortadela. À meia-noite iria buscar Lola. O patrão inclinou-se e encheu-lhe o copo.

— Não está, o marselhês?

— Não. Tem um banquete profissional.

— Ah!

(1) Carne de má qualidade, em gíria. (N. da T.)

O marselhês era representante de espartilhos e havia ainda outro tipo, um tipógrafo chamado Charlier. Boris jogava por vezes às cartas com eles ou ficavam os três a falar de política e desportos, ou mesmo calados, uns no balcão, outros nas mesas do fundo. Charlier rompia o silêncio para dizer:

«Pois é assim mesmo, não é?», meneava a cabeça e o tempo passava agradavelmente.

— Não há muita gente hoje — disse Boris. O patrão encolheu os ombros.

— Vão-se todas embora. Geralmente abro até ao dia de Todos-os-Santos — disse, voltando ao balcão. — Mas se continuar assim, fecho a boite no primeiro de Outubro e vou para a minha terra.

Boris parou de beber, impressionado. De qualquer modo o contrato de Lola terminava em Outubro e partiriam. Mas não gostava de pensar que o Bar Basque fechasse tão cedo. O Casino também ia fechar, bem como os hotéis. Biarritz ficaria deserta. Era como quando se pensa na morte; se se tivesse a certeza de que os outros homens, depois de nós, beberiam ainda rum branco, tomariam banhos de mar, ouviriam a música de jazz, sentir-nos-íamos um pouco reconfortados; mas se fosse necessário pensar que toda a gente morreria ao mesmo tempo, e que depois de nós a humanidade fecharia as portas, não seria nada divertido.

— Quando reabrirá? — indagou para se tranquilizar.

— Se houver guerra, não reabrirei.

Boris contou pelos dedos, 26, 27, 28, 29, 30, voltarei cinco vezes ainda e depois nunca mais, nunca mais verei o Bar Basque. Engraçado. Cinco vezes. Beberia ainda cinco vezes runs brancos naquela mesa e depois seria a guerra, o Bar Basque fecharia e, em Outubro de 1939, Boris seria convocado. Lâmpadas em forma de velas, suspensas de candelabros de carvalho, deitavam uma luz bela nas mesas.

Boris pensou: «Não verei mais esta luz: exactamente esta, cobre sobre preto.» Naturalmente veria muitas outras, os foguetes nocturnos acima do campo de batalha, dizem que não é nada feio. Mas esta luz apagar-se-ia no dia 1 de Outubro e Boris nunca mais a veria. Considerou com respeito uma mancha de luz estendida na mesa e pensou que fora culpado. Sempre tratara os objectos, garfos, colheres, como se fossem indefinidamente renováveis: era um erro grave; havia um número finito de bares, cinemas, casas, cidades e aldeias e, a cada um, o mesmo indivíduo só podia ir um certo número de vezes.

— Quer que ligue o rádio? — perguntou o patrão.

— Não, obrigado. Estou bem assim.

No momento da sua morte, em 42, teria almoçado 365 x 22, isto é, 8030, contando as refeições da primeira infância. E se se admitisse que tinha comido omeletas à razão de 1 por 10, teria engolido 803 omeletas. «Somente 803?», pensou com espanto. Não, há também os jantares; logo, 16 060 refeições e 1606 omeletas. Como quer que fosse, para um amador não era considerável. E os cafés, continuou. Pode-se contar o número de vezes que irei ainda ao café: admitamos que vá duas vezes por dia e seja chamado daqui a um ano, isso dá 730 vezes. 730!, como é pouco! Ficou impressionado mas não particularmente surpreso, pois sempre soubera que morreria cedo. Dissera a si próprio mais de uma vez que morreria tuberculoso ou assassinado por Lola. Mas no fundo nunca duvidara de que devia perecer na guerra. Trabalhava, preparava a sua licenciatura, mais por passatempo, porém, como as raparigas que freqüentam cursos da Sorbona enquanto esperam o casamento.

Engraçado, pensou: «Houve épocas em que as pessoas estudavam Direito ou Filosofia com o fim de ter um escritório de notário aos 40 anos ou de se aposentar como professor aos 60. É de perguntar o que podiam ter na cabeça. Gente que tinha à frente de dez a quinze mil noitadas no café, quatro mil omeletas, duas mil noites de amor! E, se deixavam um lugar do seu agrado, podiam dizer, sem receio de errar: voltaremos no próximo ano ou daqui a dez anos. Deviam ter feito tolices, sentenciou com severidade. Não é possível orientar a vida com quarenta anos de antecedência. Ele era mais modesto: architectava projectos para dois anos; depois,

tudo estaria acabado. É preciso ser modesto. Um junco deslizou lentamente pelo rio Azul e Boris ficou triste de repente. Não iria nunca à Índia, nem à China, nem ao México, nem mesmo a Berlim, a sua vida era mais modesta do que desejara. Alguns meses na Inglaterra, Laon, Biarritz, Paris — e há quem dê a volta ao mundo! Uma só mulher. Era uma vidinha de nada; já parecia terminada, pois sabia de antemão o que não conteria. É preciso ser modesto. Endireitou-se, bebeu um gole de rum e pensou: «Melhor; assim, não se corre o risco de se esbanjar.»

— Outro rum, patrão.

Ergueu a cabeça e observou as lâmpadas eléctricas com atenção.

O relógio deu horas à sua frente, em cima do espelho; via neste o seu rosto. Pensou: «São nove e quarenta e cinco»; pensou: «Às dez horas» e chamou a criada.

— A mesma coisa.

A criada saiu e voltou com uma garrafa de conhaque e um pires. Encheu o copo de Philippe e colocou o pires em cima dos outros três. Sorria com ironia, mas Philippe olhou-a nos olhos com lucidez; pegou no copo com mão firme, bebeu um gole e largou-o sem tirar os olhos dos dela.

— Quanto?

— Quer pagar?

— Imediatamente.

— Pois são doze francos.

Deu-lhe quinze. Pensou: «Não devo mais nada a ninguém.» E riu um pouco por trás da sua mão. Pensou: «A ninguém!» Viu-se rir no espelho, e isso deu-lhe vontade de rir. Ao soarem as dez horas, levantar-se-ia, arrancaria a sua imagem do espelho e o martírio. Por ora, sentia-se alegre, considerava a situação como um diletante. O café era acolhedor, estava em Cápuia, o banco era mole como um colchão de penas, ele afundava-se nele, uma musicazinha vinha detrás do balcão e também um ruído de talheres que lhe lembravam os sinos das vacas em Seelisberg.

Via-se no espelho, poderia ficar assim uma eternidade a olhar-se e a ouvir a música. Às dez horas. Levantar-se-ia, pegaria na sua imagem com as mãos e arrancá-la-ia do espelho como uma pele morta, como uma belida dos olhos. Os espelhos operados da catarata...

Cataratas do dia.

Nos espelhos operados da catarata.

Ou então:

O dia transforma-se em catarata no espelho operado da catarata.

Ou ainda:

Niágara do dia em catarata no espelho operado da catarata.

As palavras caíram em pó e ele agarrou-se ao mármore frio, o vento leva-me, havia aquele gosto a álcool viscoso na garganta. O MÁRTIR. Olhou-se no espelho e pensou que olhava para o mártir; sorriu para si mesmo e saudou-se. Dez menos dez, ah!, pensou com satisfação: «Acho que o tempo custa a passar». Cinco minutos, uma eternidade. Mais duas eternidades sem se mexer, sem pensar, sem sofrer, contemplando o belo rosto abatido do mártir, depois o tempo precipitar-se-á mugindo num táxi, no comboio até Genebra.

Ataraxia.

Niágara do tempo.

Niágara do dia.

Nos espelhos operados da catarata.

Vou-me embora de táxi.

Para Gauburge, para Bibracta.

Da qual basta, da qual ata!

da qual catarata.

Riu, parou de rir. olhou à sua volta, o café cheirava a estação, comboio, hospital; tinha ganas de pedir socorro. Sete minutos. Que seria mais revolucionário? Pensou: «Partir ou não partir? Se partir, faço a revolução contra os outros; se não partir, faço-a contra mim, é mais forte. Preparar tudo, roubar, mandar fazer documentos falsos, romper com tudo e com todos e no último momento, pof... já não parto, boa noite! A liberdade ao segundo grau; a liberdade contestando a liberdade.» Às dez menos três resolveu jogar cara ou coroa.

Via nitidamente a entrada da Estação de Orsay, deserta e inundada de luzes, e a escadaria que se afundava no solo, no fumo das locomotivas, tinha um gosto a fumo na boca, pegou na moeda de dois francos, coroa vou, lançou-a para o ar, coroa, eu vou! Coroa, eu vou! Pois então vou, disse para a sua imagem. Não porque deteste a guerra, a família, nem mesmo porque tenha resolvido partir: por simples acaso, porque uma moeda caiu de um lado e não do outro.

Admirável, pensou: «Estou na ponta extrema da liberdade.» O mártir gratuito; se ela me tivesse visto lançar a moeda para o ar! Um minuto ainda, joguemos aos dados! Ding, jamais, ding, ding, um golpe, ding, de dados, ding, ding, lerá, ding, o acaso. Ding! Levantou-se, caminhou direito, colocava os pés um após outro na frincha do soalho, sentia o olhar da criada nas suas costas, mas não lhe daria motivos para rir. Ela chamou-o:

— Senhor!

Ele voltou-se, trémulo.

— A sua mala.

Merda. Atravessou a sala a correr, apoderou-se da mala e pôs-se a titubear. Alcançou penosamente a porta no meio de gargalhadas, saiu, chamou um táxi. Levava na mão esquerda a mala e, com a direita, apertava a moeda de dois francos. O automóvel parou à sua frente.

— Endereço?

O motorista de bigode ostentava uma verruga na face.

— Rua Pigalle — disse Philippe. — À Cabana Cubana.

— Perdemos a guerra — disse Gomez.

Mathieu sabia-o mas pensava que Gomez não o sabia ainda: a orquestra tocava I'm looking for Sallie, os pratos brilhavam sob a lâmpada, e a luz dos projectores caía na pista como um luar monstruoso, um luar-reclamo para Honolulu. Gomez estava sentado, o luar jazia à sua direita, à sua esquerda uma mulher sorria discretamente; ele ia voltar a Espanha e sabia que os republicanos tinham perdido a guerra.

— Vocês não podem ter a certeza disso. Ninguém pode ter a certeza.

— Sim — disse Gomez —, estamos convencidos disso. Não parecia triste: verificava-o, eis tudo. Olhava Mathieu com um ar calmo, de libertação:

— Todos os meus soldados têm a certeza de que a guerra está perdida.

— Mesmo assim lutam?

— Que quer que eles façam? Mathieu encolheu os ombros.

— Evidentemente. Pego no meu copo, bebo dois goles de Cbâtean-Margaux, dizem-me eles: «Eles lutam até ao último homem, não podem fazer outra coisa.» Eu bebo um gole de Cbâteau-Margaux, encolho os ombros, digo: «Evidentemente. Patife!»

— Que é isso? — indagou Gomez.

— Os filetes à Rossini — respondeu o mordomo.

— Ah!, sim, nada mau.

Os filetes estão na mesa: um para ele, outro para mim. Tem o direito de saborear o dele, tem o direito de o mastigar com os seus belos dentes brancos, tem o direito de olhar para a mulher à sua esquerda e de pensar: bela mulher! Eu não. Se como, uns quantos espanhóis mortos saltam-me à garganta. Não paguei.

— Beba! — disse Gomez. — Beba!

Pegou na garrafa e encheu o copo de Mathieu.

— Você é que manda — disse Mathieu com um risinho.

Pegou no copo e esvaziou-o. O filete encontrou-se repentinamente no seu prato. Pegou no garfo e na faca:

— Se é a Espanha quem manda — murmurou. Gomez não pareceu ouvi-lo. Encheu bem o copo. Bebeu e sorriu:

— Hoje, filetes; amanhã, grão-de-bico. É a última noite que passo em França. E terá sido o único bom jantar.

— Como? — disse Mathieu. — E em Marselha?

— Sarah é vegetariana.

Olhava para a frente, era simpático. Disse:

— Quando obtive esta licença, há três semanas que Barcelona estava sem fumo. Isto não lhe diz nada? Toda uma cidade que não deita fumo?

Voltou os olhos para Mathieu e subitamente pareceu vê-lo; o seu olhar assumiu um aspecto próprio bem desagradável:

— Vocês verão tudo isso — disse.

— Não é verdade! — disse Mathieu. — A guerra ainda pode ser evitada.

— Naturalmente! A guerra sempre pode ser evitada. Esboçou uma gargalhada e acrescentou:

— Bastaria abandonar os Checos.

«Não, meu caro», pensou Mathieu, «não. Os Espanhóis podem dar-me lições sobre a Espanha, é o seu sector. Mas para lições checoslovacas exijo a presença de um checo».

— Francamente, Gomez — disse Mathieu —, devem auxiliá-los? Não há muito, os comunistas reclamavam autonomia para os Sudetas.

— Deve-se auxiliá-los? — atalhou Gomez imitando Mathieu. — Devia auxiliar-nos? Devia-se auxiliar os Austríacos? E vocês? Quem os auxiliará quando chegar a vossa vez?

— Não se trata de nós — disse Mathieu.

— Trata-se de vocês. De quem se trataria senão de vocês?

— Gomez — disse Mathieu —, coma o seu filete. Compreendo que você nos deteste. Mas afinal é a sua última noite, a carne arrefece no seu prato, uma mulher sorri para si, e, afinal de contas, eu era intervencionista.

Gomez acalmara-se:

— Eu sei, eu sei — disse sorrindo.

— E depois — continuou Mathieu — na Espanha a situação era clara. Mas quando me fala na Checoslováquia, já não o acompanho, porque vejo a coisa com menos nitidez. Há uma questão de direito que não consigo deslindar; sim, porque, afinal, e se os alemães dos Sudetas não querem ser checos?

— Deixe essas questões de direito — disse Gomez, encolhendo os ombros. — Estão a procurar uma razão para brigar? Há uma só; se não o fizerem ficarão fritos. O que Hitler quer não é Praga, nem Viena, nem Dantzig: é a Europa.

Daladier olhou para Chamberlain, olhou para Halifax e depois desviou os olhos para um relógio dourado em cima de uma mísula; os ponteiros marcavam dez e trinta e cinco, o táxi deteve-se em frente da Cabana Cubana. Georges virou-se de costas e gemeu um pouco, os roncos do vizinho impediam-no de dormir.

— Não posso senão repetir o que já disse — observou Daladier.

— O Governo francês assumiu compromissos com a Checoslováquia.

Se o Governo de Praga continuar a recusar as propostas alemães e se, em consequência dessa recusa, for vítima de uma agressão, o Governo francês ver-se-á na obrigação de agir.

Tossiu, olhou para Chamberlain e esperou.

— Sim — disse Chamberlain. — Sim, evidentemente.

Pareceu disposto a acrescentar algumas palavras, mas as palavras não lhe ocorreram. Daladier esperava, fazendo círculos no tapete com a ponta do pé. Acabou erguendo a cabeça e perguntando com voz cansada:

— Qual seria, nessa eventualidade, a posição do Governo britânico?

France, Maud, Doucette e Ruby levantaram-se e agradeceram. Ouviram-se aplausos fracos nas primeiras filas e o público dispersou no meio de um arrastar de cadeiras. Maud procurou Pierre com os olhos, mas ele desaparecera. France voltou-se para ela, tinha o rosto abrasado e sorria.

— Uma boa festa — disse —, realmente uma linda noite.

A guerra estava ali na pista branca, era o brilho morto do luar artificial, a falsa acidez do clarinete e aquele frio sobre a toalha, era o cheiro do vinho tinto, e aquela velhice secreta, dos traços de Gomez. A guerra; a morte; a derrota.

Daladier fixava Chamberlain, lia a guerra nos olhos dele. Halifax fixava Bonnet, Bonnet fixava Daladier; calavam-se e Mathieu via a guerra no seu rosto, no molho escuro e mosqueado do filete.

— E se nós também perdêssemos a guerra?

— Então a Europa seria fascistizada — disse Gomez com displicência. — Não é uma má preparação para o comunismo.

— Que será de si, Gomez?

— Penso que os tipos me matarão nalgum quarto de hotel ou então irei passar fome nos Estados Unidos. Que importa? Terei

vivido.

Mathieu contemplou Gomez com curiosidade:

— E não lamentará nada?

— Nada.

— Nem a pintura?

— Nem a pintura.

Mathieu meneou a cabeça. Gostava dos quadros de Gomez.

— Não poderei pintar. Nunca mais.

— Porquê?

— Não sei. E uma coisa física. Perdi a paciência: seria chato.

— Mas na guerra também é preciso ser paciente.

— Não é a mesma paciência.

Calaram-se. O chefe de mesa trouxe crepes num prato de estanho, regou-os com rum e Calvados e acendeu o fósforo para inflamar o molho. Um espectro de chamas flutuou por um instante no ar.

— Gomez — disse repentinamente Mathieu —, você é forte; sabe por que se bate.

— Quer dizer que você não sabe?

— Sim. Acho que sei. Mas não pensava em mim. Há tipos que possuem a vida, Gomez. E ninguém faz nada por eles. Ninguém. Nenhum governo, nenhum regime. Se o fascismo substituísse a República, neste país, eles nem sequer perceberiam. Por exemplo, um pastor das Cévennes. Imagina que ele sabe por que se bate?

— No meu país, são os pastores os mais resolutos.

— Por que se batem?

— Depende. Conheci alguns que se batiam para aprender a ler.

— Em França todos sabem ler — disse Mathieu. — Se eu encontrasse no meu regimento um pastor das Cévennes e o visse morrer a meu lado para defender a minha República e as minhas liberdades, juro que não me sentiria nada orgulhoso. Gomez, não se envergonha, por vezes, desses indivíduos todos que morreram por si?

— Isso não me perturba. Arrisco a pele como eles.

— Os generais morrem na cama.

— Não fui sempre general.

— De modo nenhum é a mesma coisa.

— Não tenho piedade deles — disse Gomez. Estendeu a mão por cima da toalha e apertou o antebraço de Mathieu: — Mathieu — disse em voz baixa e compassada —, a guerra é bela.

O seu rosto resplandecia. Mathieu tentou libertar-se, mas Gomez apertou-lhe mais o braço e acrescentou:

— Gosto da guerra.

Não havia mais nada a dizer. Mathieu sorriu embaraçado. Gomez largou-o.

— Você impressionou fortemente a vizinha — disse Mathieu.

Gomez deu uma olhadela para a esquerda por entre os seus belos cílios.

— Sim? Convém malhar o ferro enquanto está quente. Esta pista é para dançar?

— Certamente.

Gomez levantou-se, abotoando o casaco. Dirigiu-se para o lado da atriz e Mathieu viu-o curvar-se diante dela. Ela reclinou-se para trás e olhou-o com um sorriso cordial, depois afastaram-se dançando. Dançavam; ela não cheirava a negra, devia ser da Martinica. Philippe pensava: «Martiniquense», e foi a palavra «malabarina» que lhe veio aos lábios. Murmurou:

— Minha bela malabarina. Ela respondeu:

— Dança bem.

Havia na sua voz uma musiquinha de pífaro, não era desagradável.

— Fala muito bem o francês — disse ele. Ela olhou-o indignada:

— Nasci em França.

— Não faz mal. Fala muito bem francês, mesmo assim.

Pensou: «Estou embriagado» e riu. Ela disse-lhe, sem raiva:

— Está completamente bêbado.

— Sim...

Não sentia mais o cansaço, teria dançado até ao amanhecer mas resolveu dormir com a negra, era mais sério. O que havia de mais gostoso na embriaguez era aquele poder que ela lhe outorgava sobre os objectos. Não era necessário tocar neles, um simples olhar bastava para que os possuísse; possuía aquela fronte, aqueles cabelos negros, acariciava os olhos naquele rosto liso. Além, tudo era vago, brumoso; havia um homem gordo bebendo champanhe e pessoas, que, espojando-se umas nas outras, não distinguia muito bem. A dança terminara; foram sentar-se.

— Como dança bem — disse ela. — Bonito como é, deve ter tido mulheres.

— Sou virgem! — disse Philippe.

— Mentiroso! Ele ergueu a mão:

— Juro que sou virgem. Juro-o sobre a cabeça de minha mãe.

— Ah! — disse ela —, então as mulheres não lhe interessam.

— Não sei. Há que ver.

Olhou-a, possuía-a com os olhos, fez uma careta e disse:

— Conto contigo.

Ela soprou-lhe o fumo do cigarro para o rosto:

— Verás o que sei fazer.

Ele agarrou-a pelos cabelos e puxou-a para si; de perto ela cheirava um pouco a gordura. Beijou-a ao de leve nos lábios.

Ela disse:

— Virgem! Vou ganhar o grande prémio.

— Ganhar? Perde-se sempre.

Não a desejava absolutamente nada. Mas estava contente porque ela era bonita e não o intimidava. Sentia-se completamente à vontade e pensou: «Sei falar com as mulheres.» Largou-a, ela endireitou-se; a mala de Philippe caíra no chão.

— Cuidado! — disse ele —, estás bêbada. Ela levantou a mala:

— Que há aí dentro?

— Não lhe toques: é uma mala diplomática.

— Quero saber o que tem dentro — disse ela, fazendo-se de criança. — Queridinho, diz-me o que tem dentro.

Ele quis arrancar-lhe a mala, mas ela já a tinha aberto e visto um pijama e uma escova de dentes.

— Um livro! — disse, descobrindo o Rimbaud. — Que livro é?

— E um livro de um tipo que se foi embora.

— Para onde?

— Que te interessa? Foi-se embora. Pegou no livro e tornou a pô-lo na mala.

— É de um poeta — disse com ironia. — Compreendes melhor assim?

— Claro. Porque não disseste logo?

Ele tornou a fechar a mala, pensou: «Não parti», e a sua embriaguez dissipou-se. «Porquê? Porque não parti?» Agora distinguia bem o senhor gordo; não era assim tão gordo e tinha olhos intimidantes. Os cachos humanos desfizeram-se sozinhos, havia mulheres pretas e brancas, homens também. Teve a impressão de que o examinavam com insistência. «Porque é que estou aqui? Como é que entrei? Porque não parti?» Havia um buraco na sua memória: jogara uma moeda ao ar, chamara um táxi e pronto: agora estava sentado àquela mesa, diante de uma taça de champanhe com aquela negra que cheirava a cola de peixe.

Ele olhava para o Philippe que lançara a moeda, tentava

decifrá-lo, pensava: «Sou um outro. Não me conheço.» Voltou-se para a negra:

— Porque estás a olhar para mim? — disse ela.

— Por nada.

— Achas-me bela?

— Assim-assim.

Ela pigarreou e os seus olhos faiscaram. Levantou o traseiro a algumas polegadas do assento, apoiando as mãos na mesa.

— Se me achas feia, posso ir-me embora: não somos casados.

Ele tirou do bolso três notas de mil francos amarrotadas.

— Toma — disse. — E fica.

Ela pegou nas notas, desamarrotou-as, alisou-as e tornou a sentar-se, rindo:

— Um menino mau, eis o que tu és.

Um abismo de vergonha abriu-se a seus pés; era só deixar-se cair. Esbofeteado, batido, expulso, nem sequer se tinha ido embora. Debruçava-se sobre o buraco e sentia vertigens. A vergonha esperava-o no fundo; bastava-lhe escolher a vergonha.

Fechou os olhos e todo o cansaço do dia se reflectia nele. A fadiga, a vergonha, a morte. Escolher a vergonha. Porque não parti? Porque escolhi não partir? Parecia-lhe que carregava o mundo aos ombros.

— Tu não falas muito — disse ela. Ele pôs-lhe o dedo sob o queixo.

— Como te chamas?

— Flossie.

— Não é um nome malabarino.

— Já te disse que nasci em França — disse ela irritada.

— Pois bem, Flossie, já te passei três mil. Não há-de querer que converse ainda por cima.

Ela encolheu os ombros e virou a cabeça. O abismo sombrio continuava a seus pés com a vergonha no fundo. Ele olhava-a, debruçava-se em cima dele e de repente entendeu, a angústia torceu-lhe o coração: é uma armadilha, se cair nela não poderei suportar-me mais. Nunca mais. Endireitou-se, pensou com força: «Foi porque estava embriagado que não parti.» E o abismo fechou-se: escolhera. «Foi porque estava embriagado que não parti.» Roçara na vergonha; tivera muito medo; agora escolhera não passar mais pela vergonha. Nunca mais.

— Devia tomar o comboio, mas estava bêbedo de mais.

— Partirás amanhã — disse ela gentilmente.

Ele fremiu:

— Porque dizes isso?

— Pois quando se perde um comboio toma-se o seguinte — disse ela, espantada.

— Já não parto — atalhou ele, franzindo as sobrancelhas. — Mudei de ideias. Sabes o que significa um sinal?

— Um sinal?

— O mundo está cheio de sinais. Tudo é sinal. É preciso saber decifrá-los. Devias partir, mas embriagas-te, já não partes; porque não partiste? É que não devias partir. Eis um sinal. Tinhas uma coisa mais importante para fazer aqui.

Ela sacudiu a cabeça.

— É verdade. É verdade o que estás a dizer. Coisa mais importante a fazer. A multidão na Bastilha, lá é que é preciso falar. In loco. Dilacerar-se se necessário. Orfeu. Abaixo a guerra! Quem poderá dizer que sou um covarde? Verterei o meu sangue por todos eles, por Maurice e Zézette, por Pitteaux, pelo general, por todos esses homens cujas unhas vão dilacerar. Voltou-se para a negra e olhou-a com ternura: uma noite, uma última noite. A minha primeira noite de amor. A minha última noite.

— Tu és linda, Flossie. Ela sorriu:

— Poderias ser gentil, se quisesses.

— Vem dançar. Serei gentil até o galo cantar.

Dançavam. Mathieu contemplava Gomez; pensava: «A sua última noite» e sorria. A negra gostava de dançar, fechava os olhos, Philippe dançava, pensava: «A minha última noite, minha primeira noite de amor.» Não sentia já vergonha; estava cansado, fazia calor; amanhã verterei o meu sangue pela paz. Mas a alvorada ainda estava longe.

Dançava, sentia-se confortável, e justificado; achou-se romanesco. As luzes deslizaram ao longo do vagão; o comboio reduziu a velocidade, guinchos e sacudidelas, parou, a luz invadiu tudo. Charles piscou os olhos e largou a mão de Catherine.

— Laroche-Migennes — gritou a enfermeira. — Chegámos.

— Laroche-Migennes? — disse Charles. — Mas não passámos por Paris.

— Desviaram-nos — observou Catherine.

— Juntai as vossas coisas — gritou a enfermeira —, vão descê-los.

Blanchard acordara sobressaltado:

— O quê? O quê? Onde é que estamos? Ninguém respondeu. A enfermeira explicava:

— Retomaremos o comboio amanhã. Passamos a noite aqui.

— Doem-me os olhos — disse Catherine a rir —, é essa luz.

Ele virou-se para o lado dela, ela ria protegendo a vista com a mão.

— Juntai as vossas coisas — gritava a enfermeira. — Juntai as vossas coisas.

Inclinou-se sobre um homem calvo, cujo crânio brilhava:

— Acabou?

— Um minuto, que diabo! — respondeu ele.

— Depressa, os carregadores estão a chegar.

— Pronto, pode tirar, cortou-me a vontade. Ela levantou-se, levava a bacia com os braços estendidos; passou por cima dos corpos e dirigiu-se para a porta.

— Podemos dormir sossegados — disse Charles. — São talvez uma dúzia e têm vinte vagões. Até chegarem aqui...

— A menos que comecem pela cauda. Charles pôs o antebraço diante dos olhos:

— Onde nos irão enfiar? Nas salas de espera?

— Acho que sim.

— Chateia-me um pouco deixar o vagão, já arranjava o meu canto. E você.

— Eu, desde que esteja consigo...

— Ei-los — gritou Blanchard.

Alguns homens entraram no vagão. Eram pretos porque voltavam as costas para a luz. As suas sombras recortaram-se na parede; dir-se-ia que entravam aos pares. Fizera-se silêncio.

Catherine disse em voz baixa:

— Tinha-lhe dito que começariam por nós. — Charles não respondeu. Viu dois homens curvarem-se sobre um doente e sentiu um nó no peito. Jacques dormia, o seu nariz cantava; ela não podia dormir; enquanto ele não voltasse ela não poderia dormir. Exactamente diante dos pés, Charles viu uma sombra enorme que se dobrava em duas, levavam o companheiro, seria a sua vez depois, a noite, o fumo, o balanço, a gare deserta, tinha medo. Havia uma réstia de luz sob a porta, ela ouviu barulho no andar térreo, ele chegara. Reconheceu o passo na escada e a calma invadiu-a; está aqui, em nossa casa, comigo. Mais uma noite. A última. Mathieu abriu a porta, fechou-a novamente; abriu as janelas e fechou as persianas ela ouviu o ruído da água a correr. Vai dormir. Do outro lado desta parede, em casa.

— É a minha vez — disse Charles. — Peca-lhes que a levem a seguir.

Apertou-lhe fortemente a mão enquanto dois homens se debruçavam e ele recebia em cheio, no rosto, um hálito de vinho.

— Ha! — fez o tipo atrás dele.

De repente teve medo e manobrou o espelho enquanto o erguiam; queria ver se ela o seguia, mas só pôde perceber os ombros do carregador e a sua cara de ave noturna.

— Catherine — gritou.

Não obteve resposta. Balouçava-se acima da soleira, o tipo dava ordens atrás dele, as suas pernas baixaram, pensou que ia cair.

— Devagar! — disse. — Devagar!

Mas já via as estrelas no céu escuro, fazia frio.

— Ela vem aí? — indagou.

— Ela quem? —, perguntou o tipo de cara de ave noturna.

— A minha vizinha. E uma amiga.

— Passaremos as mulheres depois — disse o tipo. — Não vão para o mesmo local. Charles começou a tremer.

— Pensei...

— Você também não queria que elas urinassem à sua frente!

— Pensei..., pensei — disse Charles. Passou a mão pela fronte e subitamente pôs-se a gritar:

— Catherine! Catherine! Catherine!

Balouçava nos braços deles, via as estrelas, uma lâmpada jorrava-lhe nos olhos, e de novo as estrelas, e de novo a lâmpada, e ele gritava:

— Catherine! Catherine!

— Está louco, esse camarada — disse o carregador. — Não vai calar a boca, desgraçado?

— Nem mesmo o apelido dela eu sei — disse Charles, com a voz estrangulada. — Vou perdê-la para sempre.

Depuseram-no no chão, abriram uma porta, ergueram-no de novo, ele viu um tecto amarelo e sinistro, ouviu a porta fechar-se, estava preso na armadilha.

— Safados! — gritou, enquanto o largavam no chão. — Safados!

— Eh! Devagar! — disse o tipo com cara de ave noturna.

— Deixa — observou o outro —, estás a ver que o miolo não funciona.

Ouviu os passos afastarem-se, a porta reabriu-se e tornou a fechar-se.

— Como o mundo é pequeno — disse a voz de Blanchard. No

mesmo instante Charles recebeu um jacto de água na cara. Mas não disse nada, ficou imóvel como um morto e fixava o tecto com os olhos bem abertos, enquanto a água lhe escorria pelas orelhas e pelo pescoço. Ela não queria dormir, permanecia imóvel, de costas, no quarto sombrio; ele vai deitar-se logo, logo estará a dormir e eu acordada. É forte, é puro, soube esta manhã que partia para a guerra e nem sequer piscou os olhos. Mas agora está desarmado; vai dormir, é a sua última noite. «Ah!», pensou, «como é romanesco!»

Era um quarto perfumado e morno, com luzes acetinadas e flores por toda a parte.

— Entre — disse ela.

Gomez entrou. Olhou à sua volta, viu uma boneca sobre o sofá e pensou em Teruel. Dormira num quarto igualzinho, com candeeiros, bonecas e flores, mas sem perfume e sem tecto: havia um buraco no centro do soalho.

— Porque sorri?

— Está-se bem aqui. Ela aproximou-se:

— Se o quarto lhe agrada pode voltar sempre que lhe apetecer.

— Parto amanhã — disse Gomez.

— Amanhã? Para onde?

Ela olhava-o com os seus belos olhos inexpressivos.

— Para Espanha.

— Para Espanha? Mas então...

— Sim. Sou soldado em licença.

— De que lado está?

— De que lado quer que esteja?

— De Franco?

— Ora!

Ela pôs-lhe os braços em volta do pescoço:

— Meu belo soldado!

Tinha um hálito delicioso; ele beijou-a.

— Uma única noite — disse ela. — Não é muito. Por uma vez encontro o homem que me agrada!

— Voltarei — disse ele. — Quando Franco tiver ganho a guerra...

Ela beijou-o ainda, e desenvencilhou-se docemente:

— Espere-me. Há gin e uísque no aparador.

Abriu a porta da casa de banho e desapareceu. Gomez foi até ao aparador e encheu um copo de gin. Os camiões rodavam, as vidraças tremiam, Sarah, sobressaltada, sentou-se na cama.

«Mas quantos!», pensou. «Nunca mais acabam!» Pesados camiões passavam, já camuflados, com toldos cinzentos, riscados de verde e castanho; deviam estar repletos de homens e de armas. Ela pensou: «É a guerra», e pôs-se a chorar. Catherine! Catherine! Durante dois anos conservara os olhos secos; e quando Gomez subira para o comboio, não tivera uma lágrima. Agora as lágrimas corriam. Catherine! Os soluços soergueram-na, caiu sobre o travesseiro, chorava mordendo-o, para não despertar o menino. Gomez bebeu um gole de gim e achou-o bom. Deu alguns passos no quarto e sentou-se no sofá.

Com uma das mãos segurava o copo, com a outra agarrou a boneca pelo pescoço e instalou-a sobre o joelho. Ouvia correr a água na banheira, uma doçura conhecida subia-lhe ao longo das costelas, como duas mãos sedosas. Estava feliz. Bebeu, pensou: «Sou forte.» Os camiões rodavam, as janelas tremiam, a água da torneira corria, Gomez pensava: «Sou forte, gosto da vida, e arrisco a vida, espero a morte amanhã, daqui a pouco, e não a receio, gosto do luxo, e vou encontrar de novo a miséria e a fome, sei o que quero, sei por que me bato, mando e obedecem-me, renunciei a tudo, à pintura, à glória, e sou feliz.» Pensou em Mathieu: «Não gostaria de estar na pele dele!» Ela abriu a porta, estava nua sob o roupão cor-de-rosa.

Disse-lhe:

— Aqui estou.

— Oh!, merda — disse ela —, oh!, merda!

Passara uma meia hora na banheira a lavar-se, a perfumar-se, porque os brancos nem sempre gostavam do seu cheiro, viera para junto dele, sorridente, de braços abertos e ele dormia, nu, na cama, a cabeça enfiada no travesseiro. Agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o furiosamente:

— Vais acordar, palerminha, vais acordar!

Ele abriu os olhos e olhou-a com os seus olhos vagos. Pousou o copo no aparador, a boneca no sofá, levantou-se sem pressa e tomou-a nos braços. Estava feliz.

— Podes ler isto? — indagou Gros-Louis. O empregado empurrou-o.

— E a terceira vez que perguntas. Já te disse que vais para Montpellier.

— E onde é o comboio para Montpellier?

— Parte às quatro horas da manhã; ainda não está formado.

Gros-Louis encarou-o inquieto:

— Então? O que e que eu devo fazer?

— Enfia-te na sala de espera e dorme uma soneca até às quatro horas. Já tens bilhete?

— Não — disse Gros-Louis.

— Vai buscá-lo, então. Não, por aí não. Ah!, que pedaço de asno, naquele postigo, palerma.

Gros-Louis dirigiu-se ao guichet. Um empregado de óculos dormitava atrás do vidro.

— Eh! — disse Gros-Louis. O empregado sobressaltou-se.

— Vou para Montpellier — disse Gros-Louis.

— Montpellier?

O empregado parecia espantado; sem dúvida não estava bem acordado. Uma suspeita, entretanto, passou pela cabeça de Gros-Louis.

Mostrou a caderneta militar.

— Montpellier — disse o empregado. — Um quarto de passagem, são quinze francos.

Gros Louis estendeu-lhe os cem francos da mulher.

— E agora — disse. — Que é que eu faço?

— Vai para a sala de espera.

— A que horas sai o comboio?

— Quatro. Não sabe ler?

— Não — disse Gros-Louis. Hesitava. Perguntou:

— É verdade que vai haver guerra? O empregado encolheu os ombros.

— Que quer que eu saiba? Não está escrito no horário, pois não?

Levantou-se, foi até ao fundo do hall. Fingiu consultar papéis, mas ao fim de um momento sentou-se de novo, apoiou a cabeça nas mãos e voltou a dormir. Gros-Louis olhou à sua volta. Desejaria encontrar um camarada que o informasse acerca dessas histórias da guerra, mas o hall estava deserto. «Bom, vou para a sala de espera.» Atravessou o hall arrastando os pés: tinha sono e as coxas doíam-lhe.

— Deixa-me dormir — gemeu Philippe.

— Uma ova! — disse Flossie. — Virgem! Tens de agüentar vais dar-me sorte.

Ele empurrou a porta e entrou na sala. Havia uma quantidade de gente a dormir nos bancos e muitas malas e embrulhos no chão.

A luz era triste; uma porta envidraçada abriu-se lá ao fundo, para a escuridão. Aproximou-se de um banco e sentou-se entre duas mulheres. Uma delas suava e dormia de boca aberta. O suor corria-lhe pelo rosto desenhando riscos cor-de-rosa. A outra abriu os olhos e olhou para ele.

— Fui chamado — explicou Gros-Louis. — Preciso de ir a Montpellier.

A mulher afastou-se e deitou-lhe um olhar de censura.

Gros-Louis pensou que ela não gostava de soldados, mas mesmo assim perguntou-lhe:

— É verdade que vai haver guerra?

Ela não respondeu. Reclinara a cabeça e tornara a dormir.

Gros-Louis tinha receio de dormir. Disse: «Se dormir, não acordarei.» Estendeu as pernas; comeria alguma coisa, pão com salame, por exemplo, ainda tinha dinheiro, mas era noite, estava tudo fechado. Disse: «Com quem é que estamos em guerra?» Devia ser com os Alemães. Talvez por causa da Alsácia-Lorena. Havia um jornal a seus pés, no chão, pegou nele, depois pensou na mulher que lhe tinha ligado a cabeça, e disse: «Não deveria ter partido. Sim, mas para onde iria? Já não tenho dinheiro. Na caserna vão-me dar de comer.» Não gostava, porém, de casernas, nem de salas de espera.

Subitamente, sentiu-se triste e vazio. Tinham-no embebedado e batido, e agora mandavam-no para Montpellier. Disse: «Bolas!, já não percebo nada. É porque não sei ler.» Toda aquela gente que dormia sabia mais do que ele; tinham lido o jornal, sabiam porque ia haver guerra. E ele estava sozinho dentro da noite, sozinho, miserável, não sabia nada, não percebia nada, era como se fosse morrer. Estava ali escrito. Tinham escrito tudo: a guerra, a previsão do tempo, o preço das coisas, o horário dos comboios. Abriu o jornal e olhou. Viu milhares de manchinhas pretas, assemelhavam-se aos rolos de realejos, com aqueles furos no papel, que fazem barulho quando se dá à manivela. Quando se olha durante muito tempo faz tonturas.

Também possuía uma fotografia: um tipo bem vestido e bem penteado a rir. Deixou cair o jornal e pôs-se a chorar.

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO

Dezasseis horas e trinta. Toda a gente olha para o céu, eu olho para o céu. Dumur diz: «Não estão atrasados.» Já preparou a kodak, contempla o céu, faz uma careta por causa do sol. O avião é ora escuro, ora brilhante, cresce, mas o ruído continua idêntico, um belo ruído que dá prazer. Eu digo: «Não empurrem.» Estão aí todos, atrás de mim, a empurrarem-se.

Volto-me: inclinam a cabeça para trás, fazem caretas, são verdes ao sol e os seus corpos têm movimentos vagos como os das rãs decapitadas. Dumur diz: «Um dia estaremos assim de nariz para o ar, num campo; só que estaremos vestidos de caqui e o

avião será um Messerschmidt.» Eu digo: «Não vai ser amanhã, com todos esses maricas.» O avião traça círculos no céu, desce, desce, toca o solo, salta, corre na erva, pára.

Corremos para o avião, somos cinqüenta, Sarraut corre à nossa frente, curvado, há uma dúzia, de tipos de chapéu de coco que correm no relvado torcendo os pés, toda a gente se imobiliza, o avião está parado, olhamo-lo em silêncio, a porta continua fechada, dir-se-ia que estão todos mortos lá dentro. Um homem vestido de azul chega com uma escada e encosta-a à carlinga do avião, a porta abre-se, um tipo desce, depois outro, e, por fim, Daladier. Na minha cabeça sinto o coração a bater. Daladier ergue os ombros e baixa a cabeça.

Sarraut aproxima-se e diz:

— Então?

Daladier tira a mão do bolso e faz um gesto vago. Anda depressa, cabeça baixa, a malta corre atrás dele e cerca-o.

Não me mexo, sei que não dirá nada. O general Gamelin salta do avião. É vivo, calça lindas botas e tem uma cara de buldogue.

Olha para a frente com um ar de juventude e energia.

— Então? — indaga Sarraut. — Então, general, é a guerra?

— Será o que Deus quiser. Sinto a boca seca, rebento!

Grito para Dumur: «Vou-me embora, tira as fotografias sozinho.» Corro até à saída, corro pela estrada, tomo um táxi, berro: «Para o Humánité.» O motorista sorri, eu sorrio, ele diz:

— Então, camarada?

— Respondo:

— Já está! Desta vez não escapam; não puderam recuar.

O táxi anda a toda a velocidade, olho para as casas e pessoas. Estas não sabem nada, não prestam atenção ao táxi e o táxi anda no meio delas, levando alguém que sabe. Ponho a cabeça para fora, tenho ganas de lhes gritar que a coisa aconteceu.

Salto do táxi, pago, subo a escada a correr. Estão todos presentes: Dupré, Charvel, Renard, Chabot. Em mangas de camisa. Renard fuma, Charvel escreve, Dupré está à janela.

Olham-me com espanto. Digo-lhes:

— Venham, desçam comigo, a rodada é minha. Continuam a olhar para mim; Charvel levanta a cabeça e fixa o olhar em mim.

Digo:

— Pronto! Desta vez é a guerra! Desçam, é a minha rodada!

— O seu chapéu é lindo — disse a patroa.

— Não é? — disse Flossie. Ela vê-se ao espelho ali e diz com satisfação:

— Tem plumas.

— Tem mesmo! — disse a patroa. — Há alguém no seu quarto, Madeleine não pôde fazer a cama.

— Eu sei. Não faz mal. Eu mesma a farei.

Subiu a escada e empurrou a porta do quarto. As persianas estavam fechadas, o quarto cheirava a noite. Flossie fechou a porta devagar e foi bater na 15.

— Quem é? — perguntou a voz rouca de Zou.

— É Flossie.

Zou veio abrir, estava em trajes menores.

— Entra depressa.

Flossie entrou. Zou pôs os cabelos para trás, colocou-se no meio do quarto e esforçou-se por enfiar os seios pesados dentro do soutien. Flossie pensou que ela deveria rapar as axilas.

— Só agora é que te levantas?

— Deitei-me às seis. Que é que há?

— Vem ver o meu rapazinho.

— Que história é essa?

— Vem ver o meu rapazinho.

Zou enfiou um roupão e acompanhou-a. Flossie fê-la entrar no quarto, pondo um dedo nos lábios.

— Não se vê nada — disse Zou.

Flossie empurrou-a para a cama e cochichou:

— Olha.

Inclinara-se e Zou pôs-se a rir silenciosamente.

— Merda! — disse. — Merda! É uma criança!

— Chama-se Philippe.

— Como é bonito!

Philippe dormia de costas; parecia um anjo. Flossie contemplou-o num misto de encantamento e rancor.

— É mais loiro que eu — disse Zou.

— É virgem — disse Flossie.

Zou fixou-a, sorrindo maliciosamente:

— Era.

— O quê?

— Tu dizes: é virgem. Eu digo: era virgem.

— Pois olha: sabes, acho que continua a sê-lo.

— Não me digas!

— Está a dormir assim desde as duas da manhã.

Philippe abriu os olhos, olhou para as mulheres que se debruçavam sobre ele, disse «hum!», e virou-se de barriga para baixo.

— Olha! — disse Flossie.

Puxou as cobertas; o corpo surgiu, branco e nu. Zou arregalou os olhos:

— Miam, miam! — fez ela. — Cobre já isso, senão faço disparates.

Flossie passou ao de leve a mão sobre as ancas estreitas do rapaz, sobre as nádegas esguias, depois endireitou as cobertas.

— Um Noilly-cassis — pediu Birnenschatz. Deixou-se cair para o banco e enxugou a testa. Pelos espelhos da porta podia vigiar a entrada do escritório.

— Que é que quer? — perguntou a Neu.

— A mesma coisa.

O criado afastou-se, Neu chamou-o:

— Traga-me o Information.

Olharam-se em silêncio. Neu levantou subitamente os braços.

— Ai, ai, meu pobre Birnenschatz!

— É verdade — disse Birnenschatz.

O criado encheu os copos e entregou o jornal a Neu. Neu olhou para as cotações do dia e largou o jornal sobre a mesa.

— Mau, mau.

— Evidentemente. Que quer que eles façam? Aguardam o discurso de Hitler.

Birnenschatz passeou o olhar melancólico pelas paredes e pelos espelhos. Normalmente, gostava daquele café fresco e macio; hoje, irritava-se por não se sentir à vontade.

— Só nos resta esperar — continuou. — Daladier fez o que pôde. Agora é esperar. Vamos jantar sem apetite e a partir das oito e trinta ligaremos o rádio e esperamos pelo discurso. Esperar o quê? — continuou repentinamente, batendo na mesa. — A decisão de um homem. Os negócios estão parados, a Bolsa desmorona-se, os meus empregados perderam a cabeça, o pobre See foi chamado: por causa de um só homem; a guerra e a paz estão nas suas mãos. Tenho vergonha pela humanidade.

Brunet levantou-se. A senhora Samboulrier olhou-o; agradava-lhe, devia saber amar bem, surdamente, tranqüilamente, com uma lentidão de camponês.

— Não fica? — indagou. — Jantaria comigo.

Apontou para o rádio e acrescentou:

— Como digestivo ofereço-lhe o discurso de Hitler.

— Tenho um encontro às sete — disse Brunet.

— E depois, para dizer a verdade, o discurso não me interessa.

A senhora Samboulie olhou-o sem entender.

— Se a Alemanha capitalista quer viver — disse Brunet — precisa de todos os mercados europeus; é necessário, pois, que elimine pela força todos os concorrentes industriais. A Alemanha terá de fazer a guerra — acrescentou com força — e deve perdê-la. Se Hitler tivesse sido morto em 1914, estaríamos exactamente no mesmo ponto.

— Então — perguntou ele — esse negócio da Checoslováquia não é um bluff?

— Talvez seja um bluff na cabeça de Hitler, mas o que está na cabeça de Hitler não tem a mínima importância.

— Ele ainda pode evitá-la — disse ela. — Se quiser poderá evitá-la. Todos os trunfos estão com ele: a Inglaterra não quer a guerra, os Estados Unidos estão longe de mais, a Polónia está com ele; se ele quisesse seria o dono do mundo sem dar um tiro. Os Checos aceitaram o plano franco-inglês, basta-lhe aceitá-lo também. Se desse essa prova de moderação...

— Já não pode recuar — disse Brunet. — Toda a Alemanha está por trás dele, a empurrá-lo.

— Nós podemos recuar. Brunet olhou-a e pôs-se a rir.

— É verdade! Tinha-me esquecido de que você é pacifista.

Neu virou a caixinha e os dominós caíram em cima da mesa.

— Ai, ai — disse. — Tenho medo da moderação de Hitler. Imagine só o prestígio que lhe daria!

Curvara-se sobre Birnenschatz e cochichava-lhe ao ouvido. Birnenschatz recuou aborrecido. Neu não podia dizer três palavras sem cochichar com ares de conspirador, enquanto as suas mãos se agitavam no ar.

— Se ele aceitasse o plano franco-inglês, dentro de três meses Doriot assumiria o poder.

— Doriot... — disse Birnenschatz, encolhendo os ombros.

— Doriot ou outro.

— E depois?

— E nós? — indagou Neu, baixando a voz. Birnenschatz fixou o olhar na sua boca dolorosa e sentiu que a cólera lhe subia à cabeça:

— Tudo será preferível à guerra.

— Dê-me a sua carta, a pequena põ-la-á no correio.

Ele pôs o sobrescrito em cima da mesa, entre uma caçarola e um prato de estanho: «Senhora Ivich Serguine, Rua da Mégisserie, 12, Laon.» Odette deu uma olhadela para o endereço mas não fez comentários. Acabava de amarrar um embrulho.

— Pronto — disse. — Não se impaciente. A cozinha era branca e limpa, uma enfermaria. Cheirava a resina e a mar.

— Pus duas asas de frango e um pouco da geléia de que você gosta, umas fatias de pão escuro, e umas sanduíches de presunto. Na garrafa térmica há vinho. E melhor guardá-lo para quando lá chegar.

Ele procurou-lhe o olhar, mas ela baixou os olhos para o embrulho e parecia muito atarefada. Correu ao aparador, cortou um bom pedaço de fio e voltou a correr para o embrulho.

— Está bem amarrado — disse Mathieu.

A criadinha riu, mas Odette não respondeu. Pôs o fio na boca, prendeu-o, apertando os lábios, e virou com presteza o embrulho. O odor a resina encheu repentinamente as narinas de Mathieu e, pela primeira vez, desde a antevéspera, pareceu-lhe que ia ter saudades de qualquer coisa. Era a paz daquela tarde na cozinha, aquelas calmas tarefas domésticas, aquele sol laminado pela persiana e que caía em migalhas nos ladrilhos.

E, mais além de tudo isso, a sua infância, talvez, e certo tipo de vida tranqüila e activa que ele recusara de uma vez para sempre.

— Ponha aqui o dedo — disse Odette.

Aproximou-se, inclinou-se e apoiou o dedo no fio. Gostaria de dizer algumas palavras ternas, mas a voz de Odette não dava ensejo à ternura. Ela ergueu os olhos para ele:

— Quer ovos cozidos? Pode pô-los nos bolsos.

Parecia uma menina. Não lamentava deixá-la. Talvez por ser a mulher de Jacques. Pensou que esqueceria depressa aquela fisionomia tão modesta. Mas desejaria que a sua partida custasse um pouco a Odette.

— Não — disse —, obrigado. Nada de ovos cozidos. Ela entregou-lhe o embrulho:

— Aqui está! Um bom embrulho. Ele indagou:

— Acompanha-me à estação? Ela sacudiu a cabeça:

— Não. Jacques acompanha-o. Creio que ele prefere ficar a sós consigo nos últimos momentos.

— Então, adeus: escrever-me-á?

— Teria vergonha: escrevo cartas de menina de colégio, com erros de ortografia. Não, mas mandar-lhe-ei coisas.

— Gostaria que me escrevesse.

— Pois bem, então, de vez em quando, encontrará um bilhetezinho entre as latas de sardinha e o sabonete.

Ele estendeu-lhe a mão e ela apertou-a rapidamente. Tinha a mão seca e quente. Ele pensou vagamente: «É pena.» Os dedos compridos escorreram entre os seus como areia cálida. Ele sorriu e saiu da cozinha. Jacques, no salão, estava ajoelhado em frente do rádio. Mathieu passou diante da porta e subiu devagar a escada. Não se sentia descontente por partir. Ao aproximar-se do seu quarto, ouviu um ligeiro ruído e voltou-se: era Odette. Estava no último degrau, muito pálida e olhava para ele.

— Odette — disse ele.

Ela não respondeu, continuava a olhá-lo com um ar duro. Ele sentiu-se embaraçado e passou o embrulho para o braço esquerdo a fim de recobrar o sangue frio.

— Odette — repetiu.

Ela chegou-se a ele, tinha o rosto indiscreto e profético que ele conhecia.

Estava bem perto dele. Fechou os olhos e, de repente, pousou os lábios nos lábios dele. Ele fez um movimento para a tomar nos braços, mas ela escapou-se. Retomara o seu ar modesto; desceu a escada sem virar a cabeça.

Ele entrou no quarto e colocou o embrulho na mala. Estava tão cheia que precisou de lhe pôr um joelho em cima para a fechar.

— Que há? — disse Philippe.

Soerguera-se sobressaltado e olhava Flossie com terror.

— Sou eu, meu bebezinho.

Ele estirou-se outra vez e levou a mão à fronte. Gemeu:

— Que dor de cabeça!

Ela abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou um tubo de aspirinas; ele abriu a gaveta do bar, pegou num copo e numa garrafa de Pernod, colocou-os na secretária presidencial e afundou-se na poltrona. O motor do avião girava-lhe ainda no crânio; tinha só um quarto de hora para se recompor. Pôs um pouco de Pernod no copo, pegou no jarro e deixou cair a água de bem alto. O líquido agitava-se e prateava em vagas sucessivas. Descolou a ponta do cigarro do lábio inferior e lançou-o para o cesto dos papéis. Fiz o que pude. Sentia-se vazio. Pensou: «A França... a França...» e tomou um gole. Fiz o que pude; Hitler tem a palavra agora.

Tomou outro gole, estalou a língua, pensou: «A posição da França está nitidamente definida: agora é esperar», estava exausto, estendeu as pernas e pensou com uma espécie de satisfação: «Agora é esperar.» Como toda a gente. A sorte está lançada. Ele dissera: «Se as fronteiras checas forem violadas, a França cumprira

a sua palavra.» E Chamberlain respondera:

«Se, em consequência dessas obrigações, as forças francesas se comprometessem activamente nas hostilidades contra a Alemanha, nós sentir-nos-íamos no dever de as apoiar.»

Sir Neville Henderson adiantou-se, Sir Horace Wilson acompanhou-o muito teso; Sir Neville Henderson entregou a mensagem ao chanceler do Reich; o chanceler tomou-a e pôs-se a lê-la. Quando terminou, o chanceler do Reich perguntou a Sir Neville Henderson:

— Esta é a mensagem do senhor Chamberlain? Daladier tomou mais um gole, suspirou e Sir Neville Henderson respondeu com firmeza:

— Sim, é a mensagem do senhor Chamberlain. — Daladier levantou-se e foi guardar a garrafa de Pernod; o chanceler disse com a sua voz rouca:

— Podereis considerar o meu discurso desta noite como uma resposta à mensagem do senhor Chamberlain.

Daladier pensava: «Que imbecil! Que imbecil! Que irá dizer esse imbecil?» Uma ligeira embriaguez subia-lhe às têmporas. Pensava: «Os acontecimentos escapam ao meu controlo.» Era como um grande repouso. Pensou: «Fiz tudo para evitar a guerra; agora a guerra e a paz não estão já nas minhas mãos.» Não há mais nada a decidir; é esperar. Como toda a gente. Sorriu, era o carvoeiro da esquina, tinham-no despojado das suas responsabilidades; a posição da França está nitidamente definida... Era um grande repouso. Fixava as flores escuras do tapete, sentia a vertigem subir-lhe à cabeça. Mas perguntava agora a si mesmo se no fundo não desejava que a enorme torrente o levasse como a uma palha, perguntava-se se não desejava de repente aquelas imensas férias: a guerra.

Ele olhou em volta com estupor, e gritou:

— Eu não parti!

Ela fora abrir as persianas, voltou para junto da cama e debruçou-se sobre ele. Ela transpirava, ele respirou o seu cheiro a peixe.

— Que é que estás a dizer, pequeno vagabundo? Que é que estás a dizer?

Pousara sobre o peito dele uma das suas mãos pesadas e pretas. O sol fazia brilhar uma das suas faces. Philippe olhou-a profundamente humilhado: ela tinha rugas nos cantos dos olhos e da boca. «Era tão linda à luz do candeeiro», pensou. Ela soprava-lhe no rosto e movia a sua língua rosada entre os lábios. «Não parti», pensou ele. E disse-lhe:

— Tu já não és muito nova.

Ela teve um ar de despeito e respondeu:

— Não tanto quanto tu, canalha. Ele quis pular da cama, mas ela retinha-o com força; ele estava nu e desarmado; sentia-se miserável.

— Meu querido canalha — disse ela —, querido canalha.

As mãos escuras desceram ao longo das suas ancas. «Afinal», pensou ele, «nem a todos acontece perder a virgindade com uma negra». Deixou-se cair de costas e saias pretas e cinzentas rodopiavam-lhe junto ao rosto. O tipo berrava mais baixo atrás dele; era um estertor, uma espécie de gorgolejar. Um sapato ergueu-se acima da sua cabeça, viu uma sola pontiaguda, um pedaço de barro colara-se ao salto. A sola pousou-se rangendo, ao lado do seu aparelho: era um sapato pesado, preto, com botões. Ergueu os olhos, viu uma batina e, lá em cima, no ar, duas narinas peludas por cima de uma gola. Blanchard soprou-lhe ao ouvido:

— Deve estar muito mal, o camarada, para que tenham chamado esse fenômeno.

— Que é que há? — indagou Charles.

— Não sei, mas Pierre está a dizer que vai esticar o pernil.

Charles pensou: «Porque não eu?» Via a sua vida e pensava: «Porque não eu?» Dois carregadores passaram perto, reconheceu-os pelas calças; ouvia por trás de si a voz untuosa do padre; o enfermo já não gemia: «Talvez tenha morrido», pensou. A enfermeira passou, com uma bacia nas mãos. Ele disse timidamente:

— A senhora não poderia dar um pulinho até ali, agora?

Ela baixou os olhos sobre ele, corando de raiva:

— Ainda você: o que quer?

— Não pode mandar alguém lá, ao canto das mulheres? Ela chama-se Catherine.

— Ah!, não me aborreça. É a quarta vez que me pede isso.

— Seria simplesmente para lhe perguntar o apelido e dar-lhe o meu: isso não a vai atrapalhar muito.

— Há aqui um agonizante — disse ela com violência. — Imagine só se tenho tempo para pensar nas suas tolices.

Foi-se e o tipo começou a gemer; era difícil suportá-lo. Charles manobrou o espelho, viu um amontoado de corpos estendidos lado a lado, e o enorme traseiro do padre ajoelhado junto do enfermo. Acima deles havia uma chaminé com um espelho emoldurado. O padre ergueu-se e os carregadores inclinaram-se sobre o corpo, levaram-no.

— Morreu? — perguntou Blanchard.

O aparelho de Blanchard não possuía espelho rotativo.

— Não sei — disse Charles.

O cortejo passou perto deles, numa nuvem de poeira. Charles tossiu, depois viu o dorso curvado dos carregadores que se dirigiam para a porta. Um vestido turbilhonou a seu lado e imobilizou-se de repente. Ouviu a voz da enfermeira.

— Dentro disto, não se tem notícias, estamos isolados do mundo. Como vão as coisas, senhor padre?

— Nada bem. Nada bem. Hitler vai falar esta noite, não sei o que irá dizer, mas creio que é a guerra.

A sua voz caía em camada sobre o rosto de Charles; Charles pôs-se a rir.

— Porque te estás a rir? — perguntou Blanchard.

— Estou a rir porque o fenómeno disse que vai haver guerra.

— Não acho nada engraçado.

— Eu acho — disse Charles.

«Terão a sua guerra, não escaparão dela.» Continuava a rir; a um metro e setenta acima da sua cabeça estava a guerra, a tormenta, a honra ultrajada, o dever patriótico; mas junto ao solo não havia guerra nem paz; só a miséria e a vergonha dos sub-homens, dos podres, dos deitados. Bonnet não a queria, Champetier de Ribes desejava-a; Daladier olhava para o tapete, era um pesadelo, não conseguia livrar-se daquela vertigem que o tomara por detrás das orelhas: que estoure! Que estoure! Que ele a declare esta noite, o lobo mau de Berlim. Esfregou com força o sapato no soalho; no soalho, Charles sentia a vertigem subir-lhe do ventre à cabeça: a vergonha, a doce e confortável vergonha, era só o que lhe faltava! A enfermeira alcançara a porta, pulou por cima de um corpo e o padre afastou-se para a deixar passar.

— Minha senhora! — gritou Charles. — Minha senhora!

Ela voltou-se, grande e forte, com um belo rosto, de buço e olhos furiosos.

Charles gritou com uma voz clara que ecoou pela sala toda:

— Minha senhora! Senhora! Depressa, depressa, a bacia.

Ei-lo! Ei-lol Empurravam-nos por trás, empurraram o guarda, que recusou um passo abrindo os braços. Gritaram: «Hurra!» Ele caminhava a passos duros e calmos, dava o braço à mulher, Fred estava comovido, o meu pai, a minha mãe, o domingo em Greenwich; gritou: «Hurra!» Era tão bom vê-los ali, tão serenos, quem ousaria ter medo vendo-os no seu passeio da tarde, como velhos esposos muito unidos? Segurou com força a mala, ergueu-a acima da cabeça e gritou: «Viva a paz! Hurra!» Voltaram-se ambos para o seu lado e Chamberlain sorriu-lhes; Fred sentiu que a calma e a paz desciam até ao fundo do seu coração, estava protegido, governado, reconfortado, e o velho Chamberlain ainda

achava um meio para passear tranqüilamente nas ruas, como qualquer um, e de sorrir para ele. Toda a gente dava hurras a seu lado, Fred contemplava o dorso magro de Chamberlain, afastando-se no seu passeio de prelado, pensou: «E a Inglaterra!» e lágrimas molharam-lhe os olhos. Sadie baixou-se e pegou numa fotografia sob os braços do guarda.

— Para a bicha, minha senhora, para a bicha, como toda a gente.

— E preciso fazer bicha para comprar o Paris-Soir?

— E então? E mesmo assim, duvido que obtenha! Ela não acreditava no que ouvia.

— Merda! Não vou fazer bicha por causa do Paris-Soir; nunca me aconteceu fazer bicha para comprar o jornal.

Virou as costas. O ciclista chegava com o embrulho. Colocou-o na mesa ao lado do quiosque e puseram-se a contar.

— Os jornais! Os jornais!

Formou-se um redemoinho da multidão.

— Então! — disse a vendedora. — Deixam-me contar?

— Não empurrem, não empurrem — disse a senhora bem-vestida —, estou a dizer para não empurrarem.

— Não estou a empurrar — atalhou o tipinho gordo —, empurram-me a mim.

— E eu — disse o magrizela — peço-lhe que não seja grosseiro com a minha mulher.

A senhora de luto voltou-se para Emilie:

— É a terceira discussão esta manhã.

— Ah! — disse Emilie —, neste momento os homens andam nervosos.

O avião aproximava-se das montanhas; Gomez olhou para elas e depois olhou para baixo, para os rios e prados, havia uma cidadezinha à esquerda, tudo era ridículo, tão pequeno, era a França, verde e amarela, com os seus tapetes de pastagens e os seus riachos tranqüilos: «Adeus! Adeus!» Ia afundar-se nas montanhas, adeus filetes à Rossini, charutos, mulheres, desceria, planando sobre a terra vermelha, o sangue. Adeus: todos os franceses estavam ali, abaixo dele, na cidade redonda, nos campos, à beira da água. Dezoito e trinta e cinco: eles agitam-se como formigas, aguardam o discurso de Hitler. A mil metros abaixo de mim eles aguardam o discurso de Hitler. Eu não espero nada. Dentro de um quarto de hora não veria mais aqueles doces prados, enormes blocos de pedra separá-los-iam daquela terra de medo e avareza. Dentro de um quarto de hora desceria junto dos homens magros de gestos vivos, olhos duros, dos seus homens. Sentia-se feliz, com um rolo de angústia na garganta. As montanhas

aproximavam-se, eram terrosas agora. Pensou: «Como vou encontrar Barcelona?»

— Entre — disse Zézette.

Era uma mulher um tanto forte e muito bonita, de chapéu de palha e tailleur príncipe-de-gales. Olhou em volta, dilatando as narinas, e sorriu gentilmente.

— Senhora Suzanne Tailleur?

— Sou eu — disse Zézette, intrigada.

Levantara-se. Pensou que tinha os olhos vermelhos e encostou-se à janela. A senhora olhava para ela piscando. De perto parecia mais velha. E exausta.

— Não a incomodo?

— Não. Sente-se.

A senhora inclinou-se, examinou a cadeira e sentou-se. Mantinha-se bem direita, sem se encostar ao espaldar.

— Subi bem uns quarenta andares esta manhã. E as pessoas nem sempre se lembram de oferecer cadeiras.

Zézette percebera que conservava o dedal no dedo. Tirou-o e lançou-o para a cesta da costura. Nesse momento o bife pôs-se a crepitar na frigideira. Ela corou e correu a fechar o gás. Mas o cheiro persistia.

— Não quero impedi-la de comer.

— Ora!, tenho tempo — disse Zézette. Olha-a para a senhora e sentia-se ao mesmo tempo embaraçada e com vontade de rir.

— O seu marido foi mobilizado?

— Partiu ontem, pela manhã.

— Partem todos — disse a senhora. — É terrível. Deve encontrar-se numa situação material... difícil.

— Acho que vou voltar ao meu trabalho — disse Zézette. — Era florista.

A senhora meneou a cabeça:

— Terrível! Terrível!

Parecia tão sucumbida que Zézette teve um gesto de simpatia:

— O seu marido partiu também?

— Não sou casada.

Fixou o olhar em Zézette e acrescentou, com vivacidade:

— Mas tenho dois irmãos que poderiam ser chamados.

— Que é que deseja? — perguntou Zézette secamente. A senhora sorriu:

— Não conheço as suas ideias, mas o que lhe vou perguntar

não tem nada com política. Fuma? Quer um cigarro? Zézette hesitou:

— Sim, pode ser.

Estava em pé junto do fogão a gás e as suas mãos estavam pousadas na mesa, atrás das costas. O cheiro do bife e o perfume da visitante tinham-se misturado. A mulher estendeu-lhe a cigarreira e Zézette deu um passo à frente. A mulher tinha dedos finos e brancos, com unhas bem cuidadas.

Zézette pegou num cigarro com os seus dedos avermelhados. Olhava para os seus dedos e para os da mulher e fazia votos para que ela se fosse embora o mais depressa possível. Acenderam os cigarros e a mulher perguntou:

— Não acha que é preciso impedir esta guerra? Por qualquer preço?

Zézette recuou até ao fogão e olhou-a com desconfiança. Estava inquieta. Percebeu que havia sobre a mesa umas calças e um par de ligas.

— Não crê que se todas nós uníssemos as nossas forças...

Zézette atravessou a sala com um ar de indiferença, quando chegou à mesa perguntou:

— Nós quem?

— Nós, as mulheres — disse a visitante com energia.

— Nós, mulheres — repetiu Zézette. Abriu rapidamente a gaveta e lançou lá para dentro as ligas e as calças, depois voltou-se para a interlocutora, aliviada:

— Nós, mulheres; mas que podemos nós fazer?

A mulher fumava como um homem, deitando o fumo pelo nariz; Zézette admirava-lhe o tailler e o colar de jade e parecia-lhe estranho dizer «nós».

— Sozinha, nada poderá fazer — disse a mulher com bondade. — Mas não está só; neste momento há cinco milhões de mulheres que temem pela vida de um ente querido. No andar de baixo há a senhora Panier, o irmão e o marido acabam de partir e ela tem seis filhos. Do outro lado da rua, há a padeira. Em Passy a duquesa de Cholet.

— Oh!, a duquesa de Cholet... — murmurou Zézette.

— E então?

— Não é a mesma coisa.

— Porque é que não é a mesma coisa? O que é que não é igual? Porque anda de automóvel, enquanto as outras tratam elas mesmas da casa? Ah!, minha senhora, sou a primeira a exigir uma melhor organização social. Mas pensa que a guerra no-la dará? As questões de classe pesam bem pouco em face do perigo que nos

ameaça. Somos, antes de mais nada, mulheres, mulheres que são atingidas no que têm de mais sagrado. Suponha que todas damos as mãos e gritamos juntas: não. Afinal, a senhora não gostaria de o ver voltar?

Zézette sacudiu a cabeça. Era uma farsa aquela mulher a tratá-la por senhora.

— Não se pode impedir a guerra — disse. A mulher corou ligeiramente:

— E porque não?

Zézette encolheu os ombros. Aquela senhora queria impedir a guerra, Maurice queria acabar com a miséria. No fim, ninguém impedia coisa alguma.

— É assim. Ninguém pode impedir.

— Não deve pensar assim — disse a visitante, censurando-a. — São os que pensam assim que fazem com que haja guerra. E, depois, é preciso pensar um pouco nos outros. Por mais que a senhora faça, a senhora não poderá deixar de estar solidária com as demais.

Zézette não respondeu. Guardava na mão a ponta de cigarro apagada, tinha a impressão de estar no grupo escolar.

— Não pode recusar-me uma assinatura — disse a mulher. — Vejamos, minha senhora, uma simples assinatura.

Tirou da bolsa uma folha de papel e colocou-a sob os olhos de Zézette.

— Que é isso? — perguntou Zézette.

— Uma petição contra a guerra. Colhemos adesões aos milhares.

Zézette leu a meia voz:

«As mulheres de França que assinam a presente petição declaram que confiam no Governo da República para salvaguardar a paz por todos os meios. Afirmam a sua convicção absoluta de que a guerra, quaisquer que sejam as circunstâncias em que ocorra, é sempre um crime. Há sempre possibilidades de negociação e troca de opiniões; que não se apele nunca para a violência. Pela paz universal, contra a guerra sob todas as formas. Paris, 22 de Setembro de 1938. Liga das Mães e Esposas Francesas.» Virou a página: o verso estava coberto de assinaturas, apertadas umas abaixo das outras, horizontais, oblíquas, ascendentes, em tinta roxa, em tinta azul. Algumas espalhavam-se em grandes caracteres angulosos, outras eram mesquinhas e pontiagudas, encolhendo-se envergonhadas num cantinho. Ao lado de cada assinatura um endereço: Jeanne Plémeux, Rua d'Aubignac, 6; Solange Péres, Avenida de Saint-Ouen, 142. Zézette percorreu com o olhar todos aqueles nomes de mulheres. Todas se tinham inclinado sobre aquele papel. Umas haviam assinado enquanto a criançada

berrava no quarto ao lado, outras num boudoir com uma caneta de ouro. Agora os nomes misturavam-se. Suzanne Tailleur: bastar-lhe-ia pedir uma caneta e ela também se tornaria uma senhora, o seu nome exibir-se-ia, importante e melancólico, abaixo dos outros.

— Que vai fazer com tudo isso?

— Quando tivermos bastantes assinaturas, mandaremos uma delegação de mulheres levar a petição à Presidência do Conselho.

Senhora Suzanne Tailleur. Era a senhora Suzanne Tailleur. Maurice repetia-lhe a cada instante que se devia ser solidário com a própria classe. E eis que agora tinha deveres em comum com a duquesa de Cholet. Pensou: «Uma assinatura; não lhes posso recusar uma assinatura.»

Flossie apoiou os cotovelos na almofada e olhou para Philippe:

— Então? Que tal?

— Serve — disse Philippe. — Deve ser melhor quando não se está com dores de cabeça.

— Preciso de me levantar — disse Flossie. — Vou comer, depois irei à boite. Vens?

— Estou cansado de mais. Vai sem mim.

— Esperas-me aqui? Juras que me esperas?

— Espero — disse Philippe, franzindo as sobrancelhas. — Vai depressa, eu espero.

— Então — disse a visitante —, a senhora assina?

— Não tenho caneta.

A mulher estendeu-lhe uma esferográfica. Zézette pegou nela e assinou no fim da página. Repetiu o nome bem legível e pôs o endereço ao lado da assinatura, depois ergueu os olhos e olhou para a visitante: parecia-lhe que alguma coisa ia acontecer.

Não aconteceu nada. A mulher levantou-se. Pegou na folha, examinou-a atentamente.

— Perfeito. O dia está acabado.

Zézette abriu a boca, tinha uma quantidade de perguntas para fazer. Mas não lhe ocorreram. Disse apenas:

— Vai levar isso a Daladier?

— Naturalmente.

Agitou a folha por um instante, depois dobrou-a e fê-la desaparecer na bolsa. Zézette sentiu um nó no peito quando a bolsa se fechou. A mulher levantou a cabeça, olhou-a bem nos olhos:

— Obrigada. Obrigada por ele. Obrigada por todas nós. A senhora é uma mulher de coração, senhora Tailleur.

Estendeu-lhe a mão:

— Tenho de me ir embora.

Zézette apertou a mão depois de a ter enxugado no seu avental. Sentia-se amargamente decepcionada.

— É... é tudo?

A mulher riu. Os dentes eram como pérolas. Zézette repetiu para si mesma: «Somos solidárias.» Mas as palavras não tinham já sentido.

— Sim, por enquanto é tudo.

Abriu a porta, voltou uma última vez o rosto sorridente para Zézette e desapareceu. O seu perfume flutuava ainda na sala. Zézette ouviu extinguir-se o ruído dos passos, fungou duas ou três vezes. Parecia-lhe que lhe haviam roubado alguma coisa. Foi até à janela, abriu-a e debruçou-se no parapeito. Um automóvel estava parado junto da calçada. A mulher saiu do hotel, abriu a porta e entrou para o carro, que partiu. «Fiz um disparate», pensou Zézette. O automóvel virou na Avenida de Saint-Ouen e desapareceu levando a assinatura e a bela senhora perfumada. Zézette suspirou, fechou a janela e abriu o gás. A banha pôs-se a crepitar, o cheiro a carne frita sobrepôs-se ao perfume e Zézette pensou: «Se Maurice vier a saber, vai dar bronca.»

— Mamã, estou com fome.

— Que horas são? — perguntou a mãe a Mathieu. Era uma bela e forte marsehesa com um vago buço. Mathieu deu uma olhadela para o relógio:

— Oito e vinte.

A mulher puxou de debaixo das pernas uma cesta com cadeado.

— Sossega, menina impossível, vais comer. Virou a cabeça para Mathieu:

— Faz perder a cabeça a um santo! Mathieu endereçou-lhe um sorriso vago e benevolente. «Oito e vinte», pensou, «dentro de dez minutos Hitler irá falar. Estão no salão, há um quarto de hora que Jacques está a mexer no rádio».

A mulher pousou o cesto no banco; abriu-o. Jacques gritou:

— Pronto! Apanhei Estugarda.

Odette estava de pé ao lado dele, pusera-lhe a mão no ombro. Ouviu um ruído surdo e pareceu-lhe que o sopro de uma sala comprida e abobadada lhe batia no rosto. Mathieu ajeitou-se para dar lugar ao cesto: não deixara Juan-les-Pins. Estava perto de Odette, junto de Odette, mas cego e surdo, o comboio levava os seus ouvidos e os seus olhos para Marselha. Não tinha amor por ela, era outra coisa, ela tratara-o como se ele não tivesse morrido inteiramente. Quis dar uma fisionomia a essa ternura que pesava nele: procurou a fisionomia de Odette, mas o rosto fugia-lhe, o de

Jacques surgiu em lugar dela, duas vezes. Mathieu acabou por entrever uma forma imóvel numa poltrona, com um pedaço de nuca inclinada e um ar de atenção numa face desprovida de boca e olhos.

— Apanhámos a tempo — disse Jacques a Odette —, ele não começou ainda a falar.

Os meus olhos estão aqui. Via o cesto: um belo guardanapo branco riscado de preto e vermelho cobria o conteúdo. Mathieu contemplou por um instante a nuca morena, e depois largou-a: era tão pouco para tão pesada ternura. Ela desapareceu na sombra e o guardanapo começou a exigir demasiado, instalou-se nos seus olhos, expulsando à toa pensamentos e imagens. Os meus olhos estão aqui. Um som de campainha abafada fê-lo sobressaltar.

— Queridinha, depressa, depressa! — disse a marselhesa.

Voltou-se para Mathieu com um sorriso de desculpa:

— E o despertador. Ponho-o sempre para as oito e meia.

A menina abriu precipitadamente a mala, mergulhou as mãos dentro e a campainha parou. Oito e trinta, ele vai entrar no Sportpalast. Estou em Juan-les-Pins, estou em Berlim; mas os meus olhos estão aqui. Algures, um automóvel comprido e preto detinha-se diante de uma porta, deles desciam homens com camisas de caqui. Algures, a noroeste, mas aqui havia o guardanapo que lhe tapava a visão. Dedos roliços e com anéis puxaram-na pelas pontas, ela desapareceu, Mathieu viu uma garrafa térmica deitada de lado e uma pilha de fatias de pão: teve fome. Estou em Juan-les-Pins, estou em Berlim, estou em Paris, já não tenho vida, já não tenho destino. Mas aqui tenho fome. Aqui, perto desta morena forte e desta menina.

Levantou-se, alcançou a sua mala, abriu-a e pegou, às apalpadelas, no embrulho de Odette. Tornou a sentar-se e, com o canivete, cortou o fio; tinha pressa, como se precisasse de acabar a tempo de ouvir o discurso de Hitler. Hitler entra; um clamor formidável faz as vidraças tremerem, o clamor acalma-se, ele estende a mão. Algures, havia dez mil homens empertigados, de cabeça tesa, braço erguido. Algures, atrás dele, Odette inclinava-se sobre o aparelho de rádio. Ele fala, diz: «Meus compatriotas», e a sua voz já não lhe pertence, tornou-se internacional. Ouvem-na em Brest-Litowsk, Praga, Oslo, Tânger, Cannes. Morlaix, no grande navio branco da Companhia Paquet que singra o oceano entre Casablanca e Marselha.

— Tens a certeza de que apanhaste Estugarda? — perguntou Odette. — Não se ouve nada.

— Psiu... tenho a certeza.

Lola parou diante da entrada do Casino.

— Então até já.

— Canta bem — disse Boris.

— E tu onde vais, querido?

— Ao Bar Basque — disse Boris. — Tenho lá uns amigos que não sabem alemão, pediram-me para traduzir o discurso de Hitler.

— Hum... não te vais divertir.

— Gosto de traduzir.

Está a falar! Mathieu fez um violento esforço para ouvir, mas sentiu-se vazio e relaxou-se. Comia, à sua frente a menina mordida uma fatia de pão com geleia; ouvia-se o resfolegar ritmado das molas, era uma tarde de mel, unida. Mathieu desviou o olhar para o mar, através do vidro da janela. A tarde cor-de-rosa e redonda fechou-se sobre ele. E no entanto uma voz trespassava aquele ovo de açúcar. Está em toda a parte, o comboio mergulha nela e ela está dentro do comboio, aos pés da menina, nos cabelos da mulher, no meu bolso, se tivesse um rádio eu fá-la-ia desabrochar debaixo do banco.

Está aqui, enorme, domina o barulho do somboio, sacode os vidros — e eu não a ouço. Sentia-se cansado, percebeu ao longe uma vela sobre as águas e ficou só a pensar nela.

— Escuta! — disse Jacques triunfante. — Escuta!

Um imenso rumor saiu de repente do rádio. Odette deu um passo atrás, era quase insuportável. «Como são numerosos, como o admiram!», disse. Lá longe, a milhares de quilômetros, dezenas de milhares de posses. E as suas vozes ecoavam no calmo salão militar — e era o destino que se jogava lá longe.

— Ei-lo — disse Jacques. — Ei-lo!

A tormenta aplacava-se aos poucos; distinguiam-se vozes nasaladas e duras, depois houve um silêncio e Odette compreendeu que ele ia falar. Boris empurrou a porta do bar e o patrão fez-lhe sinal que se apressasse.

— Rápido — disse —, vai começar.

Eram três, apoiados ao balcão: o marselhês, Charlier, o tipógrafo de Ruão e um tipo grande e forte que vendia máquinas de costura e se chamava Chomis.

— Boa noite — disse Boris, em voz baixa.

Cumprimentaram-se rapidamente e ele acercou-se do aparelho. Estimava-os porque não haviam hesitado em jantar à pressa para ouvir coisas desagradáveis. Eram camaradas duros, que olhavam a realidade de frente.

Ele apoiara as mãos na mesa, olhava o mar imenso, ouvia o barulho do mar. Ergueu a mão direita e o mar acalmou-se.

Disse:

«Meus caros compatriotas:

Há um limite para além do qual já não é possível ceder, porque ceder tornar-se-ia uma fraqueza nociva. Dez milhões de alemães acham-se fora do Reich em dois grandes territórios constituídos. Eram alemães que desejavam reintegrar-se no Reich. Eu não teria o direito de comparecer diante da história da Alemanha se me limitasse a abandoná-los com indiferença. Não teria, tão-pouco, moralmente, o direito de ser o Führer deste povo. Já fiz sacrifícios suficientes, já renunciei demasiado. Aí está o limite que eu não podia transpor. O plebiscito na Áustria mostrou até que ponto esse sentimento tinha razão de ser. Um ardente testemunho foi dado então, um testemunho que o mundo certamente não esperava. Mas já vimos que, para as democracias, um plebiscito é inútil, e mesmo funesto, quando não produz o resultado que elas esperam. Entretanto o problema foi resolvido para felicidade do grande povo alemão no seu conjunto. E agora temos à nossa frente o último problema que deve ser e que será resolvido.»

O mar rebentou aos seus pés e ele ficou um momento sem falar, contemplando as enormes ondas. Odette apertou a mão contra o peito, aqueles clamores sobressaltavam-lhe o coração.

Inclinou-se ao ouvido de Jacques, que conservava as sobranceiras franzidas, com um ar de extrema atenção, embora Hitler estivesse calado há vários segundos. Perguntou-lhe sem muita esperança de resposta precisa:

— Que foi que ele disse?

Jacques tinha a pretensão de compreender o alemão porque passara três meses em Hanôver e há dez anos que ouvia, escrupulosamente, pelo rádio, todos os oradores de Berlim.

Assinara mesmo o Frankfurter Zeitung por causa dos artigos financeiros. Mas as informações que dava sobre o que lera ou ouvira eram sempre muito vagas. Encolheu os ombros.

— Sempre a mesma coisa. Fala dos sacrifícios e da felicidade do povo alemão.

— Admite em fazer sacrifícios? — perguntou Odette animada. — Isso quer dizer que faria concessões?

— Parece... não sei... ficou tudo muito no ar.

Estendeu a mão e Karl parou de gritar; era uma ordem. Karl olhou para a direita e para a esquerda, murmurando: «Escutem! Escutem!», parecia-lhe que a ordem muda do Führer lhe atravessava o corpo, tomava a forma de corpo na sua boca.

«Escutem! Escutem!» Ele era apenas um instrumento dócil; o prazer fê-lo tremer da cabeça até aos pés.

Toda a gente se calou, a sala inteira abismou-se no silêncio e na noite; Hess, Goering e Goebbels tinham desaparecido, não havia mais ninguém no mundo senão Karl e o seu Führer. O Führer

falava diante da grande bandeira vermelha com a cruz gamada, falava para Karl, para Karl somente. Uma voz, uma única voz no mundo. Ele fala por mim, ele pensa por mim, ele decide por mim, o meu Führer.

«É a última reivindicação territorial que tenho a formular na Europa, mas é uma reivindicação a que não renunciarei, que realizarei, com a graça de Deus.»

Fez uma pausa. Karl compreendeu então que tinha licença para gritar e gritou com toda a força. Puseram-se todos a gritar, a voz de Karl avolumou-se, subiu até ao tecto e sacudiu os vidros. Ele ardia de alegria, possuía dez mil bocas e sentia-se histórico.

«Cala essa boca!», gritou Mimile para o aparelho. Virou-se para Robert e disse: «Estás a ver! Que bando de cretinos! Aqueles tipos só ficam contentes quando podem berrar todos juntos. Parece que acontece o mesmo com as distrações. Têm lá em Berlim grandes salas, para vinte mil pessoas, reúnem-se aos domingos e cantam em coro bebendo cerveja.»

O rádio continuava a mugir.

— Basta — disse Robert —, damos-lhe uma rasteira!

Viraram o botão, as vozes cessaram e pareceu-lhes de repente que o quarto saía da escuridão, estava ali, em volta deles, pequeno e calmo, o conhaque ao alcance da mão, bastara virar um botão e todos aqueles clamores de possessos tinham voltado à sua caixa. Uma bela tarde comedida chegara pela janela, uma tarde francesa; estavam entre franceses.

«Esse Estado checo começou por uma grande mentira. O autor dessa mentira chama-se Benès.»

Rajadas no aparelho.

«Esse Benès apresentou-se em Versalhes e afirmou em primeiro lugar que existia uma nação checoslovaca.»

Gargalhadas no aparelho. A voz continuou, escarnecendo:

«Era obrigado a inventar essa mentira, a fim de dar ao reduzido efectivo dos seus concidadãos uma importância um pouco maior, e, portanto, mais justificada. E os estadistas anglo-saxões, que nunca se familiarizaram suficientemente com as questões étnicas e geográficas, não julgaram necessário, então, verificar as afirmações do senhor Benès. Como esse Estado não parecia viável, juntaram-lhe simplesmente três milhões e meio de alemães, contrariando o seu direito de dispor livremente de si mesmos e da sua vontade de livre escolha.»

O aparelho gritou: «Chii, chii, chii.» Birnenschatz berrou:

«Mentira! Não os tiraram da Alemanha, esses alemães!» Ella contemplava o pai, apoplético de indignação, fumando um enorme charuto na poltrona; contemplava a sua mãe e a irmã Ivy e quase que as odiava. «Como podem escutar isso!»

«Como se não bastasse, foi ainda preciso juntar um milhão de magiares e russos subcarpáticos e por fim alguns milhares de polacos.»

Eis o que é esse Estado que posteriormente se chamou Checoslováquia, contrariando o direito de livre escolha dos povos e o desejo e a vontade claramente expressos pelas nações violentadas. Falando-vos aqui, condoo-me naturalmente com o destino de todos esses oprimidos: o destino dos Eslavos, dos Polacos, dos Húngaros, dos Ucrânicos; mas falo, é evidente, apenas da sorte dos Alemães.»

Um imenso clamor encheu a sala. Como podem escutar isso? E esses Heil! Heil! machucavam-lhe o coração. «Afinal somos judeus», pensou irritada, «não devemos estar a ouvir o que diz o nosso carrasco. Ele, ainda vá, sempre o ouvi dizer que os judeus não existiam. Mas ela», pensou, olhando para a mãe, «ela sabe que é judia, sente-o e fica ali». A senhora Birnenschatz, um pouco dada a profecias, exclamara na véspera:

«É a guerra, meus filhos, e, perdida a guerra, só resta ao povo judeu voltar a pôr a mochila às costas.» Agora, dormitava no meio do clamor, fechava de vez em quando os seus olhos maquilhados e a sua cabeça grande e sombria, de cabelos negros, oscilava. A voz continuou dominando a tormenta:

«E agora começa o cinismo. Esse Estado, que só é governado por uma minoria, obriga os seus nacionais a fazer uma política que os forçaria um dia a atirar contra os próprios irmãos.»

Ella levantou-se. Aquelas palavras roucas, arrancadas penosamente de uma garganta sempre pronta a tossir, eram outras tantas punhaladas. Ele torturou os judeus: enquanto fala, milhares deles agonizam nos campos de concentração, e nós deixamos que a sua voz se pavoneie neste salão onde ainda ontem recebemos o primo Dachauer com as pálpebras queimadas.

«Benès exige isto dos Alemães: "Se eu fizer a guerra contra a Alemanha, terás de atirar aos Alemães. E se recusares, serás um traidor e mandar-te-ei fuzilar." E exige a mesma coisa dos Húngaros e Polacos.»

A voz ali estava, enorme, odienta; o homem era o seu inimigo. A grande planície alemã, as montanhas da França, tinha-se desmoronado, ele estava junto dela, sem distância, agitava-se dentro da caixa, olha para mim, está-me a ver. Voltou-se para a mãe e para Ivy: mas elas tinham saltado para trás. Podia ainda vê-las, mas não tocá-las. Paris também recuara, a luz que entrava pela janela caía morta no tapete. Ocorrera uma imperceptível deslocação das pessoas e coisas, ela estava só no mundo com aquela voz.

«A vinte de Fevereiro deste ano, declarei no Reichstag que era necessário que se verificasse uma mudança na existência dos dez

milhões de alemães que vivem fora das nossas fronteiras. Ora, o senhor Benès agiu de outro modo. Instituiu uma opressão ainda mais completa contra o nosso povo.»

Falava-lhe a sós, olhos nos olhos, com uma irritação crescente e o desejo de a amedrontar, de a magoar. Ela estava fascinada, o seu olhar não se desviava do rádio. Não compreendia o que ele dizia, mas a voz dele rasgava-lhe a pele, esfolava-a.

«Um terror ainda maior... uma espécie de dissolução...» Afastou-se bruscamente e deixou a sala. A voz perseguia-a no hall, indistinta, esmagada, ainda venenosa. Entrou à pressa no quarto e fechou a porta à chave. No salão, ele continuava a ameaçar. Mas ela só ouvia agora um murmúrio confuso. Deixou-se cair numa cadeira, não haverá então ninguém, nenhuma mãe de judeu supliciado, nenhuma mulher de comunista assassinado, que agarre num revólver e o mate? Cerrava os punhos, pensava que, se fosse alemã, teria a coragem de o matar.

Mathieu levantou-se, pegou num dos charutos de Jacques do impermeável e abriu a porta do compartimento.

— Se é por minha causa não faça cerimónia — disse a marsehesa —, o meu marido fuma, estou habituada.

— Obrigado — disse Mathieu —, mas estou com vontade de desenferrujar as pernas.

Tinha principalmente vontade de não a ver mais. Nem a menina nem o cesto. Deu alguns passos no corredor, parou, acendeu o charuto. O mar estava azul e calmo, ele deslizava ao longo do mar, pensava: «Que é que me está a acontecer?» Assim, a resposta desse homem foi mais do que nunca: fuzilemos, prendamos, encarceremos. E isto para todos os que, de uma maneira ou de outra, não lhe convinham; ele queria esforçar-se por compreender. Jamais lhe acontecera alguma coisa que não tivesse compreendido; era a sua única força, a sua única defesa, o seu último orgulho. Olhava para o mar e pensava:

«Não compreendo», então verificou-se a minha reivindicação de Nuremberga. Essa reivindicação foi perfeitamente clara: e pela primeira vez; «acontece que vou para a guerra», disse para com os seus botões. Não parecia muito complicado, no entanto não era nada claro. No que lhe dizia pessoalmente respeito era simples, límpido; jogara e perdera, a sua vida ficara para trás fracassada. Não deixou nada, não lamento nada, nem mesmo Odette, nem mesmo Ivich, não sou ninguém. Restava o próprio acontecimento. Declarei que o direito de livre escolha devia, enfim, vinte anos depois das declarações do presidente Wilson, entrar em vigor para esses três milhões e meio de homens tudo o que o atingira até então estava ao seu alcance, dentro da sua medida de homem, os pequenos aborrecimentos e catástrofes, ele vira-os chegar, olhara-os de frente. Quando fora buscar o dinheiro ao quarto de Lola, vira as notas, tocara-as, respirara o perfume da cómoda; e

quando abandonara Marcelle, olhava-a nos olhos enquanto lhe falava, podia pensar: tive razão, errei; podia julgar-se. Agora, tornara-se impossível e novamente o senhor Benès deu a sua resposta: novos mortos, novas encarnações, novos. Pensou: «Parto para a guerra e isso nada significa.» Alguma coisa que o ultrapassava acontecera. A guerra ultrapassava-o. Não é bem isso, é que não existe. Onde está ela? Por toda a parte: nasce de todos os lados, o comboio corre dentro da guerra, Gomez aterra na guerra, esses turistas de branco passeiam na guerra, não há consciência que não esteja tomada por ela. E no entanto ela é como a voz de Hitler, que enche este comboio e eu não posso ouvir: Direi claramente ao senhor Chamberlain o que consideramos agora a única possibilidade de solução; de vez em quando pensamos que vamos tocá-la em qualquer coisa, no molho de um filete, estendemos a mão, já não está mais ali: resta apenas um pedaço de carne no molho. «Ah!», pensou, «seria preciso estar ao mesmo tempo em toda a parte». Meu Führer, meu Führer, falas e eu transformo-me em pedra, não penso mais, não quero mais nada, sou apenas a tua voz, eu esperá-lo-ia à saída, visaria o coração, mas sou, antes de mais, o porta-voz dos Alemães e foi para os Alemães que falei, assegurando-lhes que já não estou disposto a permanecer como espectador passivo e calmo, enquanto esse demente de Praga imagina poder, eu serei esse mártir, não parti para a Suíça, agora só me resta agüentar esse martírio, juro ser esse mártir, juro, juro, silêncio, disse Gomez, estamos a ouvir o discurso do títere.

«Aqui, Rádio Paris, não desliguem: dentro de alguns instantes transmitiremos a tradução francesa da primeira parte do discurso do chanceler Hitler.»

— Estás a ver — disse Germain Chabot —, estás a ver? Não valia a pena descer e correr duas horas atrás do Intran. Eu disse-te: fazem sempre isso.

A senhora Chabot pousou o inço no cesto e aproximou a cadeira:

— Vamos saber o que ele disse. Não gosto disso. Abre-me sempre um vazio no estômago. Não te acontece a mesma coisa?

— Sim — disse Germain Chabot. O aparelho roncava, emitiu dois ou três borborismos e Chabot apertou o braço da mulher:

— Ouve — disse.

Inclinaram-se um pouco, de ouvido atento, e alguém se pôs a cantar a Cucaracha.

— Tens a certeza de que é a Rádio Paris?

— Absoluta.

— Então é para que a gente não se impaciente. A voz cantou três estrofes e o disco parou.

— Pronto — disse Chabot.

Ouviu-se um ligeiro chiado e uma orquestra havaiana pôs-se a tocar Honey Moon.

Seria preciso estar em toda a parte. Olhou tristemente para a ponta do cigarro: em toda a parte, senão somos enganados. Eu estou enganado. Sou um soldado que parte para a guerra. Eis o que fora preciso ver; a guerra e o soldado. Uma ponta de charuto, casas brancas à beira-mar, o deslizar monótono dos vagões sobre os carris e esse viajante demasiado conhecido, Fez, Marraquexe, Madrid, Perúgia, Viena, Roma, Praga, Londres, que fuma pela milésima vez no corredor de um vagão de terceira classe. Nem guerra nem soldado: seria preciso estar em toda a parte, seria preciso ver-me de toda a parte, de Berlim, como a trimilionésima parte do Exército francês, com os olhos de Gomez, como um desses cães franceses que eles empurram a pontapés para a batalha, com os olhos de Odette. Seria preciso ver-me com os olhos da guerra. Mas onde estão os olhos da guerra? Estou aqui, diante dos meus olhos passam grandes superfícies claras, sou clarividente, vejo — e, no entanto, oriento-me às apalpadelas, às cegas e cada movimento acende-me uma lâmpada ou faz soar uma campainha num mundo que eu não vejo. Zézette fechava a janela, mas a luz do crepúsculo entrava ainda pelas frinchas, sentia-se cansada, morta, lançou a combinação para uma cadeira e escorregou nua entre os lençóis; durmo tão bem quando estou triste; mas na cama — nessa cama onde Maurice a acariciara na antevéspera — assim que se relaxava ele surgia sobre ela, esmagava-a; e se ela abria os olhos, ele já não estava ali, dormia lá longe na caserna, e depois havia aquele rádio desgraçado que berrava em língua estrangeira, era o rádio dos Heinemann, os refugiados alemães do primeiro andar, uma voz rouca e viperina que arranhava os nervos, isso nunca mais acabará, nunca! Mathieu sentiu inveja de Gomez, depois pensou: «Gomez não vê melhor do que eu, debate-se contra invisíveis — e deixou de o invejar. Que vê ele? Paredes, um telefone sobre uma secretária, a cara da ordenança. Faz a guerra mas não a vê. Assim, nós todos a fazemos. Levanto a mão, chupo o meu charuto, faço a guerra. Sarah amaldiçoa a loucura dos homens, aperta Pablo nos braços, faz a guerra.

Odette faz a guerra quando embrulha sanduíches e presunto num papel. A guerra agarra tudo, junta tudo, não deixa que se perca nada, nem um pensamento, nem um gesto, e ninguém a pode ver, nem mesmo Hitler. Ninguém.» Repetiu: «Ninguém», e, de repente, vislumbrou-a. Era um corpo estranhíssimo, realmente impensável. «Aqui, Rádio Paris, não desliguem: dentro de alguns instantes transmitiremos a tradução francesa da primeira parte do discurso do chanceler Hitler.»

Não se mexeram. Olharam-se de lado e quando Rina Ketty se pôs a cantar J'attendrai, sorriam. Mas ao fim da primeira estrofe, a senhora Chabot desatou a rir:

— J'attendrai — disse. — Bem apanhado! Estão a brincar connosco.

Um corpo enorme, um planeta, num espaço de cem milhões de dimensões; os seres não podiam sequer imaginá-lo. E no entanto cada dimensão era uma consciência autónoma. Se se tentasse olhar de frente esse planeta, ele desintegrar-se-ia e só restariam consciências. Cem milhões de consciências livres, cada uma delas vendo paredes, pontas de cigarros, rostos familiares e construindo o seu destino por conta da própria responsabilidade. Entretanto, se fôssemos uma dessas consciências, perceberíamos, através de imperceptíveis, de insensíveis mudanças, que estávamos presos a um gigantesco e invisível polipeiro. A guerra: todos são livres e no entanto a sorte está lançada. Está por toda a parte, é a totalidade de todos os meus pensamentos, de todas as palavras de Hitler, de todos os actos de Gomez, mas não há ninguém que estabeleça o total. Só existe para Deus. Mas Deus não existe. Contudo a guerra existe.

«E não deixei nenhuma dúvida acerca do facto de que doravante a paciência alemã tem um limite. Não deixei nenhuma dúvida acerca do facto de que é característico da mentalidade alemã testemunhar uma grande paciência, mas, chegado o momento, é preciso resolver.»

— Que está ele a dizer? — perguntou Chomis. Boris explicou:

— Diz que a paciência alemã tem limites.

— A nossa também — disse Charlier. Puseram-se todos a berrar no aparelho e Herrera entrou na sala:

— Olá — disse, ao ver Gomez. — Então? Divertiu-se?

— Assim-assim.

— Sempre... prudentes, os Franceses?

— Nem me fale! Mas creio que desta vez não escapam. — Mostrou o receptor —, o títere de Berlim está furioso.

— Ótimo. — Os olhos de Herrera faiscaram. — Mas, diga, isso muda as coisas inteiramente!

— É o que penso — disse Gomez. Olharam-se por um instante sorrindo. Tilquin, que estava à janela, voltou-se:

— Baixem o rádio, estou a ouvir qualquer coisa. Gomez virou o botão e os ruídos atenuaram-se.

— Estão a ouvir? Etão a ouvir?

— Bom — disse Herrera —, um alarme, o quarto desde manhã.

— O quarto! — disse Gomez.

— Sim. Ah!, vai achar tudo mudado!

Hitler falava novamente; debruçaram-se sobre o aparelho;

Gomez escutava o discurso com um só ouvido, com o outro acompanhava o ronco dos aviões. Houve uma explosão surda ao longe.

«Que faz ele? Não cedeu o território, agora expulsa os Alemães! Mal o senhor Benès acabava de falar e já as medidas militares de opressão haviam recomeçado, mais drásticas ainda. Verificámos estas cifras apavorantes: num dia dez mil pessoas em fuga, no dia seguinte vinte mil...»

O ronco diminuiu e subitamente ampliou-se de novo; ouviram-se duas longas detonações.

— É o porto que está a receber o dele — cochichou Tilquin.

«... trinta e sete mil a seguir e, dois dias mais tarde, quarenta mil; depois, sessenta e duas mil, e setenta e oito mil, e agora oitenta mil, cento e sete mil, cento e trinta e sete mil. Exactamente hoje, duzentos e catorze mil. Regiões inteiras são despovoadas, aldeias incendiadas, é com obuses e gases que tentam livrar-se dos Alemães. O senhor Benès está instalado em Praga e diz para consigo mesmo: "Não pode acontecer nada, tenho finalmente o apoio da França e da Inglaterra."»

Herrera beliscou o braço de Gomez:

— Atenção — disse —, agora é que vem a história!

Tinha o rosto corado e olhava para o receptor com simpatia.

A voz elevou-se, tonitruante e áspera:

«E agora, companheiros, acho que chegou a hora de falar sem subterfúgios.»

Uma série de explosões fez-se ouvir, cobrindo os aplausos, mas Gomez não se incomodou; fixava o receptor, escutava a voz ameaçadora e sentia renascer dentro dele um sentimento há muito sepultado, algo que se assemelhava à esperança.

Vous qui passez sans me voir Sans même dire bonsoir
Donnez-moi un peu d'espoir Ce soir J'ai tant de peine.

— Compreendi — disse Germain Chabot. — Desta vez compreendi.

— O quê? — disse a sua mulher.

— É uma combinação com os jornais da noite. Não querem transmitir a tradução antes que os jornais a publiquem.

Levantou-se, pegou no chapéu:

— Vou descer. Hei-de achar um Intran na Avenida Barbes.

Era a hora. Tirou as pernas da cama, pensou: «É a hora.» Ela não mais encontraria o pássaro mas acharia uma nota de mil francos espetada no lençol, se tiver tempo juntar-lhe-ei um poema de adeus. Sentia a cabeça pesada mas já não lhe doía. Passou as mãos pelo rosto com repugnância, cheirava a negra.

Na prateleira de vidro do toilette havia um sabonete cor-de-rosa ao lado de um vaporizador e uma esponja de borracha. Pegou na esponja mas sentiu uma náusea, e foi buscar à mala a sua luva de toilette e o seu sabonete. Lavou-se da cabeça aos pés, a água corria sobre o soalho mas não tinha importância. Penteou-se, tirou uma camisa limpa da mala e vestiu-se. A camisa do mártir. Estava triste e decidido. Havia uma escova em cima da mesinha, escovou o casaco com cuidado.

«Mas onde é que eu enfiei as minhas calças?» Espiou debaixo da cama, entre os lençóis; nada. Murmurou: «Como devia estar bêbado!»

Abriu o armário, começava a sentir-se inquieto; as calças não estavam lá. Ficou um momento no meio do quarto, em camisa, a coçar a cabeça, olhando à sua volta, e de repente teve um ataque de raiva, porque a situação era ridícula para um futuro mártir, ali colocado, de meias, no quarto de dormir de uma prostituta, com as fraldas pelos joelhos. Foi quando deparou com um armário embutido à sua direita. Correu para ele, mas a chave não estava na fechadura. Tentou abrir com as unhas e depois com uma tesoura que encontrou, mas não o conseguiu.

Lançou a tesoura para o chão, e pôs-se a bater os pés dizendo, furioso: «Putá de uma figa! Escondeu as minhas calças para que eu não saísse!»

«E agora só posso afirmar uma coisa: dois homens acham-se em frente um do outro: o senhor Benès e eu.»

A multidão inteira pôs-se a hurrar.

Anna olhou inquieta para Milan. Ele aproximara-se do rádio e considerava-o com as mãos nos bolsos. O seu rosto escurecera e algo mexia na sua face.

— Milan — disse Anna.

«Somos homens de género diferente. Quando o senhor Benès, durante a grande luta dos povos, ia e vinha pelo mundo longe do perigo, eu, como leal soldado alemão, cumpria o meu dever.

Hoje, eis-me erguido diante desse homem, como soldado do meu povo.» Aplaudiram novamente. Anna levantou-se e pousou a mão no braço de Milan: o músculo contraía-se, o corpo era de pedra. «Vai cair», pensou ela. Ele disse, gaguejando:

— Sem-vergonha!

Ela apertou-lhe o braço com toda a força, mas ele empurrou-a. Tinha os olhos enraivecidos.

— Benès e eu — gaguejou. — Benès e eu! Porque tens setenta e cinco milhões de homens atrás de ti.

Deu um passo em frente; ela pensou: «Que vai fazer?», e correu para junto dele, mas ele já havia cuspidos duas vezes para o receptor.

A voz continuava.

«Tenho pouco a declarar: agradeço a Chamberlain todos os esforços que despendeu. Assegurei-lhe que o povo alemão só deseja a paz; mas declarei-lhe também que não posso recuar mais os limites da nossa paciência. Assegurei-lhe, e aqui repito, que uma vez resolvido este problema, não há outro problema territorial para a Alemanha, na Europa. Assegurei-lhe ainda que, a partir do momento em que a Checoslováquia tiver resolvido este problema, isto é, a partir do momento em que os Checos se tiverem explicado com as suas outras minorias, não pela opressão, mas pacificamente, eu não me interessarei mais pelo Estado checoslovaco. E isto eu lhe garanti! Nós não queremos checos! Mas desejo agora declarar da mesma forma, diante do povo alemão, que, no que diz respeito aos Sudetas, a minha paciência chegou ao fim. Fiz ao senhor Benès uma proposta que não é outra coisa senão a realização do que ele mesmo prometera. Ele tem agora a decisão nas mãos: paz ou guerra. Ou aceita essa proposta e dá liberdade aos alemães ou nós mesmos a iremos buscar.»

Herrera ergueu a cabeça, exultava:

— Bolas! Bolas! Ouviram? Mas é a guerra!

— E — disse Gomez. — Benès é duro: não cederá. E a guerra.

— Se pudesse ser! — disse Tilquin. — Se pudesse ser! Ah! Deus meu!

— Que é isso? — indagou Chamberlain.

— A continuação — disse Woodhouse.

Chamberlain pegou nas folhas e começou a ler. Woodhouse perscrutava-lhe o rosto com ansiedade. Ao fim de um momento o primeiro-ministro levantou a cabeça e sorriu-lhe amavelmente.

— Pois é — disse —, nada de novo. Woodhouse olhou-o surpreso:

— O chanceler Hitler exprimiu-se com muita violência — observou.

— Ora — disse Chamberlain —, ele não podia agir de outro modo.

«Hoje, marchó à frente do meu povo como o seu primeiro soldado; e atrás de mim, que o mundo não se iluda, marcha um povo, um povo diferente do de 1918. Nesta hora, todo o povo alemão unir-se-á a mim. Sentirá a minha vontade como sua, assim como eu considero o seu futuro e o seu destino o motor da minha acção! Queremos fortalecer esta vontade comum, como quando parti como simples soldado à conquista de um Reich, não duvidando nunca da vitória definitiva. À minha volta juntou-se um grupo de homens bravos e de mulheres decididas e todos marcharam comigo. E agora, meu povo alemão, eu peço-te isto: marcha comigo, homem após homem, mulher após mulher. Nesta

hora, todos queremos ter uma vontade comum. Essa vontade deve ser mais forte do que qualquer desespero, do que qualquer perigo; pois se for mais forte do que o perigo e o desespero, vencerá, vencerá o perigo e o desespero. Estamos decididos. Cabe ao senhor Benès escolher.»

Boris virou-se para os outros:

— Terminou.

Não reagiram de imediato; fumavam atentos. Por fim o patrão indagou:

— Então? Torcemos-lhe o pescoço?

— Toca!

O patrão debruçou-se sobre as garrafas e fechou o rádio. Durante um minuto Boris sentiu-se desorientado; era como um grande vácuo. Um pouco de vento e de noite entrava pela porta aberta.

— Que foi que ele disse? — perguntou o mar-selhês.

— Ao terminar ele disse: «Todo o meu povo está comigo, estou disposto a ir à guerra. Cabe ao senhor Benès decidir.»

— Que tristeza! Então é a guerra? Boris encolheu os ombros.

— Eu que há seis meses que não vejo a minha mulher e as minhas filhas! — disse o marselhês. — Vou chegar a Marselha e, boa noite: um aceno e caserna.

— Eu talvez não tenha tempo sequer de ver a minha mãe — disse Chomis —, sou do Norte.

— Pois é — disse o marselhês, meneando a cabeça. Calaram-se.

Charlier esvaziou o cachimbo, batendo no salto do sapato. O patrão disse:

— Tomem mais alguma coisa. Como estamos em guerra, ofereço a rodada.

O ar lá fora era fresco e negro, ouvia-se a música do Casino ao longe: era talvez Lola a cantar.

— Eu estive na Checoslováquia — disse o tipo do Norte. — E estou contente de lá ter estado; assim sabemos por que nos batemos.

— Esteve lá muito tempo? — perguntou Boris.

— Seis meses, a derrubar árvores. Dava-me bem com os Checos. São trabalhadores.

— Os Alemães também — disse o patrão —; isso não basta.

— Sim, mas os Alemães oprimem a humanidade, ao passo que os Checos são tranquilos.

— À vossa saúde — disse Charlier.

— À vossa saúde.

Bateram os copos e o marselhês comentou:

— Começa a fazer frio. Mathieu acordou sobressaltado.

— Que é isto? — indagou esfregando os olhos.

— É Marselha, Estação Saint-Charles, ponto final.

— Bom — disse Mathieu —, bom, bom.

Pendurou o impermeável e pegou na mala. Sentia-se tonto.

«Hitler deve ter terminado o seu discurso», pensou com alívio.

— Vi-os partir em 14 — disse o tipo do Norte. — Eu tinha dez anos. Era outra coisa!

— Entusiasmo?

— E que entusiasmo! Berravam! Cantavam! Gesticulavam!

— É verdade que não tinham a noção da coisa — disse o marselhês.

— Ah! Não!

— Nós, nós sabemos — disse Boris. Houve um silêncio. O tipo do Norte olhava fixamente para a frente. Disse:

— Eu vi-os de perto, os Fritz. Quatro anos de ocupação. Não lhes digo nada. A aldeia foi arrasada, nós escondíamos-nos durante semanas nas pedreiras. Então, compreendem, quando penso que vai ser preciso recomeçar... — Acrescentou: — O que não quer dizer que eu não vá fazer como os outros.

— O que há comigo — disse o patrão — é que tenho medo da morte. Desde criança. Só me conformei ultimamente. Disse para mim mesmo: o chato é morrer, mas quer seja de gripe espanhola ou de estilhaço de obus, é a mesma coisa.

Boris estava no sétimo céu; achava-os simpáticos. Pensou:

«Prefiro os homens às mulheres.» A guerra tinha isso de bom: fazia-se entre homens. Durante três anos, cinco anos, só veria homens. «E cederei a minha vez de licença aos chefes de família.»

— O que importa — disse Chomis — é podermos dizer que vivemos. Eu tenho trinta e seis anos, e nem sempre tive um mar de rosas pela frente. Houve altos e baixos. Mas eu vivi. Podem cortar-me em pedaços que não me levarão isso. — Voltou-se para Boris: — Para um jovem como você deve ser duro.

— Oh! — disse Boris com vivacidade. — Há tanto tempo que me dizem que haverá guerra! Corou ligeiramente e acrescentou:

— Quando se é casado é que não se deve gostar nada.

— É — disse o marselhês, suspirando. — A minha mulher é corajosa e tem um ofício; é cabeleireira. O que me chateia são as meninas; afinal é sempre melhor ter um pai, não acham? Mas afinal nem todos morrem.

— Evidentemente — disse Boris.

A música cessara. Um casal entrou no bar. A mulher era ruiva e trazia um vestido verde muito comprido e decotado. Sentaram-se a uma mesa do fundo.

— Mesmo assim — disse Charlier —, é idiota a guerra. Não sei de nada mais cretino.

— Nem eu — disse o patrão.

— Nem eu — disse Chomis.

— Então? — indagou o marselhês. — Quanto devo? Uma rodada é minha.

— E outra minha — disse Boris.

Pagaram. Chomis e o marselhês saíram de braços dados. Charlier hesitou um momento, virou-se nos calcanhares e foi sentar-se com o seu cálice de conhaque. Boris ficara diante do balcão, pensando: «Como são simpáticos», e sentiu-se feliz. Haveria idênticos nas trincheiras, milhares e milhares igualmente simpáticos. E Boris viveria com eles e não os deixaria dia e noite, teria que fazer. Pensou: «Tenho sorte»; quando se comparava aos pobres da sua idade, que haviam sido atropelados ou morrido de cólera, era forçado a aceitar que tivera sorte.

Não o tinham apanhado desprevenido, não se tratava de uma dessas guerras que derrubam sem aviso a vida de um homem, como um simples acidente: estava prevista há seis ou sete anos, tinha-se tido tempo de a ver chegar. Pessoalmente, Boris nunca duvidara do que ia acontecer; esperara-a como um príncipe herdeiro que sabe, desde criança, que nasceu para reinar.

Tinham-no criado para esta guerra, haviam-no educado para ela, mandaram-no para o liceu, para a Sorbona, haviam-lhe dado uma cultura. Diziam que era para que se tornasse professor, mas isso sempre lhe parecera duvidoso; agora sabia que queriam fazer dele um oficial de reserva; nada haviam poupado para que desse um belo morto, novinho e sadio. O mais engraçado, pensava, é que não nasci em França, sou somente naturalizado.

Mas, afinal, isso não tinha muita importância; se tivesse ficado na Rússia ou se os seus pais se tivessem refugiado em Berlim ou Budapeste, teria sido a mesma coisa; não é questão de nacionalidade, mas de idade, os jovens alemães, húngaros, ingleses e gregos tinham pela frente a mesma guerra, o mesmo destino. Na Rússia houvera primeiramente a geração da Revolução, depois a do plano quinquenal, e a seguir a do conflito mundial; cada qual com sua sorte. Afinal nascemos para a guerra, ou para a paz, como se nasce operário ou burguês, eis tudo, não é dado a todos ser suíço. Um indivíduo que teria direito de protestar seria Mathieu, pensou: certamente nasceu para a paz; acreditou na verdade que morreria de velhice e já tem as suas manias, na sua idade já não mudamos. Ao passo que, para mim, esta é a minha

guerra. A que me fez, a que farei, somos inseparáveis; não posso sequer imaginar o que seria se ela não acontecesse.

Pensou na sua vida e já não a achou demasiado curta: as vidas não são nem curtas nem longas. Era uma vida, apenas. Com a guerra no fim. Sentiu-se de repente revestido de uma nova dignidade, porque tinha uma função na sociedade, e também porque ia morrer de morte violenta; sentiu-se incomodado na sua modéstia. Era hora de ir buscar Lola. Sorriu para o patrão e saiu rapidamente.

O céu estava nublado; de quando em quando viam-se estrelas, o vento soprava do mar. Durante um instante sentiu uma bruma na cabeça, depois pensou: «A minha guerra!», e dispersou-se porque não tinha por hábito pensar muito na mesma coisa. «Como vou ter medo», pensou. «Como vou ter medo!» Pôs-se a rir de escândalo e alegria, ante a ideia desse pavor gigantesco. Mas parou de rir ao fim de alguns passos, sob pressão de uma súbita inquietação: é que seria preciso não ter medo de mais. Não iria muito longe, sem dúvida, mas isso não era uma razão para desperdiçar a sua vida e ser complacente consigo mesmo. O caminho estava traçado, mas tinham-lhe deixado amplas possibilidades, a sua guerra era mais uma vocação do que um destino. Evidentemente, teria podido desejar outra coisa: o destino de um grande filósofo, por exemplo, de um Dom Juan ou de um financeiro. Mas não se escolhe a vocação; acerta-se ou malogra-se, é tudo, e o pior, na sua, era que não podia voltar atrás. Havia existências que se assemelhavam aos exames finais: submetiam-nas a várias provas e, se fracassavam em Física, podiam alcançar média com as Ciências Naturais ou Filosofia. A dele sugeria antes um certificado de Filosofia Geral, no qual se é julgado por uma única prova; era terrivelmente intimidante. Como quer que fosse, cabia-lhe ter êxito nessa prova e não noutra. Era preciso ter uma boa conduta, mas isso não bastava. Era preciso principalmente instalar-se na guerra, arranjar o seu canto nela e tratar de bem aproveitar tudo. Era preciso dizer para consigo mesmo que, de certo modo, tudo é equivalente: um ataque em Argonne vale um passeio de gôndola, o café fraco das trincheiras, pela manhã, vale o que se bebe nas estações espanholas de madrugada. E depois há os companheiros, a vida ao ar livre, os pacotes de presentes, e sobretudo o espectáculo; um bombardeamento não deve ser feio. Apenas era preciso não ter medo. Se tiver medo, deixarei que me roubem a vida, serei uma vítima. Não terei medo, decidiu.

As luzes do Casino arrancaram-no do sonho, ondas de música passavam pelas janelas abertas, um automóvel Preto arrumou-se silenciosamente diante da escadaria. «Mais ano ainda», pensou agastado. Passava da meia-noite, o Sportpalast estava escuro e deserto, cadeiras viradas, pontas de charuto esmagadas. Chamberlain falava no rádio, Mathieu vagueava pelo cais de

Vieux-Port, pensando: «E uma doença, exactamente uma doença; atacou-me por acaso, não me diz respeito, preciso de enfrentá-la com estoicismo, como a gota ou a dor de dentes.» Chamberlain disse:

«Espero que o chanceler não rejeite esta proposta, feita dentro do mesmo espírito de amizade com que fui recebido na Alemanha; proposta que, se for aceite, dará satisfação ao desejo alemão da união dos Sudetas com o Reich, sem efusão de sangue na Europa.»

Fez um gesto com a mão para indicar que terminara, e afastou-se do microfone. Zézette, que não podia adormecer, pusera-se à janela e contemplava as estrelas por cima dos telhados. Boris esperava Lola na entrada do Casino; por toda a parte, no ar, sem ser ouvida quase, uma flor sombria tentava desabrochar: *If the moon turns green*, interpretada pelo jazz do Hotel Astória e transmitida por Daventry.

TERÇA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO

Vinte e duas horas e trinta. «Senhor Delarue!», disse a porteira. «Que surpresa! Só o esperava daqui a oito dias.»

Mathieu sorriu-lhe. Teria preferido passar despercebido, mas era necessário pedir as chaves.

— Não está mobilizado?

— Eu? — disse Mathieu. — Não.

— Ah! — disse ela —, tanto melhor! Tanto melhor. Nunca será tarde de mais. Que diz aos acontecimentos? Quanta coisa desde que o senhor se foi. E o senhor acredita na guerra?

— Não sei, senhora Garinet. — E acrescentou com vivacidade: — Chegou alguma carta?

— Mande-i-lhe tudo ontem — disse a porteira. — Ainda ontem mandei um impresso para Juan-les-Pins; se o senhor me tivesse avisado! E hoje de manhã chegou isto.

Entregou-lhe um sobrescrito comprido e cinzento. Mathieu reconheceu a letra de Daniel. Pegou na carta e enfiou-a no bolso.

— Quer as chaves? Que pena não ter avisado; teria feito uma limpeza. Ao passo que assim... As janelas não foram sequer abertas.

— Não faz mal — disse Mathieu pegando nas chaves. — Não tem importância. Boa noite.

A casa estava ainda deserta. De fora, Mathieu vira as persianas fechadas. Havião retirado o tapete da escada, durante o Verão. Passou devagar diante do apartamento do primeiro andar.

Crianças ali berravam outrora, e Mathieu acordara muitas vezes agitado, com os ouvidos feridos pelo coro do recém-nascido. Agora os quartos estavam escuros e vazios por trás das janelas fechadas. Férias. Mas ele pensava, no fundo de si mesmo: a guerra. Eram a guerra essas férias trancadas, encurtadas para uns, prorrogadas para outros. No segundo andar morava uma mulher sustentada por algum amante; às vezes o seu perfume deslizava por baixo da porta e expandia-se pelo patamar. Devia estar em Biarritz, num grande hotel abafado pelo calor e pelo marasmo dos negócios. Alcançou o terceiro andar e girou a chave na fechadura. Debaixo dele, por cima dele, pedras, noite, silêncio. Entrou no escuro e no escuro largou a mala e o impermeável: o hall cheirava a poeira. Ficou imóvel, de braços colados ao corpo, envolto nas trevas, depois, bruscamente, acendeu a luz e atravessou todas as divisões uma a uma deixando as portas escancaradas. Acendeu a luz do escritório, da cozinha, das casas de banho, do quarto. Todas as lâmpadas brilhavam, uma corrente contínua de luz percorria o apartamento. Deteve-se à beira da cama.

Alguém dormira ali. As cobertas estavam amarrotadas, a fronha suja, migalhas de pão juncavam o lençol. Alguém: «Eu», pensava, «fui eu quem dormiu aqui. Eu, a 15 de Julho, pela última vez». Mas olhava para a cama com nojo: o seu antigo sono arrefecera nos lençóis, agora era o sono de um outro.

«Não dormirei aqui.»

Voltou-se e entrou no escritório; o nojo persistiu. Um copo sujo sobre a lareira. Sobre a mesa, perto do caranguejo de bronze, um cigarro partido pelo meio: dele saíam fiapos secos.

«Quando parti este cigarro ao meio?» Apertou-o e sentiu nos dedos um roçar de folhas mortas. Os livros. Um volume de Arbelet, outro de Martineau, Lamiel, Leuwen, as recordações do Egotismo. Alguém projectara escrever um artigo sobre Stendhal. Os livros continuavam ali e o projecto, petrificado, tornara-se uma coisa. Maio, 38: ainda não era absurdo escrever sobre Stendhal. Uma coisa. Uma coisa como as suas encadernações cinzentas, como o pó que se depositara nas lombadas. Uma coisa opaca, passiva, uma presença impenetrável.

Meu projecto.

O seu projecto de beber, que se depositara em manchas mortas na transparência do copo, o seu projecto de fumar, o seu projecto de escrever, o homem pendura os seus projectos por toda a parte. Havia aquela poltrona de couro verde em que o homem se sentava à tarde. Era de tarde; Mathieu contemplou a poltrona e sentou-se na ponta de uma cadeira. «As tuas poltronas são corruptoras.» Uma voz dissera aqui mesmo: «As tuas poltronas são corruptoras.» No sofá, uma jovem loira sacudira os cabelos com raiva. Naquela época o homem mal lhe percebia os caracóis, mal lhe ouvia a voz: via e ouvia o seu futuro de Parte a parte. Agora o

homem tinha partido, levando o seu velho futuro mentiroso; as presenças tinham arrefecido, continuavam ali, uma película de banha coagulada sobre os móveis, as vozes flutuavam ao nível dos olhos; tinham subido até ao tecto e depois tornaram a cair, flutuavam. Mathieu sentiu-se indiscreto, foi à janela e empurrou as persianas.

Havia ainda um pouco de luz no céu, uma luz anônima; respirou. A carta de Daniel. Estendeu a mão para pegar nela e deixou cair a mão sobre o parapeito. Daniel partira por aquela rua, numa tarde de Junho, passara sob aquele candeeiro; o homem tinha-se posto à janela e havia-o seguido com os olhos. Era àquele homem que Daniel escrevera. Mathieu não tinha vontade de ler a carta. Voltou-se bruscamente e lançou um olhar para o escritório, com uma sensação de alegria seca. Estavam todos ali, encerrados, mortos, Marcelle, Ivich, Brunet, Boris, Daniel. Tinham vindo e ficado presos, continuariam ali. As cóleras de Ivich, as censuras de Brunet, Mathieu recordava-as com a mesma imparcialidade com que evocam a morte de Luís XVI.

Pertenciam ao passado do mundo, não ao seu; ele já não tinha passado.

Fechou novamente as janelas, atravessou o escritório, hesitou e após reflectir, deixou a lâmpada acesa. Amanhã cedo virei buscar as malas. Fechou a porta de entrada e desceu as escadas. Leve. Vazio e leve. Lá em cima, atrás dele, os círios eléctricos iluminariam durante toda a noite a sua vida morta.

— Em que pensas? — perguntou Lola.

— Em nada — disse Boris.

Estavam sentados na praia. Lola não cantava naquela noite porque havia recepção de gala no Casino. Um casal acabava de passar diante deles, depois passou um soldado.

Boris pensava no soldado.

— Sê bonzinho — insistiu Lola —, diz-me em que estás a pensar.

Boris encolheu os ombros:

— No soldado que passou.

— Ah! — disse Lola surpreendida. — E o que pensavas dele?

— Que queres tu que se pense de um soldado?

— Boris — gemeu Lola —, que tens tu? Estavas tão terno, tão amável. E eis que tudo recomeçou como antes. Quase que não me falaste durante todo o dia.

Boris não respondeu, pensava no soldado. Pensava: «Tem sorte; eu, mais um ano ainda de espera.» Um ano: voltaria a Paris, passearia pelo Bulevar Montparnasse, pelo Bulevar Saint-Michel, que conhecia de cor, iria ao Dome, à Coupole, dormiria na casa de

Lola todos os dias. «Se pudesse ver Mathieu, ainda não seria muito mau, mas Mathieu estará mobilizado. E o meu diploma!», pensou de repente, porque havia isso, essa piada desagradável: o diploma de estudos superiores. O seu pai exigiria certamente que se apresentasse aos exames e Boris seria obrigado a entregar um ensaio sobre a Imaginação em Renouvier ou o Hábito em Maine de Biran. Porquê essa comédia? Tinham-no criado para a guerra, estavam no seu direito, mas agora queriam forçá-lo a tirar um diploma, com se tivesse toda uma vida de paz para viver. Que brincadeira!

Durante um ano freqüentaria bibliotecas, fingiria ler as obras completas de Maine de Biran na edição Tisserand, fingiria tirar apontamentos, fingiria estar a preparar-se para os exames, mas não deixaria de pensar na verdadeira prova que o aguardava, não deixaria de indagar a si próprio se teria medo ou não. «Se não houvesse esta mulher», pensou, deitando um olhar irritado para Lola, «eu alistava-me já, já; pregava-lhes uma boa partida».

— Boris! — gritou Lola atormentada. — Como me olhas! Já não gostas de mim?

— Pelo contrário — disse Boris, cerrando os dentes. — Não podes imaginar como te amo. Não fazes a menor ideia.

Ivich acendera o candeeiro da cabeceira, estendera-se na cama, totalmente nua. Deixara a porta aberta e espiava o corredor.

Havia um círculo de luz no tecto e todo o resto do quarto estava azul. Uma bruma azul flutuava em cima da mesa, cheirava a limão, a chá e a cigarro.

Ouviu um ruído no corredor e uma massa enorme passou silenciosamente diante da porta.

— Olá — gritou ela.

O pai virou a cabeça e olhou-a com um ar de censura.

— Ivich, já te disse: fecha a porta ou veste-te. Ele corara um pouco e a sua voz parecia mais cantante que de costume.

— Por causa da criada.

— A criada foi dormir — disse Ivich sem se abalar. E acrescentou: — Eu estava à espreita. Fazes tão pouco barulho quando passas, tinha medo de te perder. Vira as costas.

O senhor Serguine virou-se, ela pôs-se de pé e enfiou o roupão. O pai mantinha-se direito, de costas, à entrada da porta. Ela olhou-lhe para a nuca, para os ombros atléticos, e pôs-se a rir sem ruído.

— Podes olhar!

Ele estava agora de frente. Fungou duas ou três vezes e disse:

— Fumas de mais.

— São os nervos — disse ela.

Ele calou-se. O candeeiro iluminava-lhe o rosto pesado, duro.

Ivich achou-o belo. Belo como uma montanha, como as cataratas do Niágara. Ele disse por fim:

— Vou-me deitar.

— Não — suplicou Ivich. — Não, papá; eu queria ouvir o rádio.

— Para quê? A esta hora?

Ivich não se deixou enganar: sabia que ele tornava a sair do quarto todas as noites aí pelas onze, e ia ouvir notícias, em surdina, no seu escritório. Era esperto e leve como um elfo apesar dos seus noventa quilos.

— Vai sozinha. Eu levanto-me cedo amanhã.

— Mas, papá — disse Ivich, fazendo beijo —, sabes bem que eu não sei mexer no aparelho. O senhor Serguine pôs-se a rir.

— Queres ouvir música? — indagou, novamente sério. — A tua mãe está a dormir, coitada.

— Não, papá — disse Ivich furiosa. — Não quero ouvir música.

Quero ver em que pé estamos nesta história da guerra.

— Vem, então.

Ela acompanhou-o descalça, ele debruçou-se sobre o rádio. As suas mãos longas e fortes manejavam tão suavemente os botões que Ivich sentiu um nó na garganta e teve saudade da intimidade de outrora. Quando tinha quinze anos, estavam sempre juntos, a senhora Serguine sentia ciúmes; quando o senhor Serguine levava Ivich ao restaurante, fazia-a sentar-se em frente dele, ela própria escolhia os seus pratos, os criados chamavam-lhe senhora, ela ria contente e ele mostrava-se orgulhoso, parecia uma aventura.

Ouviram-se os últimos compassos de uma marcha militar e depois um alemão começou a falar com voz irritada.

— Papá — disse ela como que a censurá-lo —, não compreendo alemão.

Ele olhou-a com ar ingênuo. «Fez de propósito», pensou ela.

— Nesta hora são as melhores informações.

Ivich escutou atentamente para ver se pescava de passagem a palavra Krieg, cujo sentido conhecia. O alemão calou-se, depois tocou outra marcha; Ivich já não a suportava, porém Serguine quis ouvir até ao fim, não desgostava de música militar.

— Então? — perguntou Ivich angustiada.

— Vai mal — respondeu Serguine, mas não parecia muito preocupado.

— Ah! — disse ela com voz rouca. — Sempre é por causa dos Checos?

— É.

— Como os odeio! — disse apaixonadamente. E acrescentou ao fim de alguns instantes: — Mas se um país se recusasse a fazer a guerra, poderiam obrigá-lo a lutar?

— Ivich — disse Serguine severamente —, és uma criança.

— Ah! — fez Ivich. — Ah! Sim, evidentemente. Duvidava que o seu pai tivesse uma compreensão mais precisa das coisas.

O senhor Serguine hesitou.

— Papá!

Está furioso porque vim. Estrago-lhe a festa. O senhor Serguine gostava de segredos, possuía seis malas fechadas a cadeado, duas malas a ferrolho, e abria-as por vezes quando ficava só. Ivich contemplou-o com ternura, era tão simpático que ela quase lhe falou da angústia que a devorava.

— Dentro de um momento — disse ele após uma hesitação — ouviremos os franceses.

Olhou-a com os seus olhos pálidos e ela sentiu que ele nada podia fazer por ela. Perguntou somente:

— Como seria se houvesse guerra?

— Os Franceses seriam vencidos.

— Ora! Os Alemães entrariam na França?

— Naturalmente.

— Viriam a Laon?

— Suponho que sim. Suponho que tentariam alcançar Paris. «Não sabe nada», pensou Ivich. «É um polichinelo.» Mas o seu coração pulava no peito.

— Tomariam Paris, mas não a destruiriam, pois não?

Arrependeu-se da pergunta. Depois que os bolchevistas tinham incendiado os seus castelos, Serguine tornara-se pessimista.

Ele meneou a cabeça semicerrando os olhos:

— Quem sabe!

Vinte e três e trinta. Era uma rua morta, afogada na escuridão; de longe em longe uma luz. Uma rua de nenhum lugar, no meio de uns tantos mausoléus anônimos. Todas as persianas fechadas e nenhum raio de luz. «Foi outrora a Rua Delambre.»

Mathieu atravessara a Rua Cels, a Rua Froidevaux, seguira pela Avenida du Maine e pela Rua de la Gaite; eram todas parecidas, ainda mornas, e já irreconhecíveis, ruas de guerra, já. Alguma coisa se perdera.

Paris já não era senão um grande cemitério de ruas. Mathieu entrou no Dome porque o Dome estava ali. Um criado surgiu com um sorriso amável, era um rapaz de óculos, doentio, e cheio de boa

vontade. Um novo. Os antigos deixavam que os franceses esperassem durante uma hora e depois chegavam displicentes e anotavam o pedido sem sorrir.

— Onde está Henri?

— Henri?

— O moreno, gordo, com olhos enormes.

— Ah! Sim. Foi mobilizado.

— E Jean?

— O loiro? Também. Sou eu quem o substitui.

— Dê-me um conhaque.

O criado saiu apressado. Mathieu piscou, depois observou a sala com espanto. Em Julho, o Dome não tinha limites precisos, escorria dentro da noite pelas vidraças e a porta giratória expandia-se pela calçada, os transeuntes banhavam-se naquelas luzes amarelas que tremiam sobre as mãos e a face dos motoristas estacionados no meio do Bulevar Montparnasse. Um passo a mais e mergulhava-se no vermelho, a face direita dos motoristas era vermelha: a Rotonde. Agora as trevas de fora esmagavam-se de encontro às vidraças, o Dome estava reduzido à expressão mais simples: uma colecção de mesas, de bancos, de vidros secos, privados daquela luminosidade difusa que era a sua sombra nocturna. Tinham desaparecido os emigrados alemães, o pianista húngaro, a velha americana alcoólica, e todos os casais gentis que davam as mãos e falavam de amor até de madrugada, com olhos vermelhos de sono. À sua esquerda, um major ceava com a mulher. Em frente dele, uma prostituta anamita sonhava diante do café com leite e, na mesa vizinha, um capitão comia um chucrute. À direita, um rapaz fardado abraçava uma mulher. Mathieu conhecia-o de vista, era um aluno da Escola de Belas-Artes, alto, pálido e perplexo; a farda dava-lhe um ar feroz. O capitão ergueu a cabeça e o seu olhar atravessou as paredes. Mathieu acompanhou o olhar: no fim havia uma estação, luzes, reflexos nos carris, homens de rostos terrosos, olhos cheios de insônia, sentados nos vagões, com as mãos sobre os joelhos. Em Julho, estávamos sentados à volta do candeeiro, não nos perdíamos de vista, nenhum dos nossos olhares se transviava. Agora, perdem-se: dirigem-se para Wissemburgo, para Montmédy; há muito vazio e muita sombra entre as pessoas. Mobilizaram o Dome, fizeram do café um utensílio de primeira necessidade; uma cantina. «Ah!», pensou alegremente, «não reconheço nada, não lamento nada, nada deixo atrás de mim».

A pequena indochinesa sorriu-lhe. Era graciosa, com mãos minúsculas; há dois anos que Mathieu vinha sonhando em passar uma noite com ela. Era altura. Passearei a boca na sua pele fria, respirarei o seu odor de insecto e raízes; ficarei nu e vulgar ante os seus dedos profissionais; há em mim algumas velharias que

morreriam com isso. Bastava sorrir-lhe.

— Quanto devo?

— São dez francos.

Mathieu pagou e saiu. Ainda a conheço bastante bem.

Estava escuro. A primeira noite de guerra. Não completamente escuro. Ainda restavam muitas luzes pregadas às empenas das casas. Dentro de um mês, dentro de quinze dias, o primeiro alerta apagá-las-ia; por enquanto, tratava-se apenas de um ensaio geral. Mas Paris perdera o seu tecto de algodão rosado. Pela primeira vez, Mathieu viu uma grande bruma escura sobre a cidade: o céu. O de Juan-les-Pins, de Toulouse, Dijon, Amienes, um mesmo céu para os campos e para as cidades, para toda a França. Mathieu parou, levantou a cabeça e olhou: um céu de qualquer lugar, sem privilégios. E eu nessa grande equivalência: um homem qualquer. Um homem qualquer num lugar qualquer: a guerra. Fixou os olhos numa poça de luz, repetiu, para ver: «Paris, Bulevar Raspail.» Mas tinham-nos mobilizado também, aqueles nomes de luxo pareciam sair de um mapa de estado-maior ou de um comunicado. Nada mais restava do Bulevar Raspail. Estradas, somente estradas, que corriam de sul para norte, de oeste para leste; estradas numeradas. De vez em quando, calçavam-nas num quilómetro ou dois, passeios e lojas jorravam do chão e àquilo chamavam rua, avenida, bulevar. Mas nunca passava de um pedaço de estrada.

Mathieu caminhava, com o rosto voltado para a fronteira belga, num trecho de estrada departamental ligado à Nacional 14. Virou para a longa via recta transitável que prolongava as linhas férreas da Companhia do Oeste, antiga Rua de Rennes.

Uma chama envolveu-o, fez saltar uma luz da sombra, apagou-se: um táxi passava, rodava em direcção às estações da margem direita. Surgiu atrás um automóvel preto cheio de oficiais, depois reinou novamente o silêncio. A beira do caminho, sob um céu indiferenciado, as casas tinham-se reduzido à sua função mais grosseira: eram prédios de renda, agora eram dormitórios e refeitórios para os mobilizáveis e suas famílias. Já se pressentia o seu destino final: tornar-se-iam pontos estratégicos e, enfim, alvos. Depois disso, podiam destruir Paris se quisessem: já estava morta. Um novo mundo germinava: o mundo austero e prático dos utensílios.

Um raio de luz passou entre as cortinas do café dos Deux-Magots. Mathieu sentou-se a uma mesa da esplanada. Atrás dele cochichavam no escuro: os últimos fregueses. Começava a refrescar.

— Um duplo — pediu Mathieu.

— Quase meia-noite — observou o criado. — Não servimos na esplanada.

— Só um duplo.

— Bem, então, não se demore.

Atrás de Mathieu uma mulher ria. Era o primeiro riso que ouvia desde a sua volta; quase se sentiu chocado. No entanto, não estava triste, mas não tinha vontade de rir. Uma nuvem rasgou-se no céu e surgiram duas estrelas. Mathieu pensou: «É a guerra.»

— Se não se importasse de me pagar já... Depois deixá-lo-ei sossegado.

Mathieu pagou, o criado voltou para a sala. Um casal de sombras ergueu-se, deslizou entre as mesas, desapareceu. Mathieu estava sozinho na esplanada. Levantou a cabeça e viu, do outro lado da praça, uma bela igreja, novinha, branca, dentro da noite. Uma igreja de aldeia. Ontem, naquele lugar, erguia-se um edifício bem parisiense: a Igreja de Saint Germain-des-Prés, monumento histórico, muitas vezes Mathieu marcava encontro com Ivich ali, sob o pórtico. Amanhã talvez não houvesse em frente do Deux-Magots senão um utensílio quebrado, contra o qual cem canhões atirariam obstinadamente.

Mas hoje, hoje Ivich estava em Laon. Paris estava morta, acabava de enterrar a paz, a guerra ainda não tinha sido declarada. Uma grande forma branca assentava numa praça, escamas brancas da noite. Uma igreja de aldeia. Era nova e bela; não tinha nenhuma utilidade. Um vento ligeiro principiou a soprar; um automóvel de faróis apagados passou, um ciclista, a seguir, e depois dois camiões fizeram o chão tremer. A imagem de pedra turvou-se por um instante, o vento caiu, fez-se silêncio e ela tornou a formar-se, branca, inútil, inumana, erguendo-se no meio de todos aqueles utensílios verticais, à margem da estrada de leste, o futuro impassível e nu do rochedo. Eterna. Bastaria um pontinho escuro no céu para fazer que se estilhaçasse e no entanto era eterna. Um homem só, esquecido, devorado pela sombra dessa eternidade perecível. Estremeceu e pensou: «Eu também sou eterno.»

Aquilo aconteceu sem tragédias. Havia um homem terno e timorato que gostava de Paris e passeava pela cidade. O homem morrera. Estava tão morto quanto Waldeck-Rousseau ou Thureau-Dangin; afundara-se no passado do mundo, com a Paz, a sua vida fora registada nos arquivos da Terceira República; as suas despesas quotidianas alimentariam as estatísticas acerca do nível de vida das classes médias após 1918, as suas cartas serviriam de documentos para a história da burguesia entre as duas guerras, as suas inquietações, as suas hesitações, as suas vergonhas, os seus remorsos seriam preciosos para o estudo dos costumes franceses depois da queda do Segundo Império. Esse homem construía um futuro à sua medida, curtido, moqueado, resignado, sobrecarregado de sinais, de escombros, de projectos. Um pequeno futuro histórico e mortal: a guerra caíra-lhe em cima com todo o seu peso e esmagara-o.

Entretanto até àquele momento ainda restava alguma coisa a que se poderia chamar Mathieu, alguma coisa a que se agarrava com todas as suas forças. Não saberia defini-la. Talvez algum hábito muito antigo, talvez certa maneira de escolher os seus pensamentos à sua imagem, de se escolher a si mesmo ao acaso dos dias, à imagem dos seus pensamentos, de escolher os seus alimentos, os seus hábitos, as árvores e as casas que via.

Abriu as mãos e largou tudo; aquilo passava-se muito longe, no fundo de si mesmo, numa região em que as palavras não têm sentido. Largou tudo: sobrou apenas um olhar. Um olhar novo, sem paixão, uma simples transparência. «Perdi a minha alma», pensou com alegria. Uma mulher atravessou essa transparência.

Apressava-se, os seus saltos ressoavam na calçada. Escorregou dentro do olhar imóvel, preocupada, mortal, temporal, devorada por mil projectos miúdos, passou a mão pela fronte sem deixar de andar, a fim de lançar uma mecha de cabelos para trás. Eu era como ela: uma colmeia de projectos. A sua vida é a minha vida; sob aquele olhar, sob aquele céu indiferente, todas as vidas se equivaliam. A escuridão agarrou-a, os saltos ressoaram na Rua Bonaparte; todas as vidas humanas se fundiram na sombra, o ruído cessou.

O meu olhar. Contemplava a brancura abafada do campanário. Tudo está morto. O meu olhar e essas pedras. Eterno e mineral como ela. No meu velho futuro homens e mulheres esperavam-me a 20 de Junho de 1940, a 16 de Setembro de 1942, a 8 de Fevereiro de 1944, faziam-me sinais. Agora é só o meu olhar que se espera a si mesmo no futuro, a perder de vista, como essas pedras esperam, esperam continuar pedras amanhã, depois de amanhã, sempre olhar e uma alegria enorme como o mar; era uma festa.

Pousou as mãos nos joelhos, queria ficar calmo: quem me prova que não voltarei a ser amanhã o que era ontem? Mas não tinha medo. A igreja pode desmoronar, posso cair num buraco de obus, recair na minha vida: nada me pode arrancar este momento de eternidade. Nada: haveria, para sempre, este relâmpago seco inflamando pedras sob o céu escuro; o absoluto, para sempre; o absoluto, para sempre; o absoluto, sem causa, sem razão, sem objectivo, sem outro passado, sem outro futuro, senão a permanência, gratuito, fortuito, magnífico. «Sou livre», pensou subitamente. E a sua alegria transformou-se de imediato em esmagadora angústia.

Irene aborrecia-se. Não acontecia nada, só a orquestra tocando Music Maestro Please e Marc olhando-a com olhos de foca. Nunca acontecia nada, aliás, ou então, se acontecia alguma coisa, por acaso, não se percebia no momento. Acompanhava com o olhar uma escandinava, uma grande loira que dançava há mais de uma hora sem sequer se sentar entre as danças. Pensou com

imparcialidade: essa mulher está bem vestida. Marc também estava bem vestido; toda a gente estava bem vestida, salvo Irene que se sentia suja no seu vestido grená, mas não se importava, eu bem sei que não tenho gosto para escolher as minhas toilettes; e depois, onde arranjaria o dinheiro para as renovar, apenas; já que temos de nos dar com os ricos, precisamos de achar uma maneira de não dar nas vistas. Havia já uma meia dúzia de indivíduos que a olhavam; um vestido vagabundo, um pouco brilhante, suscitava-lhes o apetite, sentiam-se menos intimidados. Marc estava à vontade porque era rico; gostava de levá-la aos lugares de gente rica porque a colocava, assim, em estado de inferioridade e, supunha, de menor resistência.

— Porque não quer? — perguntou ele.

Irene estremeceu.

— O que é que eu não quero? Ah!, sim... Sorriu sem responder.

— Em que pensava?

— No seu copo vazio. Peça outro Cherry Gobler.

Marc pediu outro Cherry Gobler. Era divertido fazê-lo porque anotava as despesas diariamente num bloco. Esta noite, anotaria: passeio com Irene, um gin-fizz, dois Cherry Gobler: cento e sessenta francos. Ela percebeu que ele lhe acariciava o antebraço com a ponta do indicador, há um bom momento que devia estar a divertir-se assim.

— Diga, Irene, porquê?

— Sei lá — respondeu ela bocejando. — Nem sei.

— Mas exactamente: se não sabe realmente...

— Não, pelo contrário. Quando durmo com alguém quero saber porque o faço. Ou é por causa de uma frase dita pelo indivíduo ou porque ele é bonito.

— Eu sou bonito — disse Marc em voz baixa. Irene riu e ele corou.

— Enfim — murmurou ele —, você sabe o que eu quero dizer.

— Muito bem.

Ele pegou-lhe no pulso:

— Irene! Que é preciso fazer?

Inclinava-se sobre ela com uma humildade irritada, a emoção perturbava-lhe a respiração. «Como estou aborrecida», pensou ela.

— Nada. Absolutamente nada.

— Bem...

Largou-a, endireitou-se, mostrando um pouco os dentes. Ela via-se ao espelho, uma mulherzinha mal vestida com belos olhos,

pensou: «Deus meu, quanta história por tão pouco!» Tinha vergonha pelos dois e tudo era tão insípido, tão aborrecido; nem compreendia porque se recusava: seria bem melhor dizer-lhe: «Quer mesmo? Pois vamos. Meia hora num quarto de hotel, uma pequena sem-vergonha entre dois lençóis, depois volta-se aqui para terminar a noite e deixa-me sossegada.» Mas era de crer que ainda dava demasiada importância ao seu pobre corpo: sentia muito bem que não cederia.

— Acho-a engraçada! — disse ele. Virava os olhos belos e maus, vai tentar magoar-me, é natural, depois pedirá desculpa.

— Como se defende — disse ele com ironia. — Se não a conhecesse há quatro anos poderia pensar que é por virtude!

Ela olhou-o com um interesse repentino e pôs-se a pensar. Quando pensava aborrecia-se muito menos.

— Tem razão — respondeu —, é engraçado: sou uma mulher fácil, é verdade, e no entanto preferia deixar que me cortassem em pedaços a dormir consigo. Explique-me isso!

Examinou-o imparcialmente e concluiu: «Não posso sequer dizer que me repugna realmente.»

— Fale baixo! Fale mais baixo. — E ele acrescentou maldosamente: — Tem uma vizinha cristalina que se ouve ao longe.

Calaram-se. As pessoas dançavam, a orquestra tocava Caravane, Marc fazia girar o copo sobre a toalha e os pedaços de gelo entrechocavam-se lá dentro. Irene voltou ao seu estado de aborrecimento.

— No fundo — disse ele bruscamente —, demonstrei demasiado que a desejava.

Estendera as mãos sobre a toalha e alisava-a com calma; tentava recobrar a sua dignidade humana. Nenhuma importância, vai tornar a perdê-la dentro de cinco minutos. Sorriu-lhe, contudo, porque ele lhe oferecia a oportunidade de se interrogar sobre si mesma.

— Sim — disse ela —, há um pouco disso.

Via Marc através de uma bruma, uma bruma tranqüila feita de espanto e que lhe subira do coração aos olhos. Adorava sentir-se assim espantada, com todas as indagações que se fazem indefinidamente e ficam sempre sem resposta.

Explicou-lhe:

— Fico escandalizada quando me desejam muito. Marc, sinto-me ridícula: amanhã Hitler ter-nos-á talvez atacado e você aí excitado porque eu não quero dormir consigo! E preciso realmente que seja um pobre coitado para se pôr dessa maneira por uma pobre coitada como eu.

— Isso é comigo — disse ele irado.

— Comigo também: detesto que me superestimem.

Houve um silêncio. Somos animais, fazemos frases em torno de um instinto. Olhou-o de soslaio: pronto, vai perder a linha.

Os traços dele acentuavam-se, o pior momento estava ainda por vir; uma vez ele chorara no Melody's. Abriu a boca, ia falar, mas atalhou com vivacidade:

— Cale-se, Marc, peço-lhe: vai dizer uma estupidez ou uma grosseirice.

Ele não a ouviu, meneava a cabeça, tinha um ar fatal.

— Irene, vou partir.

— Partir? Para onde?

— Não se faça de parva. Sabe muito bem.

— E então?

— Pensei que isso a comoveria um pouco.

Ela não respondeu: olhava-o fixamente. Ao fim de um momento ele continuou, desviando o olhar.

— Em 14, muitas mulheres se entregaram a tipos que as amavam, simplesmente porque eles iam partir.

Ela não disse nada; as mãos de Marc puseram-se a tremer.

— Irene, é uma coisa que vale tão pouco para si, e para mim tem tanta importância, principalmente neste momento...

— Isso não pega.

Ele voltou-se com violência:

— Afinal é por si que eu me vou bater!

— Sórdido!

Ele acalmou-se imediatamente: mas tinha os olhos irados.

— Não posso suportar a ideia de morrer sem a ter tido. Irene levantou-se.

— Venha dançar.

Ele levantou-se também, docilmente. Dançaram. Colara-se a ela, fazia-a dar grandes passos na sala, mas de repente ela deteve-se ofegante.

— Que foi? — perguntou ele.

— Nada.

Ela acabava de reconhecer Philippe, sentado, bem comportadinho, perto de uma crioula bastante bonita mas já um pouco passada. «Estava aqui! Enquanto o procuravam por toda a parte!» Achou-o pálido, de olhos pisados. Empurrou Marc para o meio dos dançarinos; era preciso que Philippe não a visse. A

orquestra parou, voltaram para a mesa. Marc deixou-se cair no banco. Irene ia sentar-se, quando viu um sujeito inclinar-se diante da crioula.

— Sente-se — disse Marc. — Não gosto de a ver de pé.

— Um minuto! — atalhou ela com impaciência.

A negra levantou-se preguiçosamente e o sujeito enlaçou-a, Philippe olhou-os por um instante, como que acuado, e Irene sentiu o coração pular-lhe do peito. De repente, ele ergueu-se e saiu.

— Desculpe-me por um momento — disse Irene.

— Onde vai?

— Ao toilette. Está satisfeito?

— Vai fingir que vai ao toilette e vai-se embora. Ela mostrou-lhe a bolsa.

— A minha bolsa está aí.

Marc resmungou qualquer coisa, ela atravessou a pista aos tombos.

— Está louca, essa camarada! — disse uma mulher. Marc erguera-se atrás dela e ela ouvia-o gritar:

— Irene! Irene!

Mas já estava lá fora. Como quer que fosse, ele precisaria de cinco minutos para pagar a conta. A rua estava escura: «É pena», pensou, «perdi-o de vista». Mas quando os seus olhos se habituaram à penumbra, ela percebeu-o; caminhava em direcção à Trinité, colando-se às paredes. Ela pôs-se a correr: «Que fique com a bolsa! Perco o estojo, cem francos, duas cartas de Maxime, não faz mal.» Não se aborrecia mais. Percorreram assim uma centena de metros, correndo ambos, e de repente Philippe parou tão bruscamente que Irene teve medo de esbarrar com ele.

Desviou-se, ultrapassou-o e, aproximando-se de uma porta, tocou duas vezes à campainha. A porta abriu-se, Philippe passou por trás dela. Ela esperou um segundo; depois, bateu à porta violentamente, como se tivesse entrado no imóvel.

Philippe andava agora devagar, era fácil segui-lo. De vez em quando, a escuridão envolvia-o e mais adiante ele emergia da noite sob a chuvinha luminosa de um lampião. «Como me divirto», pensou ela. Adorava seguir as pessoas; perdia horas inteiras atrás de gente que nem sequer conhecia.

Nos bulevares ainda havia muita gente e estava claro por causa dos cafés e das montras. Philippe parou pela segunda vez, mas Irene não se deixou surpreender; postou-se atrás dele num canto escuro e esperou. «Talvez tenha um encontro.» Ele voltou-se para o lado dela, estava lívido; subitamente, pôs-se a falar e ela pensou que a tivesse reconhecido; estava porém certa de que ele

não a podia ver. Philippe deu um passo atrás, murmurou alguma coisa, parecia aterrorizado. «Ficou louco», pensou ela.

Duas mulheres passaram, uma jovem e uma velha, com chapéus provincianos. Ele chegou-se a elas, tinha uma cara de exibicionista.

— Abaixo a guerra! — gritou.

As mulheres apressaram o passo, não pareciam compreender. Dois oficiais vinham atrás; Philippe calou-se e deixou que passassem. Uma prostituta, cujo perfume se infiltrou nas narinas de Irene, seguia-os. Philippe colocou-se diante dela com um ar maldoso: ela já lhe sorria, mas ele disse com voz estrangulada:

— Abaixo a guerra! Abaixo Daladier! Viva a paz!

— Idiota! — disse a mulher.

Passou. Philippe sacudiu a cabeça, olhou furioso para a direita e para a esquerda e mergulhou subitamente nas trevas da Rua Richelieu. Irene riu tão alto que quase se deixou descobrir.

— Mais dois minutos.

Mexia no botão, uma música de jazz jorrou do aparelho, quatro notas de saxofone, uma estrela cadente.

— Ah!, deixe — disse Ivich. — E bonito.

Serguine virou o botão e o lamento do saxofone foi substituído por um ruído arrastado e áspero. Considerou Ivich com severidade:

— Como podes gostar desta música de selvagens?

Desprezava os negros. Da sua vida de estudante em Munique conservava recordações fulgurantes, um culto por Wagner.

— Está na hora — observou.

Uma voz fez tremer o receptor. Uma voz francesa, bem grave, afável, que se esforçava por exprimir, através de inflexões, todos os matizes do discurso, uma voz penetrante e persuasiva de irmão mais velho. Detesto as vozes francesas. Ela sorriu para o pai e disse, covardemente, a fim de reviver um pouco a antiga intimidade:

— Detesto as vozes francesas.

Serguine emitiu um ligeiro grunhido, mas não respondeu e, com a mão, impôs-lhe silêncio.

«Hoje», dizia a voz, «o representante do primeiro-ministro britânico foi recebido novamente pelo chanceler do Reich, o qual lhe fez saber que se até amanhã às catorze horas não tivesse recebido uma resposta satisfatória de Praga, a respeito da promessa de evacuação das regiões dos Sudetas, tomaria as medidas que julgasse necessárias.

Considera-se que o chanceler Hitler quis mencionar a mobilização geral, cuja ordem estava sendo esperada para

segunda-feira, por ocasião do discurso do chanceler, e que só terá sido adiada em consequência da carta do primeiro-ministro britânico».

A voz calou-se. Ivich, com a garganta seca, ergueu os olhos para o pai. Ele bebera aquelas palavras com um ar estúpido de beatitude.

— Que significa exactamente uma mobilização?

— perguntou ela com displicência.

— Significa a guerra.

— Não necessariamente.

— Ora!

— Não nos bateremos — disse ela com violência.

— Não podemos bater-nos por causa da Checoslováquia. Serguine sorriu com doçura:

— Sabes, quando se mobiliza...

— Mas se não queremos a guerra!

— Se não quiséssemos a guerra não teríamos mobilizado.

Ela olhou-o com estupor:

— Mobilizámos? Nós também?

— Não — disse ele corando. — Quero referir-me aos Alemães.

— Ah!, e eu falava dos Franceses — disse Ivich secamente.

A voz recomeçou, calma e benigna.

«Pensa-se em geral nos círculos estrangeiros de Berlim...»

— Psiu! — fez Serguine.

Tornou a sentar-se, voltado para o receptor. «Sou uma órfã», pensou Ivich. Deixou a sala na ponta dos pés, atravessou o corredor, fechou-se no quarto. Batia os dentes: passarão por Laon, incendiarão Paris, a Rua de Seine, a Rua Gaite, a Rua Rosiers, o baile de Montagne Sainte-Geneviève; se Paris for incendiada, mato-me. «Oh!», pensou bruscamente, «e o Museu Grévin?» Nunca fora ao museu, Mathieu prometera levá-la em Outubro e iam reduzi-lo a pó com as suas bombas. E se fosse esta noite? O seu coração dava pulos; sentia frio nos antebraços e nas mãos; que é que os impede de fazê-lo? Talvez a esta hora Paris já tenha sido reduzida a um montão de cinzas e escondem-no para que a população não seja tomada de pânico. A menos que seja proibido por acordos internacionais. Como sabê-lo? «Oh!», pensou furiosa, «tenho a certeza de que há pessoas que sabem, eu não percebo nada, mantiveram-me ignorante, obrigavam-me a estudar latim, e ninguém me disse nada, e aí está agora. Mas tenho direito a viver», pensou desnorteada, «puseram-me no mundo para viver, tenho esse direito». Sentia-se tão profundamente lesada, que se abateu

sobre o travesseiro e foi sacudida por cinco ou seis soluços. «E injusto», murmurava, «na melhor das hipóteses, serão seis anos, dez anos, e todas as mulheres se vestirão como enfermeiras, e quando tudo terminar serei uma velha». Mas as lágrimas não correram, tinha um pedaço de gelo no coração. Endireitou-se bruscamente: «Quem, quem quer a guerra?»

Individualmente, separadamente ninguém era belicoso. Os homens, em verdade, só pensavam em comer, ganhar dinheiro e fazer filhos. Mesmo os Alemães. E no entanto a guerra estava ali, Hitler mobilizara. «Afim, ele não pode decidir isso sozinho», pensou. Uma frase veio-lhe ao espírito, onde a lera? Certamente em algum jornal, a menos que a tivesse ouvido ao almoço, de um freguês do pai; quem está por trás dele?, repetiu a meia voz, franzindo as sobrancelhas e fitando a ponta dos chinelos: «Quem está por trás dele?» Esperava que tudo se esclarecesse e passava em revista todas essas grandes potências obscuras que governam o mundo: a maçonaria, os jesuítas, as duzentas famílias, os fabricantes de armas, os donos do ouro, a muralha do dinheiro, os trusts americanos, a Internacional Comunista, o Ku-Klux-Klan; devia haver um pouco de tudo e mais outra coisa talvez, uma sociedade secreta e formidavelmente poderosa, da qual se ignorava até o nome. «Mas que podem eles querer?», indagava, enquanto duas lágrimas de ódio lhe escorriam pelo rosto. Tentou em vão adivinhar-lhes as razões, mas sentia-se vazia, com uma argola de metal em volta do cérebro. «Se eu soubesse onde é a Checoslováquia!» Pregara à parede com punaises uma grande aquarela em ouro e azul: era a Europa, divertira-se a pintá-la no Inverno anterior, copiando-a de um atlas, com algumas correcções de linhas; pusera rios por toda parte, chanfrara as costas demasiado chatas e evitara cuidadosamente escrever qualquer nome; dava uma impressão de coisa erudita e pretensiosa, nenhuma fronteira tão-pouco, detestava as linhas pontilhadas. Aproximou-se, a Checoslováquia estava ali, algures, no âmago das terras, a menos que fosse a Rússia. E a Alemanha? Onde está? Olhava para a grande forma amarela e lisa, cercada de azul e pensava:

«Toda esta terra!» Sentia-se perdida. Virou-se, deixou cair o roupão e contemplou-se nua ao espelho; em geral isso consolava-a um pouco, quando tinha aborrecimentos. Mas viu-se de repente pequenina, um feto, com uma pele granulosa, porque estava toda arrepiada e as pontas dos seios retesavam-se, ela detestava isso, um corpo de hospital, feito para ferimentos, dizem que eles violentam as mulheres, podem cortar-me uma perna. Se entrassem no seu quarto e a encontrassem nua na cama: a senhora tem cinco minutos para se vestir, e virariam as costas como fizeram com Maria Antonieta, mas ouviriam tudo, o barulho mole dos pés no tapete, o roçar do vestido na pele. Pegou nas calças e nas meias e enfiou-as rapidamente, deve-se esperar a desgraça de pé e vestida.

Depois de vestir a saia e a blusa, sentiu-se um pouco protegida. Mas no momento em que calçava os sapatos ouviu uma voz cantarolando em alemão no corredor.

Ich hatte einen Kamera de...

Ivich precipitou-se, abriu a porta e deu de cara com o pai, solene e esperto.

— Que é que está a cantar? — perguntou furiosa. Ele olhou-a com um sorriso sabido:

— Esperança, bichinha, esperança! Tornaremos a ver a nossa Santa Rússia.

Ela voltou para o quarto batendo a porta com toda a força:

«Que tenho eu a ver com a Santa Rússia! Não quero que destruam Paris, e se eles fizerem qualquer coisa verá se os aviões franceses não irão lançar bombas na sua Munique.»

O ruído de passos perdeu-se no corredor e tudo voltou a cair no silêncio. Ivich mantinha-se tesa no meio do quarto, evitando olhar-se ao espelho. Subitamente ouviram-se três silvos imperiosos, vinham da rua, ela estremeceu da cabeça aos pés. Lá fora. Na rua. Tudo se passava lá fora: o seu quarto era uma prisão. Decidiam da sua vida por toda a parte, ao norte, a leste, a sul, por toda a parte naquela noite envenenada, cortada por relâmpagos, cheia de cochichos e conciliábulos, por toda a parte menos ali onde se achava, entre paredes, e onde não acontecia nada. As suas mãos e pernas puseram-se a tremer, pegou na bolsa, passou o pente pelos cabelos, abriu a porta sem ruído e saiu.

«Lá fora. Tudo está lá fora: as árvores no cais, as duas casas da ponte, rosadas dentro da noite, o galope imóvel de Henrique IV acima da minha cabeça: tudo o que pesa. Lá dentro nada, nem um fumo, não existe lá dentro, não existe nada. Eu: nada. Sou livre», pensou, com a boca seca.

A meio da Pont-Neuf ele parou e pôs-se a rir; essa liberdade, procurei-a bem longe, estava tão próxima que não a podia ver, não a podia tocar, era apenas eu. Eu sou a minha liberdade. Esperava ter um dia uma imensa alegria, ser trespassado por um raio. Mas não havia nem raio nem alegria: apenas aquela nudez, aquele vácuo tomado de vertigem diante de si mesmo, aquela angústia cuja própria transparência impedia que se visse. Estendeu as mãos e passeou-as devagar sobre a pedra do parapeito, era rugosa, vincada, uma esponja petrificada, ainda quente do sol da tarde. Estava ali enorme e maciça, encerrando em si o silêncio esmagado, as trevas comprimidas que constituem o âmago das coisas. Estava ali, uma plenitude.

Teria desejado agarrar-se a essa pedra, fundir-se nela, encher-se da sua opacidade, do seu repouso. Mas ela não o podia servir, estava lá fora, para sempre. No entanto havia as suas mãos no parapeito branco: quando as olhava, pareciam de bronze. Mas,

justamente porque as podia olhar, não lhe pertenciam mais, eram mãos de outro, de lá de fora, como as árvores, como os reflexos do Sena, mãos cortadas. Fechou os olhos e elas tornaram a ser dele: não houve mais nada sobre a pedra quente, senão um gostinho ácido e familiar, um saborzinho de formiga muito desdenhável. As minhas mãos: a inapreciável distância que me revela as coisas e delas me separa para sempre. Não sou nada, não tenho nada. Tão inseparável do mundo quanto a luz, e no entanto exilado, como a luz, deslizando à superfície das pedras, e da água, sem que nada, jamais, me prenda ou me faça encalhar. Fora. Fora. Fora do mundo, fora do passado, fora de mim mesmo: a liberdade é o exílio e estou condenado a ser livre.

Deu alguns passos, sentou-se no parapeito e ficou a olhar para a água a correr. E o que é que vou fazer desta liberdade toda?. Que é que vou fazer de mim? Havião balizado o seu futuro com tarefas precisas: a estação, o comboio para Nancy, a caserna, o manuseio de armas. Mas nem esse futuro nem essas tarefas lhe pertenciam mais. Nada mais lhe pertencia: a guerra arava a terra, mas não era a sua guerra. Estava só naquela ponte, só no mundo e ninguém lhe podia dar ordens. «Sou livre para nada!», pensou desanimado. Nem um sinal no céu ou na terra, os objectos deste mundo estavam demasiado absorvidos na sua guerra, voltavam para leste as suas múltiplas cabeças.

Mathieu corria à superfície das coisas e elas não o sentiam. Esquecido. Esquecido pela ponte, que o suportava com indiferença, pelos caminhos que levavam à fronteira, por essa cidade que se soerguia lentamente a fim de contemplar no horizonte um incêndio que não lhe dizia respeito. Esquecido, ignorado, só: um retardatário. Todos os mobilizados haviam partido na antevéspera, não tinham mais nada a fazer ali.

Tomaria o comboio? Não tem importância. Partir, ficar, fugir; actos que não poriam em jogo a sua liberdade. E no entanto era preciso arriscá-la. Agarrou-se com as duas mãos à pedra e debruçou-se sobre a água. Seria suficiente um mergulho, a água devorá-lo-ia, a sua liberdade tornar-se-ia água. O repouso. Porque não? Esse suicídio obscuro seria também um absoluto. Toda uma lei, toda uma escolha, toda uma moral. Um acto único, incomparável, que iluminaria durante um segundo a ponte e o Sena. Bastaria debruçar-se um pouco mais e ter-se-ia escolhido para a eternidade. Debruçou-se, mas as suas mãos não largaram a pedra, sustinham todo o peso do seu corpo. Porque não? Não tinha razão particular para se afogar, mas não tinha tão-pouco nenhuma para não o fazer. E o acto ali estava, à sua frente, sobre a água escura, desenhava-lhe o futuro. Todas as amarras haviam sido cortadas, nada no mundo o podia reter: era isso a horrível liberdade. Bem no fundo de si, sentia bater o coração desorientado: um só gesto, mãos que se abrem, e terei sido Mathieu. A vertigem ergueu-se devagar sobre o rio; o céu e a ponte desmoronaram-se:

nada mais restava senão ele e a água; ela subia até ele, lambia-lhe as botas. A água, o seu futuro.

Agora é verdade, vou matar-me. De repente resolveu não se suicidar. Resolveu: seria apenas uma prova. Reencontrou-se de pé, caminhando, escorregando sobre a crosta de um astro morto.

Será da próxima vez.

Ela corria na rua principal, ouviu ainda dois ou três silvos e depois mais nada, e eis que a rua era também uma prisão; não acontecia nada, as fachadas das casas eram cegas e achatadas, todas as janelas estavam fechadas, a guerra estava algures.

Apoiou-se por um instante ao marco de uma fonte, estava cheia de ansiedade e desiludida, mas não sabia o que esperara: luzes talvez, lojas abertas, gente comentando os acontecimentos. Não havia nada: as luzes iluminavam as embaixadas e os palácios nas grandes cidades políticas e ela estava fechada numa noite quotidiana. «Tudo acontece sempre algures», disse, batendo o pé. Ouviu um ligeiro ruído como se alguém se tivesse aproximado dela, por trás; reteve a respiração, e escutou muito tempo; mas o ruído não se repetiu. Estava com frio, o medo apertava-lhe a garganta; pensou: «Não seria melhor voltar?» Mas não podia voltar, tinha horror ao seu quarto. Ali, pelo menos caminhava sob o céu de todo o mundo, permanecia em comunicação pelo céu com Paris e Berlim. Ouvia um arranhar prolongado atrás de si e dessa vez teve a coragem de olhar. Era apenas um gato: os olhos brilharam e o bicho atravessou a rua, da direita para a esquerda, mau sinal. Recomeçou a correr, virou na Rua Thiers e parou, ofegante. «Os aviões!» Roncavam surdamente, deviam estar ainda muito longe. Escutou: o ronco não vinha do céu.

Dir-se-ia... «Naturalmente», pensou, despeitada: «é alguém que ronca». Era Lescat, o notário, reconheceu a placa. Roncava, de janelas abertas, ela não pôde deixar de rir e de repente o seu riso cessou: estão todos a dormir! Estou sozinha na rua, cercada de pessoas que dormem, ninguém dá por mim.

Por toda a parte, na terra, dormem ou preparam a sua guerra nas repartições, não há uma só pessoa que esteja a pensar no meu nome. «E eu existo aqui», pensou escandalizada. Estou aqui, sinto, vejo, existo tanto quanto Hitler.

Ao fim de um instante, reiniciou a caminhada e foi ter à esplanada. Abaixo de Laon estendia-se a planície melancólica. De longe em longe haviam colocado candeeiros, mas essas luzes não inspiravam confiança; Ivich sabia muito bem o que iluminavam: carris dormentes, pedras, vagões abandonados nas vias. No fim da planície havia Paris. Respirou; se estivesse em chamas, ver-se-ia um clarão no horizonte. O vento colava-lhe a saia aos joelhos, mas ela não se mexia: «Paris está ali, ainda banhada em luzes, e talvez seja a sua última noite.» Havia, exactamente nesse momento, gente que descia e subia o Bulevar Saint-Michel. No Dome também havia

peessoas a conversar, que talvez a conhecessem. A última noite — e estou aqui, nesta água escura, e quanto for livre só encontrarei um monte de ruínas com tendas entre as pedras.

«Deus meu», disse ela, «faça com que eu possa voltar a vê-la uma última vez!» A estação era exactamente lá em baixo, era aquele clarão perto da escada, o nocturno saía às três e vinte: «Tenho cem francos», murmurou triunfalmente, «tenho cem francos na minha bolsa».

Descia apressada a ladeira da estação; Philippe descia a correr a Rua Montmartre, medroso, pobre medroso, ah!, eu sou um medroso. Pois vão ver. Desembarcou numa praça; um buraco sombrio e buliçoso abria-se do outro lado da rua, cheirava a repolho e carne crua. Parou diante da grade de uma estação do metro, havia caixotes vazios nas calçadas, viu a seus pés pedaços de palha e folhas de alface sujas de lama; à direita, sombras passavam e repassavam na luz branca de um café. Ivich chegou-se ao guichet:

— Um bilhete de terceira para Paris.

— Ida e volta?

— Ida — respondeu com segurança.

Philippe limpou a voz e berrou com toda a força:

— Abaixo a guerra!

Não aconteceu nada, o vaivém das sombras continuou. Pôs as mãos em trombeta e tornou a berrar:

— Abaixo a guerra!

A sua voz pareceu-lhe um trovão. Algumas sombras pararam e ele viu homens que vinham para o seu lado.

Eram numerosos, avançavam devagar e olhavam-no com interesse.

— Abaixo a guerra!

Estavam perto dele; havia também duas mulheres e um jovem moreno de físico bastante agradável. Philippe olhou-o com simpatia, e pôs-se a gritar sem o perder de vista:

— Abaixo Daladier! Abaixo Chamberlain! Viva a paz!

Cercavam-no agora e ele sentia-se à vontade pela primeira vez em quarenta e oito horas. Fitavam-no, arqueando as sobrancelhas, e não diziam nada. Quis explicar que eram vítimas do imperialismo capitalista, mas a sua voz não se podia calar e gritava: «Abaixo a guerra!» Era um hino triunfal. Subitamente recebeu um murro ao pé do ouvido e continuou a gritar, depois um soco na boca e outro no olho direito; caiu de joelhos e não gritou mais. Uma mulher colocara-se diante dele, via-lhe as pernas e os sapatos de salto baixo, ela debatia-se dizendo:

— Brutos! Brutos! E uma criança, não batam.

Mathieu ouviu uma voz aguda: «Brutos! Brutos! E uma criança, não batam!», alguém se debatia no meio de uma dezena de sujeitos de boné; era uma mulher pequenina, erguia os braços e os cabelos caíam-lhe pelo rosto. Um jovem moreno, com uma cicatriz sob a orelha, sacudia-a violentamente e ela gritava:

— Ele tem razão, são todos uns covardes, deveriam estar na Concorde manifestando-se contra a guerra; mas preferem bater numa criança, é menos perigoso.

Uma rufia gorda, diante de Mathieu, contemplava a cena com olhos brilhantes:

— Tirem a roupa dela! — disse.

Mathieu voltou-se aborrecido: incidentes como aquele deviam repetir-se por toda a parte. Véspera de guerra, vigília de armas: era pitoresco, não lhe dizia respeito. De repente decidiu que aquilo lhe dizia respeito. Afastou a rufia com um empurrão, entrou no grupo e pôs a mão no ombro do rapaz moreno.

— Polícia — disse. — Que é que há? O tipo fitou-o com desconfiança:

— Foi o miúdo que gritou: «Abaixo a guerra.»

— E tu batestes-lhe — observou Mathieu severamente. — Não podias chamar um guarda?

— Não há guarda — disse a rufia.

— Tu, aí — atalhou Mathieu —, falarás quando eu me dirigir a ti.

O tipo moreno parecia preocupado.

— Não lhe fizemos mal — disse, lambendo as falanges esfoladas.

— Demos-lhe uns safanões, mais nada.

— Quem deu os safanões? — indagou Mathieu. O tipo da cicatriz olhou para as mãos, suspirando:

— Eu — respondeu.

Os outros haviam recuado uns passos. Mathieu virou-se para eles:

— Querem ser citados como testemunhas? Eles recuaram mais um pouco sem responder. A rufia tinha desaparecido.

— Andem — ordenou Mathieu. — Ou tomo os vossos nomes. Tu, aí, fica.

— Então — disse o tipo —, nessa altura engaiolam-se os Franceses quando eles corrigem um «boche» provocador?

— Não te incomodes, vamos explicar-nos. Os curiosos haviam-se dispersado.

Dois ou três olhavam da porta de um café. Mathieu

inclinou-se sobre o miúdo; tinham-no magoado bastante. A boca sangrava e tinha um olho fechado. Com o outro, olhava fixamente para Mathieu.

— Eu gritei — disse activamente.

— Não fizeste muito bem. Podes levantar-te?

O miúdo pôs-se de pé, com dificuldade. Caíra em cima da alface, uma folha colara-se-lhe ao traseiro e um pouco de palha enlameada prendia-se ao casaco. A mulher limpou-o com a mão.

— Conhece-o? — perguntou Mathieu. Ela hesitou:

— N... não.

O rapazinho riu:

— Naturalmente conhece-me. E Irene, a secretária de Pitteaux.

Irene fixou em Mathieu um olhar sombrio.

— O senhor não vai prendê-lo por causa disso?

— Vou dar-lhe bombons?!

O tipo da cicatriz puxou-o pela manga, não parecia muito satisfeito:

— Ganho a minha vida, senhor inspector, trabalho. Se o acompanhar até à esquadra, perco a minha noite.

— Os seus papéis.

O tipo mostrou um passaporte Nansen, chamava-se Canaro.

— Nascido em Constantinopla! Ora vejam só; é preciso que ames de verdade a França para rebentar assim o primeiro que a ataque.

— É a minha segunda pátria — disse o tipo com dignidade.

— Vais-te alistar, espero!

O tipo não respondeu. Mathieu anotou-lhe o nome e o endereço num caderninho.

— Vai-te embora — disse. — Serás chamado. Os outros venham comigo.

Entraram os três na Rua Montmartre e deram alguns passos. Mathieu sustinha o rapaz, que vacilava. Irene perguntou:

— Não vai soltá-lo?

Mathieu não respondeu: não estava ainda bastante longe das Halles. Andaram mais um pouco; como passassem por baixo de um candeeiro, Irene colocou-se à frente de Mathieu e olhou-o com ódio.

— Seu comissário nojento!

Mathieu riu. Os cabelos tinham-lhe caído no rosto e ela era forçada a olhar de lado para o ver entre as mechas.

— Eu não sou comissário — disse ele.

— Tem a certeza de que não é?

Ela sacudia a cabeça para se livrar dos cabelos. Acabou por os juntar com raiva e os lançar para trás. O rosto apareceu, pele seca e grandes olhos. Era bonita e não parecia demasiado espantada.

— Se não é comissário, enganou-os muito bem.

Mathieu não respondeu. A história já não o divertia. Experimentara uma vontade súbita de ir passear na Rua Montorgueil.

— Bem — disse —, vou enfiá-los num táxi.

Havia dois ou três estacionados no meio da rua. Mathieu aproximou-se de um, puxando o rapaz pela mão. Irene acompanhava-os. Ela segurava os cabelos no alto da cabeça com a mão direita.

— Entrem para aí. Ela corou:

— É preciso que lhe diga: perdi a minha bolsa. Mathieu empurrava o rapaz para o automóvel, com unia das mãos entre as omoplatas; com a outra, segurava a porta.

— Procure no bolso do meu casaco. O bolso da direita. Irene tirou a carteira:

— Achei cem francos e uns níqueis.

— Pegue nos cem francos.

Um empurrão mais e o rapaz estatelou-se no banco. Irene subiu logo atrás.

— A sua morada? — perguntou ela a Mathieu.

— Já não tenho morada. Adeus.

— Eh! — gritou Irene.

Mas ele já tinha ido embora: queria ver a Rua Montorgueil por mais uma vez. Queria tornar a vê-la imediatamente. Andou um minuto, depois um táxi veio encostar-se ao passeio, junto dele. A porta abriu-se e uma moça debruçou-se: era Irene.

— Suba depressa — disse ela. — Depressa. Mathieu subiu.

— Sente-se nesse banquinho. Sentou-se:

— Que é que há?

— O miúdo perdeu a cabeça. Diz que se vai entregar; está sempre a mexer na porta e quer atirar-se para fora. Não sou suficientemente forte para o segurar.

O rapaz encolhera-se no banco, tinha os joelhos mais altos do que a cabeça.

— Tem queda para mártir — disse Irene.

— Que idade tem ele?

— Não sei; uns dezanove anos. Mathieu olhava para as pernas magras e compridas do rapaz; tinha a idade dos seus alunos mais velhos.

— Se ele tem vontade de ser preso — disse —, a senhora não o deve impedir.

— O senhor é engraçado — disse Irene indignada.

— Não sabe o que ele arrisca.

— Matou alguém?

— Não!

— Que foi que fez?

— É uma longa história — comentou ela com melancolia.

Ele observou que ela havia arranjado o penteado, pondo o cabelo no alto do crânio. Isso dava-lhe um ar cómico e voluntarioso, apesar da sua bela boca caída.

— Em todo o caso isso é lá com ele. Ele é livre.

— Livre? Se lhe estou a dizer que perdeu a cabeça.

Ao ouvir a palavra «livre», o pequeno abriu um olho e resmungou alguma coisa que Mathieu não compreendeu; depois, bruscamente, lançou-se ao trinco da porta e tentou abrir. Um automóvel passou rente ao táxi; naquele preciso momento.

Mathieu pôs a mão no peito do rapaz e empurrou-o para o banco.

— Se eu quisesse ser prisioneiro — continuou Mathieu — não gostaria que mo impedissem.

— Abaixo a guerra! — gritou o rapaz.

— Está certo — disse Mathieu —, tens razão. — Segurava-o no banco. Voltando-se para Irene acrescentou:

— Realmente, creio que perdeu a cabeça. O motorista indagou:

— Vamos?

— Avenida do Parque Montsouris, 15 — disse Irene triunfante.

O rapaz arranhou a mão de Mathieu; depois, quando o táxi principiou a andar, resolveu sossegar-se. Ficaram silenciosos por um momento; o táxi andava por ruas escuras, que Mathieu não conhecia. De vez em quando o rosto de Irene saía da escuridão para mergulhar nela logo a seguir.

— É bretã? — perguntou Mathieu.

— Eu sou de Metz. Porque me pergunta?

— Por causa do penteado.

— É feio, não é? É uma amiga que quer que eu me penteie assim.

Calou-se um momento, depois indagou:

— Como é que não tem morada?

— Estou a mudar de casa.

— Sei, sei... mobilizado, não é?

— Sim. Como toda a gente.

— Está contente com a guerra?

— Não sei; nunca me meti nisso.

— Eu sou contra — disse Irene.

— Já percebi.

Ela inclinou-se, solícita:

— Perdeu alguém?

— Não. Tenho cara de quem perdeu alguém?

— Tem um ar engraçado. Cuidado! Olhe! O rapaz estendera a mão e disfarçadamente tentava abrir a porta.

— Quer fazer o favor de estar quieto? — gritou Mathieu, empurrando-o novamente para o fundo do banco. Que estucha! — disse ele para Irene.

— É filho de um general!

— Ah! Não deve ter muito orgulho no pai.

O táxi parara. Irene desceu primeiro e depois foi preciso descer o rapaz. Ele agarrava-se a tudo e dava pontapés. Irene pôs-se a rir:

— Que espírito de contradição: agora não quer sair! Mathieu acabou por pegar nele ao colo até ao passeio.

— Arre!

— Um segundo — disse Irene. — A chave está na minha bolsa, tenho de entrar pela janela.

Aproximou-se de um andar que tinha uma janela aberta. Mathieu segurava o rapaz com uma das mãos; com a outra tirou o dinheiro do bolso e entregou-o ao motorista.

— Fique com o troco.

— Que é que tem o garoto? — perguntou o motorista, zombeteiro.

— Passou da conta...

O táxi partiu. Atrás de Mathieu uma porta abriu-se e Irene surgiu, num rectângulo de luz.

— Entre — disse.

Mathieu entrou empurrando o rapaz, que não dizia mais nada. Irene fechou a porta.

— À esquerda — advertiu.

Mathieu procurou às apalpadelas o botão da luz e acendeu. Viu um quarto empoeirado, com uma cama, um jarro com água e uma bacia sobre o toucador. Uma bicicleta sem rodas estava suspensa por cordinhas ao tecto.

— É o seu quarto?

— Não, é o quarto de visitas. Ele olhou-a e riu:

— As suas meias.

Estavam brancas de poeira, e rasgadas até aos joelhos.

— Foi ao subir pela janela — disse ela sem ligar.

O rapaz colocara-se no meio do quarto, vacilava de maneira inquietante e examinava tudo com um só olho. Mathieu perguntou a Irene:

— Que fazemos dele?

— Tire-lhe os sapatos e deite-o; vou lavar-lhe a cara. O rapaz não opôs resistência: parecia liquidado. Irene voltou com a bacia e um pouco de algodão.

— Vamos — disse. — Seja bonzinho, Philippe. Inclinar-se sobre ele e passava-lhe desastradamente o algodão pelas sobranceiras. O rapaz pôs-se a resmungar.

— Dói; mas faz bem — disse ela maternalmente. Foi colocar a bacia sobre o toucador. Mathieu levantou-se:

— Vou-me retirar.

— Ah!, não — disse ela vivamente. E acrescentou em voz baixa:

— Se ele quiser fugir não terei força para o segurar.

— Mas não pense que eu o vou vigiar a noite inteira!

— Como é pouco gentil! — disse ela irritada. E acrescentou em tom mais conciliante: — Espere ao menos até que ele adormeça, não vai demorar muito.

O garoto agitava-se na cama, murmurando palavras confusas.

— Onde poderá ter andado para ficar em semelhante estado? — observou Irene.

Era meio gorducha, com uma carne baça, um pouco macia de mais, um pouco húmida, e que não parecia muito, muito limpa; dir-se-ia que acabava de se levantar, a cabeça era admirável: uma boca minúscula com comissuras indolentes, olhos imensos e pequeninas orelhas rosadas.

— Então — disse Mathieu —, ele está a dormir!

— Acha?

Estremeceram; o rapaz erguera-se a berrar:

— Flossie, as minhas calças!

— Merda! — disse Mathieu. Irene sorriu:

— Vai ficar até amanhã.

Mas fora um pouco de delírio antes do sono: Philippe deixou-se cair de costas, grunhiu durante alguns instantes e logo se pôs a roncar.

— Venha — disse Irene, em voz baixa.

Acompanhou-a ao grande quarto forrado de cretone cor-de-rosa. Ela tinha pendurado na parede uma guitarra e um ukelele.

— É o meu quarto. Deixo a porta entreaberta por causa do rapaz.

Mathieu viu uma cama espaçosa e por fazer, um pufe, um gramofone e discos sobre uma mesa Henrique II. Numa cadeira de balouço, estavam meias usadas, calcinhas, combinações, tudo a monte. Irene seguiu o olhar:

— Comprei os móveis numa feira da ladra.

— Nada feio — disse Mathieu —, nada feio.

— Sente-se.

— Onde?

— Espere.

Sobre o pufe havia um navio dentro de uma garrafa. Ela pegou nele, colocou-o no chão, depois tirou as roupas da cadeira de balouço e lançou-as para o pufe.

— Pronto. Eu sento-me na cama.

Mathieu sentou-se e pôs-se a balouçar.

— A última vez que me sentei numa cadeira de balouço foi em Nîmes, na entrada do Hotel dês Arènes. Tinha quinze anos.

Irene não respondeu. Mathieu reviu a entrada sombria com a sua porta envidraçada, faiscante ao sol: essa recordação ainda lhe pertencia; e havia outras, íntimas e indistintas, que tremiam em torno daquela: não perdi a minha infância. A idade madura, a idade da razão, ruíra, mas restava a infância, ainda quente: nunca estivera tão próximo dela. Tornava a pensar no pequeno deitado nas dunas de Arcachon e que exigia liberdade: diante daquele pequeno obstinado Mathieu deixara de se sentir envergonhado. Levantou-se.

— Já vai?

— Vou passear! — respondeu.

— Não quer ficar mais um pouco? Ele hesitou:

— Francamente, preferiria estar só. Ela pousou a mão no braço dele:

— Verá, comigo será como se estivesse só.

Olhou-a: tinha um jeito engraçado de falar, suave e um tanto ingênuo na sua gravidade; mal abria a boquinha e sacudia um pouco a cabeça para fazer cair as palavras.

— Fico — disse ele.

Ela não demonstrou nenhuma satisfação. A sua fisionomia, aliás, parecia pouco expressiva. Mathieu deu alguns passos no quarto, aproximou-se da mesa e pegou alguns discos. Estavam gastos, alguns rachados, quase nenhum possuía saco. Havia música de jazz, um pot-pourri de Maurice Chevalier, o Concerto para Mão Esquerda, o Quarteto de Debussy, a Serenata de Toselli e a Internacional

cantada por um coro russo.

— É comunista? — perguntou ele.

— Não. Não tenho opinião. Acho que seria comunista se os homens não fossem imundos. — Depois de reflectir acrescentou:

— Sou pacifista.

— Você é engraçada — disse Mathieu —, se os homens são imundos devia-lhe ser indiferente que eles morressem na guerra ou não.

Ela meneou a cabeça com uma gravidade obstinada.

— Justamente. Se são imundos é ainda mais nojento fazer guerra com eles.

Houve um silêncio. Mathieu contemplou uma teia de aranha no tecto e pôs-se a assobiar baixinho.

— Não posso oferecer-lhe nada. A menos que goste de xarope de orchata, ainda há uma pinguinha no fundo da garrafa.

— Hum! — fez Mathieu.

— Já sabia. Ah!, há um charuto na lareira, fume se quiser.

— Com prazer. Levantou-se e pegou nele:

— Posso aproveitá-lo no cachimbo?

— Como quiser.

Tornou a sentar-se, partindo a ponta do charuto com os dedos; sentia o olhar de Irene fixado nele.

— Ponha-se à vontade — disse ela. — Se não quiser falar, não fale.

— Está bem.

Ela perguntou ao fim de um momento:

— Não quer dormir?

— Não.

Parecia-lhe que nunca mais teria vontade de dormir.

— Onde estaria agora se não me tivesse encontrado?

— Na Rua Montorgueil.

— Que faria aí?

— Passearia.

— Deve parecer-lhe estranho estar aqui.

— Não.

— É verdade — disse ela com uma vaga censura —; está há tão pouco tempo...

Ele não respondeu: pensava que ela tinha razão. Aquelas quatro paredes e aquela mulher na cama, era um acidente sem importância. Uma das imagens inconsistentes da noite. Mathieu estava por toda a parte onde fizesse noite, das fronteiras do Norte à Cote d'Azur; eram um só, olhava Irene com todos os olhos da noite: ela não passava de uma luz minúscula na escuridão. Um grito agudo fê-la sobressaltar.

— Que inferno, esse rapaz. Vou ver.

Saiu na ponta dos pés e Mathieu acendeu o cachimbo. Já não tinha vontade de ir à Rua Montorgueil: a Rua Montorgueil estava ali; atravessava o quarto, todas as estradas de França passavam por ali, todas as ervas ali cresciam. Tinham colocado quatro tabiques num ponto qualquer. Mathieu estava num ponto qualquer. Irene voltou: era uma pessoa qualquer. Não era a uma bretã que se assemelhava. Era antes a anamita do Dome. Tinha a mesma pele cor de açafrão, o rosto inexpressivo e a graça impotente.

— Não é nada — disse ela. — Pesadelos. Mathieu deu uma cachimbada.

— Deve ter passado por duras experiências, esse rapaz!

Irene encolheu os ombros e a sua fisionomia mudou bruscamente:

— Ora!

— Você tornou-se dura de repente — disse Mathieu.

— É que me sinto irritada quando se tem dó de um rapazinho dessa espécie, tudo isso são histórias de filhinho de papá.

— O que não o impedirá de ser infeliz.

— Dá-me vontade de rir. Eu, o meu pai pôs-me na rua com dezasseis anos: como vê, não me dava bem com ele. Mas não diria nunca que era infeliz.

Por um instante, Mathieu entreviu, sob o seu rosto de luxo, uma face rude e experiente de mulher de trabalho. A voz dela era lenta e volumosa, deslizava com uma espécie de monotonia na indignação:

— Somos infelizes — disse — quando temos frio ou estamos doentes ou não temos que comer. O resto são ninharias.

Ele pôs-se a rir. Ela franzira o nariz com atenção e abria a boca para vomitar as palavras. Mal a ouvia: via-a. Um olhar. Um olhar imenso, um céu vazio: ela debatia-se nesse olhar, como um insecto na luz de um farol.

— Não — disse ela —, estou disposta a recebê-lo e tratar dele, a impedi-lo de fazer disparates; mas não quero que tenham dó. Porque eu conheço a miséria! E quando os burgueses afirmam que são desgraçados...

Olhou-o atentamente, recobrando o fôlego:

— E verdade que é burguês?

— Sim, sou burguês.

Ela vê-me. Pareceu-lhe que endurecia e diminuía a toda a velocidade. Atrás desses olhos há um céu sem estrelas, há também um olhar. Ela vê-me: como a mesa e o uculele. E para ela eu sou: uma partícula suspensa num olhar, um burguês. E no entanto não chegava a senti-lo. Ela continuava a fitá-lo:

— Que é que faz na vida? Deixe-me adivinhar. Médico?

— Não.

— Advogado?

— Não.

— Bem... Poderia ser um intrujão...

— Sou professor.

— É curioso — disse um tanto decepcionada. Mas acrescentou vivamente: — Não tem importância.

Ela olha para mim. Levantou-se e pegou-lhe no braço um pouco abaixo do cotovelo. A carne doce e morna cedia um pouco sob a pressão dos dedos.

— Que é que quer?

— Tinha desejo de lhe tocar. Sem maldade; porque olha para mim.

Ela deixou-se abraçar e o seu olhar cobriu-se de bruma.

— Gosto de si — disse.

— Também gosto de si.

— Tem mulher?

— Ninguém.

Sentou-se perto dela, na cama:

— E você? Tem alguém na vida?

— Alguns... — disse com um ar triste — sou uma mulher fácil.

O olhar apagara-se. Restava uma bonequinha chinesa com cheiro de acaju.

— Fácil? E o que tem isso?

Ela não respondeu. Pusera a cabeça entre as mãos e olhava o vácuo com ar grave: «É uma pensativa», verificou Mathieu.

— Quando uma mulher anda mal vestida, precisa de ser fácil — disse ela por fim.

Voltou-se para Mathieu, inquieta:

— Não sou intimidante, sou?

— Não — disse Mathieu —, não se pode dizer que seja. Mas ela parecia tão desolada que ele a tomou nos braços. O café estava deserto.

— São duas horas da manhã, não são? — perguntou Ivich ao criado.

Ele esfregou os olhos com as costas das mãos e deitou um olhar para o relógio. Marcava oito e meia.

— Pode ser — resmungou.

Ivich encolheu-se muito quietinha a um canto e puxou a saia sobre os joelhos. Seria uma órfã que se vai juntar à tia num arrabalde de Paris. Pensou que tinha os olhos demasiado brilhantes e desfez os cabelos por cima do rosto. Mas o seu coração transbordava de uma quase alegre excitação: uma hora de espera, uma rua para atravessar a pularia para o comboio.

Lá pelas seis estarei na Estação do Norte, irei primeiro ao Dome, comerei duas laranjas e daí irei a casa de Renata para arranjar quinhentos francos emprestados. Tinha vontade de pedir um conhaque, mas uma órfã não bebe álcool.

— Quer servir-me um chá de tília? — pediu com voz fina.

O criado virou-se, era horroroso mas era necessário seduzi-lo. Quando trouxe o chá, ela deitou-lhe um olhar todo doçura e susto.

— Obrigada — suspirou.

Ele colocou-se diante dela, perplexo.

— Onde é que vai assim?

— A Paris, para casa de minha tia.

— A senhora não é a filha do senhor Serguine, o da serralaria? O idiota!

— Não — respondeu. — O meu pai morreu em 1918. Sou órfã de guerra.

Ele sacudiu a cabeça várias vezes e afastou-se: era um rústico, um rapazola. Em Paris, os criados têm olhos de veludo e acreditam no que lhes dizemos. Vou tornar a ver Paris. Na estação já seria reconhecida: tudo a estaria esperando. As ruas esperavam-na, as montras, as árvores do cemitério, Montparnasse e... as pessoas também. Certas pessoas que não teriam partido —

como Renata — ou que teriam voltado. Voltarei a ser a mesma; só lá ela seria Ivich, entre a Avenida Du Maine e o cais. E mostrar-me-ão a Checoslováquia num mapa. «Ah!», pensou com paixão, «que bombardeiem se quiserem, morreremos juntos, ficará somente Boris para ter saudade».

— Apague.

Ele obedeceu, o quarto fundiu-se na grande noite de guerra, os dois olhares diluíram-se na escuridão; restava apenas uma réstia de luz na porta entreaberta, um olho comprido que parecia vê-los. Mathieu, perturbado, dirigiu-se para a porta.

— Não — disse a voz atrás dele —, deixe aberta; por causa do rapaz; quero ouvir.

Ele voltou em silêncio, tirou os sapatos e as calças. O sapato direito fez barulho ao cair no soalho.

— Ponha a roupa na poltrona.

Colocou as calças, o casaco e a camisa na cadeira de balouço, que rangeu. Ficou nu, braços soltos, dedos crispados, no meio do quarto. Tinha vontade de rir.

— Venha.

Estendeu-se na cama, junto de um corpo quente e nu, estava deitada de costas, não fez um gesto, os seus braços continuaram estendidos, colados ao corpo. Mas quando ele lhe beijou o peito, um pouco abaixo da garganta, sentiu o bater do coração, grandes marteladas que a faziam estremecer da cabeça aos pés. Ficou um instante sem se mexer, dominado por aquela imobilidade palpitante: esquecera o rosto de Irene; estendeu a mão e passou os dedos por aquela carne cega. Uma pessoa qualquer. Ouviu passos na calçada, riam alto.

— Eh! Mareei! — disse uma mulher —, se fosses Hitler poderias dormir esta noite?

Riram, os passos e os risos afastaram-se e Mathieu ficou só.

— Se tenho de tomar precaução — disse uma voz sonolenta —, é melhor dizer logo.

— Não precisa — atalhou Mathieu. — Não sou intrujão.

Ela não respondeu. Ele ouvia-lhe a respiração forte e regular. Um prado dentro da noite, respirava como o capim, como as árvores; talvez tivesse adormecido. Mas uma mão inexperta, semifechada, tocou-lhe rapidamente nas ancas e nas coxas; a rigor podia passar por carícia. Ergueu-se devagar e deslizou por cima dela.

Boris retirou-se bruscamente, puxou as cobertas e deixou-se cair de lado. Lola não se mexera; continuava estendida de costas, de olhos fechados. Boris encolheu-se a fim de evitar o mais possível o contacto do lençol com o seu corpo suado. Lola disse

sem abrir os olhos:

— Começo a acreditar que me amas.

Ele não respondeu. Esta noite amara em Lola todas as mulheres, as duquesas e as outras, as mãos que até então um pudor insuperável mantinha sobre os ombros e os seios de Lola, tinham passeado por toda a parte; por toda a parte passeava os lábios, o semidesmaio que o invadia como de costume no meio do prazer e lhe repugnava, buscara-o com frenesi; havia pensamentos de que queria fugir. Agora sentia-se pastoso e conspurcado, o coração batia loucamente, não era desagradável: nesse momento era preciso pensar o menos possível. Ivich dizia-lhe sempre: pensa de mais. Tinha razão. Viu de repente surgir um pouco de água ao canto das pálpebras de Lola, eram dois pequenos lagos cujo nível subia lentamente de ambos os lados do nariz. «Que história é essa?» Vivia há vinte e quatro horas com uma angústia seca no estômago, não estava disposto a enternecer-se.

— Dá-me o lenço — disse Lola. — Está debaixo do travesseiro.

Enxugou os olhos e abriu-os. Fitava-o com ar desconfiado e duro. «Que terei feito?» Mas não era o que ele pensava: ela disse com voz angustiada:

— Vamos partir.

— Para onde? Ah!, sim, mas não já, dentro de um ano.

— E o que é um ano?

Ela olhava-o com insistência; ele tirou a mão debaixo do lençol e tapou os olhos com uma mecha de cabelos.

— Dentro de um ano a guerra talvez tenha acabado — disse prudentemente.

— Acabado! Sabe-se quando uma guerra começa, não quando acaba.

O braço branco saiu das cobertas e Lola pôs-se a apalpar o rosto de Boris, como se fosse cega. Acariciou-lhe as têmporas e as faces, contornou as orelhas, o nariz: ele sentia-se ridículo.

— Um ano é muito — disse com amargura. — Teremos tempo para pensar nisso.

— Bem se vê que és uma criança. Se soubesses como passa depressa um ano, na minha idade.

— Eu acho muito! — insistiu Boris com obstinação.

— Então tens vontade de lutar?

— Não é isso.

Sentia menos calor, virou-se de costas, distendeu as pernas, que encontraram um pedaço de pano no fundo da cama: as calças do pijama. Explicou, fixando os olhos no tecto:

— Se devo ser chamado, que seja logo e que não se fale mais

nisso.

— E eu? — gritou Lola. E acrescentou ofegante: — Não te perturba deixar-me, bicho mau?

— Mas, se tenho de te deixar de qualquer maneira!

— O mais tarde possível — disse ela apaixonadamente. — Morrerei. Principalmente como tu és, passarás três dias sem escrever, por preguiça, e eu pensarei que estás morto. Ah!, não sabes o que isso é.

— Nem tu — disse Boris. — Espera que aconteça para te atormentares.

Houve um silêncio e ela falou com voz áspera e rouca que ele conhecia tão bem:

— Em todo o caso, não deve ser muito difícil dar um jeito. Ela conhece mais gente do que imaginas, a tua velha.

Ele afastou-se e fitou-a furioso:

— Lola, se fizeres isso...

— Então?

— Nunca mais te verei.

Ela acalmara-se. Disse-lhe com um estranho sorriso:

— Pensei que a guerra te inspirasse horror. Quantas vezes me disseste que eras antimilitarista!

— Continuo sendo.

— Então?

— Não é a mesma coisa.

Ela fechara novamente os olhos e mantinha-se serena, mas já não tinha a mesma fisionomia: as duas velhas rugas de fadiga acabavam de reaparecer na comissura dos lábios. Boris fez um esforço:

— Sou antimilitarista porque não posso suportar os oficiais — disse, conciliante. — Dos simples soldados não desgosto.

— Mas serás oficial! Eles forçar-te-ão a ser oficial. — Boris não respondeu; era complicado de mais; perdia-se naquela confusão. Detestava os oficiais, sem dúvida. Mas por outro lado, como era a guerra e como o haviam destinado a uma pequena carreira, era preciso que fosse tenente. «Ah!», pensou, «se pudesse estar lá e acompanhar a companhia pela força das circunstâncias, e não me aborrecer mais com tudo isso!» Disse bruscamente:

— Gostaria de saber se terei medo.

— Medo?

— Isso é que me atormenta.

Pensava que Lola não compreenderia: fora melhor explicar-se

com Mathieu ou mesmo Ivich, mas uma vez que ela estava ali...

— Durante todo o ano vamos ler nos jornais: os franceses avançam sob um dilúvio de ferro e fogo, ou outros truques assim, sabes o que eu quero dizer. E de cada vez eu pensarei: agüentarei? Ou então interrogarei os soldados em licença, perguntarei: é duro? E eles responderão: muito duro, e eu não me sentirei à vontade.

— Vai ser divertido.

Ela riu e imitou-o com alegria.

— Espera que aconteça para te atormentares. E se tivesses medo, tolinho? Que grande tragédia!

Boris pensou: «Não adianta explicar-lhe, não compreende nada. Bocejou e perguntou:

— Vamos apagar? Estou com sono.

— Se quiseses — disse Lola. — Dá-me um beijo.

Beijou-a e apagou a luz. Detestava-a, pensou: «Não gosta de mim, de mim mesmo, senão teria compreendido.» Eram todos iguais, fingiam-se de cegos; fizeram de mim um galo de briga, um touro de raça e agora fecham os olhos, o meu pai quer que eu tire o diploma, e essa quer dar um jeito para me dispensar, só porque dormiu uma vez com um coronel. Subitamente sentiu um corpo nu e quente colar-se ao seu. «Sempre este corpo a meu lado, e mais um ano ainda. Ela abusa de mim.» Fez-se ríspido.

Afastou-se.

— Onde vais? — perguntou Lola. — Vais cair no chão!

— Fazes-me suar.

Ela deixou-o resmungando. Um ano. Um ano a perguntar-me se sou um covarde, um ano a ter medo de ter medo. Ouvia a respiração regular de Lola, que dormia; e depois novamente o corpo colou-se ao dele, não era culpa dela, havia uma depressão a meio da cama, mas Boris estremeceu de raiva e desespero. Vai esmagar-me até amanhã cedo. Oh!, viver com homens, cada um na sua cama. De repente foi tomado por uma espécie de vertigem, tinha as costas suadas: acabava de compreender que se alistaria como voluntário no dia seguinte.

A porta abriu-se e a senhora Birnenschatz surgiu de camisola, com um lenço na cabeça.

— Gustave! — disse berrando para dominar o barulho do rádio. — Por favor, vem dormir!

— Dorme tu, não te incomodes comigo.

— Mas eu não posso dormir se não te deitares.

— Ora — disse ele aborrecido —, pois não vês que estou à espera de uma coisa!

— Mas o quê? Porque estás sempre a mexer nesse maldito

rádio? Os vizinhos acabarão por se queixar. O que é que esperas? Birnenschatz voltou-se para ela, segurou-lhe o braço com força:

— Aposto que é um bluff. Aposto que haverá um desmentido agora à noite.

— Mas o quê? — indagou ela assustada. — De que estás a falar?

Fez-lhe sinal para que se calasse. Uma voz calma e pausada começara a falar: «Desmentem-se em Berlim, nas fontes bem informadas, todas as notícias divulgadas no estrangeiro acerca de um ultimato que teria sido enviado à Checoslováquia pela Alemanha, dando-lhe um derradeiro prazo até hoje às catorze horas, bem como a respeito de uma pretensa mobilização que seria decretada em caso de recusa.»

— Escuta! — gritou Birnenschatz —, escuta!

«Considera-se que tais notícias só podem espalhar o pânico e criar uma psicose de guerra. Desmente-se igualmente uma declaração que teria sido divulgada pelo ministro Goebbels a um jornal estrangeiro, acerca desse mesmo prazo. O senhor Goebbels não recebe nenhum jornalista estrangeiro há várias semanas.»

Birnenschatz escutou mais um pouco, mas a voz emudecera. Então fez a mulher rodopiar uns passos de valsa, gritando:

— Eu disse-te! Eu disse-te! É o recuo, o pálido recuo. Não teremos guerra, Catherine, não teremos guerra, os nazis estão fritos!

A luz. As quatro paredes levantaram-se bruscamente, entre Mathieu e a noite. Ergueu-se sobre as mãos e contemplou a fisionomia calma de Irene: a nudez do corpo subira até ao rosto, o corpo recuperara-o como a natureza recupera os jardins abandonados; Mathieu não o podia isolar mais dos ombros redondos, dos seios pequenos e pontiagudos, era tudo uma flor de carne tranqüila e vaga.

— Não foi muito aborrecido? perguntou ela.

— Aborrecido?

— Há quem me ache chata porque não sou muito activa. Uma vez um tipo aborreceu-se tanto comigo que foi embora pela manhã e nunca mais voltou.

— Eu não me aborreci.

Passou-lhe ao de leve o dedo no pescoço.

— Mas, sabe?, não deve pensar que sou fria.

— Sei, fique quieta.

Tomou-lhe a cabeça nas mãos e inclinou-se sobre os olhos dela. Eram lagos de geleia, transparentes e sem fundo. Ela olha para mim. Atrás desse olhar, o corpo e o rosto tinham desaparecido. No fundo desses olhos é a noite. A noite virgem. Ela

fez-me entrar nesses olhos: existo nessa noite: um homem nu. Vou deixá-la dentro de algumas horas e no entanto ficarei nela para sempre. Nela, nessa noite anônima. Pensou: «Não sabe sequer o meu nome.» E de repente começou a querê-la tão fortemente que teve ímpeto de lho dizer. Mas calou-se: as palavras teriam mentido; era àquele quarto que se prendia tanto quanto a ela mesma, à guitarra na parede, ao rapazola a dormir, a este instante, a toda esta noite.

Ela sorriu-lhe:

— Olha para mim mas não me vê.

— Vejo-a. Ela bocejou:

— Queria dormir um pouco.

— Durma — disse Mathieu. — Mas ponha o despertador para as seis; preciso de passar por casa antes de ir para a estação.

— Parte esta manhã?

— Às oito horas.

— Posso acompanhá-lo à estação?

— Se quiser.

— Espere — disse ela. — Preciso de sair da cama para acertar o despertador e apagar a luz. Mas não olhe, fico com vergonha por causa do meu traseiro, volumoso e baixo.

Virou a cabeça, ouviu-a andar no quarto, viu apagar-se as luzes. Ela disse-lhe, ao voltar para a cama:

— Às vezes levanto-me a dormir e passeio pelo quarto. Basta dar-me umas bofetadas.

QUARTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO

Seis horas da manhã. Estava orgulhosa de si: não pregara olho durante toda a noite e no entanto não tinha sono. Apenas um ardor seco no fundo dos olhos, uma ligeira comichão no olho esquerdo, esse tremorzinho das pálpebras e, de vez em quando, frêmitos de cansaço a percorrerem-lhe as costas dos rins à nuca. Viajara num comboio horivelmente deserto, a última criatura que vira fora o chefe da estação, em Soissons, agitando a bandeira vermelha. E, de repente, na estação de leste, a multidão. Era uma multidão feia, de velhas e soldados; mas tinha tantos olhos, tantos olhares, e além disso Ivich adorava aquele movimento perpétuo de cotovelos, de rins, de ombros, o balouçar obstinado das cabeças umas atrás das outras; era tão agradável não mais suportar sozinha o peso da guerra. Parou em frente de um dos grandes portões de saída e contemplou religiosamente o Bulevar

Strasbourg; era preciso encher os olhos, juntar na memória as árvores, as lojas fechadas, os autocarros, os carris dos eléctricos, os cafés que começavam a abrir e a atmosfera embaciada da madrugada. Mesmo que jorrasse bombas dentro de cinco minutos, de trinta segundos, não me poderiam tirar isso.

Verificou se não deixava escapar nada, nem mesmo o imenso cartaz Dubon-dubon-dubonnet à esquerda, e de repente sentiu-se tomada de frenesi: tinha de entrar na cidade antes que eles chegassem. Deu um empurrão a duas bretãs que transportavam gaiolas de passarinhos, passou o portão, deu entrada na verdadeira calçada de Paris. Pareceu-lhe que entrava num braseiro, era exaltante e sinistro. «Tudo se queimará: mulheres, crianças, velhos, eu perecerei nas chamas.» Não tinha medo; de qualquer modo teria horror à velhice; mas a pressa secava-lhe a garganta; não podia perder um minuto: tanta coisa a ver! A Foire aux Puces, as catacumbas, Ménilmontant e outras que ainda não conhecia, como o Museu Grévin; se me derem oito dias, se não vierem antes de terça-feira próxima, terei tempo para tudo. «Ah!», pensou com paixão, «oito dias de vida, quero divertir-me mais do que em um ano inteiro, quero morrer a divertir-me». Aproximou-se de um táxi:

— Rua Huyghens, 12.

— Suba.

— Passe pelo Bulevar Saint-Michel, Rua Auguste Comte, Rua Vavin, Rua Delambre, Rua da Gaité e Avenida Du Maine.

— É um percurso mais longo.

— Não faz mal.

Entrou no automóvel e fechou a porta. Deixara Laon atrás para sempre. Nunca mais! Morreremos aqui! «Que lindo dia!», murmurou. «Que lindo dia! À tarde iremos à Rua Rosiers e à ilha Saint-Louis.»

— Depressa, depressa — gritou Irene. — Venha!

Mathieu estava em mangas de camisa, penteava-se diante do espelho. Pousou o pente na mesa, pôs o casaco debaixo do braço e entrou no quarto de visitas.

— Que foi?

Irene mostrou-lhe a cama com um gesto poético.

— Foi-se embora!

— Não é possível!

Mathieu olhou para a cama desfeita, coçando a cabeça, depois desatou a rir. Irene fitou-o com ar sério e espantado, mas o riso foi contagioso.

— Passou-nos uma rasteira — disse Mathieu. Vestiu o casaco.

Irene continuava a rir.

— Encontramo-nos no Dome, às sete horas.

— Às sete — disse ela.

Inclinou-se e beijou-a ao de leve.

Ivich subiu a escada a correr e deteve-se ofegante no patamar do terceiro andar. A porta estava entreaberta. Começou a tremer. «Talvez seja a porteira», pensou. Entrou: todas as portas estavam abertas, assim como todas as luzes. No hall uma mala grande: ele está aqui!

— Mathieu!

Ninguém respondeu. A cozinha estava vazia, mas no quarto a cama achava-se desarrumada. «Dormiu aqui.» Entrou no escritório, abriu as janelas e as persianas. «Não é assim tão feio», pensou, «eu era injusta». Viveria ali, escrever-lhe-ia quatro vezes por semana; não, cinco. E um dia, ele leria nos jornais: «Bombardeamento de Paris», e nunca mais receberia cartas. Deu a volta ao escritório, mexeu nos livros, no peso para papéis em forma de caranguejo.

Havia um cigarro partido junto de uma obra de Martineau sobre Stendhal; pegou nele e guardou-o no bolso com as suas relíquias. Depois sentou-se muito direitinha no sofá. Ao fim de um momento, ouviu passos na escada e o seu coração deu pulos.

Era ele. Deteve-se um instante no hall, depois entrou com a mala. Ivich abriu as mãos e deixou cair a bolsa no chão.

— Ivich!

Não parecia espantado. Largou a mala, levantou a bolsa, entregou-lha.

— Está aqui há muito tempo?

Ela não respondeu: estava um pouco amuada porque deixara cair a bolsa. Ele foi sentar-se perto dela. Ela não o via. Fitava o tapete e a ponta dos sapatos.

— Tenho sorte — disse alegremente. — Uma hora mais tarde e não me encontraria. Tomo o comboio para Nancy às oito.

— Mas como? Parte já?

Calou-se, descontente consigo mesma e odiando a própria voz. Tinham tão pouco tempo, quisera ser simples, mas era mais forte do que ela: quando passava muito tempo sem ver as pessoas, não sabia ser simples ao vê-las de novo. Deixara-se dominar por um mole torpor que se assemelhava a um amuo. Escondia-lhe cuidadosamente o rosto mas mostrava-lhe o seu desnorteamento; sentia-se mais impudica do que se o olhasse de frente. Duas mãos estenderam-se para a mala, pegaram num despertador e deram-lhe corda. Mathieu levantou-se para colocar o despertador sobre a mesa. Ivich ergueu um pouco os olhos e viu-o, mancha escura contra a luz. Tornou a sentar-se, continuava calado, mas Ivich recobrou um pouco de coragem. Olhava-a, sabia que ele a olhava.

Ninguém, há três meses, a havia olhado como ele a olhava naquele momento. Sentia-se preciosa e frágil; um pequeno ídolo mudo; era doce, irritante e um pouco doloroso. Bruscamente, percebeu o tiquetaque do despertador e pensou que ele devia partir. «Não quero ser frágil, não quero ser um ídolo.» Fez um esforço violento e conseguiu virar-se para o lado dele. Não tinha o olhar que ela esperava.

— Você aqui, Ivich. Você aqui.

Não parecia pensar no que dizia. Sorriu-lhe, mesmo assim, mas estava gelada da cabeça até aos pés. Ele não devolveu o sorriso; disse lentamente:

— Você...

Considerava-a com espanto.

— Como veio? — continuou num tom mais animado.

— De comboio. — Juntava as mãos e apertava-as com força para fazer estalar as falanges.

— Os seus pais sabem?

— Não.

— Fugiu?

— Mais ou menos.

— Bem. Bem. Está certo; poderá morar aqui. Acrescentou com interesse:

— Aborrecia-se em Laon?

Ela não respondeu. A voz caía-lhe na nuca como um cutelo frio e tranqüilo.

— Pobre Ivich!

Ela principiou a puxar os cabelos aos punhados. Ele continuou:

— Boris está em Biarritz?

— Está.

Boris levantara-se às apalpadelas, vestiu as calças e o casaco a tremer, deitou um olhar para Lola, que dormia de boca aberta, abriu a porta sem ruído e saiu para o corredor, com os sapatos na mão.

Ivich olhou para o despertador e viu que já eram seis horas e vinte. Perguntou com voz queixosa:

— Que horas são?

— Seis e vinte. Espere. Vou pôr uns objectos na mala e depois estarei inteiramente livre.

Ajoelhou-se junto da mala. Ela contemplava-o inerte. Não sentia mais o corpo, porém o tiquetaque do despertador feria-lhe os

ouvidos. Ao fim de um momento ele levantou-se:

— Pronto.

Mantinha-se em pé diante dela. Ela via-lhe as calças um pouco puídas nos joelhos.

— Escute, Ivich — disse ele suavemente. — Vamos falar de coisas sérias: o apartamento é seu, a chave está pendurada num prego atrás da porta, vai morar aqui até ao fim da guerra. Quanto aos meus vencimentos, já tomei providências; dei uma procuração a Jacques ele recebê-los-á e envia-los-á para si mensalmente. Terá de pagar pequenas contas periodicamente: o aluguer, por exemplo, e os impostos, a menos que isentem os soldados — e depois mandar-me-á de vez em quando um pequeno embrulho com coisas, conservas, o que sobrar é para si. Acho que poderá viver.

Ela escutava a voz igual e monótona, que se assemelhava à do locutor da rádio. Como ousava ser tão chato? Não compreendia muito bem o que ele dizia, mas imaginava nitidamente a cara que devia fazer, meio sorridente, as pálpebras pesadas e um ar de falsa beatitude. Olhou-o para o odiar ainda mais e o ódio evadiu-se. Não tinha a cara da voz.

Estará a sofrer? Não, não parecia infeliz. Era um ar que ela não lhe reconhecia, eis tudo.

— Está-me a ouvir, Ivich? — perguntou ele a sorrir.

— Certamente — disse ela. Levantou-se:

— Mathieu, quero que me mostre a Checoslováquia num mapa.

— Não tenho mapas — disse ele. — Ah!, sim, devo ter um Atlas velho.

Foi buscar um álbum encadernado, à biblioteca, e colocou-o em cima da mesa, abriu-o: «Europa Central». As cores eram neutras: somente cinzento e roxo. Não tinha azul; nem mares nem oceanos. Ivich olhou atentamente para o mapa e não conseguiu descobrir a Checoslováquia.

— É de antes de 1914 — disse Mathieu.

— E antes de 1914 não havia Checoslováquia?

— Não.

Pegou na caneta e riscou o meio do mapa uma curva irregular e fechada.

— É mais ou menos isto — disse.

Ivich olhou para aquela extensão de terras sem água, de cores tristes, o traço de tinta preta, tão feio junto dos caracteres tipográficos, leu a palavra «Boémia» dentro da curva e disse:

— Ah! É isso a Checoslováquia?

Tudo se lhe afigurou inútil e ela pôs-se a soluçar.

— Ivich!

Achou-se bruscamente meio estendida no sofá. Mathieu enlaçava-a. A princípio ela endireitou-se: não quero piedade, sou ridícula, mas ao fim de um momento relaxou-se, não houve mais guerra, nem Checoslováquia, nem Mathieu; somente aquela suave pressão em volta dos ombros.

— Dormiu ao menos esta noite? — perguntou ele.

— Não — disse ela entre dois soluços.

— Minha pobre Ivichzinha!

Levantou-se e saiu; ela ouvia-o andar no quarto ao lado. Quando voltou, recobrou um pouco aquele ar ingênuo e beato de que ela tanto gostava.

— Arranjei lençóis limpos — disse, sentando-se ao lado dela. — A cama está feita, poderá dormir logo que eu me for embora.

Ela encarou-o:

— Eu... eu não vou consigo à estação?

— Pensei que detestasse as despedidas...

— Ora — disse conciliante —, numa circunstância tão importante...

Mas Mathieu sacudiu a cabeça:

— Prefiro ir só. E além disso, precisa de dormir.

— Ah! — disse ela —, está bem.

Pensou: «Como sou tola.» E sentiu-se de repente fria e fechada. Sacudiu a cabeça energicamente, enxugou as lágrimas e sorriu.

— Tem razão. Estou nervosa de mais. É o cansaço: vou repousar.

Ele tomou-lhe a mão e fê-la erguer-se:

— Quero mostrar-lhe o apartamento. Parou no quarto, diante de um armário:

— Aqui encontrará seis pares de lençóis, fronhas e cobertores. Há também um edredão por aí, não sei onde o enfiei, a porteira sabe.

Abriu o armário e olhava para as pilhas de roupa branca. Riu, não tinha um ar muito bom.

— Que há? — indagou cortesmente Ivich.

— Tudo isto era meu, é ridículo. Voltou-se para ela:

— Vou mostrar-lhe também a despensa. Venha. Entraram na cozinha e ele indicou-lhe umas prateleiras.

— E aí. Ainda há azeite, sal, pimenta e latas de conserva.

Erguia as latas cilíndricas, uma após outra, à altura dos olhos

e fazia-as girar à luz da lâmpada: «Salmão, cassoulet, três latas de chucrute. Ponha esta em banho-maria...» Calou-se e aquele riso mau aflorou-lhe novamente aos lábios. Mas não acrescentou nada, olhou para uma lata de ervilhas, com olhos mortos, e depois tornou a colocá-la na prateleira.

— Cuidado com o gás, Ivich. E preciso fechar o contador todas as noites, antes de se deitar. Tinha voltado ao escritório.

— A propósito — disse ele —, avisarei a porteira, quando descer, que deixo o apartamento a seu cargo. Ela mandar-lhe-á a senhora Balaine. E quem faz a limpeza aqui, não é desagradável.

— Balaine! Que nome esquisito. Riu e Mathieu sorriu.

— Jacques não volta antes do princípio de Outubro — continuou ele. — Preciso de lhe dar algum dinheiro para que possa ir esperá-lo.

Tinha na carteira uma nota de mil francos e duas de cem. Entregou-lhe a de mil.

— Obrigada. Muito obrigada — disse ela amarrotando-a na mão crispada.

— Qualquer coisa que aconteça, chame Jacques. Eu escrever-lhe-ei dizendo-lhe que a confio a ele.

— Obrigada. Obrigada.

— Sabe o endereço dele?

— Sei. Sei. Obrigada.

— Até breve. — Aproximou-se dela: — Até breve, querida Ivich. Escreverei logo que tiver uma morada. Pegou-a pelos ombros e puxou-a para si.

— Querida Ivich.

Ivich estendeu-lhe docilmente a testa e ele beijou-a. Depois apertou-lhe a mão e saiu. Ela ouviu-o bater a porta do bali. Só então desamarrotou a nota de mil francos, olhou para a vinheta e rasgou-a em oito pedaços, que lançou para o chão. Um velho colonial de barba ruiva pousava uma das mãos no ombro do recruta e com a outra mostrava a costa africana: «Aliste-se no exército colonial.» O jovem recruta tinha um ar estúpido: durante seis meses Boris teria esse ar idiota. Ponhamos três meses: os anos de guerra contam a dobrar. «Cortarão a minha mecha de cabelos», pensou. Animais! Nunca se sentira tão ferozmente antimilitarista. Passou perto de uma sentinela imóvel na guarita. Deitou-lhe um olhar dissimulado e de repente sentiu-se amedrontado. «Merda», pensou. Mas estava decidido a tudo, sentiu-se mal da cabeça até aos pés. Entrou na caserna de pernas moles. O céu estava rutilante, um vento muito brando trazia até àqueles arrabaldes longínquos o cheiro do mar: «Que pena», pensou Boris. «Que pena que o dia esteja tão lindo.» Um guarda vigiava a porta do comissariado.

Philippe contemplava-o, estava com frio: doíam-lhe a face e o lábio superior. Será um martírio sem glória. Sem glória e sem alegria: a prisão e, de manhã, o fuzilamento nos fossos de Vincennes; ninguém o saberia, tinham-no renegado.

— O comissário? — perguntou. O guarda encara-o:

— Primeiro andar.

Serei a minha própria testemunha, não tenho de prestar contas a ninguém. Só a mim mesmo.

— Secção de alistamento?

Os dois soldados trocaram um olhar e Boris sentiu o rosto a afogear-se, que cara devo ter, pensou.

— No fundo do pátio, primeira porta à esquerda.

Boris saudou negligentemente com dois dedos e atravessou o pátio com passo firme; mas pensava: «Estou com uma cara de idiota», e isso aborrecia-o bastante. «Devem torcer-se a rir», pensou. «Um tipo que vem sozinho, sem ser forçado, hão-de achar a coisa engraçada.» Philippe estava de pé, em plena luz, encarava o homenzinho condecorado, de queixo quadrado, e pensava em Raskolnikoff.

— E o senhor o comissário?

— Sou o secretário dele.

Philippe falava com dificuldade por causa do lábio tumeficado, mas a voz era clara. Deu um passo em frente:

— Sou desertor — disse com firmeza. — E trago comigo um passaporte falso.

O secretário examinou-o com atenção.

— Sente-se — disse cortesmente.

O táxi rodava para a estação de leste.

— Vai chegar atrasado — disse Irene.

— Não — respondeu Mathieu. — Exactamente à hora. Acrescentou como explicação:

— Tinha uma moça em casa.

— Uma moça?

— Veio de Laon para me ver.

— Ama-o?

— Não, não.

— E você ama-a?

— Tão-pouco: cedo-lhe o meu apartamento.

— É uma boa menina?

— Não, não é uma boa menina. Mas também não é má.

Calaram-se.

O táxi atravessava o mercado.

— Foi ali — disse Irene. — Foi ali.

— Sim.

— Ontem. Deus meu!, como está longe... Ajeitou-se no fundo do banco para olhar pelo vidro de trás.

— Acabou-se — disse voltando à posição normal. Mathieu não respondeu. Pensava em Nancy, onde nunca estivera.

— Você não conversa muito — disse Irene. — Mas não me aborreço consigo.

— Conversei muito outrora — respondeu Mathieu com um risinho curto. — E você que vai fazer hoje?

— Nada, nunca faço nada. O meu velho dá-me uma pensão.

O táxi parou, desceram e Mathieu pagou.

— Não gosto de estações — disse Irene. — É sinistro.

Agarrou-o pelo braço de repente. Ia ao lado dele silenciosa e familiar; Mathieu tinha a impressão de que a conhecia há dez anos.

— Preciso de comprar o bilhete. Abriram caminho na multidão.

Era uma multidão civil, lenta, muda, com alguns soldados.

— Conhece Nancy?

— Não — disse Mathieu.

— Eu conheço. Diga-me, onde vai ficar?

— Na caserna de Essey-lès-Nancy.

— Conheço — disse ela. — Conheço.

Homens com mala faziam bicha diante do guichet.

— Quer que vá comprar um jornal enquanto está na bicha?

— Não — disse ele apertando-lhe o braço. — Fique comigo.

Ela sorriu contente. Avançaram, passo a passo.

— Essey-lès-Nancy.

Estendeu a caderneta militar e o empregado deu-lhe um bilhete. Ele virou-se para ela:

— Acompanhe-me até à cancela, mas prefiro que não entre na gare.

Deram alguns passos e pararam.

— Então, adeus — disse ela.

— Adeus.

— Terá durado apenas uma noite.

— Uma noite. Mas você será a minha única recordação de Paris.

Beijou-a. Ela indagou:

— Vai escrever-me?

— Não sei.

Encarou-a um momento sem falar e depois afastou-se.

— Eh!

Voltou-se. Ela sorria, mas os seus lábios tremiam um pouco.

— Não sei sequer o seu nome.

— Mathieu Delarue.

— Entre!

Estava sentado na calma, de pijama, sempre bem penteado, sempre bonitão, ela perguntava a si mesma se ele não punha uma rede para dormir. O quarto cheirava a água-de-colônia. Olhou-a espantadíssimo, pegou rapidamente nos óculos e colocou-os no nariz.

— Ivich!

— Eu — disse ela, com candura. Sentou-se na beira da cama e sorriu-lhe. O comboio de Nancy saía da estação de leste; em Berlim os bombardeiros acabavam talvez de levantar voo. «Quero divertir-me! Quero divertir-me!» Olhou em volta; era um quarto de hotel, rico e feio. A bomba atravessará o tecto e o soalho do sexto andar. Morrerei aqui.

— Não pensava em voltar a vê-la — disse ele muito digno.

— Porquê? Porque se portou como um intrujão!

— Tínhamos bebido.

— Eu tinha bebido porque acabava de saber que fracassara nos exames. Mas você não havia bebido; queria levar-me para o seu quarto: estava à espreita.

Ele mostrava-se inteiramente desorientado.

— Pois bem, eis-me aqui no seu quarto. Então? Ele ficou roxo:

— Ivich!

Ela desatou a rir:

— Não parece muito perigoso!

Houve um longo silêncio e depois uma mão tímida tocou-lhe na cintura. Os bombardeiros tinham atravessado a fronteira. Ela morria a rir: como quer que seja, não morrerei virgem.

— Este lugar está vago?

— Hum! — fez o velho gorducho.

Mathieu colocou a mala no porta-malas e sentou-se. O

compartimento estava repleto. Mathieu tentou ver os companheiros de viagem, mas a escuridão ainda era grande.

Ficou um instante imóvel até que houve uma sacudidela brusca e o comboio pôs-se a andar. Mathieu estremeceu de alegria: acabou-se! Amanhã, Nancy, a guerra, o medo, a morte, talvez, a liberdade. «Vamos ver», pensou. «Vamos ver.» Pôs a mão no bolso para pegar no cachimbo e os seus dedos tocaram num sobrescrito: era a carta de Daniel. Teve vontade de a enfiar de novo no bolso, mas unia espécie de pudor impediu-o de fazê-lo. Era preciso lê-la, afinal. Encheu o cachimbo, acendeu-o, rasgou o sobrescrito e tirou de dentro sete folhas de papel cobertas de uma letra igual e carregada, sem rasuras:

«Fez um borrão. Como é comprida!», pensou aborrecido. O comboio felizmente saía da estação, via-se melhor. Leu:

«Meu caro Mathieu:

Imagino demasiado bem o teu estupor, para não sentir profundamente até que ponto esta carta é inoportuna. Afinal, nem mesmo eu sei porque me dirijo a ti: é de se supor que, assim como o do crime, o caminho das confidências é uma ladeira escorregadia. Ao revelar-te, em Junho último, um aspecto pitoresco da minha natureza, talvez tenha feito de ti — sem o perceber — a minha testemunha prioritária. Muito o lamentaria pois, se devesse estampilhar por ti todos os acontecimentos da minha vida, seria levado a votar-te um ódio activo, que não deixaria de ser cansativo para mim e nocivo para ti. Bem sabes que digo isto a brincar. Há alguns dias, ando a sentir uma leveza de chumbo — se é que a aliança das duas palavras não te assusta — e o Rire outorgou-me certa graça suplementar. Mas deixemos isso de lado, mesmo porque não é o extraordinário da minha vida que te vou relatar e sim uma aventura extraordinária. Sem dúvida não se me afigurará ela inteiramente real, enquanto não existir também para outros. Não porque confie muito na tua boa fé. Duvido que consintas em abandonar por um instante sequer esse racionalismo que há dez anos ou mais é o teu ganha-pão. Mas talvez tenha justamente decidido comunicar essa experiência inacreditável àquele, dentre os meus amigos, que fosse o menos indicado para a compreender: talvez tenha visto nisso algo como uma contraprova. Não que te peça uma resposta: desagradar-me-ia que te acreditasse obrigado a escrever-me essas exortações ao bom senso que — dá-me a honra de crê-lo — não deixei de fazer-me de viva voz. É mesmo preciso que te confesse: é quando penso no bom senso, na razão sadia, nas ciências positivas que, a maior parte das vezes, o maná do riso cai sobre mim. Imagino por outro lado que Marcelle se sentiria magoada se encontrasse uma carta tua na minha correspondência.

Pensaria surpreender uma correspondência clandestina e talvez, conhecendo-te como te conhece, imaginasse que te pões generosamente à minha disposição para guiar os meus primeiros

passos na vida conjugal. Eis porque o teu silêncio me pode servir de contraprova: se me for possível imaginar o teu "horroroso sorriso" sem me perturbar e conceber a ironia inconfessada com que encararás o meu "caso" sem abandonar o caminho excepcional que escolhi, terei adquirido a certeza de que estou no caminho certo. Acrescento, para evitar qualquer mal-entendido, e agradecendo à boa vontade do psicólogo subtil, que desta vez é ao filósofo que me dirijo, pois convém situar a narrativa que te envio no plano metafísico. Julgarás sem dúvida que isso é muito pretensioso, porque não li Hegel nem Schopenhauer; não te formalizes, não seria certamente capaz de fixar em noções os movimentos actuais do meu espírito, deixo isso ao teu cuidado, mesmo porque cabe dentro da tua profissão; contentar-me-ei em viver às cegas o que vós, os clarividentes, concebeis.

Contudo, não preciso que cedas tão facilmente: este riso, estas angústias, estas intuições fulgurantes, é infelizmente muito verosímil que te sintas na obrigação de classificá-los pelo meu carácter e pelos meus costumes, abusando das confidências que tive a fraqueza de te fazer. Isso não é da minha conta: o que foi dito está dito; tens portanto a liberdade de aproveitá-lo como quiseses, ainda que seja para cometer erros monumentais a meu respeito. Quero mesmo confessar-te que é com um secreto prazer que me disponho a fornecer-te todas as informações necessárias à reconstituição da verdade, embora sabendo que as utilizarás para chafurdar deliberadamente no erro.

Passemos aos factos. O riso faz cair-me a caneta das mãos. Lágrimas de riso. O que só ventilo tremendo, isso de que nunca falei a ninguém, por pudor tanto quanto por respeito, vou trocá-lo por miúdos, em palavras públicas, e essas palavras é a ti que endereço, ficarão nestas folhas azuis e dentro de dez anos ainda as poderás reler para te divertires. Parece-me que cometo um sacrilégio contra mim mesmo e isso é a coisa mais indesculpável; mas percebi também isto que te revelo com o resto: o sacrilégio provoca o riso. O que mais amo não me seria nunca inteiramente caro, se ao menos uma vez não me tivesse feito rir. Pois bem, ter-te-ia dado a oportunidade de rir da minha nova fé, transportarei comigo uma certeza humilhada que te ultrapassará em toda a sua imensidade e que estará nas tuas mãos; o que aqui me esmaga será diminuído aí, à medida da tua indignidade.

Sabe, portanto, se te divertires com a leitura desta carta, que te antecede: rio-me; Deus feito homem, sobreexcedendo todos os homens e por todos zombando, pendurado na cruz, de boca aberta, esverdeado, mais mudo do que uma carpa sob os sarcasmos, haverá coisa mais risível? Por mais que faças, meu caro, as mais doces lágrimas de riso não correrão pelas tuas faces.

Vejamos, pois, o que podem as palavras. Antes de tudo, poderás compreender-me se te disser que nunca soube o que sou? Os meus vícios e as minhas virtudes, estou com o nariz em cima

deles, não os posso ver nem recuar suficientemente para me considerar um conjunto. Além disso, sinto a estranha sensação de ser uma matéria mole e movediça em que as palavras se atolam, mal tento nomear-me e já quem é nomeado se confunde com quem nomeia, e é preciso recomeçar tudo. Muitas vezes desejei odiar-me e bem sabes que tinha boas razões para tanto. Mas esse ódio, logo que o experimentava, já não passava de uma recordação. Não podia amar-me tão-pouco — estou convencido disso, embora jamais o tenha tentado. Mas era necessário que eu "fosse" assim eternamente; era o meu próprio fardo. Não assaz pesado, Mathieu, nunca bastante pesado. Um momento, nesta tarde de Junho, aprouve-me confessar-me a ti, acreditei tocar-me nos teus olhos amedrontados. Tu vias-me, aos teus olhos eu era sólido e previsível; os meus actos e os meus humores já não eram as conseqüências de uma essência fixa. Esta essência, é através de mim que a conheces, eu tinha-ta descrito com palavras, eu tinha-te revelado factos que ignoravas e que haviam permitido entrevê-la. No entanto, tu é que a vias e eu só podia ver-te a vê-la. Durante um instante, foste o mediador entre mim mesmo, o mais precioso do mundo a meus olhos, pois esse sólido e denso que eu era, que queria ser, tu percebia-lo tão simplesmente, tão vulgarmente como eu te percebia. Porque eu existo, afinal, eu sou, mesmo não me sentindo ser; e não é suplício comum encontrar em si uma tal certeza sem o menor fundamento, um tal orgulho sem alicerces. Compreendi, então, que só nos podíamos alcançar através do juízo de outrem, do ódio de outro. Pelo amor de outro também, talvez; mas não se tratará disso aqui. Por essa revelação dediquei-te uma gratidão mitigada. Não sei que nome dás hoje às nossas relações. Não é amizade, nem exactamente ódio. Digamos que há um cadáver entre nós. O meu cadáver.

Estava ainda com essa disposição de espírito quando parti para Sauveterre com Marcelle. Ora queria procurar-te, ora sonhava matar-te. Mas, um dia, concordei com a reciprocidade das nossas relações. Que serias tu sem mim, senão essa mesma espécie de inconsistência que sou para mim mesmo? E graças à minha intercepção que podes adivinhar por vezes — não sem alguma exasperação — como és de verdade: um racionalista um pouco curto, muito seguro de si aparentemente, incerto no fundo, cheio de boa vontade para com tudo o que depende da tua razão, cego e mentiroso em relação ao resto; raciocinador por prudência, sentimental por gosto, muito pouco sensual; em suma, um intelectual comedido, moderado, fruto delicioso das nossas classes médias. Se é certo que não me posso alcançar sem a tua intercepção, não é menos certo que a minha te é necessária se te queres conhecer. Vimo-nos então exibindo, um por intermédio do outro, os nossos nada, e pela primeira vez ri, ri com esse riso profundo e confortador que abrasa tudo. Depois recaí numa espécie de indiferença melancólica, tanto mais quanto o sacrifício que fizera nesse mesmo mês de Junho e se apresentava então

como uma expiação dolorosa, revelara-se, com o correr dos dias, horivelmente suportável. Mas devo calar isto: não posso falar de Marcelle sem rir, e, por uma questão de decência que saberás apreciar, não quero rir dela contigo.

Foi então que surgiu a sorte mais improvável e mais louca. Deus vê-se, Mathieu; eu sinto-o, eu sei-o. Eis tudo dito de chofre. Gostaria por isso de estar perto de ti e colher uma certeza mais forte, se é que é possível, no espectáculo do riso pesado que vai sacudir-te durante um momento.

Agora basta. Já nos rimos bastante um do outro: volto à narrativa. Certamente, já tiveste no metro, na entrada de um teatro numa carruagem, a impressão repentina e insuportável de ser espiado por trás. Tu voltas-te, mas o curioso já mergulhou o nariz no livro; tu não consegues saber quem te observa. Voltas à posição anterior mas sabes que o desconhecido reergueu os olhos, e sentes um formigueiro nas costas, comparável a uma crisão violenta e rápida de todos os teus tecidos. Pois bem, eis o que senti pela primeira vez, a 26 de Setembro, às três da tarde, no parque do hotel. Não havia ninguém, entendes, ninguém. Mas havia o olhar. Compreende bem: não o agarrei como se apanha de passagem um perfil, uma frente, uns olhos, porquanto pela sua própria natureza ele é inapreensível. Só me endireitei, me concentrei, estava ao mesmo tempo trespassado e opaco, existia na presença de um olhar. Desde então nunca deixei de estar diante de uma testemunha: diante de uma testemunha, mesmo no meu quarto fechado; por vezes, a consciência de ser trespassado por esse gládio, de dormir diante de uma testemunha, despertava-me sobressaltado. Em suma, perdi o sono quase por completo. Ah!, Mathieu, que descoberta: viam-me, agitavam-me para me conhecer, acreditava esgotar-me por todas as extremidades, pedia a tua intercepção benevolente e durante esse tempo viam-me, o olhar estava ali, inalterável, aço invisível. E eu também, zombador incorrigível, o olhar vê-te, mas não o sabes. Dizer o que é esse olhar ser-me-ia fácil: porque não é nada; é uma ausência. Imagina a noite mais escura. É a noite que te olha. Mas uma noite ofuscante; a noite em plena luz, a noite secreta do dia. Estou banhado por luz negra; cobre-me as mãos, os olhos, o coração e eu não a vejo. Podes crer que essa violentação perpétua foi-me a princípio odiosa: sabes que o meu sonho mais antigo era ser invisível; cem vezes desejei não deixar nenhum vestígio na terra e nos corações. Que angústia descobrir subitamente esses olhos como um ambiente universal de que não posso evadir-me. Mas que repouso, também. Sei finalmente que sou. Transformo para uso próprio, e com toda a sua indignação, a palavra imbecil e criminosa do vosso profeta, esse "penso, logo existo" que tanto me fez sofrer — pois, quanto mais pensava, menos me parecia existir — e digo: vêem-me, logo existo. Não me cabe mais suportar a responsabilidade do meu pastoso escoamento: quem me vê e me

faz ser. Sou como ele me vê. Volto para a noite, minha face nocturna e eterna, ergo-me como um desafio, e digo a Deus: eis-me.

Eis-me como sou, como me vedes. Que posso fazer? Vós me conheceis e eu não me conheço. Que posso fazer senão suportar-me? E vós, cujo olhar me foge eternamente, suportai-me. Mathieu, que alegria, que suplício! Estou enfim transformado em mim mesmo. Odeiam-me, desprezam-me, suportam-me, uma presença me sustém e auxilia-me a ser para sempre. Sou infinito e infinitamente culpado. Mas sou, Mathieu, eu sou. Perante Deus e perante os homens, eu sou.

Ecce homo.

Fui visitar o cura de Sauveterre. É um camponês instruído e matreiro, com uma cara gasta e viva de velho actor. Não me agrada muito, mas não me desagradava que o meu primeiro contacto com a Igreja se estabelecesse por seu intermédio.

Recebeu-me num aposento guarnecido de livros que certamente não leu inteiramente. Primeiramente, dei-lhe mil francos para os seus pobres e vi que ele me julgou um criminoso arrependido. Senti que ia rir e tive de encarar a tragicidade da minha situação para ficar sério:

— Senhor cura — disse-lhe —, quero apenas uma informação: a vossa religião ensina que Deus nos vê?

— Ele vê-nos — respondeu com espanto. — Lê os nossos corações.

— E que vê Ele? Verá essa espuma de que são feitos os meus pensamentos quotidianos ou o seu olhar atinge a nossa essência eterna?

O velho, esperto, deu-me esta resposta, onde reconheci uma sabedoria secular:

— Deus tudo vê, senhor. Compreendi que...»

Mathieu amarrotou a carta com impaciência. «Quanta velharia», pensou. O vidro estava aberto, fez uma bola da carta e lançou-a pela janela, desistindo de ler o resto.

— Não, não — disse o comissário —, pegue no telefone, não gosto de falar com esses oficiais mais graduados, tratam-nos como lacaios.

— Creio que esse será mais amável — disse o secretário —; afinal devolvemos-lhe o filho; e além disso, ele tinha razão, em suma: deve-ria tê-lo vigiado melhor.

— Verá, verá, arranjava um pretexto para ser desagradável. Principalmente nas circunstâncias actuais: nas vésperas de uma guerra, é inútil tentar fazer com que um general reconheça o seu erro.

O secretário marcou o número: o comissário acendeu um cigarro.

— Seja hábil, Mirant — disse ele. — Tom de voz profissional e não fale de mais.

— Está, está! General Lacaze?

— Sim — disse uma voz desagradável. — Que deseja?

— Sou o secretário do comissariado da Rua Delambre. A voz pareceu demonstrar maior interesse.

— Bem, e então?

— Apresentou-se um rapaz neste comissariado às oito horas, mais ou menos — disse o secretário com voz neutra e branda. — Afirmo ser desertor e possuir um passaporte falso. Encontramos efectivamente, nos seus bolsos, um passaporte espanhol grosseiramente imitado. Ele recusou-se a declarar a sua verdadeira identidade. Mas a chefia tinha-nos descrito e enviado fotografias do seu enteado e nós reconhecemo-lo imediatamente.

Houve um silêncio e o secretário continuou, meio embaraçado:

— Evidentemente, meu general, não exercemos nenhuma atitude contra o rapaz. Não é desertor, porquanto não foi chamado; possui um passaporte falso, mas isso não constitui delito porque não teve a oportunidade de usá-lo. Conservamo-lo à sua disposição e o senhor pode vir buscá-lo quando quiser.

— Deram-lhe pancada? O secretário estremeceu.

— Que foi que ele disse? — perguntou o comissário. O secretário tapou o auscultador com a mão.

— Pergunta se lhe demos uma sova. O comissário ergueu os braços, enquanto o secretário respondia:

— Não, meu general, naturalmente que não.

— É pena — disse o general.

O secretário tomou a liberdade de rir respeitosamente.

— Que foi que ele disse? — indagou novamente o comissário. Mas o secretário, impaciente, voltou-lhe as costas e inclinou-se sobre o telefone.

— Irei hoje ou amanhã. Daqui até lá mantenham-no preso. Será uma lição.

— Sim, meu general.

— Que disse ele? — insistiu o comissário.

— Queria que dêssemos uma sova no rapaz. O comissário esmagou o cigarro no cinzeiro.

— Imagine só! — disse com ironia.

Dezoito e trinta. O Sol sobre o mar não acabava de

desaparecer, nem as vespas de zumbir, nem a guerra de se aproximar; ela espantou uma vespa com um gesto que também não acabava; Jacques, atrás dela, acabava de beber o seu uísque aos golinhos. Ela pensou: «A vida é interminável.»

Pai, mãe, irmãos, tios e tias, durante quinze anos haviam-se reunido naquele salão nas belas tardes de Setembro, direitos e mudos como retratos de família; ela esperava o jantar, a princípio debaixo das mesas, mais tarde numa cadeirinha, costurando, perguntando a si mesma: para quê viver? Todas as tardes ficavam ali, perdidas no ouro ruivo daquela hora vã. O pai, atrás dela, lia o Temps. Para quê viver? Para quê? Uma mosca subia desnorteada pelo vidro, caía, tornava a subir; Odette acompanhava-a com o olhar, tinha vontade de chorar.

— Vem sentar-te — disse Jacques. — Daladier vai falar.

Ela voltou-se: ele dormia mal; estava sentado no sofá com o ar infantil que assumia quando tinha medo. Odette sentou-se no braço do sofá. Todos os dias serão iguais. Todos os dias. Olhou lá para fora e pensou: «Ele tinha razão, o mar mudou.»

— Que vai ele dizer? Jacques encolheu os ombros.

— Vai anunciar que a guerra foi declarada.

Odette estremeceu ligeiramente. Quinze noites. Durante quinze noites de angústia suplicara em vão; teria dado tudo, casa, saúde, dez anos de vida para salvar a paz. Mas que estoure. Meus Deus! Que estoure de uma vez essa guerra! Que aconteça afinal alguma coisa: que a campainha para o jantar toque, que um raio caia no mar, uma voz sombria anuncie subitamente: «Os alemães invadiram a Checoslováquia.» Uma mosca. Uma mosca afogada no fundo de uma chávena; ela deixava-se afogar nessa tarde serena de catástrofe: olhava para os cabelos ralos do marido e não compreendia muito bem porque valia a pena preservar os homens da morte e as casas da ruína. Jacques pousou o copo sobre o aparador. Disse tristemente:

— É o fim.

— O fim de quê?

— De tudo. Nem sei já o que se deva desejar: vitória ou derrota.

— Oh! — fez ela docemente.

— Vencidos, seremos germanizados; mas eu juro-te que os Alemães saberão restabelecer a ordem. Comunistas, judeus e maçons, só lhes restará fazerem as malas. Vencedores, seremos bolchevizados, é o triunfo da frente crapulosa, a anarquia, pior, talvez... Ah! — continuou com voz queixosa —, não se devia ter declarado esta guerra, não se devia.

Ela não ouvia muito atenta. Pensava: «Está com medo, é mau sente-se só.» Inclinou-se sobre ele e acariciou-lhe os cabelos. «Meu

pobre Jacques.»

— Meu querido Boris.

Sorria-lhe, parecia serena. Boris sentiu um remorso morder-lhe o coração, será preciso que lhe diga tudo afinal.

— É estúpido — continuou Lola —, estou nervosa, tenho vontade de saber o que ele nos vai dizer, mas, enfim, não é como se fosses partir imediatamente.

Boris olhou para os pés e pôs-se a assobiar baixinho. Era melhor fingir que não ouvira, senão ela acusá-lo-ia de hipócrita ainda por cima. Cada minuto, a coisa tornava-se mais difícil. Ela faria aquela cara de mágoa e espanto e diria: «Fizeste isso? Fizeste isso? E não me disseste nada?» «A coisa está a ficar negra», pensou.

— Um Martini — pediu Lola. — E tu?

— Um Martini, também.

Recomeçou a assobiar baixinho. Depois do discurso de Daladier haveria talvez uma oportunidade: Lola ficaria a saber que a guerra fora declarada, isso estonteá-la-ia e então Boris entraria do chofre: «Alistei-me!» antes que ela recobrasse a respiração. Há casos em que o excesso de desgraça provoca reacções inesperadas: o riso, por exemplo; seria engraçado se ela desatasse a rir. «Sentir-me-ia um tanto humilhado», pensou com objectividade. Todos os hóspedes estavam reunidos à entrada, até os dois padres. Afundavam-se nas poltronas e assumiram ares confortáveis, porque se sentiam observados, mas não estavam nada sossegados e Boris surpreendeu alguns olhando de esguelha para o relógio. Bem, bem, ainda uma meia hora de espera. Boris não estava contente, não gostava de Daladier e repugnava-lhe pensar que na França inteira centenas de milhares de casais, famílias numerosas, padres, se dispunham a acolher como uma maná celestial as palavras desse tipo que torpedeara a Frente Popular. «É importância de mais para ele», pensou. E voltando-se para o receptor, bocejou ostensivamente.

Fazia calor, estavam todos com sede, três dormiam: dois perto do corredor e o mais velhinho, de mãos juntas, que parecia rezar; os outros quatro tinham estendido um lenço sobre os joelhos e jogavam às cartas. Eram novos e não muito feios, haviam dependurado os casacos que balouçavam atrás das suas nuças e lhes desmanchavam os cabelos ao passar. De quando em quando Mathieu olhava de soslaio os antebraços nus e crespos do vizinho, um loirinho cujas mãos e unhas largas e pretas manejavam as cartas com destreza. Era tipógrafo, o tipo ao lado dele era serralheiro. Um dos dois outros que estavam sentados no banco em frente de Mathieu era caixeiro-viajante; o segundo tocava violino num café de Bois-Colombes. O compartimento cheirava a homens, fumo e vinho, o suor escorria pelos rostos duros, moldava-os, fazia-os luzir: no queixo mole do velhinho, no meio do

restolho duro e branco do rosto, o suor parecia mais oleoso e azedo: um excremento da face. Do outro lado da janela, sob um sol áspero, estendia-se um campo cinzento e plano.

O tipógrafo não tinha sorte — perdia; debruçava-se sobre o jogo arqueando as sobrancelhas com um ar de espanto e obstinação.

— É de mais!

O viajante juntou rapidamente as cartas e baralhou-as. O tipógrafo acompanhava-as com o olhar ao passarem de uma mão para a outra.

— Não tenho sorte — disse com rancor. Jogavam silenciosamente.

Ao fim de um momento, o tipógrafo fez uma vaza:

— Trunfo! — disse satisfeito. — A coisa vai mudar, minha gente! Vou-me animar um pouco.

Mas já o viajante ostentara o jogo: «Trunfo, trunfo, e retrunfo. Nada de histórias: a rainha-mãe não as aprecia.»

O tipógrafo empurrou as cartas.

— Não jogo mais, perco demasiado.

— Tens razão. E depois isso abala muito — observou o serralheiro.

O viajante dobrou o lenço e pô-lo no bolso. Era um homem grande e pálido, com uma cabeça mole de sapo, maxilares avantajados e crânio estreito. Os três outros tratavam-no por «senhor», porque ele possuía alguma instrução e era sargento. Mas ele tratava-os por «você». Deitou um olhar hostil para Mathieu e levantou-se cambaleando:

— Vou tomar qualquer coisa.

— E uma ideia.

O serralheiro e o tipógrafo tiraram as suas garrafas das malas; o serralheiro bebeu pelo gargalo e estendeu a garrafa ao violinista.

— Um gole de vinho?

— Agora não.

— Não sabe o que é bom.

Calaram-se, acabrunhados de calor. O serralheiro encheu as bochechas e suspirou, o viajante acendeu um cigarro. Mathieu pensava: «Não gostam de mim. Acham-me orgulhoso.» No entanto, simpatizava com eles, até com o viajante: bocejavam, dormiam, jogavam às cartas, mas tinha um destino, como os reis, como os mortos. Um destino esmagador, que se fundia com o calor, a fadiga, as moscas: o vagão, fechado como uma estufa, cercado de sol, comprimido pela velocidade, leva-os aos solavancos para a mesma aventura. Uma mancha de luz ornava a orelha vermelha do

tipógrafo: o lóbulo parecia um morango de sangue:

«É com isso que se faz a guerra», pensou Mathieu. Até então ela aparecera-lhe sob a forma de uma mistura confusa de aço retorcido, vigas partidas, ferro e pedra. Agora o sangue tremia aos raios de sol, uma claridade ruiva invadira o vagão: a guerra era um destino de sangue; seria feita com o sangue daqueles seis homens, com o sangue que se estagnava no lóbulo das suas orelhas, com o sangue que corria sob a sua pele, com o sangue dos seus lábios. Rachar-se-iam como odres, todas as imundícies saltariam para fora; os intestinos farsistas do serralheiro que faziam gluglu e de vez em quando soltavam um traque surdo, arrastar-se-iam na poeira, trágicos, como os de um cavalo estripado na arena.

— Pois eu vou desentorpecer as pernas — disse o tipógrafo como se falasse consigo mesmo. Mathieu viu-o levantar-se e chegar ao corredor: essa frase já era história. Um morto tinha-a pronunciado a meia voz, num dia de verão da sua vida. Um morto, ou, o que dava no mesmo, um sobrevivente. Mortos desde já. Eis porque não tenho nada a dizer-lhes. Olhava-os numa espécie de vertigem, gostaria de estar comprometido na sua grande aventura histórica, mas achava-se excluído dela. Acocorava-se no seu calor, sangraria nos mesmos caminhos deles, e no entanto não estava com eles, era apenas um halo pálido e eterno: não tinha destino.

O tipógrafo que fumava no corredor voltou-se subitamente para eles:

— Aviões!

— São?

O viajante baixou-se. O peito tocava-lhe as coxas gordas e ele erguia a cabeça e as sobrancelhas.

— Onde?

— Ali, ali. Uma porrada deles!

— Ah!... ó... ó... — fez o serralheiro.

— São franceses? — perguntou o violinista, erguendo para o tipógrafo os olhos esgazeados.

— Estão alto de mais, não se vêem.

— Naturalmente são franceses — disse o serralheiro. — O que é que querem que sejam? A guerra não foi declarada.

O tipógrafo inclinou-se sobre os outros apoiando as mãos nos batentes da porta.

— Quem sabe! Há onze horas que estamos a andar. Pensam talvez que vão esperar pela nossa chegada para a declarar?

O serralheiro pareceu impressionado:

— Merda — disse. — Tens razão, animal. Eh!, companheiros, talvez já se esteja em guerra desde manhã. Voltaram-se todos para o viajante.

— Que é que acha? Acha que estamos em guerra? O viajante tinha um ar sereno. Encolheu os ombros enfaticamente:

— Em que pensam? Que nos iríamos bater pela Checoslováquia? Já viram num mapa a Checoslováquia? Não? Pois eu vi. E mais de uma vez. É uma merda. Grande como um lenço. Tem talvez dois milhões de homens, que nem sequer falam a mesma língua. Vê lá se Hitler está a ligar. E Daladier? E depois, Daladier não é Daladier: é as duzentas famílias. E elas não se vão aborrecer com a Checoslováquia, as duzentas famílias!

Passeou o olhar pelo auditório e concluiu:

— A verdade é que havia descontentamento deste lado e do outro desde 36. Então, que é que fizeram os Chamberlain, os Hitler e os Daladier? Eles disseram: vamos acabar com isso. E assinaram um contrato secreto. Hitler, o seu truque quando os operários reclamam é mobilizá-los. Assim, calada, boca fechada. Não estão contentes? Duas horas de plantão! Continuam a grunhir! Seis! Depois disso os camaradas estão de joelhos, não pensam senão em dormir. Então os outros ministros pensaram também: vamos fazer a mesma coisa. Pronto. Nada de guerra, nem pela Checoslováquia, nem pela Turquia. Só que nós, nós somos mobilizados, vamos agüentar três anos, ou quatro, e durante esse tempo, na retaguarda, eles quebrarão a espinha do proletariado.

Olhavam-no hesitante: não estavam convencidos, talvez não tivessem compreendido. O serralheiro disse com ar vago:

— O que é certo é que os grandes quebram os vidros e os pequenos é que pagam.

O violinista meneou a cabeça apavorado, e tornaram todos a ficar silenciosos. O tipógrafo virou-se e colou a testa a um dos grandes espelhos do corredor. «Evidentemente», pensou Mathieu, «não estão muito entusiasmados com a perspectiva da guerra». Pensava nos homens de 14 a berrarem, com os seus fuzis floridos. E depois? Estes é que têm razão. Falam por provérbios, mas as palavras atraçoam-nos, há alguma coisa na sua cabeça que não pode ser expressa por palavras. Os seus pais fizeram uma chacina absurda e há vinte anos que lhes explicam que a guerra não compensa... Depois disso, querem que gritem: «A Berlim!» Aliás, tudo o que dizem, tudo o que pensam não tem a menor importância; cintilações furtivas à margem do seu destino. Dirão dentro em breve: os soldados de 38, como disseram: os soldados do ano II, os soldados de 14. Escavariam os seus abrigos como os outros, nem pior nem melhor, depois estender-se-iam lá dentro, porque era o que lhes cabia fazer. «E tu?», pensou bruscamente, «que fazes de testemunha deles sem que ninguém o peça, quem és tu? Que farás tu? E se tu escapares, quem serás tu?»

O tipógrafo bateu no vidro.

— Continuam ali.

— Quem? — indagou o violinista estremecendo.

— Os aviões. Eles sobrevoam o comboio.

— Sobrevoam? Não estás maluco?

— Não os vejo, não?

— Mas que coisa! — disse o serralheiro.

— Que coisa!

O velhinho despertara.

— Que foi? — indagou com a mão encostada à orelha.

— Aviões.

— Ah!, aviões!

Sorriu e tornou a dormir.

— Venham ver — gritou o tipógrafo —, são uns trinta; nunca vi tantos, desde Villacoublay.

O serralheiro e o viajante tinham-se levantado, Mathieu acompanhou-os ao corredor. Havia duas dezenas de bichos transparentes, camarões nas águas do céu. Pareciam existir por intermitência, quando não estavam no sol desapareciam.

— Se fossem alemães?

— Não fales nisso! Estávamos fritos. Como alvo o nosso comboio é uma beleza!

Havia muita gente no corredor, todos de nariz para o ar.

— O caso parece-me sério — disse o viajante.

Tinham todos um ar nervoso. Um tipo tamborilava no vidro, outro marcava compasso com o pé. A esquadrilha virou em ângulo agudo e desapareceu por cima do comboio.

— Arre! — disse alguém.

— Esperem — observou o tipógrafo —, já fizeram o mesmo há pouco; garanto que tornam a virar no sentido do nosso comboio.

— Estão ali! Estão ali!

Um tipo grande de bigodes baixara o vidro da porta e reclinara-se de costas. Os aviões tinham surgido novamente, um deles largava uma esteira de fumo.

— São alemães — disse o de bigode endireitando-se. Atrás de Mathieu o violinista ergueu-se bruscamente e pôs-se a sacudir os dois dorminhocos.

— Que foi que houve? — indagou um deles, com voz pastosa, entreabrindo um olho rosado.

— A guerra foi declarada — disse o violinista. — A coisa vai ficar escura, já há aviões «boches» em cima do comboio.

Lola apertou nervosamente o pulso de Boris.

— Escuta!, escuta! Jacques empalidecera:

— Escuta!, ele vai falar.

Era uma voz lenta, baixa e surda, ligeiramente analisada: «Anunciei que faria hoje uma comunicação ao país acerca da situação internacional, mas recebi no princípio da tarde um convite do Governo alemão para me encontrar amanhã em Munique com o chanceler Hitler e os senhores Mussolini e Chamberlain.

Aceitei esse convite.

Compreendereis que em vésperas de negociações tão importantes tenha o dever de adiar as explicações que vos quisera dar. Mas antes de partir, desejo endereçar ao povo da França os meus agradecimentos pela sua atitude corajosa e digna.

Desejo agradecer em particular aos franceses que foram chamados, pelo sangue-frio e decisão que demonstraram nessa oportunidade. A minha tarefa é rude. Desde o início das dificuldades que vimos enfrentando, não deixarei de trabalhar com todas as minhas forças para salvaguardar a paz e os interesse vitais da França. Continuarei fortalecido pela certeza de que estou em pleno acordo com a nação inteira.»

— Boris! — chamou Lola. — Boris! Ele não respondeu. Ela insistiu:

— Acorda, querido, que estás a sentir? É a paz: vai haver uma conferência internacional.

Encarava-o muito excitada e corada. Ele resmungou entre dentes:

— Merda, merda de bordel! Merda! A alegria de Lola esvaiu-se:

— Mas que tens, querido? Estás verde!

— Alistei-me por três anos — disse Boris. O comboio andava, os aviões giravam.

— O maquinista está louco — gritou um tipo. — Que é que espera para parar? Se começam a lançar bombas, vamos morrer como animais.

O tipógrafo estava lívido, mas sereno; continuava de cabeça erguida a espiar os aviões.

— Devíamos saltar — disse.

— Merda, saltar com esta velocidade! — exclamou o viajante. — Eu não. — Tirou o lenço do bolso, enxugou a fronte:

— Seria melhor puxar o sinal de alarme. O serralheiro e o tipógrafo fitaram-se.

— Puxa tu — disse o tipógrafo.

— Eu! E se forem franceses?

Mathieu recebeu um empurrão nas costas: um tipo grandalhão corria para a frente gritando:

— Está a diminuir a marcha: todos para as portas!

O tipógrafo virou-se para o viajante: fazia gestos estranhos e desconjuntados, com um sorrisinho que lhe descobria os dentes:

— Está a ver? O comboio diminui a marcha, são alemães. É engano!, engano! — continuou, imitando o viajante —, olhe para ver se é engano.

— Não disse isso — observou o outro calmamente —, eu disse...

O tipógrafo voltou-lhe as costas e dirigiu-se para a frente do comboio. De todos os compartimentos saíam homens, apressando-se pelos corredores, para serem os primeiros a saltar para o campo. Alguém tocou no braço de Mathieu; era o velhinho, encarava-o com perplexidade.

— Que é que há? Que é que há?

— Nada — disse Mathieu aborrecido. — Durma.

Debruçou-se à janela. Dois tipos haviam-se pendurado nos estribos do vagão. Um saltou a gritar, tocou o solo, deu dois passos de lado, bateu com o ombro num poste telegráfico, rolou de cabeça para baixo no talude. Mathieu virou a cabeça; viu-o levantar-se, pequenino, erguer os braços e correr pelos campos. O outro hesitava, inclinado para a frente, e segurando o corrimão de cobre.

— Não empurrem — berrou alguém. — Morre-se abafado.

O comboio continuou a diminuir a marcha. Viam-se cabeças em todas as janelas e nos estribos juntavam-se os que se preparavam para saltar. Na curva surgiu uma estação, estava a trezentos metros. Mathieu viu uma cidade-zinha ao longe. Dois homens ainda se lançaram e saltaram uma passagem de nível. O comboio já entrava na estação. «É com isto que vão fazer heróis!», pensou Mathieu.

Uma enorme algazarra vinha da estação, vestidos claros brilhavam ao sol, mãos de luvas brancas erguiam-se, moças de chapéu de palha acenavam com os seus lenços, crianças corriam rindo e gritando pela plataforma. O violinista empurrou Mathieu com violência e debruçou-se até à barriga pela janela.

Pôs as mãos em concha na boca e berrou:

— Fugam! Aviões!

As pessoas na estação olhavam-no sem compreender, sorrindo e gritando. Ele levantou o braço acima da cabeça e apontou para o céu. Um grande clamor respondeu. A princípio Mathieu não ouviu bem, mas entendeu de repente:

— Paz! Paz! É a paz!

O comboio inteiro berrou:

— Os aviões! Os aviões!

— Hurra! — gritaram as moças. — Hurra!

Elas acabaram por olhar para o céu e erguendo os braços tornaram a agitar os lenços. O viajante roía nervosamente as unhas.

— Não compreendo — murmurou —, não compreendo.

Após dois ou três solavancos o comboio parou completamente. Um empregado da estação subiu para um banco com a bandeira debaixo do braço e clamou:

— A paz! Conferência em Munique. Daladier parte esta noite. O comboio permanecia silencioso, imóvel, incompreensivo. E subitamente pôs-se a berrar também.

— Hurra! Viva Daladier! Viva a paz!

Os vestidos de tafetá azul e rosa desapareceram numa maré de casacos escuros e pretos; a multidão agitou-se num ruído semelhante ao das folhagens, o sol cintilava por toda a parte, os bonés e os chapéus de palha giravam, era uma valsa. Jacques fez Odette valsar no meio do salão, a senhora Birnenschatz abraçava Ella e gemia:

— Como sou feliz, Ella, minha filha, minha querida, como sou feliz!

Sob a janela um rapaz corado e rindo como um louco saltou para uma camponesa e beijou-a nas duas faces. Ela ria também, despenteada, o chapéu de palha posto para trás, e gritava:

«Hurra!» Jacques beijou Odette na orelha, exultava:

— A paz! E é de se imaginar que não se limitarão a resolver a questão dos Sudetas. Um pacto a quatro. É por aí que se deveria ter começado.

A criada entreabriu a porta:

— Posso servir, minha senhora?

— Sirva! — disse Jacques —, sirva e depois vá buscar à adega uma garrafa de champanhe e uma de Chambertin.

Um velho imponente, de óculos, trepara para o banco, erguia numa das mãos uma garrafa de vinho e na outra uma caneca:

— Um gole de vinho, rapazes, um trago à saúde da paz.

— Aqui — gritou o serralheiro —, aqui. Viva a paz!

— Ah!, senhor abade, deixe-me beijá-lo.

O padre recuou, mas a velha foi mais rápida e executou a ameaça. Gressier enfiou a concha na terrina: «O fim de um pesadelo, meus filhos!» Zézette abriu a porta: «Então, é verdade, dona Isidore?» — «É, minha filha, é verdade, ouvi-o no rádio, ele voltará, o seu Momo, eu bem lhe dizia que Deus não queria isso!»

Dançava de alegria, Hitler retraiu-se, Hitler voltou atrás; creio que nós é que recuamos, mas que me importa, desde que não tenhamos mais de lutar, não, não, estava avisado, comprei tudo de novo, um golpe de cem mil francos, escute, meu amigo, trata-se de uma circunstância excepcional, pela primeira vez uma guerra que parecia fatal é evitada pela vontade de quatro chefes de Estado, a importância da sua posição ultrapassa muito a hora presente; agora a guerra não é possível. Munique é a primeira declaração de paz. Deus meu, Deus meu, rezei e disse: meu Deus, levai o meu coração, a minha vida, e vós me atendestes, meu Deus, sois o maior, o mais sábio, o mais amante, o padre desenhenciou-se. Mas eu disse-lhe sempre: Deus é formidável, e merda para os Checos, que se arranjam sozinhos. Zézette andava pela rua, Zézette cantava, todos os passarinhos dentro do meu coração, as pessoas tinham caras sorridentes, diziam bom dia com o olhar, mesmo sem se conhecerem. Eles sabiam, ela sabia, todos tinham o mesmo pensamento, todos eram felizes, bastava fazer como toda a gente: a linda tarde, essa mulher que passa, leio no fundo do seu coração, somos um, pôs-se a chorar, todos se amavam, toda a gente era feliz, toda a gente era como toda a gente e Momo devia estar contente, apesar de tudo, ela chorava, todos a olhavam e isso fazia-lhe calor nas costas e no peito, todos esses olhares, quanto mais a olhavam mais ela chorava, sentia-se orgulhosa e pública como uma mãe que amamenta o filho.

— Jacques! Bebes de mais. Odette ria sozinha. Disse:

— Sem dúvida vão logo desmobilizar os reservistas?

— Dentro de uns quinze dias, um mês. Ela riu e bebeu mais um gole de vinho. E de repente o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Que é que tens? — perguntou Jacques. — Ficaste vermelha como um tomate.

— Não é nada. Bebi um pouco de mais, é tudo. Nunca o teria beijado se soubesse que voltaria tão depressa.

— Subam! Subam!

O comboio movimentava-se devagar. Os homens começaram a correr, gritando e rindo; agarravam-se aos punhados às portas. A cara suada do serralheiro surgiu à janela, pendurara-se a ela e gritava:

— Ajudem-me!, vou-me largar!

Mathieu içou-o, ele passou a perna pela janela e saltou para o corredor.

— Arre! — disse enxugando a testa. — Pensei que tivesse as pernas esmagadas.

O violinista apareceu por sua vez:

— Todos presentes, cá estamos todos.

— Mais um joguinho?

— De acordo.

Voltaram para o compartimento. Mathieu olhava-os pelo vidro. Começaram por tomar um bom gole de tinto, depois o viajante puxou o lenço e estendeu-o sobre os joelhos.

— Dás tu.

O serralheiro peidou:

— Olha, aquela beleza azul — disse, mostrando no tecto um foguete imaginário.

— Porco! — disse o tipógrafo alegremente.

«Que fazem eles aqui?», pensou Mathieu. «E eu próprio»? O destino deles esvaíra-se, o tempo voltava a correr à toa, sem objectivo; o comboio rodava à toa, por hábito; ao lado do comboio flutuava uma estrada, inerte; agora, não levava a parte alguma, era apenas um pouco de terra com asfalto. Os aviões tinham desaparecido; a guerra havia desaparecido. Um céu pálido onde a paz despertava docemente no crepúsculo, uma campanha entorpecida, jogadores de cartas, dorminhocos, uma garrafa partida no corredor, pontas de cigarros numa poça de vinho, um forte cheiro a urina, todos esses resíduos injustificáveis... «Dir-se-ia ser este o dia seguinte a uma festa», pensou Mathieu com dor no coração.

Douce, Maud e Ruby subiram a Canebière. Douce estava muito animada; o seu fraco sempre fora a política.

— Parece que houve um mal-entendido — explicava. — Hitler pensava que Chamberlain e Daladier queriam pregar-lhe uma partida e, enquanto isso, Chamberlain e Daladier pensavam que ele tinha a intenção de os atacar. Então Mussolini foi procurar os dois e fez-lhes compreender que se enganavam.

Agora estão todos bem: amanhã almoçam todos juntos.

— Que banquete — suspirou Ruby.

A Canebière tinha um ar festivo, as pessoas andavam a passos miúdos, algumas riam sozinhas. Maud estava aborrecida. Por certo que estava contente que tudo se tivesse arranjado, mas era principalmente pelos outros. De qualquer maneira teria de passar ainda uma noite no quarto malcheiroso do Hotel Genièvre e depois, estações, comboios, Paris, desempregos, dores de estômago: a entrevista de Munique, qualquer que fosse o resultado, não mudaria nada. Sentia-se só. Ao passar diante do Café Riche, sobressaltou-se:

— Que foi? — perguntou Ruby.

— É Pierre — respondeu Maud. — Não olhes. Terceira mesa à esquerda. Pronto, ele viu-nos.

Pierre levantou-se, brilhava no fato de linho, ostentava o seu semblante mais viril e rico. «Naturalmente», pensou ela, «já não há

perigo agora». Enquanto ele se dirigia para o lado delas, tentou relembrar-se da fisionomia dele, esverdeada, na cabina que cheirava a vômito. Mas o cheiro e a fisionomia tinham sido varridos pelo vento do mar. Ele cumprimentou, parecia seguro de si. Queria virar-lhe as costas, mas as pernas indolentes levaram-na para ele, embora contra a vontade. Ele disse-lhe a sorrir:

— Então, separamo-nos assim sem sequer tomarmos alguma coisa?

Encarou-o e pensou: «É um covarde.» Mas não se dava por isso. Via uns lábios irônicos e corajosos, um rosto másculo e aquela maçã de adão tão saliente.

— Vem — murmurou ele. — Tudo isso é uma história antiga.

Pensou no quarto do hotel, com o seu fedor a amoníaco. Disse:

— E preciso que convides Douce e Ruby.

Ele adiantou-se e sorriu-lhes. Ruby achava-o simpático porque era distinto. Três flores sentaram-se à volta de uma mesa do Café Riche. Era um canteiro de flores; flores, rostos cheios de sol e frementes, bandeiras, repuxos, sóis. Baixou as pálpebras e respirou profundamente: entre os seus olhos girava um sol, não se tem o direito de julgar um homem doente. Para ela era também a paz.

«Porque não gostam de mim?» Estava só na sala cinzenta, inclinava-se sobre os cotovelos fincados nas coxas, sustentando a sua cabeça pesada. Pousara sobre o banco a seu lado as sanduíches e a caneca de café que o guarda lhe trouxera ao meio-dia. Para quê comer? Estava acabado.

Alistá-lo-iam à força, revoltar-se-ia e seria o fuzilamento ou vinte anos de prisão celular: a sua vida acabava ali. Fitava com espanto o tecto: fora uma empresa fracassada do princípio ao fim. As suas ideias escorriam à direita e à esquerda, incolores, fluidas, uma única permanecia, uma única que não comportava resposta; porque não gostam de mim? Na sala vizinha houve grandes explosões de riso, os guardas estavam alegres.

Uma voz grave gritou:

— Isso festeja-se!

Talvez houvesse guardas que gostassem uns dos outros, as pessoas, lá fora, nas ruas, nas casas, sorriam umas para as outras, agradavam-se mutuamente, falavam-se com deferência e cortesia e, entre elas, algumas amavam-se realmente, como Zézette e Maurice. Talvez fosse por serem mais idosos: tinham tido tempo para se habituarem uns aos outros. Um jovem é como um viajante que entra à noite num compartimento quase cheio; detestam-no e procuram fazê-lo acreditar que já não há lugar.

No entanto, o meu lugar estava reservado, posto que nasci.

Ou então é porque estou podre. Os guardas começaram a rir e um deles pronunciou a palavra Munique. As ruas, as casas, os vagões, o comissariado; um mundo cheio até à borda, o mundo dos homens. Philippe não podia entrar. Ficaria a vida inteira numa cela como aquela, no canto que os homens destinam aos que não desejam a seu lado. Viu uma mulherzinha gorda e sorridente, de braços roliços, a hetera. Pensou: «Ao menos ela há-de vestir luto por mim.» A porta abriu-se e o general entrou. Philippe, no seu banco, recuou até ao canto mais escuro, gritando:

— Deixe-me. Quero cumprir a minha pena, não preciso da sua protecção.

O general deu uma gargalhada. Atravessou a cela com o seu passo seco e duro e colocou-se em frente de Philippe.

— Cumprir a tua pena? Quem pensas que és?, seu imbecil!

O cotovelo. Ergueu-se contra a vontade de Philippe e colocou-se diante do rosto de Philippe para o proteger dos golpes. Mas Philippe baixou-o e disse com voz firme:

— Sou desertor!

— Desertor! Hitler e Daladier assinam um acordo amanhã, meu pobre amigo: não haverá guerra e tu nunca foste desertor.

Encarava Philippe com uma ironia insultante.

— Mesmo para fazer o mal é preciso ser um homem, Philippe. É preciso vontade e perseverança. Tu não passas de um garoto nervoso e mal-educado; faltaste-me ao respeito e mergulhaste a tua mãe numa atroz inquietação. Eis tudo o que pudeste fazer.

Guardas zombeteiros espiavam pela porta entreaberta. Philippe levantou-se de um pulo. Mas o general agarrou-o pelos ombros e obrigou-o a sentar-se novamente.

— Que história é essa? Vais ouvir-me até ao fim. Esta tua última criancice prova que é preciso reeducar-te inteiramente. A tua mãe concordou há pouco que fora demasiado fraca. Agora sou eu quem se encarregará de ti.

Aproximara-se ainda mais de Philippe. Philippe ergueu o cotovelo e gritou:

— Se me bater eu luto.

— É o que veremos.

Baixou-lhe o cotovelo com a mão esquerda e com a direita esbofeteou-o duas vezes. Philippe caiu em cima do banco e pôs-se a chorar.

Havia uma agitação alegre no corredor, uma mulher cantava Vapetit mousse. Odiava-as todas, todas me enjoam! A enfermeira entrou trazendo o jantar numa bandeja.

— Não tenho fome — disse ele.

— É preciso comer, senhor Charles, senão ainda enfraquece mais. E depois, tenho boas notícias para lhe aumentar o apetite: a guerra foi evitada. Daladier e Chamberlain terão uma entrevista com Hitler.

Ele olhou-a com espanto: é verdade, a história dos Sudetas continua...

A enfermeira estava um pouco corada e os seus olhos brilhavam:

— Então, não está contente?

«Arrastaram-me para fora da casa, carregaram-me como a um pacote, exausto, e nem sequer se batem.» Mas não estava com raiva: tão longe, tudo!

— Que é que eu tenho com isso? — disse.

NOITE DE 29 PARA 30 DE SETEMBRO

Uma hora e trinta.

Os senhores Hubert Masaryk e Mastny, membros da delegação checoslovaca, aguardavam no quarto de Sir Horace Wilson, em companhia do senhor Ashton-Gwatkin. Mastny, muito pálido, transpirava e tinha olheiras profundas. Hubert Masaryk andava de um lado para o outro; Ashton-Gwatkin estava sentado na cama; Ivich encolhera-se ao fundo do leito, não o sentia mas sentia o seu calor e ouvia-lhe a respiração; não podia dormir e sabia que ele também não dormia. Descargas eléctricas percorriam-lhe as pernas e as coxas, morria de vontade de se pôr de costas, mas se se mexesse tocava nele; enquanto ele pensasse que dormia, deixá-la-ia sossegada. Mastny voltou-se para Ashton-Gwatkin e disse:

— Está a demorar-se.

Ashton-Gwatkin fez um gesto de indiferença. O sangue subiu ao rosto de Masaryk.

— Os réus aguardam a sentença — disse com voz surda.

Ashton-Gwatkin não pareceu ouvir. Ivich pensou: «Não acabará nunca esta noite?» Sentiu subitamente uma carne suave de mais junto da sua anca, ele aproveitava o seu sono para tocar nela, é preciso que eu não me mexa senão ele perceberá que eu estou acordada. A carne escorregou devagar pelos seus rins, era quente e mole, era uma perna. Ivich mordeu violentamente os lábios e Masaryk prosseguiu:

— Para que a semelhança seja completa, mandam a polícia receber-nos.

— Como? — perguntou Ashton-Gwatkin, fazendo uma cara de espanto.

— Fomos conduzidos ao Hotel Regina num automóvel da polícia — explicou Mastny.

— Ora, ora — fez Ashton-Gwatkin com um ar de censura.

Agora era uma mão; descia ao longo da anca, muito ao de leve, como que distraída; os dedos tocaram-lhe o ventre: «Não é nada», pensou, «é um bicho, estou a dormir, estou a dormir, estou a sonhar; não farei um gesto». Masaryk pegou no mapa que Horace lhe havia entregue. Os territórios que deveriam ser imediatamente ocupados pelo Exército alemão estavam assinalados a azul. Olhou-o por um instante e lançou-o para a mesa com raiva.

— Eu... eu continuo a não compreender — disse, encarando Ashton-Gwatkin. — Somos ainda uma nação soberana?

Ashton-Gwatkin encolheu os ombros; parecia querer dizer que não tinha culpa, mas Masaryk pensou que ele estivesse mais comovido do que desejava mostrar.

— Essas negociações com Hitler são muito difíceis — observou.

— Leve isso em consideração.

— Tudo dependia da firmeza das grandes potências — respondeu Masaryk com violência.

O inglês corou ligeiramente. Levantou-se e disse com tom solene:

— Se os senhores não aceitarem este acordo, terão de se arranjar sozinhos com a Alemanha. — Tossiu e acrescentou mais serenamente: — Talvez os franceses o digam com mais cuidado. Mas, acreditem, estão de acordo connosco: em caso de recusa, desinteressar-se-ão.

Masaryk riu desagradavelmente e todos se calaram. Uma voz cochichou:

— Está a dormir?

Ela não respondeu, mas sentiu logo uma boca perto da orelha e um corpo encostado ao seu.

— Ivich! — murmurou ele.

Era preciso não gritar, nem debater-se; não sou uma mulher que se violenta. Virou-se de costas e disse com voz clara:

— Não, não estou a dormir. E daí?

— Eu amo-te.

Uma bomba! Uma bomba que caísse de cinco mil metros e os matasse de chofre. Uma porta abriu-se e Sir Horace Wilson entrou: baixava os olhos, falava-lhes, olhando para o chão. De vez em quando devia percebê-lo: erguia a cabeça e mergulhava-lhes nos

olhos um ar vazio.

— Senhores, esperam-nos.

Os três homens acompanharam-nos. Atravessaram compridos corredores desertos. Um criado dormia numa cadeira; o hotel parecia morto; o corpo dele estava a ferver; ele juntou o peito aos seios de Ivich e ela ouviu um ruído mole de ventosa, o suor inundava-os.

— Se me ama, afaste-se de mim, estou com calor de mais.

— E aqui — disse Sir Horace Wilson, encolhendo-se. Ele não se afastava, com uma mão arrancou as cobertas, com a outra segurou-lhe o ombro com força. Estava deitado sobre ela agora, e amassava-lhe os ombros e os braços com as suas mãos violentas, mãos de rapina, enquanto a voz infantil e suplicante murmurava:

— Eu amo-te, Ivich, meu amor, eu amo-te.

Era uma sala pequena e baixa, fortemente iluminada.

Chamberlain, Daladier e Léger conservavam-se de pé, atrás de uma mesa cheia de papéis. Os cinzeiros estavam cheios de pontas de cigarro, mas ninguém mais fumava. Chamberlain pousou as mãos sobre a mesa. Tinha um ar fatigado.

— Meus senhores — disse, com um sorriso afável.

Masaryk e Mastny inclinaram-se sem falar. Asthon-Gwatkin afastou-se com vivacidade, com se não pudesse suportar aquela companhia, e foi colocar-se atrás de Chamberlain, ao lado de Sir Horace Wilson. Agora tinham os checos cinco homens diante deles, do outro lado da mesa. Atrás havia uma porta e os corredores desertos do hotel. Durante um instante reinou pesado silêncio. Masaryk olhou-os um a um e depois procurou o olhar de Léger. Mas Léger guardava os seus papéis na pasta.

— Queiram sentar-se — disse Chamberlain. Os franceses e os checos sentaram-se, mas Chamberlain permaneceu de pé.

— Bem... — disse Chamberlain. Tinha os olhos vermelhos de sono. Considerou as mãos com um ar de incerteza, depois endireitou-se bruscamente e disse:

— A França e a Grã-Bretanha acabam de assinar um acordo acerca das reivindicações alemãs a respeito dos Sudetas. Esse acordo, graças à boa vontade de todos, pode considerar-se um processo positivo em relação ao memorando de Godesberg.

Tossiu e calou-se. Masaryk mantinha-se muito direito na sua poltrona, esperava. Chamberlain pareceu querer continuar, mas mudou de ideia e estendeu uma folha de papel a Mastny.

— Quer tomar conhecimento do acordo? Seria talvez melhor lê-lo em voz alta.

Mastny pegou na folha; alguém passava de mansinho no corredor.

Os passos cessaram. Um relógio, algures na cidade, bateu duas horas. Mastny começou a ler. Tinha uma voz anasalada e monótona; lia devagar, como se reflectisse entre cada frase, e a folha tremia-lhe nas mãos:

«As quatro potências Alemanha, Reino Unido, França, Itália, tendo em vista o arranjo já realizado em princípio para a cedência à Alemanha dos territórios dos Sudetas, chegaram a um acordo quanto às disposições e condições seguintes, que regulamentam a dita cedência, bem como as medidas que acarretam. As quatro potências, por este acordo, comprometem-se a assegurar-lhe a execução.

1.º A evacuação começará a 1 de Outubro;

2.º O Reino Unido, a França e a Itália concordam em que a evacuação do território em questão deverá estar terminada a 10 de Outubro, sem que nenhuma das instalações lá existentes seja destruída. O Governo checoslovaco assumirá a responsabilidade de efectuar essa evacuação sem que dela resulte nenhum prejuízo para as referidas instalações;

3.º As condições desta evacuação serão determinadas pormenorizadamente por uma comissão internacional composta de representantes da Alemanha, do Reino Unido, da França, da Itália e da Checoslováquia;

4.º A ocupação progressiva dos territórios de predominância alemã pelo exército do Reich iniciar-se-á a 1 de Outubro. As quatro zonas indicadas no mapa anexo serão ocupadas pelo Exército alemão pela seguinte ordem:

Zona 1 — Dias 1 e 2 de Outubro. Zona 2 — Dias 2 e 3 de Outubro. Zona 3 — Dias 3, 4 e 5 de Outubro. Zona 4 — Dias 6 e 7 de Outubro.

Os demais territórios de preponderância alemã serão determinados pela comissão internacional e ocupados pelo Exército alemão até ao dia 10 de Outubro.»

A voz monótona erguia-se no silêncio, no meio da cidade adormecida. Tropeçava, parava, prosseguia impiedosamente, um pouco trémula, e milhões dormiam a perder de vista, à sua volta, enquanto ela expunha minuciosamente as mobilidades de um assassinio histórico. A voz suplicante e cochichante, meu amor, meu bem, gosto dos teus seios, gosto do teu cheiro, gostas de mim, subia na noite e as mãos sob o seu corpo, fervente, assassinavam.

— Gostaria de fazer uma pergunta — disse Masaryk. — Que se deve entender por território de preponderância alemã?

Dirigia-se a Chamberlain. Mas Chamberlain olhou-o sem responder, com um ar ligeiramente apalermado. Visivelmente não escutara a leitura. Léger tomou a palavra, atrás de Masaryk. Masaryk imprimiu um movimento de rotação à poltrona e viu Léger de perfil:

— Trata-se — disse Léger — de maiorias calculadas segundo as propostas aceites pelos senhores.

Mastny tirou o lenço do bolso e enxugou a testa, depois continuou a leitura:

«5.º A comissão internacional mencionada no parágrafo 3.º determinará quais os territórios em que haverá plebiscito. Tais territórios serão ocupados por contingentes internacionais até ao término do plebiscito...»

Interrompeu a leitura e perguntou:

— Esses contingentes serão efectivamente internacionais ou serão formados somente por tropas inglesas?

Chamberlain bocejou por trás da mão e uma lágrima rolou-lhe pelo rosto. Retirou a mão:

— A questão não foi ainda inteiramente resolvida. Encara-se também a participação de soldados belgas e italianos.

«Esta comissão», continuou Mastny, «fixará igualmente as condições em que o plebiscito deve ser instituído, tomando por base as condições do plebiscito do Sarre. Fixará, além disso, para o início do plebiscito, uma data que não poderá ser posterior ao fim de Novembro.»

Interrompeu-se de novo e perguntou a Chamberlain com certa doçura irónica:

— O membro checoslovaco dessa comissão terá o mesmo direito de voto dos outros?

— Naturalmente — disse Chamberlain benevolente.

Algo viscoso como um coágulo conspurcou Ivich, introduziu-se no seu sangue, não sou uma mulher que se violenta, abriu-se e deixou-se apunhalar, mas enquanto frêmitos de gelo e fogo subiam ao seu peito, a cabeça continuava fria; salvara a cabeça e gritava-lhe, dentro da cabeça, odeio-te!

«6.º A fixação final das fronteiras será restabelecida pela comissão internacional. Essa comissão terá também competência para recomendar às quatro potências, Alemanha, Reino Unido, França e Itália, em certos casos excepcionais, modificações de alcance restrito à determinação estritamente etnológica das zonas transferíveis sem plebiscito.»

— Devemos considerar este artigo como uma cláusula, destinada a assegurar a protecção dos nossos interesses vitais? — indagou Masaryk.

Voltara-se para Daladier e olhava-o com insistência. Mas Daladier não respondeu; parecia velho e acabado. Masaryk observou que ele conservara no canto da boca uma ponta de cigarro apagado.

— Essa cláusula fora-nos prometida — disse Masaryk com

energia.

— Em certo sentido — disse Léger —, este artigo pode ser considerado em função da cláusula a que alude. Mas é preciso ser modesto para começar. A questão da garantia das fronteiras será de competência da comissão internacional.

Masaryk deu uma gargalhada curta e cruzou os braços:

— Nem sequer uma garantia! — disse meneando a cabeça.

«7.º», leu Mastny. «Haverá um direito de opção permitindo ser incluído nos territórios transferidos ou deles excluído. Essa opção será exercida no prazo de seis meses a partir da data do presente acordo.

8.º O Governo checoslovaco, num prazo de quatro semanas a partir da conclusão do presente acordo, libertará todos os alemães dos Sudetas que o desejarem das formações militares ou policiais a que pertençam. No mesmo prazo, o Governo checoslovaco libertará os prisioneiros alemães dos Sudetas que cumprem penas de prisão por delitos políticos. Munique, 29 de Setembro de 1938».

— Pronto — disse ele —, aí está.

Olhava para a folha como se não tivesse acabado de a ler.

Chamberlain bocejou fortemente, depois principiou a tamborilar na mesa.

— Pronto — disse Mastny.

Estava acabado. A Checoslováquia de 1918 deixara de existir.

Masaryk acompanhou com o olhar a folha branca que Mastny ia largar na mesa. Voltou-se depois para Daladier e Léger e encarou-os fixamente. Daladier afundara-se na poltrona, de queixo caído sobre o peito. Tirou um cigarro do bolso, olhou-o por um instante e tornou a colocá-lo no maço. Léger estava um pouco vermelho, parecia impaciente.

— Esperam uma declaração ou resposta do meu Governo? — indagou Masaryk.

Daladier não respondeu. Léger baixou a cabeça e disse muito depressa:

— Mussolini deve voltar à Itália hoje pela manhã; não dispomos de muito tempo.

Masaryk continuava a fixar Daladier. Disse: «Nem mesmo uma resposta? Devo compreender com isso que somos obrigados a aceitar?»

Daladier fez um gesto de desânimo e Léger respondeu atrás dele:

— Que mais podem fazer?

Ela chorava, o rosto voltado para a parede. Chorava em silêncio e os soluços sacudiam-lhe os ombros.

— Porque estás a rir? — perguntou uma voz hesitante.

— Porque o ódio — respondeu ela. Masaryk levantou-se, Mastny fez o mesmo. Chamberlain bocejava a ponto de desarticular o maxilar.

O soldadinho aproximou-se de Gros-Louis agitando um jornal.

— A paz! — gritou. Gros-Louis largou o balde:

— Que estás tu a dizer, rapaz?

— Paz!, estou eu a dizer.

Gros-Louis encarou-o com desconfiança:

— Não pode haver paz se não houver guerra.

— Já assinaram, saloio. Olha o jornal.

— Não sei ler.

— Ah!, que estupidez — disse o soldadinho com pena. — Então olha para a fotografia.

Gros-Louis pegou no jornal com repugnância, chegou-se à janela da estrebria e olhou para a fotografia. Reconheceu Daladier, Hitler, Mussolini, que sorriam: pareciam bons amigos.

— Bem, bem!

Olhou para o soldadinho, franzindo as sobrancelhas e de repente ficou alegre:

— Reconciliados agora! — disse a rir. — E nem sei porque brigavam!

O soldado pôs-se a rir e Gros-Louis acompanhou-o.

— Adeus, meu velho! — disse o soldado. Afastou-se. Gros-Louis aproximou-se da égua preta e começou a acariciar-lhe a garupa.

— Bem, bem, minha bela, bem, bem. Sentia-se vago. Disse:

— Bem, que vou eu fazer agora? Que vou eu fazer?

Birnenschatz dissimulava-se atrás do jornal, via-se subir um fuminho recto por trás das folhas abertas. A senhora Birnenschatz agitava-se na poltrona.

— Preciso de ver Rose, por causa dessa história do aspirador.

Era a terceira vez que falava do aspirador, mas não saía. Ella encarava-a sem simpatia, gostaria de ficar a sós com o pai.

— Achas que o vão aceitar? — perguntou a senhora Birnenschatz voltando-se para a filha.

— Estás sempre a perguntar-me isso. Não sei, mamã!

Na véspera, a senhora Birnenschatz chorara de alegria abraçando a filha e as sobrinhas. Agora já não sabia o que fazer da sua alegria; era uma alegria pesada e mole como ela própria, que se transformaria logo em profecia, a menos que conseguisse

compartilhá-la.

Virou-se para o marido:

— Gustave!

Birnenschatz não respondeu.

— Estás muito quieto hoje.

— Estou!

Mesmo assim, baixou o jornal e olhou-a por cima dos óculos. Parecia desanimado e envelhecido. Ella sentiu um nó na garganta: apetecia-lhe beijá-lo mas era melhor não se lançar em efusões diante da senhora Birnenschatz, já por de mais propensa a tais manifestações.

— Estás contente, ao menos? — perguntou a mulher.

— Contente com quê? — indagou ele secamente.

— Ora — disse ela já a gemer —, disseste cem vezes que não desejavas esta guerra, que seria uma catástrofe, que era preciso tratar com os Alemães; pensei que estivesses contente.

Birnenschatz encolheu os ombros e voltou ao jornal. A senhora Birnenschatz fixou por um instante o seu olhar cheio de surpresa e censura no muro de papel. O lábio inferior tremia-lhe: suspirou, levantou-se com dificuldade e dirigiu-se para a porta.

— Não compreendo o meu marido nem a minha filha — disse, ao sair.

Ella acercou-se do pai e beijou-o docemente no crânio.

— Que há, papá?

Birnenschatz tirou os óculos e ergueu a cabeça para ela:

— Não tenho nada a dizer. Esta guerra, eu não estava na idade de a fazer, não é? Por isso, fico calado.

Dobrou meticulosamente o jornal, resmungando como para si mesmo:

— Eu era pela paz...

— Então?

— Então...

Inclinou a cabeça para a direita e ergueu o ombro esquerdo num movimento engraçado e infantil:

— Tenho vergonha — disse sombrio.

Gros-Louis esvaziou o balde na latrina, espremeu cuidadosamente a água da esponja, pôs a esponja no balde e levou tudo para a estrebaria. Fechou a porta, atravessou o pátio e entrou no edifício B. Estava deserto. «Não têm pressa de partir», pensou, «devem estar contentes aqui». Tirou de debaixo da cama as calças e o seu casaco de civil. «Eu não gosto», disse, começando a despir-se.

Não ousava alegrar-se.

«Há oito dias que me chateiam.» Enfiou as calças e depôs com cuidado a sua farda em cima da cama. Não sabia se o patrão o aceitaria ainda. «Quem irá guardar agora as suas ovelhas?»

Pegou na mala e saiu. Diante do tanque, quatro tipos olhavam-no a rir. Gros-Louis disse-lhes adeus com a mão e atravessou o pátio. Não tinha nem um níquel, mas iria a pé. «Eu ajudá-los-ei nas fazendas e eles dar-me-ão de comer.» De repente, reviu o céu azul-claro por cima das charnecas do Canigou, reviu os traseiros saltitantes das ovelhas e compreendeu que estava livre.

— Eh! Onde é que você vai?

Gros-Louis voltou-se: era o sargento Peltier, um homem gordo. Vinha a correr, ofegante.

— Eh! — gritou. — Que historia é essa? Parou a dois passos de Gros-Louis, fungando, vermelho de furor.

— Onde vai? — repetiu.

— Vou-me embora!

— Vai-se embora! — disse o sargento cruzando os braços. — Vai-se embora! Mas para onde? — perguntou, numa atitude de indignação exasperada.

— Para casa! — disse Gros-Louis.

— Para casa! Ele vai para casa! Sem dúvida que ou é a comida que não lhe agrada ou então é o colchão que é duro. — Tornando-se novamente ameaçador, acrescentou: — Vai-me fazer o favor de dar meia volta, a trote! Vou-te ensinar, meu rapaz.

«Não sabe que eles se reconciliaram», pensou Gros-Louis. Disse:

— Assinaram a paz, meu sargento!

O sargento parecia não acreditar no que ouvia.

— Está a fazer-se de idiota ou a zombar de mim?

Gros-Louis não desejava zangar-se. Desviou-se e continuou a andar. Mas o tipo gordo correu atrás dele, puxou-o pela manga, colocou-se à sua frente. Empurrava-o com a pança e gritava:

— Se não me obedecer imediatamente, vai responder a conselho de guerra.

Gros-Louis parou, coçou o crânio. Pensou em Marselha e sentiu dores na cabeça.

— Há oito dias que me chateiam aqui — disse lentamente.

O sargento sacudiu-o pelo casaco, berrando:

— Que está a dizer?

— Há oito dias que me chateiam aqui — gritou Gros-Louis com voz de trovão.

Agarrou o sargento pelo ombro e bateu-lhe na cara. Ao fim de um momento viu-se forçado a passar-lhe o braço pelo sovaco para continuar a bater; sentiu-se seguro por trás, torceram-lhe os braços. Largou o sargento Peltier, que caiu no chão sem dizer palavra, e pôs-se a sacudir aqueles tipos pendurados nele, mas alguém lhe passou unia rasteira, e Gros-Louis caiu de costas. Começaram a socá-lo. Ele virava a cabeça de um lado para o outro para evitar os socos e dizia ofegante:

— Deixem-me partir, deixem-me partir, estou a dizer que assinaram a paz!

Gomez raspou com as unhas o fundo do bolso e conseguiu uns restos de tabaco misturado com poeira e pedaços de palha. Enfiou tudo no cachimbo e acendeu. O fumo tinha um gosto áspero e sufocante.

— Já acabou a provisão de tabaco? — indagou Garcin.

— Desde ontem à noite. Se soubesse teria trazido mais.

Lopez entrou com os jornais. Gomez olhou-o e baixou os olhos sobre o cachimbo. Compreendera. Viu Munique em caracteres enormes na primeira página.

— Então? — indagou Garcin.

— Então, estamos perdidos — disse Lopez.

Gomez mordeu o cachimbo com força. Ouviu o canhão e pensava na calma noite em Juan-les-Pins, no jazz na praia: Mathieu teria ainda muitas noites iguais.

— Os safados! — murmurou.

Mathieu permaneceu um instante à entrada da cantina, depois saiu para o pátio e fechou a porta. Conservava a sua roupa de civil: já não havia uma só farda no armazém militar. Os soldados passeavam aos grupos, pareciam espantados e inquietos. Dois jovens que caminhavam para o seu lado puseram-se a bocejar ao mesmo tempo.

— Divertem-se, vocês dois! — disse Mathieu. O mais novo fechou a boca e disse como que desculpando-se:

— Não se sabe o que fazer!

— Olá! — disse alguém atrás de Mathieu. Mathieu voltou-se, era um tal Georges, vizinho de cama, que tinha uma boa cara lunar e melancólica. Sorria-lhe:

— Então? — disse Mathieu. — Tudo bem?

— Mais ou menos.

— Queixa-te! — disse Mathieu. — Não deverias estar aqui neste momento. Deverias estar no fogo.

— Sim — disse o outro, encolhendo os ombros — aqui ou noutro lugar...

— É verdade.

— Estou contente porque vou tornar a ver a garota. Senão... Vou voltar ao escritório, não me dou muito bem com a minha mulher... Vamos ler os jornais, vamos aborrecer-nos com Dantzig: tudo recomeçará como no ano passado. — Bocejou e acrescentou: — A vida é sempre a mesma coisa, não acha?

— Sempre.

Sorriam indolentemente. Não tinham mais nada a dizer.

— Até logo — disse Georges.

— Até logo.

Do outro lado da grade alguém tocava acordeão. Do outro lado da grade era Nancy, era Paris, catorze horas de aulas por semana, Ivich, Boris, Irene talvez. A vida é igual em toda a parte, sempre a mesma coisa. Dirigiu-se a passos lentos para a grade.

— Cuidado!

Soldados faziam-lhe sinais para que se afastasse: tinham traçado uma linha no chão e lançavam níqueis sem grande convicção. Mathieu deteve-se um instante: viu níqueis a rolar, e mais níqueis, e mais ainda. De vez em quando uma moeda rodopiava como um pião, tropeçava e caía sobre outra, cobrindo-a em parte. Então eles erguiam-se e davam gritos.

Mathieu continuou a andar. Tantos comboios e camiões pela França, tanta dor, tanto dinheiro, tantas lágrimas, tantos gritos em todas as estações de rádio do mundo, tantas ameaças e desafios em todas as línguas, tantos conciliábulos para chegar a isso: andar à volta de um pátio ou jogar com níqueis na poeira. Todos esses homens tinham-se esforçado por partir sem lágrimas, todos haviam visto de repente a morte de perto, e todos, com muita dificuldade ou simplesmente, tinham aceitado morrer. Agora estavam imbecilizados, de braços soltos, atolados nessa vida que refluía neles, que lhes deixavam ainda durante mais algum tempo e que não sabiam aproveitar. «Foi um primeiro de Abril», pensou. Agarrou-se com ambas as mãos à grade e olhou para fora: o sol sobre uma rua vazia. Nas ruas comerciais da cidade, há vinte e quatro horas havia paz. Mas em volta das casernas e dos fortes uma vaga bruma de guerra ainda acabava de se dissipar aos poucos. O acordeão tocava Madelon; um ventinho morno levantou um turbilhão de pó na estrada. «E da minha vida, que é que eu vou fazer?» Era muito simples: havia Paris, Rua Huyghens, um apartamento que o esperava, dois quartos, aquecimento central, água, gás, electricidade, com poltronas verdes e um caranguejo de bronze em cima da mesa. Voltaria para casa, poria a chave na fechadura, voltaria à sua cátedra no Liceu Buffon. E nada teria ocorrido. Nada. A sua vida esperava-o, familiar, deixara-a em cima da secretária, no quarto de dormir; entraria nela sem mais histórias — ninguém se meteria em invenções, ninguém faria

alusão à entrevista de Munique, dentro de um mês tudo estaria esquecido, restaria apenas uma pequenina cicatriz na continuidade da sua vida, uma fenda, a lembrança de uma noite em que pensara partir para a guerra. «Não quero!», pensou, apertando as grades com toda a força. «Não quero! Isso não acontecerá.» Voltou-se bruscamente, olhou sorrindo para as janelas faiscantes do sol.

Sentia-se forte; havia no seu íntimo uma pequena angústia que começava a conhecer, uma pequena angústia que lhe dava confiança. Uma pessoa qualquer, num lugar qualquer. Não possuía mais nada, não era mais nada. A noite sombria da antevéspera não seria perdida; aquela enorme agitação não seria inteiramente inútil. Que tornem a colocar o sabre na bainha, que façam a sua guerra, ou não façam, pouco me importa; não sou trouxa. O acordeão emudecera. Mathieu recomeçou a andar pelo pátio «Permanecerei livre», pensou.

O avião descrevia grandes círculos em cima do Bourget, um pez negro e ondulante cobria metade do aeroporto. Léger inclina-se para Daladier e diz, apontando:

— Que multidão!

Daladier olhou também, e pela primeira vez desde Munique falou:

— Vieram para me partir a cara.

Léger não protestou. Daladier encolheu os ombros:

— Compreendo-os.

— Tudo depende do serviço de ordem — disse Léger suspirando.

Entrou no quarto com os jornais. Ivich estava sentada na cama, baixava os olhos:

— Pronto! Assinaram esta noite. Ivich ergueu os olhos, ele parecia feliz mas calou-se bruscamente, embaraçado com o olhar dela.

— Quer dizer que não haverá guerra? — perguntou ela.

— Naturalmente.

Nada de guerra, nada de aviões sobre Paris; os tectos não desmoronariam sob as bombas, ia ser preciso viver.

— Não haverá guerra! — disse ela soluçando. — Não haverá guerra e você parece satisfeito!

Milan acercou-se de Anna. Titubeava e os seus olhos estavam rosados. Tocou-lhe no ventre e disse:

— Aqui está um que não vai ter sorte.

— Quem?

— O garoto. Digo que não terá sorte. Aproximou-se da mesa

mancando e encheu um copo de álcool. Era o quinto naquela manhã.

— Lembras-te — disse — quando caíste da escada? Pensei que tivesses um aborto.

— Então? — disse ela secamente. Virara-se para ela, com o copo na mão: parecia fazer uma saúde.

— Teria sido melhor — disse escarnecendo.

Ela olhou: ele erguia o copo, a sua mão tremia um pouco.

— Talvez — disse ela. — Talvez tivesse sido melhor.

O avião aterrara. Daladier saiu com dificuldade da carlinga e pôs o pé na escada. Estava lívido. Ouviu-se um clamor imenso da multidão e toda aquela gente se pôs a correr, rebentando os cordões da polícia, derrubando as barreiras; Milan bebeu e disse, rindo: «Pela França! Pela Inglaterra! Pelos nossos gloriosos aliados!» Depois lançou com toda a força o copo contra a parede. A multidão gritava: «Viva a França! Viva a Inglaterra! Viva a paz!» Transportavam bandeiras e ramos de flores. Daladier parara no primeiro degrau. Olhava-os com estupor. Voltou-se para Léger e disse entre dentes:

— Cretinos!

FIM DO SEGUNDO VOLUME